



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES  
SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**

**GUSTAVO DO REGO BARROS BRIVIO**

**REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO  
FEMININA NA OBRA DE JORGE AMADO:  
um estudo estatístico**

**SALVADOR  
2010**

GUSTAVO DO REGO BARROS BRIVIO

**REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO  
FEMININA NA OBRA DE JORGE AMADO:  
um estudo estatístico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cecilia Maria Bacellar Sardenberg

SALVADOR  
2010

- 
- B862 Brivio, Gustavo do Rego Barros  
Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico / Gustavo do Rego Barros Brivio. – Salvador, 2010.  
250 f.: il.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cecília Maria Bacellar Sardenberg
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.
1. Relação homem-mulher. 2. Prostituição. 3. Classes sociais. 4. Idade.  
5. Gerações. I. Sardenberg, Cecília Maria Bacellar. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

## TERMO DE APROVAÇÃO

GUSTAVO DO REGO BARROS BRIVIO

### **REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA OBRA DE JORGE AMADO: um estudo estatístico**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo do Programa de Pós-graduação do PPGNEIM da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Salvador, 28 de junho de 2010

---

Cecilia Maria Bacellar Sardenberg - orientadora  
Doutora em Antropologia Social pela *Universidade de Boston* (1997)  
Professora do Departamento de Antropologia da UFBA e do  
PPGNEIM/FFCH/UFBA.

---

Osmundo Santos de Araujo Pinho  
Doutor em Ciências Sociais pela *Universidade Estadual de  
Campinas* (2003)  
Professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB.

---

Alinne de Lima Bonetti  
Doutora em Ciências Sociais pela *Universidade Estadual de  
Campinas* (2007)  
Professora do Departamento de Ciência Política da UFBA.

A todas e todos que me ajudaram  
a realizar esse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, minha irmã, minhas avós e avôs, in memoriam. Agradeço à minha orientadora, a professora Cecilia Sardenberg, por suas idéias, críticas e disposição para o diálogo aberto e compreensivo. Agradeço, ainda, à professora Ana Alice, pelo incentivo a ingressar nos estudos feministas.

Por fim, agradeço à FAPESB, agência financiadora do presente trabalho.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A IMPORTÂNCIA DO SIMBÓLICO.....	20
1.1. Representações Sociais na Sociologia Clássica.....	22
1.2. Representações Sociais: <i>Habitus</i> e Dimensão Social.....	31
1.3. Teoria das Representações Sociais.....	38
1.4. Dimensões Sociais em Intersecção.....	47
2. PROSTITUIÇÃO: A PROFISSÃO MAIS ANTIGA DO MUNDO?.....	62
2.1. Brasil Colônia: concubinato e prostituição sem <i>prostibulum</i> .....	66
2.2. A modernização do “mundo dos prazeres”.....	69
2.3. Cada qual em seu lugar.....	73
2.4. Relações de gênero patriarcais e “revolução sexual”: o que a prostituição tem com isso?.....	76
2.5. A questão da mulata.....	82
2.6. A prostituição na Literatura.....	91
3. JORGE AMADO: UM HOMEM DE SEU SÉCULO.....	98
3.1. As Criaturas Amadianas.....	102
3.2. As Mulheres nos Romances de Jorge Amado.....	114
3.2.1. Estudo descritivo sobre as personagens femininas de Jorge Amado.....	117
3.2.1.1. Ocupação.....	117
3.2.1.2. Classe Social.....	123
3.2.1.3. Estado Conjugal.....	126
3.2.1.4. Raça, Cor e Etnia.....	128
3.2.1.5. Idade/Geração.....	133
3.2.1.6. Corpo.....	136
3.2.1.7. Corpo Erotizado.....	139
3.2.1.8. Violência de Gênero contra a Mulher.....	140
3.2.1.9. Violência Sexual contra a Mulher.....	144
4. AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA LITERATURA AMADIANA.....	146
4.1. Prostituição feminina & Classe Social.....	150
4.2. Classe Social & Raça, Cor e Etnia.....	152
4.3. Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher.....	154
4.4. Classe Social & Violência Sexual contra a Mulher.....	156
4.5. Prostituição feminina & Raça, Cor e Etnia.....	160
4.6. Raça, Cor e Etnia & Corpo.....	162
4.7. Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado.....	165
4.8. Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher.....	169
4.9. Raça, Cor e Etnia & Violência Sexual contra a Mulher.....	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
BIBLIOGRAFIA.....	185
ANEXOS.....	193

## Lista de quadros

Quadro I: Personagens femininas por obra.....	116
Quadro II: Mundo da prostituição.....	148

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Ocupação.....	118
Tabela 2: Classe Social.....	126
Tabela 3: Estado Conjugal.....	127
Tabela 4: Raça, Cor e Etnia.....	129
Tabela 5: Raça, Cor e Etnia - grupos.....	130
Tabela 6: Idade/Geração.....	134
Tabela 7: Corpo.....	138
Tabela 8: Corpo Erotizado.....	139
Tabela 9: Violência de Gênero contra a Mulher.....	142

## RESUMO

O presente trabalho se insere no campo dos estudos de gênero. Em seu desenvolvimento, procurou investigar, na literatura do romancista Jorge Amado, as representações sobre as personagens femininas que se prostituem. Nesse sentido, gênero, raça/etnia, idade/geração e classe social foram consideradas dimensões básicas constituintes das representações analisadas.

A amostra do estudo foi composta por 888 personagens femininas. Inicialmente, com o intuito de caracterizá-la, empreendeu-se um estudo descritivo a partir da frequência das seguintes variáveis categóricas: ocupação, classe social, estado conjugal, raça/cor e etnia, idade/geração; corpo, corpo erotizado, violência de gênero contra a mulher e violência sexual contra a mulher.

Em seguida, a investigação restringiu-se apenas às personagens envolvidas com o universo sócio-ficcional da prostituição. Nesse momento, além do estudo descritivo, procurou-se analisar os cruzamentos entre as variáveis categóricas acima destacadas, atentando para a complexa dinâmica das intersecções entre os diversos marcadores sociais em questão. O teste estatístico qui-quadrado foi utilizado para determinar a possível existência de associações significativas entre o conjunto das variáveis apresentadas.

Os resultados encontrados revelam que a literatura amadiana contribui para a difusão de representações marcadamente patriarcais sobre suas personagens femininas, entre outros, ao polarizar suas mulheres em duas categorias dicotômicas: “do lar” e “prostitutas”. No âmbito das relações étnico-raciais, a obra do autor baiano influencia na perpetuação das imagens sobre a sensualidade “natural” e exuberante sexualidade das mulheres racializadas. Além disso, pôde-se verificar que a classe social não aparece como determinante para a maior ou menor exposição das meretrizes de Amado à violência de gênero.

Palavras-chave: prostituição, gênero, raça/etnia, classe social e idade/geração.

## ABSTRACT

This work is in the field of gender studies. In its development, we investigated in the literature of the novelist Jorge Amado, the representations of the characters who are female prostitutes. In this sense, gender, race/ethnicity, age/generation and social class were considered the basic dimensions of social representations analyzed.

The study sample consisted of 888 female characters. Initially, in order to characterize it, a descriptive study was done on the frequency of the following categorical variables: occupation, social class, marital status, race/ethnicity, age/generation, body, erotic body, gender violence against women and sexual violence against women.

Then, the research was restricted only to the characters involved in the socio-fictional world of prostitution. At that moment, besides the descriptive study, the author sought to examine the intersections between the categorical variables outlined above, paying attention to the complex dynamics of the intersections of the social markers in question. The chi-square statistical test was used to determine the possible existence of significant associations between the set of variables presented.

The results showed that literature of Amado contributes to the diffusion of strongly patriarchal representations of its female characters, among others, to polarize his women into two dichotomous categories: "home" and "prostitutes". In the context of ethno-racial relations, the author's work helps to perpetuate images of "natural" sensuality and exuberant sexuality of racialized women. Moreover, it was found that social class does not appear as a determinant of greater or lesser exposure of Amado's whores to gender violence.

**Keywords:** prostitution, gender, race/ethnicity, social class and age/generation.

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação reconhece que tratar de um tema como a prostituição apresenta uma série de desafios, dada a pluralidade de perspectivas concernentes a esse assunto. Os debates se tornam tensos em diversos momentos. Pode-se citar, paradigmaticamente, a questão referente ao proibicismo, ao regulamentarismo e à legalização para indicar, tão somente, a proporção que esse debate ganha na sociedade.

Geralmente, os países caracterizam o exercício da prostituição considerando a tipologia acima referida. O Uruguai, por exemplo, adota o modelo regulamentarista. Essa perspectiva, apesar de fazer com que o Estado conceda proteção legal às prostitutas, cria uma série de problemas, localizados – principalmente – entre a interpretação e aplicação das leis regulamentaristas.

Nos Estados Unidos, a prostituição é vista como crime, vigorando o proibicismo. Pode-se dizer que, no Brasil, a prostituição não é encarada como crime, uma vez que a legislação brasileira não a tipifica sob o signo do proibicismo. Ao mesmo tempo, não há um conjunto de leis que caracterize o regulamentarismo nesse país (BRASIL, 2002). Esses casos particulares servem para demonstrar como a comunidade internacional ainda difere, acentuadamente, no que diz respeito ao tratamento legal dado à prostituição.

No movimento feminista, com efeito, a discordância entre as (os) que responsabilizam os imperativos da ordem patriarcal pelo livre comércio do corpo feminino e aquelas (es) que entendem a prostituição como uma forma de autonomia frente ao “uso” do próprio corpo parece impossível de chegar a termo comum.

Os debates entre feministas em torno da prostituição refletem as diferenças existentes entre os múltiplos feminismos. Determinadas feministas entendem a prostituição como uma forma de submissão/escravidão da mulher num mundo em que o patriarcado encontra-se fortemente presente. Por outro lado, há feministas que concebem a atividade de prostituir-se como ato voluntário, na dependência, única e exclusivamente, da escolha de cada indivíduo.

Janice Raymond (2003), defendendo a não legalização da prostituição, arrolou dez razões<sup>1</sup> que evidenciam os impactos negativos da aparente vantagem que se traria às

---

<sup>1</sup> Resumidamente, nas palavras da autora, essas dez razões seriam as seguintes: “1- Legalização/Discriminação da prostituição é um presente para os cafetões, traficantes de mulheres e a indústria sexual; 2 – Legalização/discriminação da prostituição e da indústria sexual promove o tráfico

prostitutas com a legalização do meretrício. Todos os efeitos da legalização, segundo Raymond, trariam benefícios apenas para os que já exploram as mulheres prostituídas (cafetões, caftinas, a indústria do sexo, entre outros – em geral homens), sem contribuir, em nada, para uma melhor qualidade de vida das prostitutas. A autora sustenta sua posição contra a legalização analisando as experiências negativas, de acordo com sua perspectiva, da legalização da prostituição em países como Holanda e Alemanha.

Uma diferenciação importante, elaborada por Raymond, se choca com a idéia liberal de que a prostituição se constitui numa livre escolha do sujeito. A autora distingue “escolha” de “recurso de sobrevivência”.

“As mulheres na prostituição continuamente mentem a respeito de suas vidas, seus corpos e suas respostas sexuais. Mentir é parte da essência do trabalho quando o cliente pergunta - “Você gostou?”. A prostituição é construída em cima de uma mentira, a de que as mulheres gostam dessa vida. Algumas sobreviventes da prostituição contaram que, somente muitos anos após deixarem a prostituição, é que tomaram conhecimento que ela não era uma escolha livre. Ainda mais, enquanto negavam sua própria capacidade de escolha estavam negando a si próprias” (RAYMOND, 2003, p.7).

Tudo indica que as profissões adornadas com maior prestígio social costumam ser as mais desejadas. Dificilmente uma profissão de baixo prestígio social – como a prostituição – ocupa lugar de predileção no momento da escolha profissional, dada sua carga de estigmatização social.

Não parece comum observar meninas, em suas brincadeiras infantis, sonhando em desempenharem o papel de prostitutas. No entanto, essas considerações não devem anular todo o espaço do campo de escolha das mulheres em relação à prostituição. O argumento escolha/recurso de sobrevivência interroga, efetivamente, o discurso liberal sobre as profissionais do sexo, sem, contudo, miná-lo por completo.

Hughes (2004, p.2) radicaliza o discurso contra a possibilidade da livre iniciativa de uma mulher em se prostituir. Para essa autora, a distinção entre prostituição livre e forçada simplesmente não existe. Ao se falar em prostituição, não se pode falar de liberdade de escolha – resume essa feminista radical:

---

sexual; 3- A legalização não controla a indústria sexual. Só a expande; 4- A legalização aumenta a prostituição de rua que é ilegal, escondida e clandestina; 5- Legalização da prostituição e descriminação da indústria do sexo aumenta a prostituição infantil; 6-A legalização da prostituição não protege as mulheres prostituídas; 7-A legalização da prostituição aumenta a procura pela prostituição; 8-A legalização da prostituição não promove a saúde das mulheres; 9- A legalização da prostituição não melhora as condições de escolha da mulher;10- As mulheres em sistema de prostituição não querem a prostituição legalizada” (RAYMOND, 2003).

“A maioria dos argumentos a favor da legalização baseia-se na tentativa de distinção entre prostituição "livre" e "forçada". Tendo em conta as condições de extrema exploração na indústria sexual, estas distinções são apenas abstrações, que na melhor das hipóteses alimentam debates académicos. Não têm, no entanto, qualquer significado para as mulheres sob o controle de "chulos" e traficantes. Certamente, a indústria sexual não faz distinções entre "livre" e forçado" e a minha pesquisa revela que os homens que compram mulheres e crianças para a prostituição também não distinguem”.

Carole Pateman, em *O Contrato Social*, questiona o mito da fundação social proposto pelos contratualistas. Entre outras críticas, ressalta o apagamento da outra parte desse mito fundador: o contrato sexual. Se dentro do contrato social entre homens, contratante e contratado já se encontram em relações assimétricas de poder; num contrato entre homens e mulheres, essa assimetria se acentua. Segundo Pateman,

“O contrato de prostituição é um contrato feito com uma mulher e, portanto, não pode ser igual ao contrato de trabalho, um contrato entre homens. Apesar de o contrato de prostituição ser selado no mercado capitalista, ele ainda difere em alguns aspectos significativos do contrato de trabalho. Por exemplo: o trabalhador sempre entra em um contrato de trabalho com o capitalista” (PATEMAN, 1993, p.296).

Assim, para essa autora, a prostituição não pode ser pensada enquanto meramente um contrato entre indivíduos livres, pois a própria dinâmica dos contratos (social e sexual) guarda desproporções de poder entre as partes. A realidade na qual esses contratos se inserem é marcada pelo modo de produção capitalista e pelo patriarcado moderno.

Ribeiro e Sá (2004, p.15) se contrapõem, contundentemente, à visão da prostituição compartilhada por determinadas feministas no que diz respeito à liberdade de escolha das mulheres em aderirem a essa prática:

“Rejeitando a ideia da “mulher-mercadoria”, tão cara ao senso comum e a algumas leituras apologéticas de uma ordem moral vivificada pelo combate sem tréguas ao comércio sexual, como faz Richard (1999), as mulheres por nós observadas gozam, em regra, de uma razoável liberdade e autonomia pessoais no acesso à actividade profissional, controlo dos seus rendimentos, escolha do local de trabalho e circulação no espaço europeu, incluindo aquelas que se encontram em situação de imigração irregular”.

Em passagem mais polêmica ainda, esses autores ressaltam os benefícios que a prostituição pode trazer para as mulheres prostituídas – desde os relativos a uma maior autonomia até aqueles vinculados à valoração moral:

“Numa inversão quiçá irónica, é com a prostituição que as estigmatiza que as mulheres se libertam de muitas das peias que as amarram à pobreza, por obra dos proventos financeiros nela obtidos. Mesmo quando os contextos em que a prestação de serviços sexuais mercantis são particularmente desfavoráveis, as trabalhadoras sexuais conseguem melhorar as suas condições de vida. A ordem económica e moral que as empurra para a

exclusão social, também as integra por via do acesso ao consumo de mercadorias e serviços” (RIBEIRO; OLIVEIRA SÁ, 2004, p.16).

O que não se pode perder de vista, nesse debate travado entre as diferentes perspectivas feministas em relação à prostituição, é definido por Rago (1991) como função positiva da prostituição. De fato, diversas abordagens sobre a prostituição trabalham na lógica do negativo: a prostituição seria um tipo de resposta, seja a questões econômicas, seja a uma ordem moral assaz castradora para as mulheres. Isto é, as dificuldades econômicas levariam as mulheres a se prostituírem, bem como as severas restrições comportamentais de ordem sexual impulsionariam as mulheres a uma atitude transgressora, fazendo-as donas de seus próprios corpos e desejos.

Alguns problemas, segundo Rago (1991), são introduzidos por essas abordagens. Uma primeira problemática se situa na exterioridade causal existente entre campos irreduzíveis. O empobrecimento explica uma série de fenômenos sociais, não se restringindo, em absoluto, às especificidades fenomênicas da prostituição.

As funções sociais próprias da prostituição não podem ser explicadas pela miséria econômica. O mesmo se dá com a causalidade transgressora da prostituição. Dizer que mulheres se lançam à prostituição devido às rígidas leis morais em relação ao exercício da sexualidade feminina não explora a dinâmica do desejo no interior do mundo da prostituição.

Na realidade, essa lógica do negativo parece pressupor a prostituição enquanto universo obscuro para o qual as mulheres são empurradas. O interior desse universo, bem como as relações desse universo particular com o todo social que o circunda sofrem apagamento – como se essas dimensões sociais não existissem.

Uma leitura positiva da prostituição tem o dever de se empenhar na tarefa de localizar essas dimensões em suas análises. Sem isso, o campo da prostituição é configurado assepticamente, perdendo inclusive seu aspecto erótico, pois fruto apenas da transgressão de umas e da miséria de outras.

O presente trabalho se preocupa em investigar o fenômeno da prostituição feminina, em sua positividade, no discurso artístico-literário. A literatura tem disponibilizado longas páginas sobre a temática da prostituição, oferecendo ao público leitor diversas representações em relação à sua inquietante existência.

Mais detidamente, pode-se dizer que a figura da prostituta roubou a atenção de escritores canônicos ao redor do mundo. Com efeito, na poesia, merecem destaque o

poema *Balada da prostituta*, do autor alemão Bertold Brecht, assim como a obra *As Flores do Mal*, do poeta francês Charles Baudelaire.

Ainda no escopo da literatura, o gênero romanesco abriga um sem-número de imagens referentes a cortesãs e meretrizes. Na prosa francesa, o romance *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, se constitui em famoso exemplar da dedicação dos olhares masculinos de literatos à questão da prostituição feminina. Na literatura brasileira, autores consagrados também se dedicaram a retratar, em suas obras, a trajetória de mulheres que ganham a vida através do meretrício.

O grande romancista José de Alencar, certamente influenciado pela literatura francesa, se voltou para o tema da prostituta regenerada no seu quarto romance, intitulado *Lucíola*. Mais tarde, não mais ambientado na corte carioca, os romances do autor baiano Jorge Amado aparecem recheados de meretrizes e caftinas, delineando a complexidade do universo da prostituição feminina. Dois de seus romances retiram, inclusive, seus títulos de famosas personagens que se devotaram ao meretrício: *Tieta do Agreste* e *Tereza Batista cansada de guerra*.

De forma geral, os estudos sobre as imagens assumidas pelas prostitutas nas obras literárias, ao adotarem uma perspectiva sócio-antropológica, se detêm à análise qualitativa de um número reduzido de personagens envolvidas com o meretrício. São comuns, ainda, os estudos comparativos de personagens prostitutas criadas por diferentes autores.

A análise proposta por Figueiredo (2005), por exemplo, em relação às personagens Lúcia e Teresa Batista, respectivamente integrantes dos romances já destacados *Lucíola* e *Teresa Batista cansada de guerra*, se vale da caracterização minuciosa dessas personagens, através de descrições meticulosas e comparações contrastantes.

Andrade e Silva (2001), em *A prostituta na Literatura: contestação e denúncia*, trabalham com semelhante orientação metodológica. De início, focam na personagem Lúcia, de José de Alencar, caracterizando-a da forma mais completa possível. Em seguida, tomam para objeto de investigação as imagens sobre a prostituta em *As Flores do Mal*, de Baudelaire. Somente após esses dois momentos, as estudiosas se arriscam em afirmações de caráter generalizante.

O trabalho em questão se interessa pelo estudo das representações sobre a prostituição feminina que perpassam a obra do escritor baiano Jorge Amado. De forma mais específica, busca-se observar a relevância das intersecções entre as dimensões,

segundo Motta (1999), básicas da vida social – gêneros, classes sociais, raças/etnias e idades/gerações – na constituição das imagens<sup>2</sup> das prostitutas na literatura amadiana.

Um caminho possível para esse estudo residiria na análise qualitativa de certo número de personagens. Nesse sentido, costuma-se eleger personagens representativas de determinado escritor e, em seguida, inicia-se o mapeamento do processo de caracterização das personagens desenvolvido pelo autor ao longo de sua obra. Essa seria, em linhas gerais, a orientação metodológica do presente trabalho, não fosse a possibilidade de estudar, estatisticamente, um conjunto diversas vezes mais numeroso de personagens amadianas através do notável trabalho de Paulo Tavares.

Paulo Tavares empreendeu um estudo minucioso sobre as personagens de Jorge Amado, que culminou com a produção de um dicionário de personagens com 4.910 verbetes. Essa longa compilação recebeu o nome *Criaturas de Jorge Amado*, cuja primeira edição data de 1985. Cada verbete desse dicionário traz a caracterização de um personagem específico. Muitas vezes, Tavares retira do próprio texto de Amado as palavras do romancista, que auxiliam nas descrições dos tipos físicos e/ou psicológicos das criaturas amadianas.

Assim, além da descrição acurada de Tavares em relação a cada personagem, inclusive com a indicação do romance a que pertencem e da página em que se encontram, muitas vezes se tem acesso direto às palavras de Jorge Amado. De posse desse material, foi possível pensar em uma estratégia diferenciada de análise, que fosse capaz de abranger todas as personagens envolvidas no universo sócio-ficcional da prostituição amadiana.

É bem verdade que os romances publicados por Jorge Amado a partir de 1979 não constam no estudo de Tavares. Dessa forma, ficam de fora da análise ora proposta, precisamente, quatro romances – dos vinte e quatro produzidos por Amado. Empreender um estudo, com essa base de dados, parece produtivo, visto que a grande maioria da obra amadiana (83,33%) encontra-se contemplada pelos registros do dicionário de personagens confeccionado por Tavares.

A leitura sistemática dos verbetes se concentrou nas personagens femininas, descartando os verbetes destinados às caracterizações das personagens masculinas do

---

<sup>2</sup> As representações sociais, como a própria nomenclatura indica, são sociais e interpelam os indivíduos constantemente. Na obra de Jorge Amado, como em qualquer outra obra, as representações sociais se exprimem através de imagens, idéias e representações delineadas pelo autor em seu texto. Entretanto, esse fato não pressupõe que haja, necessariamente, por parte do autor, uma percepção consciente das influências sofridas pelas diversas representações sociais compartilhadas em certo contexto sócio-histórico.

romancista baiano. Para que fosse possível analisar, do ponto de vista estatístico, as intersecções entre as marcas sociais de classe, raça, cor e etnia e idade/geração, presentes nas representações sobre as prostitutas na literatura de Amado, algumas categorias analíticas foram propostas, a partir das informações colhidas pela leitura atenta dos verbetes descritivos de Tavares (1985).

Resumidamente, o trabalho em questão analisa as representações sobre as prostitutas, na obra de Jorge Amado, a partir dos principais marcadores sociais constituintes dessas representações, bem como através da intersecção entre essas marcas. Com o intuito de atingir esse objetivo, além do espaço destinado à introdução e à conclusão, a dissertação em questão propôs que a matéria fosse dividida e organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo procura debater a importância das representações, ou seja, das determinantes culturais para a análise dos fenômenos sociais. Nesse sentido, entende-se que a compreensão das realidades sociais não se encerra no domínio das determinantes de ordem material, fazendo-se imprescindível o recurso à dimensão cultural dos fenômenos estudados. Dentro dessa perspectiva analítica, as representações sociais desempenham um papel estruturante da realidade.

Ainda nesse primeiro capítulo, procurou-se tratar da conceituação oferecida às representações no âmbito da sociologia clássica e da psicologia social. Assim, sinteticamente, o pensamento de autores relevantes sobre a questão das representações foi apresentado. A necessidade de situar a produção das representações em um *habitus* trouxe para o debate as contribuições valiosas do sociólogo Bourdieu.

Entretanto, foi preciso detalhar como as diversas dimensões básicas da vida social se intersectam, produzindo seus efeitos capazes de desempoderar certos grupos sociais. Nesse momento, o conceito de interseccionalidade, pensado por Crenshaw, foi decisivo para a compreensão da complexa interação entre as marcas sociais – gênero, raça, cor e etnia, classe social e idade/geração – nas representações sobre a prostituição feminina contidas na obra de Jorge Amado.

O segundo capítulo se preocupou em abordar o tema da prostituição numa perspectiva relacional, fugindo das evidências do positivismo vulgar a cerca de seus objetos de estudo. Para tanto, o fenômeno da prostituição foi analisado, nas suas especificidades, em diferentes épocas e contextos. Os valores e significados assumidos pela prostituição são, com efeito, tecidos a partir das relações que o meretrício estabelece com o social de forma mais ampla e complexa.

Fez-se, portanto, necessário o recuo ao Brasil Colônia, indicando a inespecificidade dos locais em que a prostituição ocorria, bem como a fraca associação, mais tarde explorada pela indústria do sexo, entre nudez e erotismo. Com o processo de urbanização e modernização do Brasil, houve uma série de modificações no exercício do meretrício. Nesse particular, as prostitutas francesas representavam mais do que uma possibilidade de satisfação sexual aos seus clientes, dado que, através de seus serviços, tinha-se a sensação de estar-se modernizando à francesa.

A controvertida “revolução sexual” que, de 1970 em diante, deixou suas marcas na sociedade brasileira, trouxe mudanças decisivas à organização do meretrício. A possibilidade de sexo fora do casamento, principalmente entre os jovens, reduziu acentuadamente a busca dos serviços das prostitutas para a iniciação sexual masculina. Ao mesmo tempo, a relativização do valor social da virgindade feminina – exigida pelo casamento burguês – abriu as portas ao exercício da sexualidade heterossexual, conferindo-lhe maiores doses de liberdade.

O segundo capítulo ainda debateu as associações extremamente significativas, na cultura brasileira, entre as marcas sociais de raça/cor e a “exuberante” sexualidade das mulheres racializadas – a exemplo das representações largamente difundidas sobre a figura da “mulata”. Nessa direção, pode-se verificar que a comercialização dos serviços sexuais, por parte das mulheres marcadas pelos processos de racialização, faz apelo, enquanto estratégia de venda e conquista de clientes, aos estereótipos sobre a tonalidade da pele.

O terceiro capítulo da presente dissertação, objetivou destacar, inicialmente, o forte impacto social das representações encontradas na obra de Jorge Amado. Um autor, cuja vendagem ultrapassa os 30 milhões de exemplares, sem contar com as adaptações de sua obra para a televisão e cinema, atinge, evidentemente, vasto público, fazendo de sua literatura importante veículo de representações.

Devido ao fato mesmo de as representações serem sociais, Jorge Amado precisa ser contextualizado em sua época e meio, destacando seu pertencimento de classe, suas vocações políticas, assim como sua condição masculina. Acredita-se que as imagens de Jorge Amado sobre suas personagens prostitutas dialogam, estreitamente, com as representações sociais que interpelam o romancista baiano como que naturalmente – de uma maneira tal, que se apresentam imperceptíveis às suas faculdades intelectuais conscientes.

Por último, o terceiro capítulo empreende seus esforços no estudo estatístico de caráter descritivo das personagens femininas amadianas. As mulheres de Amado são analisadas de acordo com as seguintes categorias analíticas: ocupação, classe social, estado conjugal, raça, cor e etnia, idade/geração; corpo, corpo erotizado, violência de gênero contra a mulher e violência sexual contra a mulher. A tentativa de se delinear as principais características das personagens femininas amadianas, de forma ampla, responde à necessidade do estudo comparativo entre esse conjunto de mulheres e o grupo específico das prostitutas em Jorge Amado.

Com efeito, o quarto capítulo dessa dissertação se ocupa da análise descritiva das personagens prostitutas “criadas” pelo baiano Jorge Amado ao longo de sua literatura. Todavia, somando-se ao estudo descritivo, tem lugar, na análise, o estabelecimento das correlações estatísticas entre as categorias utilizadas na caracterização das mulheres e das prostitutas amadianas.

Dessa forma, exploraram-se as correlações entre as seguintes categorias analíticas: classe social e raça, cor e etnia; classe social e violência de gênero contra a mulher; classe social e violência sexual contra a mulher; prostituição feminina e raça, cor e etnia; raça, cor e etnia e corpo; raça, cor e etnia e corpo erotizado; raça, cor e etnia e violência de gênero contra a mulher e, finalmente, raça, cor e etnia e violência sexual contra a mulher.

Portanto, a dissertação em questão se organizou, como apresentado acima, em quatro capítulos, sem contar com sua introdução e conclusão. O primeiro capítulo se preocupou com o delineamento do campo teórico da análise; o segundo se deteve na caracterização do objeto de estudo propriamente dito. Os capítulos terceiro e quarto se encarregaram do estudo estatístico das representações sobre as personagens amadianas. Coube ao terceiro capítulo a tarefa de construir um quadro descritivo geral das criaturas femininas de Jorge Amado. O quarto e último capítulo, por seu lado, se concentrou no estudo descritivo das imagens assumidas pelas prostitutas do romancista baiano para, em seguida, verificar, nessas imagens, a significância das intersecções entre as categorias analíticas propostas.

## 1. A IMPORTÂNCIA DO SIMBÓLICO

Parece fundamental perguntar por que certas pesquisas se utilizam da teoria das representações sociais em suas investigações. De fato, é imprescindível precisar o motivo ou a razão particular que faz com que uma abordagem analítica específica dos fenômenos sociais seja escolhida em detrimento de outras.

Na introdução produzida para a obra *A Economia das Trocas Simbólicas*, de Pierre Bourdieu, Sérgio Miceli (2001) discorre sobre importância do crescente peso que a cultura e todos os seus sistemas simbólicos têm angariado na tentativa de se compreender o social. Da metade do século XX em diante, o retorno aos clássicos, tematizando centralmente a questão da ideologia, bem como as novas tendências teórico-metodológicas – etnociência, etnometodologia, sociologia dos sistemas simbólicos e sociologia semiológica, entre outras – são um real indicador do movimento de valorização da dimensão cultural enquanto constituinte da realidade social.

O papel da cultura no entendimento da realidade social amargou expressivo enfraquecimento a partir do século XIX, cuja característica marcante foi a opção pelo viés explicativo de ordem econômica e/ou política. Os efeitos desse enfraquecimento se fizeram sentir nos resultados insatisfatórios que esse viés analítico produziu em relação à compreensão das realidades sociais então examinadas (JUNQUEIRA, 2005).

Assim, durante certo período, os fatores econômicos e políticos se sobressaíram como os elementos cuja natureza abarcava elevado grau de determinação para o entendimento das configurações sociais. Evidentemente, esses elementos ocuparam as páginas das análises sociais com especial relevo.

Na sociedade contemporânea, a ênfase na dimensão cultural parece necessária minimamente por duas razões: primeiramente, como já foi sinalizado, pelo criticável poder explicativo oferecido pelas análises e teorias que focalizam, majoritariamente, os aspectos econômicos e políticos do social; não permitindo, dessa forma, a interação significativa da esfera cultural para a compreensão dos fatos sociais; num segundo momento, devido às transformações de mercado e seus desdobramentos – que conferiram às representações um lugar de destaque no entendimento dos fenômenos sociais atuais.

Com efeito, Junqueira (2005, p.145) ressalta a importância da dimensão constituinte do simbólico nas sociedades contemporâneas:

“Com o processo de extensão do mercado e de sua lógica e a conseqüente ampliação do marketing e da publicidade, seja na dimensão política, econômica ou social, torna-se imprescindível o exame daquilo que parece se constituir, cada vez mais, e em mais alto grau, a própria sociedade, ou seja, o seu sistema de representações simbólicas”.

Pode-se dizer que o pós-modernismo recuperou a idéia de “representação” na área das humanidades. De acordo com Cardoso (2000), o pós-modernismo, cujo esteio encontra-se no pensamento de Nietzsche e Heidegger, apresenta duas vertentes características: a idealista e a realista. A face idealista do pensamento pós-moderno concebe os fenômenos sociais reduzindo-os a fenômenos lingüísticos. Atribui-se, dessa maneira, uma forte acentuação ao simbólico – equiparando a realidade a um texto; isto é, a representações. O método da desconstrução caracteriza essa escola.

De outro lado, a vertente realista, considerada por Cardoso (2000) como a responsável direta pela recuperação do estudo das representações sociais nas ciências sociais e humanas, apesar de privilegiar a questão da discursividade, não opera a sua reificação, pois não exclui ou minimiza radicalmente os demais aspectos da realidade. Ao trabalhar a questão do discurso, observa seus aspectos imbricados na relação poder/conhecimento.

“Essa relação envolve o discurso, mas também elementos não-discursivos, o dito e não-dito que se articulam nos dispositivos ou aparatos que, para Foucault, por exemplo, constituem um corpo social como conjunto heterogêneo – discurso, instituições, formas artísticas, regulamentos repressivos, medidas administrativas, elaborações científicas, proposições morais ou filosóficas, etc.” (CARDOSO, 2000, p.31).

Para o presente trabalho, os sistemas simbólicos e a cultura estão intimamente relacionados com a questão do poder, se constituindo em instrumentos de poder. Essa perspectiva é adotada fazendo-se a ressalva, evidentemente, das características que são próprias aos sistemas simbólicos e culturais. De outro modo, corre-se o risco de operar uma redução do simbólico ao político.

A relevância atribuída aos sistemas simbólicos se apresenta como um aspecto fundamental para aquelas (es) que procuram refletir sobre os fenômenos sociais atuais. É precisamente esse entendimento que garante às representações um lugar de destaque nas análises do social:

“[...] seja da perspectiva idealista, seja da realista (cujo escopo das representações somente se manifesta através das práticas sociais), o [a] cientista da área de humanidades que se ocupa dos fenômenos sociais da sociedade contemporânea dificilmente conseguirá escapar do desafio de pensar a cultura e as representações sociais” (JUNQUEIRA, 2005, p.147).

Estudar as representações de um determinado fenômeno social significa entrever os jogos de poder subsumidos pela aparente naturalidade do estado das coisas, incessantemente reafirmada pelas práticas e discursos hegemônicos. Na sociedade contemporânea, em que, cada vez mais, o simbólico adquire importância para conformação e compreensão de fenômenos e realidades sociais – as representações sociais apresentam-se como uma importante ferramenta analítica.

“[...] a percepção dessa realidade segunda, propriamente simbólica, que a cultura produz e inculca, parece indissociável de sua função política. Assim como não existem puras relações de força, também não há relações de sentido que não estejam referidas e determinadas por um sistema de dominação. Da perspectiva adotada, porém, importa identificar as relações de sentido, modalidade com que as relações de força se manifestam” (MICELI, 2001, p.XIII).

Dessa forma, as representações sociais desempenham papel estruturante da realidade social: implicadas na reprodução e modificação das ordens política e econômica hegemônicas, constituintes das sociedades contemporâneas. Se, por um lado, o trabalho em questão não adota a perspectiva que reduz a realidade social a formações lingüísticas; por outro, acredita na impossibilidade de trabalhar com o simbólico apartado das relações de poder.

### 1.1. Representações Sociais na Sociologia Clássica

“Representação” deriva de *Repraesentatio*, vocábulo proveniente do latim, de origem medieval. Os escolásticos, ao se utilizarem desse termo, concebiam o conhecimento em termos de semelhança do objeto. Contudo, é com o fim da filosofia escolástica que a palavra “representação” conhece larga difusão, tendo como seus principais contribuintes Descartes, Leibniz, Wolff, Kant e Hamilton (ABBAGNANO, 1962).

No entanto, o importante a ser destacado é a acepção que esse termo filosófico ganha nas ciências sociais, dada a natureza do trabalho proposto.

“Nas Ciências Sociais [as representações sociais] são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando ou questionando-a. Enquanto material de estudo, essas percepções são consideradas consensualmente importantes, atravessando a história e as mais diferentes correntes de pensamento sobre o social” (MINAYO, 1995, p.89).

Nas ciências sociais, a noção de representação não parece estar vinculada à questão do conhecimento da mesma forma que na filosofia. Se ainda encontra-se definida em relação a categorias de pensamento, essa definição não pretende se debruçar sobre o problema do conhecimento em si; mas, sim, sobre como essas categorias se relacionam com a realidade social.

A natureza da relação estabelecida entre representações e realidade social depende do ponto de vista teórico adotado por cada autor. Dessa maneira, pode-se admitir uma variedade de arranjos relacionais: a) uma relação de determinação, partindo das representações na direção da realidade; b) uma relação de adequação entre ambas; c) uma relação dialética entre esses dois fatores.

Durkheim foi o primeiro autor que, claramente, a partir da perspectiva sociológica, abordou a questão das representações sociais, sob o conceito de representações coletivas. Em síntese a ser detalhada, pode-se dizer que, para Durkheim, as representações coletivas se constituem em categorias de pensamento social, das quais se vale certa sociedade na conformação de sua realidade (MINAYO, 1995).

Durkheim, em *As Regras do Método Sociológico*, se preocupa em delimitar o campo de estudo e objeto próprios à sociologia, diferenciando-os decisivamente dos conhecimentos e das análises produzidos pela psicologia e biologia. Para tanto, trabalha o conceito de “fato social”, conferindo-lhe características não redutíveis ao escopo de outras disciplinas.

“Aqui está, portanto, um tipo de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõem. Por conseguinte, não poderiam ser confundidos com os fenômenos orgânicos, visto consistirem em representações e ações; nem com os fenômenos psíquicos, por estes só existirem na consciência dos indivíduos e devido a ela. Constituem, pois, uma espécie nova de fatos, aos quais deve atribuir-se e reservar-se a qualificação de sociais” (DURKHEIM, 1973, p.390).

A questão da exterioridade dos fatos sociais apresenta-se como argumento capaz de atingir dois objetivos: a construção da especificidade do fato social e a demarcação

de sua objetividade. As representações estão contidas no conjunto dos fatos sociais, definidas enquanto subconjunto específico. Figurando como um tipo de fato social, as representações coletivas possuem todas as características que lhe são próprias, dentre as quais cabe destacar: exterioridade ao indivíduo e poder de coerção.

O enfoque oferecido à exterioridade das representações coletivas pretende indicar a conseqüente independência dessas representações de suas manifestações individuais. Isso significa que as representações possuem existência própria, diferenciada e independente das ações e pensamentos dos indivíduos.

A princípio, esse raciocínio parece contraditório, dificultando sua compreensão. No entanto, Durkheim expõe suas razões e esclarece a questão, nos seguintes termos:

“[...] as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo é constituído de modo diferente do indivíduo e as coisas que o afetam são de uma outra natureza. Logo, as representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos nem os mesmos objetos não poderiam depender das mesmas causas. Para compreender a maneira como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos particulares. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza” (DURKHEIM, 1973, p.381).

A constatação da exterioridade do poder de coerção dos fatos sociais, em conjunto, e das representações coletivas – em particular, confere à sociedade a possibilidade de pensar, de ter existência própria e de estruturar muito mais o indivíduo do que ser por ele estruturada. Essa possibilidade chama a atenção para a problemática da volição dos indivíduos e para a “vida” autônoma das representações.

A importância conferida ao poder de coerção social põe em xeque a idéia do ser humano autônomo, senhor de si – que agiria motivado apenas por suas necessidades e caprichos individuais. A pressão social exercida pelas representações coletivas e pela consciência coletiva situa histórica e socialmente as ações e práticas de cada sujeito, caracterizando-os como homens e mulheres de sua época. Nesse sentido, ações, pensamentos e práticas individuais se desenvolvem sob o prisma das forças de coerção social.

Logo, um dos efeitos do papel exercido pela coerção social atinge, de imediato, a problemática da relação indivíduo/sociedade: se a ilusão da autonomia total dos indivíduos em relação à estrutura social é desvelada, de que forma se relacionam indivíduo e sociedade? Qual o espaço (e sua magnitude) reservado ao exercício das individualidades?

“Pelo fato de as crenças e as práticas sociais nos chegarem do exterior, não quer dizer que as recebamos passivamente e sem as submetermos a modificações. Ao pensarmos e assimilarmos as instituições coletivas, individualizamos-las e inculcamos-lhes em maior ou menor grau o nosso cunho pessoal; é por este motivo que, ao pensarmos o mundo sensível, cada um de nós lhe dá um colorido à sua maneira e se adapta de modo diferente a um mesmo meio físico – razão por que cada indivíduo possui, em certa medida, a sua moral, a sua religião, a sua técnica” (DURKHEIM, 1973, p.384).

Mesmo com toda a coerção exercida pelo social na direção dos indivíduos, há oportunidade para a assimilação não apassivada de crenças e práticas sociais – possibilitando, inclusive, a individualização das instituições coletivas. Se homens e mulheres são homens e mulheres de sua época, social e historicamente situados, o são ativamente: inscrevendo sua individualidade em suas práticas e representações.

Os limites dessa individualização, em Durkheim, apresentam-se bem delineados, impedindo a existência mesma de certas variações – que se encontram interditas pela coerção social.

“Não há conformismo social que não comporte toda uma gama de nuances individuais, o que não impede que o campo de variações permitidas seja limitado. Esse é nulo ou muito restrito no âmbito dos fenômenos religiosos e morais, onde a variação degenera facilmente em crime, e mais vasto no que se refere à vida econômica. Mas, tarde ou cedo, mesmo neste último caso se encontra um limite que não pode ser franqueado” (DURKHEIM, 1973, p.384).

O elevado peso da coerção social sobre os indivíduos é o ponto mais criticado pelos teóricos da Sociologia Compreensiva, dado que beira à caracterização de um poder social absoluto. Por outro lado, os limites não franqueados às variações de crenças e práticas chocam-se com o pluralismo de uma realidade social composta por classes sociais antagônicas. Nesse sentido, a concepção durkheimiana diverge fundamentalmente do ponto de vista marxista (MINAYO, 1995).

Ao longo de toda sua obra, Marx problematiza a questão da relação entre a base material e as idéias. Entretanto, em *A Ideologia Alemã*, as representações sociais encontram especial atenção, fazendo desse texto um clássico no assunto (MINAYO, 1995). Nesse momento, Marx dialoga com os neo-hegelianos, que alimentavam a idéia de que a sociedade, da forma pela qual se apresentava, era produto do mundo das idéias, representações e pensamentos.

A perspectiva marxista interroga o sentido que o vetor toma na relação de determinação neo-hegeliana, partindo da consciência em direção à conformação do mundo real. Propõe uma retificação significativa – orientando a teorização e a análise a partirem das condições materiais do mundo real, em que efetivamente habitam os indivíduos de uma sociedade.

“O modo pelo qual os homens [e as mulheres] produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que têm de reproduzir. Não se deve considerar tal modo de reprodução de um único ponto de vista, a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar sua vida, determinado modo de vida dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 1989, p.27-28).

Dessa forma, a configuração de dada realidade social se correlaciona com as determinantes dos modos de vida pré-existentes aos indivíduos – que os reproduzem em sentido amplo. A reprodução de um modo de vida, como se pode observar, não diz respeito somente aos aspectos físicos da existência. Se a forma com que se manifesta a vida diz respeito realmente ao que se é – de maneira efetiva; então os meios de vida pré-existentes determinam tanto o “que” e “como” os indivíduos produzem, ou melhor, reproduzem – como o que devem ser.

O determinismo mecânico da base material ganha contornos expressivos no argumento marxista. A consciência, outrora determinante do social; agora, consiste em efeito das condições materiais de produção – assim como seus produtos: representações e idéias. Exemplificando essa relação de determinação, Marx declara:

“A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material” (MARX; ENGELS, 1989, p.36).

A expressão “de início” poderia relativizar a relação de determinação exercida pela base material sobre a consciência e seus conteúdos. No entanto, aponta para outra direção: “de início” caracteriza o aspecto direto dessa relação, garantindo a presença da determinação material nas relações inclusive “indiretas” entre base material e

consciência. Isso ocorre mesmo no caso em que as representações assumem formas “nebulosas”:

“E mesmo as formações nebulosas no cérebro dos homens são sublimações necessárias do seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia” (MARX; ENGELS, 1989, p.37).

Assim, diferentemente da tese durkheimiana, o pensamento marxista não confere às consciências e às representações nenhuma forma relativa de autonomia. Nem mesmo a metafísica escapa do determinismo das condições materiais de existência, consistindo em sublimação necessária.

Outro ponto de divergência entre esses dois autores situa-se na possibilidade de representações falsas. Enquanto que para Durkheim, o poder de coerção dos fatos sociais parece impor a todos os indivíduos o credo nas representações coletivas; a teoria marxista, ao observar, nas relações materiais da vida cotidiana, o princípio de determinação das representações, sustenta que a maior ou menor experiência relacional pode originar representações ilusórias.

“[...] Se a expressão consciente das relações reais destes indivíduos é ilusória, se em suas representações põem a realidade de cabeça para baixo, isto é consequência de seu modo de atividade material limitado e das suas relações sociais limitadas que daí resultaram” (MARX; ENGELS, 1989, p.36).

A correlação entre o modo de atividade material e as relações sociais, em termos de limites, gerando uma consciência ilusória, marca o papel central da classe social na produção da consciência e, por extensão, na determinação de suas representações. O pensamento marxista sustenta, nesse sentido, a noção de que a consciência é um produto social:

“A consciência, portanto, é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem [mulheres e] homens. A consciência é, naturalmente, antes de mais nada mera consciência do meio sensível mais próximo e consciência da conexão limitada com outras pessoas e coisas situadas fora do indivíduo que se torna consciente [...]” (MARX; ENGELS, 1989, p.43).

Em Durkheim, a exterioridade do fato social confere a objetividade necessária a sua sociologia – visto que toda a sociedade se encontra sob coerção; entre outros fatores, devido às representações coletivas, que impõem limites impossíveis de serem transpostos. Em Marx, a exterioridade das condições materiais de produção representa o fundamento empírico, não ilusório, de sua teorização.

A visão marxista defende que as diferentes posições assumidas pelos indivíduos, nas relações materiais de produção, produzem consciências e representações diferenciadas por classe.

“[...] a classe autonomiza-se em face dos indivíduos, de sorte que estes últimos encontram suas condições de vida preestabelecidas e têm, assim, sua posição na vida e seu desenvolvimento pessoal determinados pela classe; tornam-se subsumidos a ela. [...] indicamos várias vezes como essa subsunção dos indivíduos à classe transforma-se, ao mesmo tempo, em sua subsunção a todo tipo de representações etc.” (MARX; ENGELS, 1989, p.84).

Assim, os indivíduos são indivíduos de classe, marcados por idéias, pensamentos e representações, ou seja, determinados pela consciência de classe a que pertencem. Contudo, na realidade, os arranjos se complexificam: no antagonismo entre classes, a classe dominante confere a suas idéias uma aparente universalidade. As representações dominantes conseguem, desse modo, submeter – em certo grau – as representações e idéias das classes dominadas.

“As idéias (Gedanken) da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante [...] o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual” (MARX; ENGELS, 1989, p.72).

Apesar de ter concebido a consciência e seus conteúdos como “emanação direta” das condições materiais de existência, Marx relativiza o determinismo mecânico da base material sobre a consciência, observando que entre esses dois elementos há uma relação dialética. Logo, aponta-se para as contradições entre as forças de produção e as idéias (Minayo, 1995). A relativização da determinação da base material sobre as idéias reconhece o papel ativo de mulheres e homens na construção de sua realidade social:

“[...] uma soma de forças produtivas, de capitais e de condições [...], embora sendo em parte modificada pela nova geração, prescreve a esta suas próprias

condições de vida e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter especial. Mostra que, portanto, as circunstâncias fazem os homens assim como [as mulheres] e os homens fazem as circunstâncias.” (MARX; ENGELS, 1989, p.56).

Max Weber, em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, refuta a tese da exclusividade do determinismo de base material. A refutação parte da força que as idéias, crenças e representações possuem na configuração de determinada realidade social.

“[...] o racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional. Onde elas foram obstruídas por obstáculos espirituais, o desenvolvimento de uma conduta econômica também tem encontrado uma séria resistência interna” (WEBER, 1989, p.11).

Embora a técnica e o direito racional sejam condições necessárias para a operacionalização do racionalismo econômico, seu funcionamento real está também na dependência da aceitação, por parte dos indivíduos, de uma conduta racional. Sem essa aceitação, toda a técnica permanece estéril, pois não é posta, efetivamente, em prática.

Adicionalmente à necessidade de se considerar as crenças no entendimento de condutas e fatos sociais, Weber combate a noção de que as idéias são emanações diretas de fatores econômicos. Nesse momento, pode-se dizer que autor complexifica a teoria mecânica da base material na determinação das representações sociais (MINAYO, 1995).

“Com referência à doutrina do mais ingênuo materialismo histórico, de que “tais idéias” se originam como um “reflexo” ou como “superestruturas” de situações econômicas, [...] será suficiente para os nossos propósitos chamar a atenção para o fato de que, indubitavelmente, na terra natal de Benjamin Franklin (Massachusetts), o espírito do capitalismo (no sentido que lhe conferimos) estava presente antes do “desenvolvimento capitalista”. [...] Neste caso, a relação causal é, certamente, a inversa daquela sugerida pelo ponto de vista materialista” (WEBER, 1989, p.34-35).

Ou seja, a anterioridade do “espírito do capitalismo” ao “desenvolvimento capitalista” é utilizada como argumento capaz de refutar o entendimento que postula a determinação material das representações e crenças de uma sociedade.

Isso não quer dizer que se deva adotar uma teoria da determinação das idéias sobre a base material. Contudo, atesta que – no caso particular do desenvolvimento do

capitalismo ocidental – não se reconhece, nos fatores materiais, o motivo determinante do seu desenvolvimento.

“A questão das forças motivadoras da expansão do capitalismo moderno não é, em primeira instância, uma questão de origem das somas de capital disponíveis para uso capitalístico, mas, principalmente, de desenvolvimento do espírito do capitalismo. Onde ele aparece e é capaz de se desenvolver, ele produz seu próprio capital e seu suprimento monetário como meios para seus fins, e não o inverso” (WEBER, 1989, p.45).

Para Weber, não há como sustentar a redução dos fatores determinantes de um fenômeno social a um única causa e, muito menos, a uma causa exclusivamente econômica. O princípio da causação configura-se de forma complexa, sem poder ser entendido como essencialmente econômico ou prioritariamente pertencente às idéias ou representações.

“A influência indireta das relações sociais, instituições e agrupamentos humanos, submetidos à pressão de interesses “materiais”, alarga-se (muitas vezes de modo inconsciente) a todos os campos da civilização, sem exceção, incluindo os mais delicados matizes do sentimento estético e religioso. Tanto os acontecimentos da vida quotidiana como os fenômenos “históricos” de alta política, tanto os fenômenos coletivos ou de massa como as ações “individuais” dos estadistas ou as realizações literária e artística, sofrem a sua influência: são “economicamente condicionados”” (WEBER, 2003, p.21).

Toda a sociedade, nesse sentido, encontra-se sob a influência de interesses econômicos – de forma que os mais diversos fenômenos sociais são perpassados por esses interesses, variando, em cada caso específico, o peso de sua influência. Para a compreensão, portanto, de um dado fenômeno social, não considerar os condicionamentos econômicos resulta em imperícia do estudo.

Da mesma forma, a cultura – com seus sistemas simbólicos – também se faz presente na formatação das questões econômicas. Essa é a tese defendida por Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Se, por um lado, os condicionamentos econômicos operam:

“Por outro lado, o conjunto de todos os fenômenos e condições de uma civilização historicamente dada influi sobre a configuração das necessidades materiais, sobre o modo de as satisfazer, sobre a formação dos grupos de interesses materiais e sobre a natureza dos seus meios de poder. E, através do exposto, influi sobre a natureza do curso do desenvolvimento econômico, tornando-se assim “economicamente importante”” (WEBER, 2003, p.21-22).

A questão da redução exaustiva a causas econômicas não se aplica nem mesmo aos fenômenos percebidos como “puramente” econômicos, já que esses fenômenos não se acham à parte da sociedade e, portanto, encontram-se influenciados pela cultura.

A correlação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo ilustra a força das condicionantes culturais na compreensão de fenômenos sociais. Todavia, deve-se atentar para os limites e possibilidades tanto das interpretações materiais, como das leituras culturais:

“[...] não se pode pensar em substituir uma interpretação materialística unilateral por uma igualmente bitolada interpretação causal da cultura e da história. Ambos são igualmente viáveis, mas, qualquer uma delas, se não servir de introdução, mas sim de conclusão, de muito pouco serve no interesse da verdade histórica” (WEBER, 1989, p.132).

A tese da influência recíproca entre as idéias, a base material e as organizações político-sociais permite que se pense sobre a relativa autonomia das representações, assim como sobre a possibilidade de êxito da história das idéias. No entanto, essa mesma tese faz com que Weber não exclua de suas análises as determinações econômicas, sociais e políticas, pensando as idéias ou representações numa relação de adequação com essa multiplicidade de elementos condicionantes (MINAYO, 1995).

A complexidade causal e as influências recíprocas dos determinantes materiais, culturais e históricos na conformação das realidades sociais não reconhecem a univocidade do termo classe social. Por outro lado, acolhem o seu relativo valor condicionante.

“Se existe luta, não tem apenas como objeto os “interesses de classe”, como tanto nos agrada pensar hoje em dia, mas também as concepções do mundo. Como é natural, isto não cerceia a verdade do fato de que a concepção do mundo pela qual alguém se posiciona é, em larga escala, determinada por um grau de afinidade eletiva que a une ao “interesse de classe” – para utilizar aqui este último termo, só aparentemente unívoco” (WEBER, 2003, p.9).

## 1.2. Representações Sociais: *Habitus* e Dimensão Social

Dentro do debate sobre as condicionantes sociais e suas relações com as práticas e representações sociais, parece produtivo recorrer ao conceito de *habitus* – na

perspectiva de Pierre Bourdieu. Esse conceito se debruça sobre os aspectos e relações mediadoras entre os fatores sociais de condicionamento exteriores e a subjetividade própria dos sujeitos (SETTON, 2002).

Em Bourdieu, o conceito de *habitus* começa a tomar forma em *Estrutura, habitus e prática*, no posfácio ao livro de Erwin Panofsky: *Architecture gothique et pensée scolastique*. Panofsky, nessa obra, procurou demonstrar que as semelhanças entre o pensamento escolástico e a arte gótica advinham de um processo educativo socializador, cuja apropriação ocorreu de forma inconsciente e difusa por parte dos indivíduos (SETTON, 2002). Partindo da observação de Panofsky, Bourdieu pôde depreender que:

“[...] a cultura não é só um código comum [...] é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares” (BOURDIEU, 1982, p.349).

Com efeito, Bourdieu compreende o papel estruturante desempenhado pela cultura, diferentemente de Cassier, Sapir, Durkheim e Levi-Strauss – para os quais a cultura é concebida em termos de estrutura estruturada. Na concepção de cultura estruturada, enfatiza-se a análise interna das mensagens simbólicas, de forma que se continua sob o paradigma da integração social postulado pelo estudo das representações coletivas de Durkheim (MICELI, 2001).

A perspectiva adotada por Bourdieu se filia ao pensamento marxista e weberiano, na convergência sobre o papel da cultura e seus sistemas simbólicos na manutenção e legitimação da ordem vigente. De fato, pode-se dizer que essa tem sido a característica da tradição materialista.

“A tradição materialista, por sua vez, salienta o caráter alegórico dos sistemas simbólicos numa tentativa de apreender tanto o seu caráter organizacional próprio – o núcleo do projeto weberiano – como as determinações que sofre por parte das condições de existência econômica e política e a contribuição singular que tais sistemas trazem para a reprodução e a transformação da estrutura social” (MICELI, 2001, p.IX).

Em outro momento de sua teorização, Bourdieu precisa o conceito de *habitus*. Nesse ponto, o *habitus* abarca tanto a dimensão de estrutura estruturada, quanto desempenha o papel de estrutura estruturante, funcionando como elemento capaz de articular essas duas faces estruturais.

“Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘regulamentada’ e ‘reguladas’, sem ser o produto de obediência a regras objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (BOURDIEU, 1994, p.61).

O *habitus* se caracteriza por orientar a produção das representações, bem como por conduzir as práticas sociais; sem, contudo, se situar no âmbito de uma gramática consciente, cujas leis são seguidas de forma intencional.

Através de sua função articuladora, o *habitus* promove a síntese entre a estrutura estruturada e a estrutura estruturante, constituintes da dimensão simbólica. O sujeito social, identificado à estrutura estruturante, conhece, age e representa, de maneira que modifica a realidade social – respeitando, obviamente, certos limites franqueados. Cabe à estrutura estruturada a imposição de restrições e convenções sociais ao espaço de ação e representação dos sujeitos. A face estruturada do simbólico recobre o que se entende por realidade ou estrutura social, cuja existência se materializa previamente aos sujeitos (JUNQUEIRA, 2005).

Não é adequado pensar o *habitus* enquanto mera repetição da realidade pré-existente – conforme será demonstrado adiante. Contudo, parece conveniente, primeiramente, explorar os elementos constituintes da denominada estrutura estruturada do *habitus*, na relação que estabelece com os sujeitos.

“As experiências se integram na unidade de uma biografia sistemática que se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada num tipo determinado de estrutura familiar. Desde que a história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe, podemos ver nos sistemas de disposições individuais variantes estruturais de grupo ou de classe [...]. O estilo pessoal, isto é, essa marca particular que carrega todos os produtos de um mesmo *habitus*, práticas ou obras, não é senão um desvio, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe” (BOURDIEU, 1983, p.80-81).

Como se pode notar, o conjunto de experiências que compõem a biografia dos sujeitos é estruturado a partir da classe ou do grupo a que se pertence originalmente. Nos últimos anos, as análises sociais têm evocado a dimensão cultural da realidade com fins explicativos, uma vez que a redução do social a aspectos exclusivamente políticos e

econômicos não se mostrou satisfatória para a compreensão de diversos fenômenos (JUNQUEIRA, 2005).

Dentre os fenômenos, para cuja análise o conceito de classe social, tomado em particular, se apresenta insuficiente, se destacam as seguintes questões: a) o papel do gênero, enquanto elemento estruturante da realidade; b) a problemática da raça, cor e etnia constituinte das relações sociais; c) as determinantes de idade/geração e suas implicações sociais; d) a heteronormatividade compulsória.

Weber (2003) demonstrou, de maneira inequívoca, a impossibilidade de se reduzir as causas dos fenômenos sociais exclusivamente a fatores econômicos e políticos. O pertencimento a determinada classe social não recobre a estruturação mais ampla das biografias individuais. A dimensão cultural e histórica deve ser levada em conta na tentativa de se compreender as realidades sociais que se apresentam cotidianamente.

Não se objetiva arrolar os diversos fenômenos sociais para os quais a categoria analítica “classe social”, apesar de necessária à análise, não se demonstra suficiente. Pretende-se, tão somente, indicar a relevância da intersecção dos elementos gênero, raça/etnia, classe social, idade/geração e sexualidade na organização de biografias. É precisamente essa relevância que faz do conceito de interseccionalidade, nas palavras de Collins (1998, p.208), “um marco interpretativo para se pensar como as intersecções por exemplo de raça e classe, ou raça e gênero, ou sexualidade e classe formam a experiência de qualquer grupo através de contextos específicos”.

No diz respeito à possibilidade de variação das atitudes, pensamentos e representações dos indivíduos em relação aos seus grupos de pertencimento, o “estilo pessoal” caracteriza-se por ser um desvio socialmente regulado. Disso decorre que cada sujeito é um sujeito de sua época, marcado pelas experiências sócio-históricas de seus grupos. Parece evidente que, no estudo das biografias, os comportamentos e pensamentos subjetivos devem ser remetidos à interseccionalidade dos grupos sociais dos quais os sujeitos participam.

Apesar de o *habitus* se caracterizar pela regulamentação, sem intenção consciente, de práticas e representações; por definir o estilo individual de cada sujeito em termos de desvio socialmente regulado e se apresentar enquanto um sistema configurado no passado, orientado para o presente: tudo isso não lhe confere o estatuto rígido de um sistema destinado à reprodução da realidade.

“Princípio de uma autonomia real em relação às determinações imediatas da “situação”, o *habitus* não é por isto uma espécie de essência a-histórica, cuja existência seria o seu desenvolvimento, enfim destino definido uma vez por todas. Os ajustamentos que são incessantemente impostos pelas necessidades de adaptação às situações novas e imprevistas podem determinar transformações duráveis do *habitus*, mas dentro de certos limites: entre outras razões porque o *habitus* define a percepção da situação que o determina” (BOURDIEU, 1983, p.106).

O *habitus*, portanto, se mostra “sensível” às mudanças sócio-históricas, produzindo ajustes à medida que a realidade social assim os demanda. Todavia, mesmo não sendo essência a-histórica, a capacidade do *habitus* de definir suas percepções do social, não o torna um sistema emissor de repostas adaptativas – condicionadas diretamente pelos estímulos sociais emitidos. De fato, o *habitus* caracteriza-se pela abertura a mudanças e ajustes – na medida em que suas percepções reguladoras permitem.

A autonomia do *habitus* em relação às determinantes imediatas não faz com que esse sistema de disposições se coloque em funcionamento independentemente de sua interação com a “situação”. Bourdieu reconhece na situação um elemento importante para a realização do *habitus*.

“A ‘situação’ é, de certa forma, a condição que permite a realização do *habitus*. Quando as condições objetivas da realização não são dadas, o *habitus*, contrariado, e de forma contínua, pela situação, pode ser o lugar de forças explosivas (ressentimento) que podem esperar (ou melhor, espreitar) a ocasião para se exercerem, e que se exprimem no momento em que as condições objetivas se apresentam” (BOURDIEU, 1983, p.106).

O que parece de suma importância recapitular nesse momento, tendo em conta os objetivos desse estudo, é o papel gerador de representações e práticas sociais desempenhado pelo *habitus*. Nesse sentido, as representações analisadas devem ser sempre remetidas ao *habitus* que as fundamenta.

A remissão das representações ao seu *habitus* procura ancorar a produção das representações na biografia dos sujeitos. Assim, os princípios estruturadores de gênero, raça/etnia, classe, sexualidade e idade/geração, bem como a intersecção entre esses elementos, a depender de cada caso específico, ajudam na compreensão da dinâmica das forças sociais envolvidas nos processos representacionais.

No entanto, um outro aspecto do estudo das representações sociais merece atenção. Apesar de os sistemas simbólicos serem recorrentemente evocados, em alguns

estudos, ocorre o esquecimento ou mesmo o descarte da “dimensão social” das representações – nos termos de Malinowski.

Magnani (1997) procura reavivar a memória dos pesquisadores em relação ao processo de reconstituição de representações adotado por Malinowski. Com esse intuito, adverte contra as utilizações reducionistas da noção de representação:

“O esquecimento do processo de constituição desse conceito, dos pressupostos que lhe servem de base e de seu campo de aplicação original transformou-o em lugar-comum, apagou-lhe os contornos, tornando-o translúcido a ponto de, em alguns casos, ser confundido com a pura transcrição de entrevistas e depoimentos: já nem é uma ferramenta de análise, pois parece fluir naturalmente do discurso dos atores sociais” (MAGNANI, 1997, p. 127).

A identificação das representações com o discurso dos atores sociais tem feito do discurso desses atores a única fonte a ser considerada no processo de reconstituição das representações. As perspectivas metodológicas que identificam o discurso ao social tomam a parte pelo todo. Reduzem o social não somente ao simbólico, mas a um de seus aspectos.

Malinowski, em *A coleta e a interpretação dos dados empíricos*, examina a fragilidade das metodologias que desconsideram a dimensão social das crenças e representações:

“O etnógrafo consegue um informante e, de suas conversas com ele, julga-se capaz de formular a opinião do nativo, digamos, sobre a vida após a morte. Essa opinião é anotada, o sujeito da oração colocado no plural e temos assim “os nativos acreditando nisto e naquilo”. Esse é um exemplo do que eu chamo “um relato unidimensional”, pois ignora as dimensões sociais nas quais a crença deve ser estudada, assim como ignora sua complexidade e multiplicidade essenciais” (MALINOWSKI, 1986, p.146).

Os estudos que operam a redução da dimensão social das representações adotam, na maior parte dos casos, uma orientação metodológica própria: a) formulam perguntas a seus sujeitos sobre o que pensam em relação a determinado fato ou objeto; b) para não correrem o risco de se situarem no âmbito da subjetividade, atribuem identidades sociais a seus entrevistados: “trabalhadores”, “mães”, etc. Isso feito, os dados obtidos são compilados e a representação a cerca de determinado objeto é traçada (MAGNANI, 1997).

Na tentativa de se sustentar a cientificidade das análises que se baseiam em relatos unidimensionais, esses estudos entrevistam, por exemplo, mais de um nativo ou

um grande conjunto de trabalhadores. A expansão numérica de entrevistados objetiva analisar estatisticamente as respostas e, assim, defender quantitativamente o aparente caráter científico da representação encontrada. Através de um trabalho quantitativo desse tipo, se reproduz mais uma vez a redução da dimensão social das representações ou das crenças ao discurso dos sujeitos entrevistados.

Com efeito, quando Malinowski se depara com uma série de opiniões diferenciadas sobre o retorno dos baloma, no lugar de tirar a média das opiniões e resolver o problema de sua diversidade, reconhece a necessidade de recorrer a outras fontes de informação.

“O que eu deveria fazer? Elaborar uma espécie de opinião “média”? O grau de arbitrariedade me parecia muito grande. Além disso, era óbvio que as opiniões constituíam apenas uma pequena parte da informação disponível. Todas as pessoas [não] deixavam de apresentar um comportamento influenciado, de um certo modo, por esses baloma, procedendo de acordo com certos costumes e obedecendo a determinados cânones de reação emocional” (MALINOWSKI, 1986, p.147).

Conferir ao simbólico, à dimensão cultural, a devida importância para a análise de fatos sociais não significa, em nenhum momento, restringir a existência das representações ao discurso. Essa postura reserva ao simbólico um lugar de somenos importância para a análise do social, dado que as representações não se fariam presentes nos costumes, comportamentos e instituições sociais de determinada sociedade.

É imprescindível, ao estudo das representações, o reconhecimento das diversas dimensões sociais em que se inscrevem:

“[...] uma crença ou um item do folclore não é um simples retalho de informação que possa ser retido de uma fonte casual qualquer ou de algum informante ocasional e postulado como axioma, de maneira simplista. Ao contrário, cada crença está expressa em muitos fenômenos sociais. [...] Em outras palavras, há uma “dimensão social” da crença que deve ser cuidadosamente estudada [...]. Ignorar essa dimensão social, subestimar a variedade de formas assumidas por qualquer item do folclore em um grupo social, é uma atitude não-científica” (MALINOWSKI, 1986, p.145).

O processo de reconstrução de crenças ou representações precisa considerar suas inscrições em diversas instâncias: nos costumes, observando as atitudes cotidianas e o comportamento dos indivíduos em seus rituais; nas reações emocionais diante do objeto de crença; no funcionamento das instituições e nas opiniões dos sujeitos entrevistados.

Não parece necessário explorar a forma com que Malinowski trabalha seus dados, ou seja, como chega finalmente a reconstituir uma idéia social ou dogma. Nesse momento, objetiva-se apenas ressaltar a importância da dimensão social constituinte das representações.

Esse objetivo se coaduna com a perspectiva adotada pelo presente trabalho que, por reconhecer a necessidade de situar as representações em um *habitus*, não pode negligenciar sua dimensão social. De outra forma, corre-se o risco de reduzir as representações ao discurso e exilar os sistemas simbólicos da interação com o conjunto de elementos sociais condicionantes.

### 1.3. Teoria das Representações Sociais

Uma vez definido o entendimento de que as representações devem ser ancoradas em um *habitus* e analisadas em sua dimensão social, resta a tarefa de precisar uma teoria das representações compatível com a diversidade, heterogeneidade e dinâmicas próprias das sociedades modernas.

Em 1961, Serge Moscovici publicou, na França, a obra *La Psychanalyse: son image et son public*. Nessa obra, Moscovici delineou o campo de estudo das representações sociais numa perspectiva sociológica de psicologia social – caracteristicamente diferente das formas psicológicas de psicologia social norte americanas (FARR, 1994).

Ao adotar o ponto de vista sociológico, Moscovici reconhece, no pensamento de Durkheim, um importante marco para o seu esforço de teorizar as representações: de agora em diante, denominadas “representações sociais”.

“É óbvio que o conceito de representações sociais chegou até nós vindo de Durkheim. Mas nós temos uma visão diferente dele [...]. Sua função teórica era semelhante à do átomo [...]. Do mesmo modo, sabias-se que as representações existiam na sociedade, mas ninguém se importava com sua estrutura ou com sua dinâmica interna. [...] Assim, o que eu proponho fazer é considerar como um fenômeno o que era antes visto como um conceito” (MOSCOVICI, 2009, p.45).

Sumariamente, pode-se afirmar que Moscovici se preocupa com o fenômeno das representações na sociedade de seu tempo, ou seja, a sociedade moderna ocidental. Isso significa que esse autor se interessa tanto em analisar o papel das representações em

situações concretas da vida cotidiana, com toda a sua dinâmica e fluidez; quanto em compreender o processo mesmo de construção das representações sociais (DUVEEN, 2009).

Portanto, se Moscovici apresenta Durkheim como ponto de partida para suas reflexões em torno do tema das representações, o faz mediante a constatação de que os seus objetivos se diferenciam dos de seu autor inspirador.

“[...] enquanto Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas. Essa própria diversidade reflete a falta de homogeneidade dentro das sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações” (DUVEEN, 2009, p.15).

Obviamente, a diferenciação dos interesses de Moscovici, inclinado a pensar a dinâmica e a heterogeneidade das representações no mundo moderno, se reflete em suas proposições teóricas. Seria incompatível com seus interesses e objetos de estudo manter a visão estática e integradora das representações coletivas e individuais presentes na teorização de Durkheim.

As sociedades tradicionais que inspiraram os estudos de Durkheim sobre as representações coletivas, se comparadas com as sociedades modernas, apresentam uma estrutura social altamente particular. A diferenciação estrutural e dinâmica existente entre as sociedades modernas e tradicionais foi apreendida por Moscovici, a partir da formulação da sua teoria das representações sociais.

“Moscovici tinha consciência que o modelo de sociedade de Durkheim era estático e tradicional, pensado para tempos em que a mudança se processava lentamente. As sociedades modernas, porém, são dinâmicas e fluidas. Por isso o conceito de “coletivo”, apropriava-se melhor àquele tipo de sociedade, de dimensões mais cristalizadas e estruturadas. Moscovici preferiu preservar o conceito de representação e substituir o conceito de “coletivo”, de conotação mais cultural, estática e positivista, com o de “social”: daí decorre o conceito de Representações Sociais” (GUARESCHI, 1994, p.196).

Dessa maneira, o termo “sociais” que passa a figurar no lugar antes ocupado pela terminologia durkheimiana “coletivas” – em “representações coletivas” – diz respeito a desdobramentos teóricos e metodológicos relevantes.

No estudo das representações sociais, a comunicação ocupa espaço de extrema relevância. A análise dos fenômenos da comunicação é central para a compreensão dos

processos constituintes das representações. Com efeito, as representações são formadas somente mediante a interação social existente entre grupos e indivíduos. É precisamente nesse sentido que se pode entender a originalidade da proposta de Moscovici:

“Entretanto, a própria noção mudou, com as representações coletivas cedendo lugar às representações sociais. Vê-se facilmente o porquê. De um lado, era preciso considerar uma certa diversidade de origem, tanto dos indivíduos quanto dos grupos. De outro, era necessário deslocar a ênfase sobre a comunicação que permite aos sentimentos e aos indivíduos convergirem; de modo que algo individual pode tornar-se social ou vice-versa. Reconhecendo-se que as representações são ao mesmo tempo, construídas e adquiridas, tira-se-lhes esse lado preestabelecido, estático, que as caracterizava na visão clássica. Não são os substratos, mas as interações que contam” (MOSCOVICI, 2001, p.62).

A importância da comunicação para a formação de representações se desdobra – entre outros fatores – na problematização da natureza das relações entre grupos e indivíduos. A teoria das representações sociais produz uma crítica radical ao positivismo do raciocínio dualista que polariza as noções de indivíduo e sociedade.

“Do mesmo modo que muitos psicólogos e sociólogos, eu sinto repulsa diante do dualismo do mundo individual e do mundo social. [...] o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. [...] As representações que elas [as culturas] elaboram carregam a marca desta tensão, conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível” (MOSCOVICI, 1994, p.11-12).

A tentativa de se reduzir o social à mera soma de unidades individuais ou, ainda, a pretensão de diluir os indivíduos no mundo social, apagando suas especificidades, não encontra abrigo na teoria das representações sociais formulada por Moscovici. Essa repulsa à redução, tanto do social, quanto do individual, tem sido a característica marcante da psicologia social desenvolvida por esse autor e seus seguidores, principalmente quando contrastada com a corrente hegemônica da psicologia social estadunidense.

Parece produtivo para a compreensão do intercâmbio que ocorre entre as esferas individual e social, o entendimento de que as relações existentes entre essas duas dimensões possuem caráter dialético. Não há como se pensar o sujeito completamente exilado do social, nem o social em si mesmo, formado por outros fatores que não a participação e interação dos sujeitos.

O entendimento que postula o surgimento dos indivíduos de “dentro” para “fora”, num ato de extremo isolacionismo social, ignora as determinantes sociais constituintes desses indivíduos. Quando muito, pensa os fatores sócio-históricos enquanto interferências de um desenvolvimento autônomo, estranho e relativamente independente do mundo social.

Jovchelovitch combate contundentemente o ponto de vista que objetiva reduzir o papel do social na conformação dos sujeitos: “A importância de uma comunidade segue daí: ela evidencia um “nós” necessário para a constituição de cada ser humano, que atesta que vidas privadas não surgem a partir de dentro, mas a partir de fora, isto é, em público” (JOVCHELOVITCH, 1994, p.70).

Não observar a dialética constituinte da relação indivíduo/sociedade dificulta a compreensão de fenômenos sociais significativos, que esperam por uma explicação convincente. Os critérios definidores da racionalidade, por exemplo, encontram-se diretamente dependentes das representações compartilhadas por uma sociedade específica (MOSCOVICI, 2009).

“Nas nossas conversações cotidianas menos reprimidas encontramos-nos confrontados com imagens lingüísticas ou influências que vêm à mente sem que sejamos nós a sua origem e com deduções cuja formação não pode ser atribuída a nenhum de nossos interlocutores, como é o caso dos boatos. Todos esses atos permanecem sem coerência se nós afirmamos que eles são deduzidos de raciocínio ou expressões individuais, mas eles podem ser combinados em um todo cuja coerência pode ser descoberta quando se leva em conta as representações sociais pressupostas” (MOSCOVICI, 2009, p.181).

A teoria das representações sociais oferece repostas a fenômenos sociais cuja importância para a vida social parece inegável. Esses fenômenos não admitem, por sua própria natureza e dinâmica, seu nascedouro nos indivíduos em que se fazem presentes. Imagens que ascendem à mente, raciocínios, boatos e deduções: tudo isso não faz sentido sem a anterioridade das representações compartilhadas pelos membros de determinado grupo.

As representações sociais compõem certo tipo de caminho entre os mundos individual e social. A constituição desses mundos ocorre numa relação dialética, possibilitando a sua coexistência. De acordo com Farr (1994), Moscovici dissolve a antítese entre o individual e o coletivo, proposta pelo positivismo de Durkheim, elaborando uma síntese.

A síntese entre individual e coletivo é produzida através do funcionamento do conceito de representação social. Nesse sentido, defende-se o entendimento de que as representações sociais operam como “uma passarela entre os mundos individual e social [...]” (MOSCOVICI, 2001, p.62). Por fazerem o papel de “ponte”, portanto, entre esses dois mundos, as representações sociais estão associadas, estreitamente, às dinâmicas das mudanças nas sociedades.

Segundo Jodelet (2001, p.22), as representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Essa definição traz uma série de termos indispensáveis à caracterização do que se entende por representação social.

O fato de as representações sociais serem construídas socialmente encontra-se vinculado à centralidade do papel da comunicação na sua constituição. Para que haja comunicação, é preciso, no mínimo, a presença de duas pessoas. Assim, as representações emergem de interações que pressupõem um corpo social.

“É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas. [...] Em sociedades cada vez mais complexas, onde a comunicação cotidiana é em grande parte mediada pelos canais de comunicação de massa, representações e símbolos tornam-se a própria substância sobre a qual ações são definidas e o poder o é – ou não – exercido” (JOVCHELOVITCH; GUARESCHI, 1994, p.20).

A interação proporcionada pela comunicação, que ocorre considerando os limites e possibilidades do contexto histórico e cultural de uma sociedade, estrutura o terreno a partir do qual as representações são engendradas. A dinâmica do processo de formação das representações reflete os jogos de influência travados entre os diversos grupos sociais que integram um país ou uma dada sociedade. Isso ocorre quando

“[...] os diferentes grupos sociais representam [...] de diferentes modos e procuram estruturar diferentes tipos de comunicação sobre esse objeto através de diferentes formas. Cada uma dessas formas procura estender sua influência na construção de uma representação específica e cada uma delas também reivindica sua própria legitimação para a representação que ela promove” (DUVEEN, 2009, p.18).

Nas sociedades modernas, em que a comunicação de massa impacta o social de forma significativa, torna-se evidente a tentativa de legitimação de diferentes

representações em relação a um mesmo objeto ou teoria. A depender da divergência de interesses entre os grupos dirigentes dos canais de comunicação, as representações se diferenciam ou até mesmo se opõem. Esse fenômeno foi observado por Moscovici (1961) ao analisar as várias representações construídas sobre a psicanálise em jornais filiados a grupos sociais distintos.

No entanto, se, por um lado, as representações sociais são formadas através dos processos de comunicação; por outro, não há a menor chance de haver comunicação sem a presença de representações (DUVEEN, 2009). Essa impossibilidade de comunicação na ausência de representações decorre do pressuposto de a realidade ser constituída, efetivamente, por representações compartilhadas (MOSCOVICI, 2009).

O fato de as representações sociais serem compartilhadas diz respeito a outro sentido ao qual o termo “sociais” também se compatibiliza. A palavra “sociais”, nesse caso, não se refere à necessidade de interação entre indivíduos e/ou grupos para a formação das representações. O que está em questão são as formas que as representações tomam enquanto fato psicológico:

“[...] as representações são sociais, pelo fato de serem um fato psicológico, de três maneiras: elas possuem um aspecto impessoal, no sentido de pertencer a todos; elas são a representação de outros, pertencentes a outras pessoas ou a outro grupo; e elas são uma representação pessoal, percebida afetivamente como pertencente ao ego. Além do mais, não nos devemos esquecer que as representações [...] são construídas com o duplo fim de agir e avaliar” (MOSCOVICI, 2009, p.211).

Dentro dessa acepção, o “social” se reveste de três sentidos: o da impessoalidade – que faz com que a sociedade seja percebida como algo diferente da simples soma de seus membros individuais e grupais; o da alteridade – indispensável à constituição das identidades sociais de cada sujeito; por fim, o sentido de pertencimento ao ego – fazendo das representações não somente constituinte da realidade social, mas formadora daquilo mesmo que o sujeito acredita ser.

A possibilidade de as representações participarem da construção da realidade social e da formação da identidade dos sujeitos reside no seu poder de criação. Mais detidamente, pode-se afirmar que a capacidade criativa das representações repousa na sua dupla face, abrigando estruturas cujas dimensões são estruturadas e estruturantes (SPINK, 1994).

A função constituinte das identidades dos sujeitos, desempenhada pelas representações, opera de maneira tal que confere aspecto de naturalidade a concepções de mundo condicionadas por fatores sócio-históricos.

“O que é surpreendente e que deve ser explicado não é tanto o fato de que tais reconstruções [operadas pelas representações] são sociais e influenciam a todos, mas antes que a sociabilidade que as exige, expressa nelas sua tendência de posar como não-sociabilidade e como parte do mundo natural” (MOSCOVICI, 2009, p.91).

Na tendência a se apresentarem como naturais, as representações se fazem sentir, por cada sujeito, como própria – sendo parte mesma de seu ego. Como consequência, as representações habitam o cerne das ações e pensamentos individuais, experienciados como não-sociais.

“Mais do que motivações, aspirações, princípios cognitivos e outros fatores que são habitualmente apresentados são as nossas representações que em última instância determinam nossas reações e as suas significações são, assim, as de uma causa real” (MOSCOVICI, 2009, p.104).

As representações, por determinarem as ações e avaliações de grupos e indivíduos, se constituem em “causa real”. Sendo assim, os elementos formadores das representações, bem como a dinâmica desse processo de formação estão envolvidos na determinação de comportamentos e idéias.

Para se pensar adequadamente as múltiplas determinantes das representações sociais, respeitando a condição de serem, simultaneamente, estruturas estruturadas e estruturantes, é preciso levar em conta a complexidade da condicionante temporal. Portanto, deve-se considerar, além das determinantes estruturais e das relações sociais, o tempo histórico – em suas três dimensões – na tentativa de se compreender o processo de engendramento dos significados sociais (SPINK, 1994).

“[...] o tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido que abarca o processo de socialização – o território do habitus (Bourdieu, 1983), das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais; e o tempo longo, do domínio da memória coletiva onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social” (SPINK, 1994, p.121-122).

Sem a diferenciação temporal, se torna complicado tratar da aparente contradição estrutural das representações sociais: ao mesmo tempo, figurando como estruturas estruturantes e estruturadas.

Com efeito, parece possível propor uma espécie de contínuo em que ao lado do tempo curto – característico dos processos de interação social – se localizaram as possibilidades criativas da face estruturante das representações sociais. Ao tempo longo, por seu turno, se relacionam as questões do imaginário social mais sedimentadas, proporcionando às representações a formação de seus núcleos, capazes de lhes conferir maior estabilidade (SPINK, 1994).

Segundo Moscovici (2009, p.54), “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade”. Na consecução desse objetivo, a dimensão estruturante das representações exerce sua função a partir do momento em que a percepção e a compreensão dos objetos não-familiares observam o regime dos elementos já conhecidos e, portanto, familiares.

O preestabelecido se sobrepõe ao novo, produzindo, ou melhor, reproduzindo certas concepções anteriores, inclusive as preconceituosas. Observando essa dinâmica, Moscovici (2009, p.58) afirma que “A tensão básica entre o familiar e o não-familiar está sempre estabelecida, em nossos universos consensuais, em favor do primeiro. No pensamento social, a conclusão tem prioridade sobre a premissa e nas relações sociais [...] o veredicto tem prioridade sobre o julgamento”.

A prevalência do familiar, em outras palavras, a relevância do peso das estruturas estruturadas na construção das representações de objetos não-familiares, pode ser compreendida, com mais detalhes, através dos processos de ancoragem e objetificação.

Todo processo de transformação de objetos, idéias ou seres não-familiares em familiares pressupõe o funcionamento do mecanismo de ancoragem, num primeiro momento, e o mecanismo de objetificação – que entra em funcionamento logo após a ancoragem. Ambas as fases desse processo de transformação se baseiam na memória, ou seja, nas conclusões produzidas anteriormente.

A ancoragem, como o próprio nome sugere, ancora objetos e idéias não-familiares nas categorias e imagens que fazem parte do contexto familiar de determinado grupo. Nesse momento, após se operar a redução do não-familiar a categorias familiares, os membros do grupo são capazes de interpretar e comparar o objeto estranho, que perturbava seu mundo previamente estruturado. “Ancorar é, pois,

classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2009, p.61).

O mecanismo de objetivação procura, basicamente, trazer para a concretude do dia a dia de um grupo ou sociedade algo que, a princípio, parece um tanto quanto abstrato. A objetivação se propõe a arranjar, na realidade compartilhada por um grupo, o correlato concreto para o aspecto vago da idéia, ser ou objeto mal definido – distante da operacionalidade cotidiana do grupo.

“Objetivação une a idéia de não-familiaridade com a de realidade [...] toda representação torna real – realiza, no sentido próprio do termo – um nível diferente de realidade. [...] Para começar, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2009, p.71-72).

A operação de atribuir uma qualidade icônica a uma idéia ou mesmo a um ser transforma a idéia (antes abstrata) em algo real. A idéia realizada passa a possuir a concretude própria aos fenômenos naturais. Integra, dessa forma, a realidade objetiva compartilhada socialmente.

Ao menos duas conseqüências podem ser extraídas do funcionamento do mecanismo de ancoragem e objetificação. Uma primeira conseqüência se relaciona ao fato de que toda e qualquer percepção se encontre sempre ancorada. Isso significa que não há possibilidade de se perceber algo fora dos domínios das representações compartilhadas. Grupos heterogêneos, por compartilharem representações diferenciadas, percebem também diferentemente. Em outras palavras, as representações sociais constituem a realidade mesma de uma sociedade (MOSCOVICI, 2009).

Num segundo momento, é necessário precisar os efeitos do processo de nomeação desempenhado pelo mecanismo de ancoragem. A ancoragem faz mais do que somente rotular objetos, seres ou idéias – ao alocá-los nas categorias previamente existentes em um grupo. No ato de categorização e nomeação, o objeto categorizado passa a possuir as características comuns aos elementos pertencentes a essa categoria. O efeito dessa similaridade de características faz com que o grupo defina, em relação ao objeto ancorado, um pensamento e uma ação – orientando, pois, os comportamentos e opiniões (MOSCOVICI, 2009).

Jovchelovitch (1994, p.82) sintetiza a complexa dinâmica do funcionamento das representações sociais – considerada nas suas faces estruturantes e estruturadas: “As

representações emergem desse modo como processo que ao mesmo tempo desafia e reproduz, repete e supera, que é formado, mas que também forma a vida social de uma comunidade”.

A dupla face das representações e sua complexa dinâmica, em constante diálogo com a vida social, impõem ao presente trabalho o aprofundamento a cerca do funcionamento mesmo das relações sociais. Nesse sentido, considera-se necessário pensar as principais dimensões constitutivas da vida social, a saber, gêneros, classes sociais, raças/etnias e idades/gerações. Cumpre-se ainda observar, acuradamente, os efeitos das intersecções entre essas dimensões, que recaem, de modo diferenciado, sobre os diferentes grupos sociais.

#### 1.4. Dimensões Sociais em Intersecção

Não parece conveniente à análise do social reduzir sua complexidade a estruturas, de alguma forma, engessadas. A dinâmica social se processa a partir dos arranjos tecidos nas e pelas relações sociais, fazendo das estruturas uma leitura substantiva – que procura “coisificar” – o que ocorre, de fato, nas relações entre grupos e/ou indivíduos. (SAFFIOTI, 1992).

A investigação da realidade social deve ser empreendida considerando os condicionantes constituintes das relações sociais<sup>3</sup>. Nesse sentido, Motta (1999, p.193) indica os principais condicionantes relacionais e pontua a maneira com que se articulam na vida cotidiana:

“Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. Cada conjunto desses constitui-se, então, numa dimensão básica da vida social, mas nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade. Inclusive porque são aspectos co-extensivos, isto é, “recobrem-se parcialmente uma à outra”. [...]. Do ponto de vista de cada indivíduo ou grupo, isto significa a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades ou de identidades correspondentes”.

---

<sup>3</sup> Por adotar uma perspectiva feminista de gênero, o presente trabalho se concentra nessa categoria analítica mais detalhadamente. Contudo, está-se ciente da necessidade real de se considerar as interseccionalidades entre gênero, raça/etnia; idade/geração, classe social e as demais marcas sociais que se apresentem relevantes em determinado contexto.

O interesse analítico, portanto, ao refletir sobre certo fenômeno social, precisa observar as múltiplas dimensões da vida social. A identidade de um grupo se forma no jogo complexo que ocorre entre gênero, raça/etnia<sup>4</sup>, classe<sup>5</sup> e idade/geração<sup>6</sup>, sem esquecer de outros possíveis marcadores sociais que estejam operando em contexto específico.

No que diz respeito ao gênero, a sua percepção enquanto categoria analítica data da década de 1970, quando Gayle Rubin (1993, p.5), com o seu “sistema de sexo/gênero”, defende que: “Sexo como o conhecemos – identidade de gênero, desejos e fantasias sexuais, conceitos de infância – é, em si mesmo, um produto social”.

No entanto, antes de se expor mais detalhadamente o “sistema de sexo/gênero” de Rubin, convém registrar o papel fundamental que Simone de Beauvoir desempenhou no entendimento de que a mulher não é um ser natural – cujo destino fora traçado por seus caracteres anatômicos; mas, sim, uma construção social.

“E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. [...] É portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. [...] o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade [...] Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana” (BEAUVOIR, 2000, VOL. I, p.57).

Beauvoir reconhece a relativa importância do corpo para a compreensão da posição que a mulher ocupa na sociedade. Contudo, o reconhecimento de que corpo não

---

<sup>4</sup> O trabalho em questão entende, de acordo com Guimarães (2003, p. 97), que as raças “São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências)”. As etnias, por sua vez, se definem por discursos que tratam das identidades sociais em função dos lugares de origem. Nesse sentido, Guimarães (2003, p. 97) afirma: “[a etnia se caracteriza pelos discursos sobre os] lugares geográficos de origem – “a minha Bahia, o meu Amazonas, a minha Itália” –, aquele lugar de onde se veio e que permite a nossa identificação com um grupo enorme de pessoas. Quando falamos de lugares, falamos de etnias”. Parece importante ainda chamar atenção para as consequências dos processos de racialização que, assim como defende Piscitelli (1996, p.12), “[...] de um modo cruel e complexo [operam] desigualdades, através [das quais] se excluem grupos corporalmente marcados”.

<sup>5</sup> A conceituação de classe social adota o entendimento de Thompson (1987) ao apreender classe enquanto relação e não em termos de algo substantivo: como estrutura. Assim, as classes se organizam nas e pelas relações humanas, sendo produto de experiências compartilhadas entre diferentes grupos, de acordo com seus interesses.

<sup>6</sup> No que diz respeito à idade/geração, parece necessário insistir que tanto idade como geração constituem-se produtos sociais em complexa interação. Segundo Motta (1999), as gerações, enquanto conjunturas sócio-históricas, são vivenciadas diferentemente em função das idades. Por seu turno, as idades não se localizam na suposta cronologia natural do mundo biológico, pois são experienciadas através das lentes da cultura. De fato, as idades possuem, inclusive, representações e significados diferenciados por gênero.

comporta a possibilidade de atribuir significados a suas características biológicas aponta para o caráter fundamental da dinâmica social nos processos de significação. O corpo em si é incapaz de definir alguém como mulher e, obviamente, de legitimar sua condição de dominada-explorada. Os achados biológicos são interpretados positivamente ou de forma negativa a partir de fatores sócio-culturais.

A frase seguinte, que talvez seja a mais repetida dentre as outras de Beauvoir, sintetiza o esforço da autora em desnaturalizar a condição social da mulher – entrevedo, conseqüentemente, a possibilidade de mudança.

“NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 2000, VOL. II, p.9).

O verbo “tornar-se”, implicado numa produção de ordem social, rompe radicalmente com as prescrições de base anatômica da suposta natureza essencialista feminina. Nessa direção, o “tornar-se mulher” foi e continua sendo paradigmático para se pensar a opressão das mulheres.

Justamente por ter se tornado um paradigma, algumas críticas puderam ser formuladas a essa assertiva de Beauvoir. O mesmo “tornar-se”, que contribuiu enormemente para a reflexão sobre a questão da desconstrução da categoria mulher, indica a existência de um estado anterior não tocado pelo social – introduzindo o raciocínio dicotômico natureza/sociedade. Saffioti (1992) observa o aspecto problemático dessa teorização, que situa o sexo no terreno biológico e o gênero, no social.

Adicionalmente, Saffioti (1992) chama atenção, apoiando-se em Butler, para o aspecto discreto que a origem dos gêneros assume na concepção de Beauvoir. O “tornar-se” parece restrito a um momento-chave em que o gênero se estabelece de maneira imperturbável. Dessa forma, não se faz referência ao constante processo criativo dos gêneros atualizado pela performance incessante dos sujeitos gendrados.

A apresentação dessas críticas deve ser encarada construtivamente, pois somente a partir do que disse Beauvoir é que as palavras de Saffioti e Butler podem fazer sentido. Da mesma maneira, o reconhecimento da categoria mulher, enquanto produto social, ao descontinuar, em certo sentido, a percepção socialmente definida de mulher

das características biológicas que supostamente a constituíam, contribui para criação<sup>7</sup> do campo teórico indispensável à conceituação de gênero, como o fez a feminista Gayle Rubin – a partir do “sistema de sexo/gênero”.

Através da metáfora que contrasta a fome com a comida, Rubin procura diferenciar as necessidades inscritas no funcionamento biológico do corpo humano das determinações culturais que prescrevem “como” e o “que” se deve comer e, logo, a especificidade de se saciar a fome. Assim, propõe que a relação sexo/gênero estaria regulada da mesma forma: sexo (substrato biológico) e gênero (condicionante cultural dos instintos naturais do sexo).

“Fome é fome, mas o que se considera comida é culturalmente determinado e obtido. Toda sociedade possui alguma forma de atividade econômica organizada. Sexo é sexo, mas o que se considera sexo é igualmente determinado e obtido culturalmente. Toda sociedade conta ainda com um sistema de sexo/gênero: um conjunto de arranjos através dos quais a matéria-prima biológica do sexo e da procriação humanas é moldada pela intervenção humana e social e satisfeita de forma convencional, pouco importando o quão bizarras algumas dessas convenções podem parecer” (RUBIN, 1993, p.5).

O gênero, por conseguinte, atua sobre o sexo – em certa medida condicionando-o, mas, por outro lado, atendendo a seus imperativos instintuais. O grande mérito do sistema sexo/gênero reside em desnaturalizar, deslegitimando as determinações sociais revestidas de caráter imutável, porque de fundo orgânico, que recaem sobre os ombros das mulheres. Rubin advoga, contundentemente, contra os argumentos essencialistas que são utilizados com o fim de assegurar a heterossexualidade compulsória, a divisão sexual do trabalho e, em suas próprias palavras, “a coerção da sexualidade feminina”.

Mais uma vez insistindo no caráter construtivo da crítica, o que parece problemático na teorização de Rubin é a persistência da continuidade entre sexo e gênero. Isso ocorre de tal forma que gênero acaba sendo pensado como resultante do acirramento das características sexuais fisiológicas. Esse raciocínio pode ser observado na seguinte passagem: “A divisão do trabalho por sexo pode, deste modo, ser vista como um “tabu” [...] dividindo os sexos em duas categorias reciprocamente exclusivas,

---

<sup>7</sup> Obviamente que diversas autoras deram a sua contribuição, mais diretamente ou não, para a conceituação de gênero. Nesse intuito, merecem reconhecimento Margaret Mead, que em “Sexo e Temperamento” problematiza a relação sexo/gênero e Ann Oakley, autora que já em 1972 tenta descontinuar sexo e gênero em “Sex and Gender”. No entanto, para o presente estudo, um histórico pormenorizado da conceituação de gênero responderia a outros objetivos, diferentes da necessidade real de se fixar a definição de gênero com a qual se procura trabalhar.

e um tabu que exacerba as diferenças biológicas entre os sexos e que, em consequência, cria o gênero” (RUBIN, 1993, p.11).

Se Rubin tivesse especificado a natureza das “diferenças”, como o fez Scott anos mais tarde, as construções de gênero teriam definitivamente se descolado das insistentes marcas associadas que lhes são atribuídas. Já que essa especificação não ocorreu, parece bastante acertado tomar como reflexão uma implicação forte, formulada por Saffioti (1992, p.186-187):

“[...] tanto o homem quanto a mulher são portadores de uma sexualidade “natural”, na qual estão inscritos impulsos e necessidades que não variam, pois são associadas. Esta dicotomização entre a natureza e a cultura constitui a base do conceito de sistema sexo/gênero. Dado o caráter dualista desta concepção, torna-se impossível pensar o gênero como relacional, o que tem sérias consequências ontológicas e epistemológicas”.

De fato, a associação do sexo às instâncias naturais e do gênero ao universo cultural atualiza, no “sistema sexo/gênero”, a dicotomia natureza/cultura – o que inviabiliza a compreensão do gênero enquanto processo social e categoria analítica relacional. Uma perspectiva ontológica que pressupõe a realidade em termos de construção socialmente compartilhada dificilmente pode coexistir com uma postura realista, que reafirme a objetividade da realidade externa.

Joan Scott, no seu conhecido artigo “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”, conceitua gênero enquanto categoria relacional. Distingue, ainda, o que se refere, efetivamente, à definição de gênero daquilo que denomina teorização de gênero. Articulando definição e teoria, a autora defende que: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT,1991, p.14).

Em sentido estrito, a definição de gênero se identifica com a primeira proposição do enunciado destacado acima. Gênero, assim, é conceituado em função das “diferenças percebidas entre os sexos” que integram, de maneira constitutiva, as “relações sociais”. É indispensável o entendimento de que as relações sociais têm suas dinâmicas estruturadas a partir dos arranjos que ocorrem entre seus elementos constitutivos, num dado contexto. O gênero se apresenta como um dos importantes elementos que participam da constituição das relações humanas.

O fato de as diferenças entre os sexos serem percebidas define a perspectiva analítica adotada por Scott, uma vez que distancia as construções de gênero de qualquer rastro indicativo de substrato biológico, combatendo, inclusive, a suposta anterioridade

anatômica do sexo: “Desta sorte, o vetor vai do social para o anatômico e não o inverso. Ou melhor, o social engloba tudo, na medida em que o anatômico só existe enquanto percepção socialmente modelada” (SAFFIOTI, 1992, p. 195).

Nessa acepção, gênero não possui qualquer continuidade com o acirramento das características anatômicas do corpo humano, como era possível ser observado na definição do “sistema sexo/gênero” de Gayle Rubin. Dessa forma, é imperativo localizar os sexos na cultura e entender os corpos enquanto corpos gendrados (SARDENBERG, 2002).

Ainda no campo da definição de gênero, Scott (1991) discrimina a existência de quatro elementos: os símbolos culturais, os conceitos normativos, as instituições e organizações sociais e, por último, a identidade subjetiva. Esses quatro elementos, operando em conjunto, integram a dinâmica dos processos sociais em que se realizam as relações de gênero.

O primeiro desses elementos, os símbolos culturais, tem a capacidade de evocar múltiplas representações. Chama-se atenção para o potencial de produção de representações não somente diferenciadas, mas, por vezes, contraditórias. Eva e Maria, contraditoriamente, podem simbolizar a mesma mulher. Interessa, particularmente, analisar a representação evocada em estreita ligação com o contexto da evocação. Assim, torna-se possível investigar os jogos de ocultamento e de legitimação das representações simbólicas.

O segundo elemento, que diz respeito aos conceitos normativos, trabalha no sentido de fixar um sentido ou alguns sentidos pertencentes a determinada representação simbólica. Diversas instituições sociais (educação, religião, política, ciência) estão envolvidas nos regimes de normatização dos sentidos disponíveis para cada representação. Como produto desses regimes, figuram as oposições binárias, reprimindo um dos seus elementos e declarando o outro a única verdade possível, reeditando, desse modo, o binômio masculino/feminino.

O terceiro elemento se situa no nível das instituições ou organizações sociais, isto é, se refere ao mercado de trabalho, à educação, ao sistema político e econômico, etc. Objetiva-se estender a pertinência da utilização do conceito de gênero para além da esfera privada, da família e do parentesco. A divisão sexual do trabalho, o sufrágio universal masculino, a educação voltada às características tidas como tipicamente femininas representam algumas das diversas razões que apontam para a necessidade dessa extensão.

Por fim, o quarto elemento do gênero, que trata da questão da identidade subjetiva, aponta para a necessidade de situar historicamente a construção das identidades de gênero. A utilização de modelos interpretativos prévios oblitera, muitas vezes, a compreensão situada das identidades – produzindo leituras inadequadas ao contexto sócio-histórico em questão.

A segunda parte da definição de gênero de Scott (1991, p.16), que se refere à teorização de gênero, relaciona, de tal forma, gênero e poder que gênero é apreendido como “um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado”. Obviamente, o gênero não se constitui no único processo social capaz de engendrar relações de poder, mas é primeiro, nesse aspecto, por duas razões – como defende Saffioti (1992, p. 197):

“Com efeito, relações de poder exprimem-se primordialmente através das relações de gênero. Tal fato é primordial em mais de um sentido. É primevo, porquanto antecedeu, e de muito, a emergência das sociedades centradas na propriedade privada dos meios de produção. (Estão pensadas aqui não apenas as sociedades de classes, mas também as sociedades de escravismo antigo e as feudais, pois castas e estamentos podem ser tomados como embriões de classes sociais.) É primordial, ainda, pelo fato de permear absolutamente todas as relações sociais, sejam elas de classe social ou étnicas. Este ponto é de fundamental relevância, pois se trata de profunda articulação entre gênero e classe social na trama das relações de poder”.

Segundo Scott (1991), concessões e proibições presentes nas civilizações judaico-cristãs e islâmicas se referenciam em concepções de gênero diferenciadas. De forma que o gênero, ao longo da história dessas civilizações, tem articulado ativamente relações de poder. Contudo, as relações de poder construídas a partir do gênero se fazem sentir nos diversos processos sociais, nem sempre vinculados explicitamente ao gênero. Isso demonstra a extensão do alcance das relações de poder oriundas do funcionamento do gênero na cultura.

Nesse sentido, se define a necessidade de se trabalhar as intersecções entre gênero, classe social, raça/etnia, idade/geração e outros marcadores sociais que se apresentem relevantes, a depender do contexto, para a compreensão dos fenômenos sociais. Os procedimentos analíticos não devem subdividir a realidade social em diferentes domínios, para – em seguida – alocar nesses universos definidos relações sociais específicas. Na realidade, ocorre uma complexa articulação entre os diferentes elementos constituintes das relações sociais nos processos sociais que configuram as relações humanas.

Para o feminismo acadêmico, a incorporação de outras “dimensões básicas” ou “marcas” à perspectiva de gênero não ocorreu como um desdobramento natural das análises feministas de gênero. De acordo com Piscitelli (1996, p.10), a tendência de relativização da centralidade do gênero a caminho da multiplicidade das marcas “foi o resultado de um percurso penoso, cheio de tensões e ambigüidades, ao longo do qual as “diferenças” entre mulheres foram destacadas incisivamente”.

Certamente, mulheres diferentes vivenciam o fato de serem mulheres diferentemente, pois a depender da intersecção particular de outras marcas sociais com gênero, suas experiências sofrem configurações específicas. Crenshaw, em seu “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”, enfatiza a importância de se considerar as diferenças existentes entre as mulheres.

“Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres” (CRENSHAW, 2002, p.173).

A compreensão das intersecções entre os diversos elementos formadores das identidades sociais, que determinam as vidas dos diferentes grupos de mulheres, se impõe enquanto tarefa fundamental. Somente o entendimento preciso dessas intersecções pode propor a melhor forma de se combater os problemas de mulheres que sofrem os mais diversos abusos e discriminações.

A falta de entendimento em relação ao funcionamento das intersecções entre gênero, raça/etnia, idade/geração, classe e outras marcas prejudica – decisivamente – o combate aos crimes praticados contra as mulheres.

“Nos Estados Unidos, por exemplo, milhares de porto-riquenhas e afro-americanas foram esterilizadas sem seu conhecimento ou consentimento. [...]. Embora as mulheres porto-riquenhas e afro-americanas fossem, de forma desproporcional, as vítimas mais prováveis dessa negação dos direitos reprodutivos por causa da sua raça e classe, o ataque a esse direito humano fundamental raramente tem sido reconhecido como um dos exemplos mais flagrantes de discriminação racial já perpetrados contra povos racializados nos Estados Unidos. Em geral, a esterilização forçada de mulheres em todo o mundo não tem sido tratada como uma questão racial, embora, quando cuidadosamente examinada, se reconheçam aí fatores de ‘risco’, como raça,

classe e outros, que determinam quais mulheres, mais provavelmente, sofrerão e quais não sofrerão esses abusos” (CRENSHAW, 2002, p. 175).

Esse exemplo indica o grave erro que se comete ao se atribuir ao gênero todos os problemas que recaem sobre as mulheres. A política de esterilização não atua simplesmente sobre as mulheres, mas sobre mulheres de raça/etnia determinada, de classe social desfavorecida. Não fosse esse o caso, a política de esterilização teria esterilizado mulheres brancas de classe média ou alta na mesma proporção que as afro-americanas e porto-riquenhas.

Nem todos os problemas sofridos por mulheres se definem como problemas tão somente de gênero. Na verdade, talvez poucos possam ser entendidos dessa forma. O que ocorre é que observar as intersecções entre os diversos elementos constituintes das relações sociais se apresenta como tarefa complexa e, muitas vezes, uma análise rápida corre o risco de produzir as chamadas “superinclusões” (CRENSHAW, 2002).

Isto é, as relações de gênero, colocadas em primeiro plano, camuflam as interseccionalidades existentes entre a totalidade dos elementos envolvidos na constituição do problema. No caso das esterilizações, como foi visto, as análises geralmente operam a superinclusão do gênero, esquecendo-se da raça/etnia, da classe social e de outras eventuais marcas sociais relevantes.

Obviamente, quando há superinclusão de uma categoria analítica, as outras categorias que, em intersecção, participam da estruturação das relações de poder de certa dinâmica social são, prontamente, subincluídas, pelo processo de subinclusão (CRENSHAW, 2002). É exatamente isso o que se passa com a esterilização das afro-americanas e porto-riquenhas. A raça/etnia, a classe social e outras marcas sociais possíveis, que concorrem para o desempoderamento dessas mulheres, são subincluídas, não possibilitando a percepção do que realmente ocorre.

O conceito de interseccionalidade procura enfatizar o multifacetado funcionamento dos diversos eixos de poder que se intersectam discriminando e desempoderando as mulheres. A metáfora elaborada por Crenshaw (2002, p. 177) ilustra o jogo presente no processo de articulação entre os diversos eixos de poder/subordinação.

“Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e

mutuamente excludentes; [...] Na verdade, tais sistemas, freqüentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. [...] Esses são os contextos em que os danos interseccionais ocorrem – as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento”.

Cada um desses eixos de poder tem a possibilidade, tomados isoladamente, de empoderar ou desempoderar pessoas e/ou grupos sociais. No entanto, a dinâmica complexa do desempoderamento sofrido por diversos grupos de mulheres resulta, de acordo com Crenshaw, da sobreposição e entrecruzamento desses eixos.

Eixos diferentes de poder não podem ser simplesmente somados uns aos outros, tendo – como resultante da soma – a “quantidade” de desempoderamento sofrido pelos grupos discriminados. O desempoderamento resultante da intersecção de diversos eixos de poder possui uma dimensão de subordinação distinta da simples soma dos desempoderamentos capazes de serem produzidos por cada eixo, de forma particular. Na sobreposição e entrecruzamentos desses eixos, redimensiona-se o desempoderamento: nisso reside a complexidade do conceito de interseccionalidade, bem como seu poder analítico.

No artigo “As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento”, Britto da Motta (2000, p.197) defende a necessidade de se considerar os aspectos semelhantes e diferenciados presentes no interior das diversas categorias sociais.

“Ao mesmo tempo, cada um deles [mulheres e homens] apresenta variações internas à sua condição – diferenças de idade, de classe, de cor, etc. – o que se pode concluir que há diversidade de experiências de gênero e esta depende da valorização social de cada um desses aspectos e/ou da vivência que se tem deles. [...] É interessante pensar que essas diversidades e similitudes no interior de cada categoria – não apenas, é claro, do gênero – se dão exatamente em função da existência de outras categorias da mesma magnitude. É como um jogo, porém, sempre pleno de hierarquias”.

A multiplicidade de recortes possíveis em cada categoria social representa a complexa dinâmica regente das relações sociais. Dentro da categoria mulheres, o poder ou o desempoderamento não se distribui de forma homogênea. Há uma série de hierarquias internas que empoderam ou desempoderam os diferentes subgrupos de mulheres. Isso pensando tão somente do ponto de vista da ancoragem na categoria mulheres.

Na dinamicidade das relações humanas entre os diferentes subgrupos de mulheres e/ou homens, essa disposição hierárquica reveste-se de novos significados.

Produz-se – em função dos subgrupos que interagem – o redimensionamento da importância de determinadas categorias sociais na estruturação das relações de poder.

Britto da Motta (2000, p.198) ilustra o jogo entre os eixos de poder constituintes das relações sociais, focando na importância de se considerar a natureza social das partes que interagem: “Mulheres, esposas, enquanto gênero são social e familiarmente subordinadas; enquanto classe, são aliadas dos maridos. Como empregadas domésticas, e empregadoras, enquanto gênero são consideradas de “natureza” social comum; enquanto classe, são antagonistas”.

A necessidade de se levar em consideração os atores sociais em interação, na tentativa de se compreender quais mascas sociais parecem mais determinantes nas relações sociais num determinado contexto, deve cuidar para que não haja superinclusão ou subinclusão de categorias sociais.

Segundo Britto da Motta (2000, p.212), a análise das experiências vivenciadas por homens e mulheres, na velhice, tem se distinguido mais contundentemente em função da determinante de gênero, fazendo com que essa dimensão se sobreponha, em certo sentido, às limitações geracionais ou à condição de classe. Os homens falam de sua liberdade em termos de estabilidade econômica e independência, enquanto que, para as mulheres, a liberdade experienciada, nessa fase da vida, ganha outras conotações:

“Estou feliz. Agora que eu estou velha, ele [o marido] não se incomoda que eu saia, não. Eu me considero uma pessoa jovem, porque quando eu estava jovem eu nunca tive direito de ir a lugar algum.  
(D. Celina, 73 anos, de um Centro Assistencial)  
Tudo bem (...) aqui tranquila. [No grupo] Ninguém me manda mais, chego em casa na hora que eu quero, não tem ninguém pra perguntar a hora que eu chego.  
(D. Regina, de associação de bairro)”.

Assim, a sobreposição de certos eixos de poder sobre outros na configuração das relações sociais, sem perder de vista o risco da subinclusão e superinclusão, demonstra o caráter complexo do funcionamento da interseccionalidade entre as diferentes categorias sociais. O maior grau de determinação exercido por uma marca social ou as significações que as marcas adquirem numa intersecção específica somente se revelam na análise acurada que atenta para as particularidades de cada contexto sócio-histórico.

De acordo com Saffioti, as análises de gênero devem operar observando certos limites, a fim de não se sobreporem às marcas de classe. Ao mesmo tempo, as

diferenças de gênero não devem ser reduzidas a ponto de as classes sociais terem sua interioridade homogeneizada, no que se refere a mulheres e homens: “Uma vez que as expectativas adquirem um colorido de gênero, como aliás ocorre com a classe e a etnia também, a vida não é vivida da mesma forma por homens e mulheres” (SAFFIOTI, 1992, p.199).

Todavia, cumpre precisar o tipo específico de relação que caracteriza as relações de dominação-exploração, produzidas pelas intersecções dos diversos eixos de poder. Essa precisão torna-se fundamental para a compreensão das múltiplas facetas do processo de intersecção de gênero, raça/etnia, classe, idade/geração e outras marcas sociais.

“A relação de dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no pólo de dominada-explorada. Ao contrário, integra esta relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder, ainda que em doses tremendamente desiguais. Que esta desigualdade não induza o leitor a pensar numa relação de hierarquia, quando se trata, como se verá adiante, de uma relação contraditória” (SAFFIOTI, 1992, p. 184).

Sendo assim, as relações de gênero não se configuram apenas enquanto relações hierárquicas, mas, também, como relações contraditórias. Entre os gêneros, a brutal desigualdade de poder não implica em relações de hierarquia. A parte dominada-explorada, que exerce sua porção de poder, mesmo que diminuta, nas relações com os agentes sociais que a dominam e exploram, também internaliza as concepções dominantes. A existência de uma grande parte de mulheres “machistas” confirma o caráter contraditório das relações de gênero. Do outro lado, os agentes dominadores, no exercício de seus poderes, criam espaços de confronto e superação das suas concepções tradicionais de gênero.

Partindo, portanto, da natureza contraditória das relações de dominação-exploração, a dinâmica de intersecção entre os eixos de poder não deve, em hipótese alguma, ser confundida com o resultado da soma de poder/subordinação desses eixos. Muito menos, pode ser pensada em termos de sobreposição e cruzamento que redimensionem sempre, de maneira acumulativa, as relações de poder/subordinação oriundas das intersecções entre gênero, classe, raça/etnia, idade/geração e outras categorias sociais.

“Obviamente, este fenômeno [da intersecção] não é tão simples quanto pode parecer, porque a contradição entre as características de gênero nem é a única, nem opera autonomamente. A ligeira incursão realizada atrás para mostrar como o gênero impede a realização de uma lei da acumulação do capital (o capital tenta equalizar as forças de trabalho) revela um das numerosas intersecções entre os antagonismos de gênero e de classe” (SAFFIOTI, 1992, p. 199).

No caso da tendência de se equalizar sexualmente o modo de produção capitalista, a intersecção entre gênero e classe não se configura enquanto redimensionamento acumulativo desses dois eixos de poder, ao menos em parte. Se, por um lado, gênero e classe se intersectam, fazendo com que as mulheres trabalhadoras, sob os efeitos do redimensionamento acumulativo, sejam mais mal remuneradas que os homens; por outro, sustentam a faixa salarial dos homens num patamar superior à das mulheres – opondo-se à tendência do capitalismo de equalização sexual das forças de trabalho.

Como se pode constatar, as intersecções entre gênero, raça/etnia, classe, idade/geração e outras categorias operam segundo uma simbiose de lógica contraditória (SAFFIOTI, 1992). Além de não se poder isolar, para efeito de análise, os diferentes eixos de poder, algumas categorias sociais se tornam particularmente significativas em associação com outras categorias, em contextos determinados.

Em “Sexo Tropical”, Piscitelli (1996) se preocupa em compreender a dinâmica das intersecções entre certas categorias sociais envolvidas tanto na estruturação das representações do turismo sexual internacional praticado no Brasil, como na composição das representações sobre as prostitutas brasileiras que trabalham no exterior. A partir da análise de textos produzidos pela mídia, a autora oferece um importante panorama de como gênero, cor e nacionalidade se intersectam, significativamente, nos negócios da sexualidade nacional para exportação.

Nas matérias analisadas por Piscitelli (1996), gênero, cor e nacionalidade se articulam de tal forma que, para efeito de análise, torna-se impossível separá-los, considerando cada um isoladamente. A feminilidade nativa se caracteriza, na perspectiva dos turistas, pela intersecção entre as representações que fazem sobre a cor e as concepções de gênero tradicionais do mundo ocidental. Assim, a feminilidade das “morenas” é composta pela passividade e submissão (determinadas pelo gênero) em associação com a passionalidade e sensualidade típicas das “mulatas” brasileiras.

Todavia, para a estruturação completa da comercialização da sexualidade feminina nativa, operam ainda as concepções “imperiais”. As “morenas” brasileiras do

Sul figuram como algo exótico a ser, subordinadamente, consumido pelos brancos do Norte.

“[...] nesse caso específico, as diversas categorias de diferenciação adquirem sentido precisamente nas intersecções entre elas. Nos textos, as configurações de poder que favorecem os “estrangeiros” são tecidas no cruzamento gênero/“cor” e nacionalidade (ou localização). Não estou ignorando as desigualdades generacionais nem de classe. Entretanto, considero que, no caso, as primeiras fazem parte da configuração de gênero e as segundas estão englobadas na situação mais complexa que estou chamando de localização” (PISCITELLI, 1996, p. 33).

No conjunto dos elementos que, em interseccionalidade, caracterizam a prostituição, a marca social “cor” tem sua presença condicionada pela relação entre diferentes nacionalidades. A cor se torna significativa somente quando da prostituição voltada ao mercado externo.

“Nas notas da revista *Veja* e *ISTOÉ* sobre prostituição publicadas entre 1992 e 1996, a “cor”, longe de ser diferenciação constante tende a participar da construção da prostituição apenas quando há “outra” nacionalidade em jogo. De maneira análoga às matérias que tratam do turismo sexual internacional no Nordeste, os textos que tratam da prostituição hetero ou homossexual em outras partes do país tendem a marcar a “cor” na interação entre nacionalidades. Nestas notas os europeus aparecem, recorrentemente, procurando “mulatos”, “crioulos” e “morenas”” (PISCITELLI, 1996, p. 29).

Logo, a cor está – ao menos no recorte examinado pela autora – relacionada ao turismo sexual internacional. Os homens brancos dos países do Norte, que em busca de sexo se dirigem ao Brasil, se interessam por um produto exótico marcado pela cor e suas intersecções com gênero e nacionalidade. O atrativo específico desse produto reside na sexualidade nativa das “morenas” e “crioulos” brasileiros.

Nas publicações analisadas por Piscitelli, a lógica de mercado da prostituição, preocupada em atender às demandas internas de consumo, se utiliza de outras marcas sociais na caracterização de suas prostitutas, com o objetivo óbvio de vender seus serviços e corpos.

“Nas matérias que tratam do turismo sexual internacional, a “cor” evoca as tonalidades associadas ao “afro-brasileiro”. Os textos que apresentam a prostituição envolvendo apenas brasileiros e brasileiras apontam também para “marcas” e noções do “exótico”. Porém, as jovens que chamam atenção dos brasileiros não são “mulatas”. Nos anúncios destinados a eles, além das “loiras de olhos verdes” predominam as “orientais”, “sanseis” ou “mestiças”, filhas de “ciganos” e até de “índios”” (PISCITELLI, 1996, p. 32).

Portanto, fica evidente, nas matérias, que as construções das representações sobre as prostitutas aparecem associadas aos apelos do outro exótico, diferente de si mesmo, portador de outras identidades sociais. No caso dos brasileiros, que dificilmente não se encontram referenciados nas marcas sociais afro-brasileiras, o exótico se localiza em loiras, ciganas, orientais e índias, deixando de lado a cor característica das “morenas”.

Tal fato ressalta mais uma nuance do funcionamento do processo de intersecção. Em alguns casos, há marcas sociais que apenas produzem sentido, para a estruturação das relações de poder, na presença de outras marcas socialmente construídas. Não se questiona, em momento algum, que a cor característica das “mulatas” não possa estar presente no mercado interno brasileiro da prostituição, mas é fundamental observar que essa cor se reveste de significados significantes em intersecção com as relações entre nacionalidades.

O presente trabalho objetiva, particularmente, observar as intersecções entre as diversas marcas sociais que compõem as representações sobre a prostituição em determinados momentos da obra do escritor Jorge Amado. Para tanto, primeiramente, se preocupa em descrever as categorias nativas utilizadas pelo romancista nas representações de suas prostitutas. Em seguida, parte-se em direção a uma análise crítica em relação ao universo representacional sobre as prostitutas, à luz do complexo funcionamento das intersecções entre as categorias analíticas de gênero, classe, raça/etnia, idade/geração e outras possíveis, exigidas pelo contexto.

Antes de dar início ao processo analítico, entretanto, parece fundamental aprofundar a discussão sobre o fenômeno social da prostituição feminina, bem como situar, ainda que brevemente, a vida e obra de Jorge Amado.

## 2. PROSTITUIÇÃO: A PROFISSÃO MAIS ANTIGA DO MUNDO?

A insistente frase “a prostituição é a profissão mais antiga do mundo” retrata, de certa maneira, parte dos difíceis caminhos a serem traçados ao se refletir sobre o comércio do corpo, seus prazeres e fantasias. Parece interessante indicar o desconforto que essa assertiva produz em Carpeaux, na ocasião em que prefacia o livro *História da Prostituição: uma interpretação cultural*. Esse autor traduz seu incômodo relativo à “idade” dessa “profissão” nos seguintes termos:

“Nunca compreendi, alias, por que se fala da “profissão mais antiga”. Pois Eva, a Mãe do gênero humano, nunca parece ter dado ao marido Adão o mais leve motivo para suspeitar da fidelidade conjugal dela e – muito menos – para explicar a suposta infidelidade por motivos econômicos. Já havia, conforme os cinco livros de Moisés, várias profissões quando os israelitas se apoderaram da cidade de Jericó, com a ajuda traiçoeira da cortesã Rahab [...]. “A mais antiga profissão” pode ser um exagero” (CARPEAUX IN BASSERMANN, 1968, *sem página*).

Considerar a prostituição a profissão primeira entre as profissões produz certo estranhamento, dadas as evidências históricas da existência de outras profissões, cujos registros datam de tempo anterior. Entretanto, antes mesmo de se focar nos problemas de ordem historiográfica suscitados, deve-se atentar para a necessidade epistemológica de conceber a prostituição como algo não natural, universal; isto é, destino traçado pelas características biológicas da sexualidade humana.

Investigar a prostituição significa concebê-la enquanto fenômeno socialmente construído. Para tanto, como defende Bourdieu, é preciso substituir as formas substancialistas de pensar por uma perspectiva de análise que se defina relacionalmente.

“Se é verdade que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual eu julgo saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo. [...] Em todos os casos, descobrir-se-á que o problema, aceite como evidente pelo positivismo vulgar (que é a primeira tendência de qualquer investigador), foi socialmente produzido, num trabalho colectivo de construção da realidade social e por meio deste trabalho [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 31-37).

Logo, estudar a prostituição, de forma isolada ou universalmente, esclarece muito pouco a seu respeito e, sobretudo, diz nada ou quase nada sobre o conjunto das relações que estabelece com o social. Por isso mesmo, suas propriedades principais se

perdem, visto que não se encontram na sua suposta essência, mas nas relações que tecem e nas quais são tecidas.

Com o sugestivo título *História da Prostituição: em todos os tempos e em todos os países*, Souza localiza a primeira sociedade em que a prostituição teria aparecido na história, além de indicar a causa desse aparecimento:

“Segundo os mais auctorizados e antigos escriptores, foi na Chaldêa, o mais antigo berço da sociedade humana, onde pela primeira vez se praticou a prostituição. Este povo, ainda meio selvagem, vivia quasi exclusivamente da caça, e, quer por indole, quer pela necessidade da retribuição, exercia a mais larga hospitalidade, e a tal ponto, que se chegava a conceder ao hospede, além do leito e da mesa, as proprias mulheres da casa. Foi pois na Chaldêa que teve origem a prostituição hospitaleira, a primeira de que ha conhecimento e d’onde derivaram todas as outras” (SOUZA, 1913, p.7).

Nessa sociedade, a “economia” da hospitalidade, de acordo com Souza, determina o costume de se oferecer as mulheres da casa aos hóspedes. Essa prática, por conseguinte, é regulada pela dinâmica das relações sociais estruturantes desse “tipo” de prostituição, inscrito, significativamente, no seu contexto sócio-histórico específico.

Não faz sentido algum atribuir à prática denominada de “prostituição hospitaleira” o vínculo estreito com o que, contemporaneamente, se pode entender por prostituição. Faz menos sentido ainda quando essa vinculação se expressa na forma de uma relação causal.

“É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos. Saber, mesmo na ordem histórica, não significa “reencontrar” e sobretudo não significa “reencontrar-nos”. A história será “efetiva” na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. [...] É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar. [...] Há toda uma tradição da história (teleológica ou racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal – movimento teleológico ou encadeamento natural. A história “efetiva” faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo. [...] As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 1979, p.27-28).

A continuidade, portanto, entre os diferentes fenômenos abrigados sob a rubrica “prostituição” precisa ser cortada para que não se enverede por um descaminho analítico incapaz de tratar da especificidade de determinado tipo singular de prostituição, tomado para objeto de estudo.

No caso do presente trabalho, de pouco adiantaria à caracterização da prostituição representada na obra do escritor Jorge Amado o recuo às origens da

prostituição. As representações sobre a prostituição presentes no universo ficcional amadiano somente podem ser analisadas, em sua particularidade, a partir das relações que estabelecem com o mundo social construído por esse autor em seus romances.

Sem dúvida, a discussão factual e improdutiva em busca das origens da prostituição revela, no mínimo, uma postura problemática para o exercício acadêmico. Essa postura intelectual, segundo Foucault (1979, p.18), acredita na ilusão das origens, local em que seria possível captar a essência pura dos objetos submetidos à análise.

“[...] atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. [...] O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate”.

Pode-se dizer que o retorno explicativo às origens, utilizando as palavras de Bourdieu, percebe o real de forma substancialista e não relacionalmente. O entendimento de que o objeto em seu estado nascente revela mais do seu devir do que sua imagem já desgastada – pois portador de sua verdadeira identidade, ainda hipoteticamente a salvo das interferências sócio-históricas – pressupõe, nitidamente, a visão substancialista dos fenômenos sociais.

Não há algo dado que, através dos tempos, desenvolve uma trama de ações saturada de devires. Falar de prostituição é falar de um material humano definido em um contexto sócio-histórico particular. Daí ser amplamente desinteressante arrastar o conceito de prostituição pela história, como uma prática única desenvolvida nas mais diversas sociedades e tempos.

Dessa forma, afirmar que a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, retirando das análises o foco nas especificidades assumidas pelos diversos fenômenos chamados de prostituição, significa ignorar seu caráter relacional. Assim como defender a existência do que se entende atualmente por profissão<sup>8</sup> (determinada ocupação dotada de afazeres e conhecimentos específicos), em todas as épocas e mesmo em todas as sociedades, é somente concebível mediante o exercício do anacronismo.

---

<sup>8</sup> Eliot Freidson (1996), em “Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais”, faz uma análise rigorosa sobre o estudo das profissões. Segundo esse autor, o conceito ideal de profissão construído modernamente pressupõe a relação com o mercado de trabalho formal e com um corpo de conhecimento especializado. A caracterização das práticas enquanto profissão considera, ainda, a necessidade de existência de mecanismos de controle ocupacional, capazes de restringirem, legalmente, o exercício da profissão e de ditarem os parâmetros curriculares implicados na formação do futuro profissional.

Os efeitos do pensamento anacrônico participam da produção da áurea universal referente à prostituição. Essa áurea se sustenta na difusão da idéia de que a prostituição é uma prática cuja essência sofreu tão somente interferências do social ao longo da história.

“[...] considero necessário questionar uma leitura que transforma a prostituição em objeto natural, invariante trans-histórico que poderia ser observado em todas as épocas e sociedades [...] se todas as sociedades conheceram o fenômeno da prostituição, decorrente tanto da necessidade biológica do homem, quanto de uma dimensão perversa inerente à sexualidade feminina, não temos por que nos preocuparmos. Além de desculpabilização, não estaríamos desse modo referendando crenças e preconceitos tão enraizados a respeito da “natureza humana”?” (RAGO, 1991, p.22-23).

Trabalhar com universais é incompatível com as perspectivas de análise que buscam historicizar práticas e representações, objetivando apreender a construção de seus sentidos localizados. A propagada existência da prostituição em todos os tempos, propositalmente ou por descuido, ao universalizar esse objeto, engessa o entendimento sobre suas propriedades assumidas relacionalmente.

Para os movimentos sociais, a exemplo do feminismo, que procuram combater realidades de dominação e exploração, com o intuito de promover mudanças sociais, rumo a uma sociedade mais igualitária, a naturalização das condições sócio-históricas se apresenta como difícil obstáculo a ser superado. Ao se tratar da questão da prostituição, deve-se assumir um ponto de vista radicalmente oposto à lógica da naturalização /universalização dos fenômenos sociais.

Consequentemente, a narração de histórias de prostituição e a descrição de famosas prostitutas ao longo das épocas, apesar de interessantes, desempenham papel pouco produtivo, considerando o objetivo de se delinear o campo social, as práticas e representações específicas sobre a prostituição nos romances de Jorge Amado.

De forma genérica, é possível afirmar que o tema da prostituição, na obra desse autor, dialoga com os valores da sociedade brasileira do século XX – já que seus romances<sup>9</sup> foram escritos e/ou têm sua época de ação referenciada nesse século. Isso,

---

<sup>9</sup>A classificação da obra de Jorge Amado, segundo os gêneros literários, oferecida pelo site da Fundação Casa de Jorge Amado ([www.fundacaojorgeamado.com.br](http://www.fundacaojorgeamado.com.br)), contabiliza vinte e quatro romances, duas biografias, dois guias; duas memórias, uma peça teatral e um livro infantil. Todos os vinte e quatro romances foram publicados entre 1931 e 1997. Paulo Tavares (1985), em *Criaturas de Jorge Amado*, analisa minuciosamente a obra do romancista baiano, fazendo levantamento exaustivo de suas personagens. O trabalho de Tavares se estende do romance *O País do Carnaval*, de 1931, até *Farda*,

sem contar com as experiências vividas por Jorge Amado (1912-2001), integradas em sua biografia, em função das intersecções entre os diversos determinantes sociais que, segundo Bourdieu (1983), fazem dos indivíduos desvios regulados de um *habitus*.

No diálogo entre prostituição e sociedade brasileira do século XX, determinados valores morais se relacionam mais diretamente com essa prática, estruturando as representações compartilhadas sobre a prostituição nesse período. Não se deve deixar de considerar a complexidade desse diálogo, pois, ao longo de um século, costumam ocorrer mudanças nos códigos morais das sociedades.

Por outro lado, parece possível defender, em conjunto, nesse caso, a importância de um sistema moral que valoriza a instituição da família, a união heterossexual monogâmica e a virgindade. Por isso mesmo, esse sistema não tolera a infidelidade feminina e tenta confinar, em locais específicos, o exercício das sexualidades contrárias aos seus padrões moralizantes.

Convém destacar o papel do discurso médico-policiaI na construção das representações compartilhadas sobre as prostitutas. Em nome da moral e dos bons costumes, os policiais se encarregaram de criminalizar a prostituição enquanto que a medicina a revestia de uma imagem patológica, produto da degeneração feminina. A representação da degenerada-nata definiu, durante décadas, o caráter psicológico das prostitutas.

No século XX, a modernização e o crescimento das cidades brasileiras foram decisivos para a estruturação da prostituição, nas suas representações e práticas, forjando uma economia específica do desejo. A partir dessa época, a relação prostituta-cliente se insere, predominantemente, no âmbito das relações de troca mediatizadas pelo dinheiro, e todo o aparato modernizante da prostituição começa a se instalar: prostíbulos, revistas e filmes eróticos.

## 2.1. Brasil Colônia: concubinato e prostituição sem *prostibulum*

No Brasil Colônia, a presença das relações pluriétnicas, no âmbito do concubinato, contrasta com a monotonia “monocromática” dos arranjos matrimoniais.

---

*pardão, camisola de dormir*, de 1979. Entre, portanto, os vinte romances analisados por Tavares, quatro romances possuem época de ação indeterminada e dezesseis estão situados no século XX.

De fato, nas terras brasileiras do século XVI até o século XVIII, o casamento ocorria, prioritariamente, entre os de mesma cor e riqueza.

“Rival e cúmplice do casamento a um só tempo – e por vezes enlaçado com o estado clerical – o concubinato moldava as relações extraconjugais da Colônia, relações em boa medida pluriétnicas, não sendo comum naquele tempo a ocorrência de casamentos entre nubentes de posições sociais díspares. Casavam-se todos “dentro da mesma igualha”, ou quase, como que a seguir o conselho dos moralistas, ao menos quanto à cor e à fortuna, deixando os amores e deleites para o mundo dos “tratos ilícitos”” (VAINFAS, 1997, p. 14).

Nos intercâmbios sexuais extraconjugais entre senhores e escravas (os), o senhor, na posição de mandatário maior em sua propriedade, dispunha de suas posses arbitrariamente. Tal disposição arbitrária permitia a imposição de relações concubinárias pluriétnicas.

“Acostumados a ver nos escravos bens pessoais, os senhores, mesmo que pobres, estendiam seu senhorio à esfera sexual, de maneira que não seria exagero dizer que a escravidão não raro implicava a possibilidade do concubinato, de chamegos entre amos e cativas, e por vezes em relações homossexuais com os cativos [...]” (VAINFAS, 1997, p. 11).

As escravas apresentavam-se, simultaneamente, como força destinada aos trabalhos e objeto sexual – do qual o senhor usufrui à sua maneira e gosto – observando tão somente a lei caprichosa dos seus desejos. O concubinato interagiu, estreitamente, com escravidão indígena e negra no Brasil.

O caráter pluriétnico da sexualidade do Brasil Colônia não pressupõe, em momento algum, a ausência de violência sexual e a existência de democracia racial. Na verdade, entre brancos e não brancas (negras, índias ou pardas) o mais freqüente foram os “prazeres” oriundos dos “tratos ilícitos”, e não os laços matrimoniais.

Desse modo, no universo dos relacionamentos concubinários, as relações sexuais pluriétnicas ocuparam um espaço significativo. Nesse particular, não se deve esquecer do caso específico, mas não menos numeroso e execrável, das relações tecidas, a força, entre senhores e escravas. Os efeitos do entrecruzamento de gênero, raça e classe<sup>10</sup> operaram, de forma ativa, na dinâmica do concubinato do Brasil Colônia.

---

<sup>10</sup> O conceito de classe social, empregado no âmbito de uma sociedade escravista, pode parecer fora de contexto. Uma acepção mais ampla de classe social, contudo, parece permitir essa utilização, “pois castas e estamentos podem ser tomados como embriões de classes sociais” (SAFFIOTI, 1992, p.197).

Arraigada de preconceitos raciais, a sexualidade colonial se desenvolve num terreno de desigualdades entre os sexos. Quando raça e gênero se intersectam, a subordinação e objetificação das mulheres negras é severamente redimensionada. Pode-se dizer que as relações sexuais pluriétnicas do Brasil Colônia foram carregadas de componentes animais, como defende Prado JR. (1997, p. 343):

“A outra função do escravo, ou antes da mulher escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um feito menos elementar. Não ultrapassará também o nível primário e puramente animal do contacto sexual, não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de emoções e sentimentos tão amplos que chegam até a fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem”.

Além de seu aspecto pluriétnico/racial, gendrado e de classe, vale chamar atenção para o fato de o concubinato ter se constituído no padrão mesmo das relações extraconjugais da Colônia. No entanto, a prostituição também se desenvolveu nesse período, tendo o meretrício assumido suas formas a partir das relações estabelecidas com diversos determinantes sociais da época. Entre esses determinantes circunstanciados historicamente, merecem destaque os que se relacionam, mais diretamente, com o exercício da sexualidade.

A ausência de privacidade se constitui numa condição sócio-histórica fundamental para a análise das vivências e comportamentos no Brasil Colônia. A falta de experiência do privado se estende ao campo da sexualidade. As casas dos Senhores, por exemplo, se caracterizavam pelos espaços devassados, dificultando, sobremaneira, as experiências do viver privado, inclusive no que se refere à prática do sexo. Nesse sentido, “o traço característico maior da sexualidade colonial, quanto aos “lugares do prazer”, reside exatamente na inespecificidade e na visibilidade dos espaços eróticos” (VAINFAS, 1997, p. 27).

Obviamente que toda a “reduzida” existência de privacidade ecoa nos domínios da prostituição praticada no Brasil colonial. Um primeiro deslocamento se produz sobre a forte associação, presente nos dias de hoje, entre nudez e erotismo.

“Mas é realmente discutível, se nos transportamos para o mundo do século XVI, associar diretamente a nudez e o erotismo [...]. Na própria Europa da época a nudez não era tão estigmatizada como veio a ser posteriormente, sendo comum famílias inteiras banharem-se despidas, no verão, em banhos públicos e rios, costume que seria de fato combatido, com êxito lento, pelas reformas católica e protestante. Mas no final da Idade Média, e mesmo nos

quinhentos, “parece ter sido prática muito comum, diz Norbert Elias, pelo menos nas cidades, despir-se em casa antes de ir para a casa de banhos”” (VAINFAS, 1997, p. 33).

A nudez se constitui num dos principais produtos da moderna indústria do sexo. Atualmente, a grande quantidade de revistas<sup>11</sup> ditas masculinas, que trazem mulheres fotografadas nuas em suas edições, pode ser observada em quase todas as bancas de revistas das cidades brasileiras. Entretanto, no passado colonial, nudez e erotismo não se encontram ainda perfeitamente equacionados.

À dissociação ou ao fraco elo entre nudez e erotismo e à inespecificidade dos “lugares do prazer”, somam-se os diminutos índices de urbanização e modernização da sociedade colonial brasileira, determinando a estrutura específica que a prostituição assume nesse período.

“No Brasil Colonial, terra rústica de poucas cidades, não pôde haver nem *civilità puttanesca*, nem sequer bordéis. Sociedade onde a prostituição funcionava sem o tradicional *prostibulum*, assim era o Brasil Colônia [...]. Em compensação, viscejavam a alcovitagem e as casas de alcouce, presentes em qualquer pequena vila, nas cidades maiores ou até nos precaríssimos caminhos e estradas. [...] Ao Brasil Colônia faltaram bordéis, é verdade, mas a colônia toda era ou podia ser um grande *prostibulum*, especialmente as cafuas dos pobres, que não raro alcovitavam as próprias mulheres e filhas” (VAINFAS, 1997, p.28).

A prostituição, no Brasil Colônia, se caracteriza pela inexistência de prostíbulos e de seu conjunto de práticas voltado aos prazeres; pela ausência de locais específicos para o exercício da prostituição na geografia das precárias cidades, bem como pelo fraco laço entre nudez e erotismo. Com a modernização e o crescimento das cidades brasileiras, a prostituição se diferenciou em práticas, hábitos e representações, em função das relações que estabeleceu com o novo campo social em transformação.

## 2.2. A modernização do “mundo dos prazeres”

O século XIX encerra o período colonial brasileiro. Apesar de a transferência da família real portuguesa ter promovido inúmeras transformações sócio-culturais e

---

<sup>11</sup> De acordo com as informações divulgadas pela Editora Abril, no endereço eletrônico <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=36>, acessado em 06/10/2009, somente a revista masculina PLAYBOY vendeu, em média, em 2008, 204.094 exemplares por mês. Durante todo o ano de 2008, totalizou 2.511.000 leitores. Esses números podem funcionar como indicadores da erotização da nudez no Brasil contemporâneo.

iniciado, na prática, o processo de independência da colônia lusitana, o fim desse período não decorre somente da instalação da Coroa no Brasil (ROCHA-TRINDADE, 1986).

“[...] Tínhamos naquele momento chegado a um ponto morto. O regime colonial realizara o que tinha para realizar. [...] o sistema colonial na totalidade de seus caracteres econômicos e sociais [...] se apresenta prenhe de transformações profundas. A obra colonizadora dos portugueses, na base em que assentava, e que em conjunto forma aquele sistema, esgotara suas possibilidades. [...] Entramos então em nova fase” (PRADO JR., 1997, p.9-10).

Entre a metade do século XIX e início do século XX, o Brasil vivencia modificações reais em sua estruturação urbana, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. “Entre 1890 e 1930, o Brasil passa por mudanças decisivas em sua história, sobretudo devidas ao estabelecimento do sistema republicano, à constituição do mercado de trabalho livre, à industrialização, à imigração européia e à rápida modernização da vida social e política” (RAGO, 2005, p.114).

Os ares da modernidade vinham atrelados à adoção de hábitos e costumes do “civilizado” continente europeu. Em oposição às idéias e práticas modernas, figuravam os antigos costumes da colônia – que deviam ser suplantados em nome do progresso e da civilização.

“A modernidade imaginada e almejada era explicitada na eliminação do que se considerava “atraso colonial”, com o combate aos costumes e usos tradicionais, e na construção de uma nova imagem da cidade, livre das ruelas estreitas e sujas, da população negra e pobre que vagava pelo centro da cidade, do odor fornecido pelos animais que circulavam pelas ruas, do comércio ambulante com pouca higiene e das epidemias que aterrorizavam os estrangeiros que aqui chegavam” (GRUMAN, 2006, p.83).

A então recém-surgida indústria do lazer abriu as portas para novas formas de sociabilidade nos meios urbanos. Os passeios pelas ruas do centro do Rio de Janeiro se tornam freqüentes. Teatros, confeitarias e lojas elegantes fazem parte do cotidiano dos que vivenciam o mundo moderno. Em São Paulo, experimentou-se o mesmo clima de efervescência cultural com as apresentações artísticas nos cafés-concerto, como o famoso Politeama-Concerto.

Os padrões culturais importados da França se impuseram como a principal referência de modernidade e sofisticação. Os valores da vida social e cultural francesa influenciaram decisivamente a moda, a culinária, a decoração e a elite intelectual do Brasil nesse período.

“O luxo da Corte de Luís XIV e o prestígio da literatura e da filosofia permitiram que esse ideário se espalhasse por boa parte do ocidente. Passa a fazer parte da boa formação, por exemplo, que um rapaz de boa família fosse enviado a Paris para completar a sua educação. Os bons modos, tanto na cultura como na educação e na vida mundana, eram regulados pela maneira parisiense de ver e de ser” (MATTOS, 2006, p.1).

Logo, o domínio da língua francesa e sua utilização representavam a modernidade desejada em oposição ao atraso da colônia. As festas populares tradicionais, a capoeira, os cortiços, enfim, tudo que rememorasse o passado colonial “não civilizado” devia ceder espaço ao glamour francês moderno.

A estreita associação entre cultura francesa e modernidade, presente nas representações dessa época, se estendeu ao campo da sexualidade. As prostitutas brasileiras, negras ou brancas, perderam espaço para as prostitutas estrangeiras, principalmente as francesas.

“[...] no imaginário estabelecido na experiência da modernidade, em São Paulo, mas também em muitas outras cidades brasileiras, as prostitutas de luxo *francesas* e *polacas* eram altamente apreciadas como *agentes civilizadores*, isto é, consideradas responsáveis pela introdução de novos hábitos, costumes e modos de vida existentes em Paris. Muitos bordéis e cabarés adotaram nomes franceses, além de copiarem a decoração e o estilo usados nos estabelecimentos franceses, criando um cenário condizente com a teatralização da vida do submundo parisiense, com a qual sonhava a rica burguesia (RAGO, 2005, p.114).

Entretanto, nem tudo era glamour e sofisticação. O baixo meretrício coexistia com a prostituição de luxo das francesas. As negras pobres se prostituíam num ambiente marcado pela bestialidade do sexo, próprio à satisfação das mais acentuadas perversões. Se a violência é constitutiva do mundo da prostituição indistintamente; no baixo meretrício, as relações violentas se expressavam quase que livremente, sem freios morais ou repressão social.

“A prostituição negra pobre não teve (tem) desconto, ao contrário da branca, mais adequada a satisfazer as necessidades libidinais dos homens das classes dominantes. [...] justificava-se um tratamento repressivo [policial] muito mais violento sobre a meretriz preta do que sobre a branca, pois além do descontrole “natural” da mulher prostituída, trazia na pele a cor do pecado. [...] a prostituta negra simbolizava a figura da perversão total do corpo aberto às superfícies de contato [...]” (RAGO, 1991, p.243-244).

Assim, na transição do século XIX para o século XX, a intersecção entre gênero, classe e raça, descrita nesse contexto também em termos de cor, opera desempoderando as mulheres negras que se prostituíam. Não se deve acreditar que a preferência do

turismo sexual internacional pelas “morenas” brasileiras, praticado atualmente, esteja desligada das representações perversas sobre a utilização dos corpos das negras do início do século passado. Piscitelli (1996) demonstra como a “cor” se reveste de significados na interação entre nacionalidades, marcando o “outro” enquanto objeto a ser consumido – sem qualquer interioridade.

No alto meretrício, as prostitutas francesas foram as responsáveis pela introdução de novas formas de socialização no mundo dos prazeres. Ao refinamento das francesas se entregavam os jovens das elites locais para se iniciarem sexualmente: o que estava em jogo, nesse momento, não era apenas sexo, mas a transmissão dos códigos e hábitos sociais civilizadores.

“A indústria do prazer para os ricos era simbolizada pela figura da cortesã “francesa” e pelo consumo de champanhe. Estas prostitutas gozavam de um nível de vida elevado por conta dos presentes recebidos (roupas e jóias) e do preço que cobravam pelos serviços prestados. O rico empresário ou o político influente, ao consumir o corpo da meretriz “francesa”, consumia, sobretudo, um estilo de vida considerado moderno e civilizado” (GRUMAN, 2006, p.87).

A troca da cerveja pelo champanhe francês representa a necessidade de se abandonar os padrões de consumo de um país “ultrapassado”. Nos cabarés sofisticados, o uso dos prazeres não se reduzia aos encontros sexuais. Com efeito, nesses locais, se apresentavam peças teatrais, espetáculos musicais e, entre transações comerciais e os afazeres da política, se difundiam o consumo de novas drogas, numa atmosfera fantástica, em que se refletiam as projeções em relação às modernas sociedades européias.

É interessante notar que a associação entre modernidade e prostituição ocorreu também em Belém e em Manaus entre 1890 e 1910, quando do “boom da borracha”. A riqueza advinda do comércio da borracha, em alta no mercado internacional, produziu mudanças nessas cidades, modernizando-as.

“A prosperidade era visível pela quantidade de produtos de luxo importados e pelo uso de vestimenta européia por parte da classe média e alta no dia-a-dia. [...] O francês era a língua estrangeira preferida e Paris, a referência intelectual e da moda, enfim, a fonte cultural de onde todas as idéias brotavam. [...] Não é por acaso, por exemplo, que o café mais conhecido de Belém se chamasse *Moulin Rouge*. O prazer a ser encontrado deveria ter o estilo francês, seu estilo de vida, de preferência na companhia de prostitutas bem vestidas, adornadas com jóias e *brancas*. A vestimenta refletia as crenças, valores e aspirações que habitavam o imaginário social daqueles que queriam ser modernos. O Brasil da *Belle Époque* era uma sociedade que

buscava acabar com a imagem de uma nação habitada por indivíduos de origem indígena ou africana”(GRUMAN, 2006, p.85).

Pode-se dizer que, na Belle Époque brasileira, os negócios do sexo se expandem. Entretanto, essa expansão não ocorre apenas através da prostituição das francesas e de outras estrangeiras em seus luxuosos cabarés. A nascente indústria do sexo produz as primeiras revistas e filmes eróticos no Brasil, explorando a associação entre nudez e erotismo enquanto produto a ser comercializado.

“É muito provável que inúmeras outras publicações e livros pornográficos circulassem nos cafés-concertos e cabarés. Entretanto, apenas em 1924, abre-se um espaço para o desnudamento completo do corpo feminino como erotismo na imprensa brasileira, através de revista *Shimmy*. Antes disso, o público só podia ter contato aberto com cenas eróticas e exibições de nus femininos através de filmes, cartazes e revistas de cinemas, que também começavam a explorar comercialmente o erotismo” (RAGO, 1991, p.91).

A prostituição praticada nos principais centros urbanos do Brasil, nessa época, representa mais do que o “local” necessário aos despejos da hipotética exuberante sexualidade masculina. O objetivo de civilizar-se, tão caro à sociedade brasileira de então, que procurava se distanciar dos costumes e tradições da vida em colônia, encontra um poderoso agente nas prostitutas estrangeiras. As representações sobre o alto meretrício, compartilhadas por brasileiros e brasileiras, encontravam-se em estreita associação com a sofisticação e a modernidade das civilizações européias, com destaque para a cultura francesa.

### 2.3. Cada qual em seu lugar

O processo de urbanização e modernização de determinadas cidades brasileiras configurou novas formas de sociabilidade, atentando-se especialmente para as relações tecidas entre a prostituição de alto luxo e a difusão dos hábitos modernos. Outra face da modernização, no entanto, leva as famílias e mulheres das elites a saírem do isolamento de suas casas em direção às confeitarias e aos teatros. Os espaços urbanos de lazer ensejam uma combinação extremamente perturbadora para o período:

“A presença das famílias nas ruas pressiona a polícia a atuar cada vez com maior vigor na moralização dos costumes. À medida que a cidade se expande e se urbaniza, surge um comércio mais diversificado e se multiplicam os espaços de sociabilidade [...]. Numa conjuntura na qual a

igualdade entre os sexos ameaçava a ordem tradicional estabelecida, a prostituta tornava-se essencial, ou seja, é em referência à entrada da mulher no âmbito da vida pública que a prostituição vai sendo tematizada. [...] A liberdade da “mulher honesta” estaria sempre limitada no plano simbólico pela presença da meretriz, seja ela de luxo ou não” (GRUMAN, 2006, p.86).

O ideal burguês que definia as atribuições das mulheres, ou seja, os afazeres das mães e esposas, as exortava a trabalhar fora, sem negligenciar os seus deveres do lar. Assim, a participação na esfera pública era estimulada pelos valores burgueses. Essa aparente liberdade foi regulada, minuciosamente, pelo contraponto da “mulher honesta”: a prostituta.

A terrível possibilidade de ver uma das suas entregue ao mundo vicioso do meretrício sustentava, na verdade, a real política de contenção de entrada das mulheres na tradicional esfera pública masculina. Multiplicam-se as regras de conduta e boas maneiras, desde o comedimento no uso de perfumes e maquiagens, passando pelo recato das roupas, até a economia dos gestos. O menor risco de identificação com as meretrizes devia ser fortemente combatido em nome da “honra” das mulheres “honestas”. O fantasma da prostituição assombrou, significativamente, a entrada das mulheres na esfera pública.

Alguns setores da sociedade se preocuparam, de maneira obstinada, em demarcar os espaços urbanos, combatendo e tentando circunscrever a prostituição a lugares específicos. O desenvolvimento das cidades era algo desejável, mas a parte negativa do progresso devia ser saneada. Os médicos, portadores do conhecimento científico, se dispuseram a solucionar os problemas sociais brasileiros. Rapidamente, conquistaram larga parcela de participação nas instituições públicas, uma vez que além da posse do argumento científico, tinham, a seu lado, o fato de pertencerem à elite econômica e política do país.

“Preocupados com a moralização das condutas sociais, com a preservação da família e do casamento, os médicos elegeram a prostituição como um fantasma que ameaçava desestabilizar as instituições e os valores sociais. A crescente atenção que passaram a devotar aos amores ilícitos, desde meados do século 19, assim como sua preocupação com a necessidade de definir rigorosamente as fronteiras entre as práticas sexuais permitidas e as proibidas, entre as figuras da *mulher honesta* e da *degenerada-nata*, segundo a terminologia lombrosiana, atestam menos um interesse em promover melhores condições de vida para as meretrizes exploradas, do que uma preocupação obsessiva com a definição dos códigos modernos da sexualidade” (RAGO, 2005, p.104).

Os médicos não se achavam sozinhos na consecução da difícil tarefa de delimitação e controle dos “amores ilícitos”. Com o crescimento demográfico e a elevação dos índices de criminalidade, as autoridades públicas e policiais investem contra a vagabundagem, as drogas e a prostituição. Em 1896, o delegado Candido Motta consegue que o *Primeiro Regulamento Provisional da Polícia de Costumes* fosse decretado. Em 1915, se tornou rotina o registro das prostitutas na Polícia de Costumes. As medidas policiais se pautavam na defesa dos bons costumes e na preservação do trânsito das famílias respeitáveis.

O discurso médico sobre a sexualidade associou a prostituta à figura da degenerada-nata, anômala e desviante, além de responsabilizá-la pela disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, esquecendo-se da parcela contributiva (o discurso religioso diria de culpa) de seus clientes. Um fenômeno social passa a ser pensado enquanto problema patológico. O discurso médico redefiniu as representações sobre a prostituição, aproximando-as da noção de doença e morte.

“A concepção da prostituição como principal meio de produção e difusão das moléstias venéreas define-a, antes de tudo, como doença, inserida seguramente no campo dos estudos de higiene médica e saúde pública. [...] A prostituição é assim concebida como um perigo escondido nos “antros” e coberto por um “véu”. Um perigo desconhecido que, apesar de “repugnante”, “imundo”, “miserável” e “degradante”, deve ser estudado pelo médico. [...] Para conhecer a prostituição foi preciso deixar de vê-la apenas como pecado, para convertê-la, antes de tudo, em doença [...]. Para que o médico se aventurasse a explorar a “toca” foi preciso, antes, afirmar que aí se escondia a doença...” (ENGEL, 2004, p.66).

De forma geral, os discursos das autoridades médicas e policiais sobre a prostituição oscilavam entre a vitimização e a natureza patológica das meretrizes. As causas da prostituição, inicialmente, eram atribuídas a condições sociais de pobreza e miséria, construindo a representação da prostituta vítima. Com o desenvolvimento das argumentações, essas causas se distanciaram das questões sociais e se aproximaram do campo patológico referente às personalidades perversas.

É interessante observar que, ao lado do papel civilizador, constituinte das representações sobre as prostitutas estrangeiras, coexistia o temor aos seus poderes destrutivos, condensados na figura da femme-fatale. Temia-se que essas mulheres perversas e sedutoras desviassem a juventude que se utilizava de seus “serviços”. Ao mesmo tempo, a idéia da femme-fatale justificava as violências cometidas por seus

clientes contra essas mulheres. O argumento se baseava na responsabilidade que as “meretrizes perversas” possuíam pelo estado de loucura de seus clientes.

O discurso médico sobre a sexualidade feminina foi extremamente bem sucedido na associação entre prostituição, personalidade patológica, doença e morte. Nesse sentido, o fantasma da prostituição agiu, de forma eficaz, na retenção e regulamentação da entrada das “mulheres honestas” na esfera pública.

“Vale lembrar que até os anos 1970, no Brasil, a figura da *mulher pública* era associada à prostituta e não à mulher politicamente ativa, como hoje conhecemos. [...] Portanto, a construção médica da identidade da prostituta contribuiu para a internalização do modelo ideal da boa-esposa-mãe-de-família. Fumar ou assobiar em público, vestir roupas muito coloridas ou decotadas, ir a bares e restaurantes sem uma companhia masculina, ou participar dos movimentos sociais eram vistos como atitudes reprováveis, já que sinalizavam condutas desviantes para as *mulheres honestas*, termo que se perpetuou no Código Penal até 1988” (RAGO, 2005, p.104).

As representações sobre a “mulher pública”, em estreito vínculo com o universo da prostituição, podem ser entendidas fazendo-se apelo ao marcante traço patriarcal<sup>12</sup> da sociedade brasileira. A lógica patriarcal e seus valores perpassam toda a história desse país. Participam, ativamente, na determinação dos comportamentos e do exercício da sexualidade, dando forma e conteúdo às relações de gênero patriarcais.

#### 2.4. Relações de gênero patriarcais e “revolução sexual”: o que a prostituição tem com isso?

Entre os séculos XVI e XVII, as primeiras famílias do tipo patriarcal se instalaram no Nordeste brasileiro, com o objetivo de explorar a monocultura açucareira.

---

<sup>12</sup> O patriarcado, inicialmente identificado à figura do patriarca – o chefe ou “cabeça” da família – diz respeito ao poder e autoridade do varão sobre sua mulher, filhos e criados. Contudo, o patriarcado pode ser visto a partir de outra perspectiva, repensando seus raios de ação. Desse ângulo, o patriarcado se desloca da figura do patriarca; ganha as instituições e passa a ser concebido em termos de organização social: “Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 50).

De fato, Dahlerup (1987, p. 122, tradução nossa) nota que o “[...] patriarcado é uma totalidade de estruturas, processos, relações e ideologias que quicá não beneficiam os homens, nem as mulheres, nem as crianças”. Segundo Castellanos (1996, p. 24, tradução nossa) a reprodução dos modelos de famílias patriarcais depende das mulheres: “A melhor dominação, a mais eficiente, é a que se apóia em membros do próprio grupo subjugado [...] as famílias patriarcais sempre dependem de mulheres [...] para manter o controle sobre as filhas e as jovens”.

De acordo com o argumento de Gilberto Freyre, a família patriarcal é de fundamental importância para o entendimento da formação do Brasil.

“O sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, foi um sistema de plástica contemporização entre duas tendências. Ao mesmo tempo que exprimia uma imposição imperialista da raça adiantada à atrasada, [...] representou uma contemporização com as novas condições de vida e de ambiente. [...] Desde esse momento que o português [...] tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social; o criador de um novo tipo de habitação” (FREYRE, 1980, p.lxii-lxiii).

A partir da década de 1970, revisões historiográficas preocupadas com a questão da “família brasileira” começam a interrogar a generalização do modelo de família patriarcal estudado por Freyre. Essa estrutura familiar não se aplicaria a todas as regiões brasileiras, ficando restrita, em sua dimensão característica, aos engenhos nordestinos de cana-de-açúcar dos séculos XVI e XVII.

“[...] as famílias extensas do tipo patriarcal não foram as predominantes, sendo mais comuns aquelas com estruturas mais simples e menor número de integrantes. Isso significa que a descrição de Freyre (1987) para as áreas de lavoura canavieira do Nordeste, foi impropriamente utilizada e deve ser reelaborada nos estudos de família, a partir de critérios que levem em conta temporalidade, etnias, grupos sociais, contextos econômicos regionais, razão de sexo e movimento da população” (SAMARA, 2002, p.1).

A constatação da não predominância das extensas famílias patriarcais, largamente apoiada por estudos estatísticos, não revela, por seu turno, mais do que uma questão de estrutura, ou melhor, de morfologia familiar. As continuidades e/ou mudanças dos valores compartilhados, correntemente, pela diversidade de famílias brasileiras ao longo da história não podem ser problematizadas por estudos focados apenas nas formas familiares.

O Código Civil Brasileiro de 1916 circunstancia a possibilidade de as mulheres trabalharem à autorização do marido. Somente com as alterações sofridas por esse Código, em 1962, a mulher casada passa a ser identificada, nos termos da lei, como absolutamente capaz, podendo inserir-se – a partir de então – no mercado de trabalho, sem a necessidade de autorização prévia do cônjuge.

A refutação sobre a predominância do paradigma da família patriarcal gilbertiana, efetuada por recentes estudos sobre família, apesar de revelar uma nova conjuntura de organizações familiares, diz pouco das transformações e/ou permanências dos valores, representações e práticas desse domínio.

De fato, as relações de gênero, os valores e o exercício da sexualidade constituintes da miríade de organizações familiares brasileiras – que variam em função de seus determinantes regionais, raciais, econômicos, de classe e de gênero – estão contundentemente referendados na efetividade do patriarcado.

“[...] o modelo patriarcal gilbertiano é referencial, faz parte da formação brasileira e é este modelo que se “casa” posteriormente com o modelo da família nuclear burguesa, “que será reapropriado e adaptado pela mentalidade da família patriarcal” [...] este modelo é estruturador de toda uma concepção hierárquica de formas de famílias, completas umas e incompletas outras” (MACHADO, 2001, p.15).

Atualmente, no contexto da dinâmica familiar, observa-se a continuidade das relações de gênero patriarcais, por exemplo, na divisão de tarefas. As mulheres conquistaram o direito de trabalhar “fora”, não conseguiram, todavia, dividir equitativamente as tarefas domésticas (referentes aos cuidados da casa e dos filhos), tendo de desempenhar a conhecida dupla jornada de trabalho (NARVAZ; KOLLER, 2006).

A figura masculina continua identificada com a autoridade máxima do lar, a despeito das contribuições econômicas femininas para a subsistência das famílias. Isso, sem contar com a persistência da invisibilidade e ausência de reconhecimento social dos trabalhos desempenhados por mulheres, que se refletem na sua baixa remuneração salarial (NARVAZ; KOLLER, 2006).

No campo da sexualidade, a exigência de castidade e fidelidade que recai sobre as mulheres, própria ao universo de valores difundidos entre as famílias patriarcais, continuou, por décadas, a ser perseguida pela família nuclear burguesa brasileira.

“Todo um dispositivo de controle se colocava, então, em funcionamento a fim de preservar a reputação e a honra da moça, representada pela virgindade, bem supremo de troca no matrimônio burguês. [...] a mulher que perdeu a virgindade ou consegue manter o sucedido em segredo, e tudo lhe corria bem, ou só tinha três alternativas: a prostituição discreta, se fosse pobre, o celibato ou um casamento arranjado. [...] Das noivas era exigida pureza: virgindade e nada de contatos com o sexo oposto” (DEL PRIORE, 2006, p.279-280).

A necessidade de permanecer casta constitui-se socialmente, para a mulher, em requisito fundamental para que possa se integrar, como boa mãe e esposa, à lógica familiar burguesa. Até a década de 1970, qualquer possibilidade de se ver associada a condutas “desviantes” e “impuras” atormentava a grande maioria das almas femininas,

pois sem a preservação da “honra” e dos “dons” virginais, o sonho do casamento se obliterava acentuadamente.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a “revolução sexual” questionou certos valores sociais, interpelando, por exemplo, a dupla moral sexual<sup>13</sup>. O feminismo teve um papel fundamental nos questionamentos feitos a essa moral machista. Uma considerável reivindicação do movimento feminista se centrou na luta pelo direito de autonomia das mulheres em relação ao próprio corpo (HEILBORN, 2006).

Dentre os embates relativos à auto-apropriação de seus corpos, as mulheres do movimento feminista lutaram por que a sexualidade feminina pudesse ser exercida sem os tradicionais impeditivos característicos das sociedades marcadas pelo patriarcado. A pílula anticoncepcional, nesse contexto, ajudou as mulheres a experimentarem o sexo dissociado da reprodução, contribuindo para a vivência de maiores liberdades sexuais (HEILBORN, 2006).

Note-se que a dissociação se deu entre sexo e reprodução, porque entre reprodução e maternidade continua a existir a percepção de uma continuidade “natural”, engendrada pelo regime tradicional de divisão do trabalho entre os sexos. A persistência de diversas ocupações identificadas, ainda hoje, ao sexo feminino, como atesta a naturalização do papel das mulheres frente aos cuidados da prole, desmascara a idéia de que, nos anos 1960, houve, de fato, uma “revolução sexual<sup>14</sup>”.

---

<sup>13</sup> Scott (1991, p.16) teoriza gênero como uma “forma primeira de significar as relações de poder”. Desse modo, as primeiras concessões e proibições das culturas judaico-cristãs e islâmicas se referenciam em relações de gênero hierarquicamente diferenciadas. A dupla moral sexual seria um dos efeitos dessa hierarquização entre os gêneros. De fato, “[...] a dupla moral sexual [...] impõe mais restrições à expressão sexual das mulheres e maior tolerância às relações extraconjugais dos homens. No âmbito das relações afetivo-sexuais, tal valoração moral estabelece uma subordinação da mulher [...]. A sexualidade masculina caracteriza-se como expansiva e quase incontrolável, enquanto a feminina é percebida como objeto do controle masculino” (AMORIM; ANDRADE, 2006, p.332).

<sup>14</sup> Heilborn (2006) e Bozon (2003) questionam a ocorrência de uma revolução sexual entre os anos 1960 e 1970. Bozon (2003) reconhece que a sexualidade deixou de ser prerrogativa dos sujeitos casados, tornando-se central na sustentação das uniões. Contudo, apesar do descolamento do exercício sexual do âmbito do matrimônio, as relações de gênero não sofreram profundas transformações, não sendo possível se falar em revolução sexual.

“Se a sexualidade se tornou a linguagem básica do relacionamento (e não mais seu sub-produto), isso não se traduz numa revolução nas relações de gênero que teria modificado radicalmente os lugares de cada um. A auto-elaboração dos atores produz um sistema de gênero tão rígido como as injunções e controles sociais antigos. Mostramos que as experiências sexuais dos indivíduos no mundo contemporâneo continuam a ser estruturadas por pares de oposição em tensão permanente. [...] Ora, essas oposições tendem a fixar-se numa divisão de trabalho estável entre os sexos, geralmente justificada em termos de diferenças de natureza psicológica entre homens e mulheres. Enquanto os homens são vistos como sujeitos desejanter independentes, a mulheres continuam a ser vistas como objetos a serem possuídos” (BOZON, 2003, p.153).

No entanto, o fato de as relações entre os gêneros não terem sofrido profundas transformações não significa que algumas mudanças não tenham ocorrido nas últimas décadas. O próprio Bozon (2003)

Todavia, não se pode negar que, a partir das décadas de 1960 e 1970, as condições sociais das mulheres sofreram mudanças. As condutas, os gestos, as formas de se vestir, assim como a vida sexual das mulheres passaram a ser menos vigiadas. Ao menos, não continuam tão influenciadas, em sua construção social, pela lógica negativa – que afluía do contraponto fantasmagórico do mundo da prostituição. A virgindade feminina, por exemplo, não opera mais como um tabu, que, uma vez quebrado, reduz drasticamente as chances de se fazer casar.

“Era o início do fim de amores que tinham de parar no último estágio: “quero casar virgem”! Deixava-se para trás a “meia-vingem”, aquela na qual as carícias sexuais acabavam “na portinha”. As mulheres começavam a poder desobedecer às normas sociais, parentais e familiares. [...] Acabado o amor, muitos casais buscavam a separação. E, desse ponto de vista, o adultério feminino era uma saída possível, para quem não ousasse romper a aliança” (DEL PRIORE, 2006, p.302).

Parece plausível defender que o redimensionamento dos valores tradicionais como a virgindade, a pureza e castidade, na constituição do ideal de “boa esposa mãe de família”, desarticulou a estratégia dos discursos que procuravam regular a entrada e a conduta das mulheres na esfera pública, através do fantasma da prostituta. Como já foi referido, esses discursos se prestavam, substancialmente, à construção e ao controle das “mulheres honestas”, sem se preocupar, de forma efetiva, com as precárias condições do meretrício.

As transformações sofridas por determinados valores patriarcais (como o declínio de importância da virgindade da mulher) contribuíram para a desmobilização dos discursos moralistas sobre a prostituição feminina. Nesse sentido, Bozon (2003) explora como a possibilidade do sexo fora do estreito conjunto das relações matrimoniais não apenas desarticulou esses discursos sobre a prostituição feminina, mas alterou, inclusive, o seu significado social na França.

“A importância do recurso à prostituição se reduziu com o passar das gerações, pois somente 5% dos homens entre 20 e 29 anos entrevistados em 1992 declararam ter recorrido a ela nos últimos cinco anos contra 25% da mesma idade em 1970 (em algum momento de suas vidas). [...] O deslizamento para idades menores permite que hoje o conjunto das mulheres tenha uma vida sexual pré-matrimonial, pré-conjugal, enquanto que nas décadas de 1950 e 1960 ela era ainda um apanágio dos homens. A diminuição verificada no recurso dos homens jovens à prostituição se

---

sublinha que as mulheres têm conquistado sua autonomia social, no que diz respeito aos homens, através do trabalho assalariado, dos métodos contraceptivos e da educação.

explica por essa nova possibilidade de ter como parceiras mulheres de idade semelhante” (BOZON, 2003, p.136-137).

No Brasil, parece ocorrer um fenômeno social similar, já que o escopo de relações sociais que sustentava a iniciação sexual masculina através do recurso à prostituição se desfez ou, no mínimo, não se encontra operando com a mesma força que no passado.

“Até a algum tempo, a iniciação sexual dos rapazes era feita, tradicionalmente, com prostitutas. [...] As moças ditas “direitas”, nessa época, só iriam iniciar-se sexualmente após o casamento ou, no máximo, no período de noivado. Claro que existiam as honrosas exceções de praxe; essa, no entanto, era a norma geral. [...] Cabia à moça “graduar” até onde o par poderia ir, pois sempre o rapaz estava decidido a ir até as mais extremadas carícias. [...] Hoje em dia, [...] a iniciação sexual, por exemplo, é quase sempre feita entre adolescentes do mesmo grupo, sendo raras as incursões à prostituição” (VITIELLO; CONCEICÃO, 1993, p.53).

Devido à possibilidade de as mulheres estabelecerem, com seus parceiros, relações sexuais pré-matrimoniais, a iniciação sexual masculina recorre, cada vez menos, aos “serviços” da prostituição feminina. Essa nova dinâmica da iniciação sexual masculina somente pôde se estabelecer com a relativização de valores morais patriarcais – como as já citadas imprescindível virgindade feminina para o casamento e reclusão da mulher na esfera doméstica.

Diante do enfraquecimento desses valores, os discursos moralistas sobre a prostituição feminina caducaram. Certamente, seu objetivo de fundo era regular a entrada das mulheres na esfera pública, observando as condutas e os valores próprios às “mulheres honestas”. Dessa forma, abre-se espaço para que outros fenômenos sociais relacionados à esfera da sexualidade ocupem os debates populares, acadêmicos e governamentais.

Está mais do que claro que, num passado recente, um sem-número de estudos se concentraram sobre a prostituição feminina, engendrando, na figura da prostituta, o contraponto de conduta das “mulheres honestas”. Atualmente, as atenções se voltam para a questão da exploração sexual de crianças (seja por familiares ou redes de prostituição locais, seja através do turismo sexual ou do tráfico internacional), bem como para a prostituição masculina (RAGO, 1991).

As representações sobre a prostituição, compartilhadas pela sociedade brasileira do início do século XX até a década de 1970, encontram seus significados particulares na relação com a dinâmica dos valores sociais dessa época: virgindade e fidelidade

feminina compulsória, restrição da mulher ao domínio do doméstico e submissão irrestrita ao marido – identificado ao senhor do lar.

Em outras palavras, as representações sobre a prostituição somente se tornam significativas a partir das relações que estabelecem com o campo dos valores de determinada sociedade. No caso da sociedade brasileira do início do século XX até a década de 1970, os valores tradicionais patriarcais estruturaram e vigiaram, através dos discursos sobre a prostituição, a conduta e os valores das “mulheres honestas”.

As diversas transformações que eclodiram com a chamada “revolução sexual” relativizaram esses valores tradicionais. A prostituição feminina, em relação com esse novo campo de valores morais, não possui mais, desde aproximadamente 1970, os mesmos significados sociais na determinação dos comportamentos das mulheres. O fantasma não assombra mais como no passado.

Não se deve esquecer que, apesar das mudanças de valores experienciadas pela sociedade brasileira a partir das décadas de 1960 e 1970, as práticas desejanças não normativas e heteronormativas, de alguma forma, continuam sob a influência de valores ditos tradicionais. Pode-se dizer que determinados valores persistem, retratando a força do “nós, vitorianos” de Foucault.

“Do pânico moral vitoriano causado pela homossexualidade em fins do século XIX ao pânico moral causado pela AIDS a partir da década de 1980, a pressão conservadora pela manutenção das instituições do casamento e da família se mantém mais poderosa do que muitos gostariam de constatar. De vilões a mocinhos e mocinhas, gays e lésbicas têm suas identidades em constante avaliação segundo os critérios morais da família, tradição e propriedade” (MISKOLCI, 2005, p.6).

## 2.5. A questão da mulata

Na transição do século XIX para o século XX, em meio às diversas transformações modernizantes experimentadas pela sociedade brasileira, além da presença “civilizadora” das prostitutas francesas, o mundo da prostituição e dos prazeres fáceis passa a ser habitado pela figura da “mulata”.

Nas décadas de 1920 e 1930, graças à contribuição de peso da leitura freyriana relativa à mestiçagem, a mulata é alçada, definitivamente, ao posto de símbolo sexual nacional. As representações sobre as mulatas, enquanto símbolos sexuais, perduram até os presente momento, definidas por uma identidade essencializante e sexualizada.

“De Gregório de Matos a Guimarães Rosa, na prosa e na poesia, no universo do carnaval (ou do samba), através do rádio, do teatro rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional. Em sua última encarnação, na vinheta globeleza, na qual a tecnologia utilizada para representá-la é pelo menos tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas” (CORRÊA, 1996, p.39-40).

A literatura pornográfica, no início do século XX, contribuiu para a construção da representação da mulata como corpo a ser consumido. Dom Felício, personagem do conto “Na zona”, após experimentar os “serviços” de uma prostituta francesa, decepcionado que estava com seu distanciamento e profissionalismo, procura uma mulata no bairro da Lapa. Esse encontro se desdobra numa série de adjetivações paradigmáticas sobre as mulatas: dengosa, apetitosa, enorme bunda, coxas grossas e quentes (SANTIAGO, 2006).

A literatura canônica e a música popular foram eficientes construtores e difusores da figura da mulata – que, em pouco tempo, se tornaria “a tal”. Ainda no século XIX, especificamente em 1890, Aluísio de Azevedo publica *O Cortiço*, obra em que os atributos comportamentais e físicos pertencentes à mulata Rita Baiana oferecem provas dos desejos que as morenas-jambos, mulatas ou morenas podem provocar nos homens. Em contraste com a desejada Rita Baiana, tem-se a personagem negra Bertoleza: síntese representativa da rejeição à negra preta (CORRÊA, 1996).

A negra preta indesejável socialmente, vivida por Bertoleza, não serve mais ao próspero João Romão, a não ser para o trabalho incessante, com o intuito de enriquecê-lo ainda mais.

“E tinha de esticar-se ali, ao lado daquela preta fedorenta a cozinha e bodum de peixe! Pois, tão cheiroso e radiante como se sentia, havia de pôr a cabeça naquele mesmo travesseiro sujo em que se enterrava a hedionda carapinha da crioula!... [...] Ainda bem que não tiveram filhos! Abençoadas as drogas que a Bruxa dera à Bertoleza nas duas vezes em que esta se sentiu grávida! Mas, afinal, de que modo se veria livre daquele trambolho? E não se ter lembrado disso há mais tempo!... parecia incrível!” (AZEVEDO, 2009, p.150).

Em 1907, o escritor e poeta Osório Duque Estrada, que em 1909 comporia o Hino Nacional Brasileiro, organizou a publicação do livro “Trovas Populares”, interessado em canções e versos populares. Esse livro reuniu o lirismo que percorria as

ruas brasileiras. Uma canção encontrada nesse volume compilado por Estrada (1907, apud ABREU, 2003, p.10-11) não deixa qualquer dúvida sobre a ojeriza à negra preta:

A branquinha é prata fina  
Mulata – cordão de ouro  
Cabocla – cesto de flores  
A negra – surrão de couro  
A branca come galinha  
Mulata come peru  
Cabocla come perdiz  
A negra come urubu

Dividindo o mesmo cortiço com Bertoleza, Rita Baiana aparece retratada como a mulata não afeitada ao trabalho, marcada pela sensualidade e caráter volúvel, bem “temperada” pelo perfume da baunilha e do alecrim. Ao cheiro de peixe característico de Bertoleza, estruturante do universo social estigmatizado da negra preta trabalhadora, se opõem os perfumes que de Rita se exalam.

“No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjeriço e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e o odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador” (AZEVEDO, 2009, p.61).

Não tardaria muito para que o “molho de manjeriço” e o “pedaço de baunilha” fossem retirados de cena em sua materialidade, dando lugar às metáforas de cunho identitário. Em *Gabriela cravo e canela*, publicado pela primeira vez em 1958, o cheiro e a cor da personagem de Jorge Amado não se sustentam por meio da presença física de cravos e canelas amarrados ao seu corpo. O desejo do comerciante Nacib por Gabriela exemplifica os encantos experimentados diante das morenas.

“E como iria ele viver sem o almoço e o jantar de Gabriela, os pratos perfumados, os molhos escuros de pimenta, os cuscuz pela manhã? E como viver sem ela, sem seu riso tímido e claro, sua cor queimada de canela, seu perfume de cravo, seu calor, seu abandono, sua voz a dizer-lhe “moço bonito”, o morrer noturno nos seus braços, aquele calor do seio, fogueira de pernas, como?” (AMADO, 1975, p.192).

Malgrado o lugar de objeto que a mulata assume, encontrando-se posicionada fixamente e de forma aparentemente equidistante entre os pólos branco e negro do continuum branco/negro, seu cheiro metaforizado se aproxima de um atributo essencial. Contraditoriamente, à figura do mulato, para quem é possível se pensar em ascensão

social, permitindo-se, desse modo, certa mobilidade no continuum branco/negro, o cheiro perfumado é sempre exógeno, como adverte Corrêa (1996).

A sensualidade e erotização fazem parte da construção das representações sobre a mulata, integrando-a como um de seus principais componentes, ao lado do cheiro característico e de seu tipo psicológico particular. Assim, o corpo da mulata se assemelha a algo a ser desfrutado em busca de prazeres – objeto “quente” feito para o sexo.

“Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando” (AZEVEDO, 2009, p.77).

Pode-se afirmar que a metáfora das frutas<sup>15</sup> utilizada na descrição dos atributos físicos de mulheres brancas e negras do século XXI possui, minimamente, uma relação curiosa com os sabores doces e apimentados das mulatas da virada do século XIX para o XX. Conforme evidencia Santiago (2006, p.121), a compilação de canções populares intitulada *Trovador Brasileiro ou Novíssimo Cantor de Modinhas*, editada em 1904, traz a canção “Do Brasil a Mulatinha”, exemplo contundente da associação produzida entre mulata, sexualidade e sabores adocicados prontos para o desfrute.

---

<sup>15</sup> De fato, algumas revistas masculinas se utilizam de metáforas comestíveis para descreverem as mulheres que aparecem nuas em suas edições. Na revista PLAYBOY, é possível ter acesso às seguintes construções de mulher-objeto: uma loira, denominada “Dany Bananinha”, é fotografada para as edições de março de 2001 e março de 2004; Alessandra Soares, branca de cabelos pretos, tema das edições de junho de 2008 e julho de 2009, aparece denominada, respectivamente, de “Garota Melancia” e “Mulher-Melancia”; a edição especial de outubro de 2008 dessa mesma revista traz ainda, em sua capa, Yani de Simone, identificada como “Mulher-Filé”.

A revista SEXY também se vale das frutas para a caracterização das mulheres que ocupam suas páginas. Ellen Cardoso, na edição de fevereiro de 2009, aparece como “Mulher-Moranginho”; Danielle Souza, em dezembro de 2004, é denominada de “Mulher-Samambaia”. Em setembro de 2004, a negra “Adriana Bombom” é destaque da edição do mês. A “Mulher-Jaca”, Daiane Cristina, ocupa a capa de novembro de 2008. No ano seguinte, em 2009, uma edição especial da revista SEXY estampa “As melhores frutas da estação”, desnudando a “Mulher-Moranginho”, a “Mulher-Maçã” e a “Mulher-Jaca”.

## Do Brasil a Mulatinha

Do Brasil a mulatinha  
É do céu doce maná,  
Adocicada frutinha,  
Saboroso cambucá!

É quitute apetitoso,  
É melhor que vatapá,  
É néctar delicioso,  
É boa como não há

É manjar bem delicado,  
É melado com cará,  
Agradável bom-bocado,  
Gostoso maracujá.

É caju açúcarado,  
E tem de manga o sabor,  
É qui bebe apimentado  
Pelas mãozinhas do amor

É doce licor de rosa,  
É melhor do que melado,  
Delicado e melindroso,  
Vinho velho engarrafado.

É manguinha da Bahia,  
É doce favo de mel,  
Não é clara como dia,  
Nem alva como o papel.

A mulatinha mimosa,  
Fios d'ovos com canela,  
É morena, cor de rosa,  
Tem uma cor muito bela.

É faceira, tem candura,  
Tem do coco o paladar,  
Tem meiguice, tem ternura,  
Tem quindins de enfeitçar.

Quando eu meigo vejo ela,  
Tão terna, tão moreninha,  
Logo exclamo: como é bela  
Do Brasil a mulatinha!

Os olhos sabe volver  
Tão ternos a namorar,  
Que eu quisera só poder  
Junto dela sempre estar

Apesar de todas essas metáforas comestíveis, que fazem de seu “corpo-objeto” algo doce, apimentado e quente, a figura da mulata envolve características complexas. Ao mesmo tempo em que se oferece à fruição dos prazeres sexuais, atualiza os perigos degenerativos da mestiçagem às “raças puras”, assim como evoca a possibilidade da perdição dos homens de bem.

“[...] as palavras-chave, utilizadas para qualificá-la como indesejada, têm estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro. Palavras que a vinculavam diretamente, sem mediações de ervas ou especiarias, ao universo da pura sensação corporal: lubricidade, volubilidade, amoralidade” (CORRÊA, 1996).

As representações contraditórias em relação à mulata não se constituem especificidade desse sujeito-objeto construído socialmente. As prostitutas francesas, ora portadoras de estatuto modernizante e civilizador, ora identificadas com a figura da femme-fatale comprovam o caráter ambíguo e, em certos momentos, contraditório das representações que compõem suas identidades sociais.

Com efeito, o aspecto contraditório das representações é teorizado por Scott (1991). Ao refletir sobre os quatro elementos (símbolos culturais, conceitos normativos,

instituições e organizações sociais, identidade subjetiva) que integram a dinâmica dos processos sociais em que têm lugar as relações de gênero, a autora demonstra como Eva e Maria podem representar uma mesma mulher. De resto, parece bastante difundida a idéia da santa-puta.

Recorrendo mais uma vez a *O Cortiço*, observa-se a degradação e perdição de Jerônimo causadas pela amoralidade da mulata Rita baiana, simultaneamente desejável e indesejável. Fonte de prazer e risco de morte coabitam nessa mesma mulher.

“E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher (AZEVEDO, 2009, p.77).

O caso de perdição e degeneração de Jerônimo provocado pela mulata Rita baiana pode ser pensado em termos de repetição, na ontogênese, do que ocorria na filogênese, segundo Nina Rodrigues.

Da passagem do século XIX até o início do século XX, o “Problema Negro” ocupou o pensamento dos cientistas sociais brasileiros. A mestiçagem, nesse contexto, era significativamente perigosa para uma nação que desejava se modernizar, tendo como paradigma a branquitude das “avançadas” civilizações européias.

“[...] o projeto intelectual da Escola Nina Rodrigues manifestava-se como francamente autoritário e destinava-se, na sua vertente antropológica ou médica, ao controle social. Este controle assume a dupla face de um controle racial e de um controle político de classe. O “elemento negro” ameaçava invadir o mundo branco, destruí-lo. Em seu contágio transforma o branco, ou o assim suposto, em outra coisa que ele temia e odiava. Uma coisa representada pela escura face mestiça da população. Assim, em Nina e em outros epígonos da época, a mestiçagem e o negro, o povo e as massas, aparecem como um óbice à civilização e se definem como um perigo interno biologicamente materializado nas raças que penetram no corpo social, marcando, como um fundamento apriorístico, o destino moral e social da nação” (PINHO, 2004, p.93).

O argumento da degenerescência da raça branca através da miscigenação oriunda das relações sexuais inter-raciais, defendido pelo médico Nina Rodrigues, se sustentava na tese sobre a existência de “raças puras” – idéia cientificista corrente no século XIX (SCHWARTZ, 1993). As raças representariam o produto final mais bem acabado, cruzamentos que não respeitassem suas fronteiras biológicas produziriam seres degenerados do ponto de vista físico, psíquico e social. A eugenia, investida do discurso

científico, serviu aos interesses econômicos e sociais das elites de um país recém-saído do regime escravocrata.

Obviamente que Nina Rodrigues não era o único a pensar sobre a questão da mestiçagem através do contato sexual entre os (as) que se identificavam como brancos (as) e os (as) que eram percebidos e/ou se identificavam como negros (as). Circulava também, nessa época, a teoria do branqueamento de Oliveira Vianna, que acreditava no progressivo desaparecimento de negros (as) e indígenas – uma vez que do cruzamento entre raças diferentes, os caracteres das raças superiores sobrepujariam os atributos e particularidades das raças mais fracas.

O que importa reter, de uma forma geral, é que, para o pensamento dos intelectuais da época, o mestiço era, no máximo, bem visto por distanciar-se um tanto mais da raça negra. Desse modo, a mestiçagem contribuiria para acelerar o processo de branqueamento de uma nação que se deseja “civilizada”, segundo parâmetros europeus.

A mulata, em particular, na virada do século XIX e início do século XX, longe ainda de ser o símbolo nacional, já se encontra representada na sua complexidade multifacetada: corpo doce e quente de onde irradiam prazeres e perdições; objeto desejável, porém, indesejado.

A década de 1930 se caracteriza pela nova proposta de Gilberto Freyre a cerca da questão da miscigenação racial. O mestiço, retratado pela Escola de Nina Rodrigues como exemplar decaído, capaz de degenerar a raça branca, é incorporado e passa a representar o elemento integrador da unidade cultural brasileira.

Segundo Osmundo Pinho (2004, p.100), Freyre, diante do problema da mestiçagem, substituiu o conceito de “raça” pelo de “cultura” e, numa atitude antropofágica – influenciado pelo pensamento modernista – canibaliza o mulato e a mulata, assimilando-os.

“[...] Freyre pela mestiçagem [...] a um só tempo refunda uma perspectiva histórico-genética para a formação da nacionalidade; elege uma estratégia como uma saída de emergência para a mobilidade e a mudança sociais encarnadas na figura do mulato; e desqualifica qualquer reivindicação de autenticidade cultural afrodescendente, o que poderia fomentar a formação de um sujeito político autônomo, porventura mais modernizante do que o mulato parece ter sido (haja vista a modernização a que chegamos)”.

A mulata, que despertava desejos nas décadas anteriores, como atestam as canções e obras literárias, a partir de 1930, com a releitura da miscigenação, se torna a “tal”: símbolo nacional de um povo que se integrou culturalmente por vias sexuais.

Parece lógico, “natural” que essa figura integradora de uma nação, que se produz pelo sexo, se encontre marcada por elementos fortemente erotizados. Nesse sentido, a descrição que Freyre oferece da mulata, atesta a presença dos apelos sexuais constituintes das representações dessa figura.

“Pode-se entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão do genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas”. Estas surgem num ou noutro soneto, numa ou noutra modinha do século XVI ou XIX. Mas sem o relevo das outras (FREYRE, 1980, p. 10).

A associação das mulatas com o sexo e a prostituição continua a se atualizar ao longo da história, assim como a rejeição à figura da negra preta. A construção das mulatas “tipo exportação” difundida, entre outros, por Osvaldo Sargentelli<sup>16</sup>, persiste nas representações compartilhadas socialmente e, em tempos de globalização, fomenta, eficientemente, a indústria do turismo sexual internacional.

De acordo com Antonio Filho (1996), o marketing turístico da Bahia, entre 1982 e 1996, tem suas peças publicitárias recheadas de mulatas e negras em trajes de banho e até mesmo de top less. Essas publicidades, em conjunto, convidam os turistas a conhecerem as delícias da “terra da felicidade”. Em outro momento de seu artigo, Filho (1996, p. 55) trata de um caso paradigmático de autoidentificação em relação à imagem da mulata, com o objetivo de maiores ganhos econômicos.

---

<sup>16</sup> Osvaldo Sargentelli nasceu no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, em 1924. Faleceu, em 2002, aos 78 anos de idade. Durante sua vida, teve pouco contato com o pai, Leopoldo de Azeredo Babo, irmão de Lamartine Babo, tendo sido criado por Maria Amélia Sargentelli, sua mãe. Sargentelli fez carreira como locutor de rádio e apresentador de televisão. Em 1964, o regime militar o proibiu de continuar com sua atuação na mídia. A partir de então, o apresentador passou a se dedicar a montagens de espetáculos, explorando a figura das mulatas. Fez diversos shows nacionais e internacionais em que as mulatas ocupavam o centro das atenções. Segundo Sargentelli, suas mulatas eram “cem por cento nacionais” e possuíam os seguintes atributos: “Mulatas têm cintura fina, coxa grossa, cara de safadas, boa dentadura, riso largo e cheirosíssimas, mexem e remexem, deixando todo mundo com água na boca”.

Essas informações foram obtidas na Internet, no site [http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO\\_20020414/pri\\_cul\\_140402\\_260.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020414/pri_cul_140402_260.htm), acessado em 05/10/2009.

“O caso Suelen – 25 anos, cabelos compridos com tranças artificiais ou mega hair – caracteriza bem a idéia de construção à qual se submetem e são submetidas as mulheres negras do Circuito. Ela não é baiana, veio do Mato Grosso, para trabalhar como garçoneiro, trazida por um caminhoneiro, mas foi enganada e colocada numa agência. Não gosta de falar sobre o seu verdadeiro nome: “esse é pra chamar os gringos”. Questionada sobre sua cor, disse saber que não é “morena-jambo”, como está nos jornais – A Tarde e Bahia Hoje. Afirma ser negra com avó índia. “Trabalho assim pra ganhar dinheiro”. Agora, tem uma proposta para deixar o país: “um alemão vem me buscar””.

A autodenominação “morena-jambo” faz apelo à marca social da cor, numa construção estratégica cuja finalidade é tornar-se um “produto” mais desejado pelo mercado do sexo e, assim, aumentar as chances de ganhos econômicos. A questão decisiva, nesse contexto, é antecipar-se ao gosto do cliente e oferecer-lhe aquilo que ele procura.

Piscitelli (1996, p.26-27), em seu trabalho sobre turismo sexual, focando a dimensão significativa que a cor possui na construção das relações entre os “brancos do Norte” e as “morenas” do Nordeste brasileiro, demonstra como a multifacetada representação da “mulata” continua viva e encantando os turistas.

“Experts em turismo sexual internacional afirmam que, em seus países, “(...) não existem garotas como as morenas brasileiras, alegres e sensuais”. Conhecedores do sexo na Jamaica, em Bali, na Tailândia e na África declaram que elas são ‘insuperáveis’, ‘novas, carinhosas, quentes e submissas’. ‘São as melhores mulheres do mundo’ pois, além de serem ‘quentes’, ‘mexem’ de uma maneira especial com os homens”. [...] Alegria, sensualidade, juventude, afetuosidade, submissão, docilidade, enorme disposição para o sexo e uma certa passividade caracterizam as “morenas brasileiras”, delineando uma feminilidade particular e intrigante”.

As representações sobre as “mulatas” parecem mobilizar, em grande parte, os desejos masculinos. Seja no turismo sexual internacional, em que os brancos do Norte desfrutam dos prazeres da zona tropical, seja entre os próprios brasileiros, a idéia difundida sobre o comportamento submisso e o sabor adocicado do sexo quente das mulatas dá mostras da força atual do velho ditado citado por Freyre: “Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar”.

## 2.6. A prostituição na Literatura

A prostituição feminina não ocupou apenas as páginas dos discursos médicos e policiais – certamente muito mais preocupados com a preservação da moral e dos bons costumes burgueses do que com a real condição social e existencial de seu objeto de estudo. A arte também tem demonstrado, de forma ampla, o fascínio que a figura da prostituta é capaz de suscitar no público em geral.

Quem, com idade suficiente, não se recorda do grande sucesso de bilheteria protagonizado pela prostituta Vivian Ward, vivida por Julia Roberts no filme “Uma Linda Mulher”? Vivian, que trabalhava no Hollywood Boulevard, é contratada para prestar seus serviços por uma semana ao milionário Edward Lewis, papel de Richard Gere. Tendo de acompanhar seu contratante em importantes compromissos sociais, a prostituta Vivian se torna uma elegante mulher. O milionário, que inicialmente desejava a discrição e distanciamento de uma profissional do sexo, acaba por se apaixonar por essa linda mulher.

Na teledramaturgia brasileira, a novela “Laços de Família”, escrita por Manoel Carlos e colaboradores, trouxe, para o horário nobre da emissora Rede Globo, a história de Capitu – uma garota de programa interpretada pela atriz Giovanna Antonelli. A personagem de Antonelli, além de se prostituir, era mãe e estudante universitária. A renda que obtia com seus programas destinava ao sustento de seus pais, já idosos, e de seu pequeno filho. Entretanto, ao reencontrar um ex-namorado de longa data, Capitu abandona, por amor, a vida de garota de programa para se dedicar a seu antigo ex-namorado, atual companheiro.

Fora do campo da cinematografia ou da teledramaturgia, pode-se dizer que a prostituição feminina também despertou o interesse de autores canônicos da literatura européia, assim como de consagrados escritores brasileiros.

“[...] a Literatura também se ocupa desse tema [da prostituição feminina], projetando as causas e efeitos desse fenômeno social. Por meio de romances, contos, poemas, a Literatura trás à tona a imagem da prostituta, dando-lhe voz e lhe humanizando perante a sociedade. Em seu poema *Balada da prostituta*, o escritor alemão Bertold Brecht coloca em foco o sentimento de uma prostituta que assume uma postura amarga, porém conformista de sua situação[...]. Na prosa, Alexandre Dumas Filho traça o perfil de uma cortesã do século XIX no famoso romance *A dama das camélias*. [...] A temática da prostituição também recebeu enfoques na Literatura Brasileira. José de Alencar foi um dos primeiros autores a discutir o tema; ao estrear a peça *Asas de um anjo* (1858), [...] quatro anos após a proibição de sua peça, Alencar retoma o tema das cortesãs no romance *Lucíola*. [...] Mais tarde,

delineando os rumos da prosa naturalista, Aluizio Azevedo traça o perfil da personagem Pombinha no romance *O cortiço* (1890)” (FIGUEIREDO, 2005, p.1).

O famoso romancista francês Alexandre Dumas Filho (1824-1895), filho bastardo do não menos conhecido escritor Alexandre Dumas, publicou, em 1848, o romance *A Dama das Camélias*, que logo se tornaria um clássico da literatura francesa. A adaptação de seu romance para o teatro, feita pelo próprio Dumas Filho, logrou grande êxito, alcançando sucesso de público.

Em *A Dama das Camélias*, Dumas Filho retrata a história de um cortesã francesa de alto luxo, Margarida, sustentada pela emergente burguesia francesa. Sua estonteante beleza, seus gastos extravagantes, assim como suas habilidades no sexo e no amor a tornam uma personalidade intrigante para a Paris do século XIX. Em meio a sua vida de luxúria, Margarida se deixa tocar pela paixão de Armando, filho do burguês Jorge Duval.

Armando declara seus sentimentos a Margarida, essa, por sua vez, reconhecendo sua condição social, rechaça qualquer possibilidade de uma relação amorosa entre os dois. Como entre uma meretriz e um filho da burguesia poderia existir uma relação dessa natureza, ambos pertencendo a mundos radicalmente segregados, apesar da frequência dos intercâmbios sexuais?

“Se é verdade o que me disse, vá-se embora, fuja; ou então goste de mim apenas como amigo. Venha me ver de vez em quando, havemos de rir, de conversar, mas não exagere o que valho, pois não valho grande coisa. Seu coração é bom e você precisa de afeição; é muito moço, e muito sensível para viver no nosso meio. Goste de outra mulher e então se case. Está vendo, sou uma moça sensata e estou sendo franca” (DUMAS FILHO, 1996, p.25).

Margarida, ao interiorizar as representações de sua época sobre as meretrizes, as reproduz ao jovem amante. Nesse momento, vislumbra-se no texto de Dumas Filho os valores que uma mulher deve portar para ingressar na instituição do casamento burguês. No Brasil, por exemplo, a pureza feminina, sustentada principalmente pela manutenção da castidade, permaneceu enquanto condição de acesso ao matrimônio burguês até meados da década de 1970, declinando em importância com as transformações proporcionadas pela polêmica “revolução sexual” (DEL PRIORE, 2006).

Encarnando a idéia assaz difundida da femme-fatale – meretriz malévola, capaz de provocar desatinos nos seus clientes mais incautos – Margarida estranha o seu sentimento de amor pelo jovem Armando, que a invade e modifica de tal maneira a

ponto de se perceber estranha em relação a si mesma. Refletindo, sozinha, sobre seu estado de enamoramento, a cortesã revela o seu desconcerto ao ver-se envolvida emocionalmente, dada a imprevisibilidade, devido à sua ocupação, de vivenciar esse tipo de sentimento.

“Como é estranha vida! Quem diria há oito dias atrás que esse homem que eu nem conhecia, ia se apossar tão depressa do meu coração e pensamento? O que irá acontecer? Para mim um amor de verdade pode ser uma desgraça. Será que ele me ama, será que eu o amo? Nunca me apaixonei por ninguém! Por que sacrificar uma alegria? São tão raras! Por que não se abandonar aos caprichos do coração? Quem sou eu? Uma criatura do acaso! Oh! Deixe pois que o acaso faça de mim o que quiser. Que me importa, parece que nunca me senti tão feliz! Quem sabe é um mau agouro? Estamos prevendo sempre que vão se apaixonar por nós, jamais que vamos nos apaixonar por alguém; e, agora, ao primeiro golpe deste mal imprevisto, não sei o que sou nem onde estou” (DUMAS FILHO, 1996, p.39).

Acostumada a despertar paixões, a cortesã francesa de alto luxo hesita diante desse novo sentimento que a toma de assalto. Contudo, a paixão e o amor acabam dominando-a por completo, e, subitamente, Margarida percebe a transformação, ensejada por esse “sublime” estado, em seus hábitos, comportamentos e ambições.

“Há momentos em que me esqueço do que fui; em que a mulher de outros tempos se destaca de tal forma da mulher de hoje, que são duas pessoas que eu vejo e a segunda, apenas a custo se lembra da primeira. [...] Já fiz gastarem em flores mais dinheiro do que seria preciso para sustentar uma família durante um ano agora uma só flor que Armando me deu esta manhã, basta para perfumar todo o meu dia. Vocês sabem o que é o amor [...]. Oh! Como eu sou feliz [...]. Sem que Armando perceba vou vender tudo o que tenho em minha casa em Paris. Não quero mais voltar para lá. [...]. Há quem pergunte o que é a felicidade vocês me ensinaram e agora eu também posso ensinar aos outros” (DUMAS FILHO, 1996, p.28-29).

O texto de Dumas Filho possibilita entrever, através de sua personagem Margarida, a idéia de que o amor verdadeiro é capaz de regenerar até mesmo uma meretriz que outrora consumia as fortunas alheias tão somente para satisfazer seus desejos e caprichos. Na literatura brasileira, o tema da prostituta regenerada pelo amor sublime encontra expressão na obra do romancista José de Alencar.

José de Alencar (1829-1877) é considerado o grande romancista do Romantismo brasileiro. Preocupado com a produção de uma literatura com caráter nacionalista, o romancista, em suas criações, evitou o estilo lingüístico lusitano, dando lugar à sintaxe e vocabulário tipicamente brasileiros. A preocupação demonstrada em relação ao estabelecimento da literatura brasileira se desdobrou no tratamento oferecido aos

assuntos vinculados à cultura e aos costumes de sua época, sempre em busca de uma identidade nacional.

No conjunto dos romances urbanos de Alencar, a questão da prostituição feminina aparece contundentemente debatida na obra *Lucíola*, cuja primeira edição data de 1862. Nesse romance, Alencar narra a história de amor entre Lúcia, cortesã de alto luxo na Corte, e o jovem Paulo, recém-chegado do interior de Pernambuco, ávido por conhecer o Rio de Janeiro.

Lúcia, outrora Maria da Glória, com o intuito de levantar fundos para a compra dos medicamentos necessários ao restabelecimento de seus familiares, que tinham caído doentes devido a um surto febre amarela em 1850, se entregou, ainda nos seus quatorze anos de idade, aos desejos de Couto – homem de caráter marcado pela devassidão. Seu pai, ao descobrir os artifícios empregados por Lúcia na obtenção da quantia despendida no tratamento da família, a expulsa de casa.

A partir de então, Lúcia passa a viver, caprichosamente, consumindo a fortuna de seus amantes endinheirados, devotando-lhes verdadeiro desprezo. A natureza das relações estabelecidas entre a personagem de Alencar e seus clientes se assemelha, em muito, aos sentimentos reservados por Margarida, de Alexandre Dumas Filho, a seus amantes burgueses.

As personagens de Alencar e Dumas Filho não se aproximam somente no tratamento dispensado a seus clientes abastados. O romancista brasileiro também se preocupou em destacar a mudança de caráter e comportamento operada pela experiência do amor sincero e verdadeiro.

“Sabes que terrível coisa é uma cortesã, quando lhe vem o capricho de apaixonar-se por um homem! Agarra-se a ele como os vermes, que roem o corpo dos pássaros, e não os deixam nem mesmo depois de mortos. Como não tem amor, e não pode ter, como a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma excitação dos sentidos, orgulho de anjo decaído mesclado de sensualidade brutal, não se importa de humilhar seu amante. Ao contrário sente um prazer novo, obrigando-o a sacrificar-lhe a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui” (ALENCAR, 2006, p.42).

Assim são representadas as meretrizes de luxo: distantes do amor e entregues a paixões doentias, quando se apaixonam não amam, apenas corroem seus amantes. Não há como não observar, no texto de Alencar, a imagem vulgarizada da prostituta vampira, obstinada em tragar todo o sangue de seus amantes. As grandes somas de dinheiro despendidas, frivolamente, na satisfação dos caprichos das cortesãs concorrem para a atualização dessa metáfora.

A figura da femme-fatale coexiste, contraditoriamente, com a representação da meretriz objetificada, cuja existência encontra-se submetida aos desejos masculinos. Existentes para atenderem às supostas necessidades naturais da sexualidade masculina, essas mulheres têm guardado, lado a lado, os segredos dos prazeres e da destruição. Entretanto, o amor, com suas propriedades sublimes e elevadoras, aparece tanto em Dumas Filho, quanto em Alencar, como caminho para a regeneração da cortês degenerada pelo vício da luxúria.

“Como as aves de arribação, que tornando ao ninho abandonado, trazem ainda nas asas o aroma das árvores exóticas em que pousaram nas remotas regiões, Lúcia conservava do mundo a elegância e a distinção que se tinham por assim dizer impresso e gravado na sua pessoa. Fora disto, ninguém diria que essa moça vivera algum tempo numa sociedade livre. As suas idéias tinham a ingenuidade dos quinze anos; e às vezes ela me parecia mais infantil, mais inocente do que Ana com toda a sua pureza e ignorância” (ALENCAR, 2006, p.103).

Lúcia, assim como Margarida, também se desfaz de seus caros prazeres e abandona a vida conturbada e cheia de excessos que levava no meio urbano carioca. Rumo à quietude do lar, atualizando a idéia do caráter inapropriado da vida pública para as mulheres “honestas”, as duas personagens são levadas, por seus autores, para longe das cidades e de seus vícios mundanos. Se o amor aparece como regenerador, não resta dúvida sobre a representação degenerada atribuída a essas duas mulheres.

Em outro clássico da literatura brasileira, a questão da prostituição feminina encontra-se tematizada sob a pena do nascente naturalismo no Brasil. Aluísio de Azevedo (1857-1913) pode ser considerado o pai do naturalismo em terras brasileiras. Desenvolveu diversas atividades artísticas ao longo de sua vida, mas foi como romancista que Azevedo se notabilizou. Entre os diversos livros escritos pelo autor maranhense, destaca-se o romance *O Cortiço*. Influenciado por Eça de Queirós e Zola, Azevedo é um intelectual da “geração do materialismo”, distinguindo-se pelo forte anticlericalismo e livre pensamento.

Aluísio de Azevedo alentava o plano de retratar a vida da Corte no Brasil em cinco romances, ambientados em cinco épocas distintas. Iniciando-se por *O Cortiço*, esse plano ainda abarcava outros quatro romances: *A Família Brasil*, *O Felizardo*, *A Loureira* e *A Bola Preta*.

Em *O Cortiço*, Azevedo apresenta a história de uma habitação coletiva do Rio de Janeiro, situada historicamente no Segundo Império. O tema central do romance é a exploração do homem pelo próprio homem, ressaltando-se os aspectos degradantes da

ambição e da cobiça. Todavia, é no terreno da sexualidade que a degradação humana assume sua forma mais bem acabada. Azevedo se preocupa em focalizar o adultério, o lesbianismo e a prostituição – no romance que seria considerado sua obra-prima.

A relação tecida por Azevedo entre a prostituta de luxo Leónie e Pombinha, ingênua moça bem criada e educada, representa, no texto de *O Cortiço*, como o exercício do lesbianismo poderia desvirtuar o bom comportamento de uma jovem exemplar. Pombinha fora dona dos mais valiosos adjetivos proferidos pelos moradores da habitação coletiva.

“Depois via-se a velha Isabel, isto é, Dona Isabel[...].Fora casada com o dono de uma casa de chapéus, que quebrou e suicidou-se, deixando-lhe uma filha muito doentinha e fraca, a quem Isabel sacrificou tudo para educar, dando-lhe mestre até de francês. [...] A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente”(AZEVEDO, 2009, p.20).

Certo dia, entretanto, a singela menina-moça Pombinha e sua mãe, D. Isabel, foram convidadas por Leónie para passarem um domingo em sua residência. O almoço oferecido, habilmente regado a vinho, fez com que D. Isabel deseje repousar. Assim, Leónie, imagem da prostituta vampiresca, sagaz conhecedora das artimanhas da sedução, inicia Pombinha no amor, através da homossexualidade.

A personagem Pombinha, que até então ainda não se fizera mulher, visto que “as regras” tardavam-lhe em descer, no dia seguinte ao almoço na casa de Leónie, sentiu o sangue escorrer-lhe. A metáfora não poderia ser mais clara, Pombinha se faz mulher pelas mãos de Leónie – o que, de resto, encontrará eco na sua atitude frente aos homens. Já mulher, D. Isabel apressa-se em concretizar o casamento de sua filha com o próspero noivo João da Costa.

Os desdobramentos deterministas da relação homossexual entre Pombinha e Leónie, comuns à literatura naturalista cultivada por Azevedo, não tardam em produzir seus efeitos no matrimônio da “flor do cortiço”.

Pobre Pombinha! no fim dos seus primeiros dois anos de casada já não podia suportar o marido [...] O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que um belo dia, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa [...] Ah! não pôde iludir-se!... e, a despeito do muito que amava à ingrata, rompeu com ela e entregou-a à mãe, fugindo em seguida para São Paulo. [...] Pombinha desapareceu da casa da mãe (AZEVEDO, 2009, p.156).

Entregue à mãe pelo marido, a outrora menina-moça bem comportada e admirada pelos moradores do cortiço, abandona a casa materna sem mais explicações, deixando D. Isabel mergulhada em profundo desgosto. Somente transcorrido semanas, D. Isabel tem notícias do paradeiro de sua filha. Pombinha encontrava-se num hotel em companhia de Leónica.

“A serpente vencida afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca. [...] Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. [...] parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si” (AZEVEDO, 2009, 156-157).

As comparações e metáforas presentes no texto de Azevedo refletem a imagem assaz difundida da *femme-fatale*. No entanto – na literatura naturalista desse autor, diferentemente do que ocorre no romantismo alencariano – o amor não aparece enquanto caminho regenerador do caráter vampiresco das perversas “amigas inseparáveis”. Com efeito, Leónica e Pombinha se notabilizam pelo prazer em sugar o máximo possível do sangue de seus clientes.

A literatura tem dado exemplos de como a figura da prostituta povoa o imaginário masculino de diferentes autores, em diferentes épocas. O trabalho em questão se interessa em analisar, particularmente, as imagens e representações que as meretrizes encarnam na obra do romancista baiano Jorge Amado (1912-2001), considerando os efeitos das intersecções entre as categorias analíticas de raça, cor e etnia, classe social, ocupação; corpo, corpo erotizado, violência de gênero contra a mulher e violência sexual contra a mulher.

Necessariamente, as imagens e representações sobre as prostitutas presentes no texto amadiano dialogam com as representações compartilhadas pelo contexto sócio-histórico ao qual pertence o autor da “boa terra”. Assim, nesse momento, faz-se mister apresentar, mesmo que de maneira breve, um estudo sobre a vida e obra do afamado romancista.

### 3. JORGE AMADO: UM HOMEM DE SEU SÉCULO

O escritor Jorge Amado (1912-2001) se encontra na galeria dos maiores romancistas brasileiros, apesar das opiniões divergentes sobre a qualidade literária de sua obra. De fato, o renomado historiador da literatura Alfredo Bosi (1994) parece não economizar nas críticas endereçadas ao literato baiano, adjetivando-o de “intelectual burguês” e acusando-o de “populismo literário”.

O debate sobre o peso literário de Jorge Amado não se faz central para o presente estudo, pois o que importa, nesse momento, é o estudo das representações sobre a prostituição feminina na obra amadiana. Indubitavelmente, pode-se defender que Jorge Amado foi um romancista de enorme relevância na história da literatura brasileira, visto que lido largamente, dentro e fora das fronteiras de seu país.

“Aos 88 anos, tendo escrito cerca de 30 livros – traduzidos para 29 idiomas – Jorge Amado havia vendido mais de 30 milhões de exemplares. Além dos livros – romances, contos, biografias, guias e infanto-juvenis – escreveu uma centena de artigos sobre temas variados. O interessante, na trajetória do escritor baiano, é perceber que o sucesso de mídia e parte da crítica foi crescendo paralelamente à consagração popular” (GOLDSTEIN, 2002, p.112).

A obra de Jorge Amado se caracteriza por números surpreendentes. Segundo o site oficial da Fundação Casa de Jorge Amado, entre 1931, com o lançamento do seu primeiro romance, *O país do Carnaval*, e 1997, quando da publicação do seu último livro, *Milagre dos pássaros*, o autor baiano produziu, ao todo, 24 romances, 2 biografias, 2 guias; 2 memórias, 1 peça teatral e 1 livro infantil.

Somente o romance *Seara Vermelha* foi traduzido, até 1981, para 24 idiomas: indo do albanês ao vietnamita, para não alongar excessivamente a lista de traduções. Todavia, a grande difusão da obra de Jorge Amado não se restringe à venda de seus 30 milhões de exemplares, traduzidos para um sem-número de idiomas.

Os romances do escritor baiano foram adaptados para diversos meios de comunicação<sup>17</sup>: cinema, rádio, televisão, fotonovela e histórias em quadrinhos. O filme

---

<sup>17</sup> Paulo Tavares (1981), em seu criterioso estudo sobre a vida e obra de Jorge Amado, enumerou algumas das adaptações que a obra amadiana sofreu ao longo dos anos. O estudioso contabiliza que, para o teatro, Jorge Amado foi adaptado 5 vezes – qualquer olhar atento percebe que esse número já foi, em larga medida, superado. Em relação ao cinema, somam-se 9 adaptações. O rádio adaptou Amado 7 vezes. Para a televisão, até 1978, Jorge Amado sofreu 5 adaptações. A fotonovela ficou com apenas uma adaptação e as histórias em quadrinhos, por seu lado, contam com 6 adaptações.

*Dona flor e seus dois maridos*, dirigido por Bruno Barreto, baseado no romance homônimo de Amado, levou 12 milhões de pessoas aos cinemas, batendo o recorde de público da cinematografia brasileira.

Em diversos momentos, as adaptações da obra de Amado foram abrilhantadas com trilhas sonoras compostas por nomes consagrados da música brasileira. Dentre as tantas canções destinadas às criaturas amadianas, destacam-se “Gabriela”, de Tom Jobim; “A luz de Tieta”, de Caetano Veloso e “Modinha para Tereza Batista”, de Dorival Caymmi, em parceria com o próprio Jorge Amado. O vulto da obra de Jorge Amado pode ser resumido nas palavras de Tavares (1981, p.167).

“Jorge Amado é o maior romancista nascido na Bahia e um dos quatro ou cinco maiores romancistas brasileiros em todos os tempos. Pela inventiva, pelo poder da comunicação e pelo volume e difusão da obra realizada, ele se coloca entre os grandes ficcionistas universais do momento. No que concerne particularmente à Bahia [...] tem-se de reconhecer que nenhum escritor jamais foi tão baiano quanto Jorge Amado, do mesmo modo que nenhum baiano foi tão escritor como Jorge Amado, considerados o devotamento de toda a sua vida ao ofício de escrever e o montante de sua produção literária espalhada pelo Brasil e pelos quatro cantos do Mundo”.

Ressaltar a larga difusão da obra de Jorge Amado chama a atenção para a importância ou impacto sócio-cultural das representações amadianas sobre os mais variados atores sociais. No caso do presente estudo, isso significa que as representações presentes na literatura de Jorge Amado sobre as prostitutas alcançaram significativa publicidade, ganhando as telas de cinema, as televisões, entre outros meios de comunicação. A larga representatividade, na mídia, da obra do romancista baiano em questão confere, em certa medida, relevância ao estudo de suas representações.

Jorge Amado nasceu, em 1912, na fazenda de cacau Auricídia: município de Itabuna, Estado da Bahia. É o primeiro filho do casal João Amado de Faria e Eulália Leal Amado de Faria, que daria à luz a mais três filhos homens: Jofre, Joelson e James. Seu local de nascimento e o fato de seu pai, João, ter se dirigido do Estado de Sergipe para a região Sul da Bahia, com o intuito de se fazer cacauicultor, demonstram a influência da dimensão autobiográfica no processo criativo amadiano.

Em especial, pode-se destacar um fato da vida de Jorge Amado recorrente na sua produção literária. Em Setembro de 1913, João Amado, sentado à varanda da sede de sua fazenda de cacau, sofreu atentado a tiro, tendo sido ferido no peito. No seu colo, encontrava-se o filho recém-nascido e futuro romancista Jorge Amado. João, todavia,

consegue fugir e se abrigar no interior da casa, salvando a si mesmo e a seu pequeno primogênito.

Em 1918, Jorge Amado inicia seus primeiros estudos na escola da professora Guilhermina, em Ilhéus. Aos 9 anos de idade, em 1922, é matriculado no Colégio Antônio Vieira, na capital baiana – distanciando-se de sua família. No ano de 1923, o professor, orador e padre Luís Gonzaga Cabral elogia a composição de seu aluno Jorge, intitulada “O Mar”, e lhe prevê futuro brilhante nas letras.

Em 1924, ao chegar a Salvador, para mais uma vez ficar como interno do Colégio Antônio Vieira, Jorge Amado foge para a casa de seu avô José Amado, residente em Itaporanga, Sergipe. Aos 11 anos de idade o jovem estudante, sozinho, transpõe a longa distância entre Salvador e Sergipe através dos sertões. Um ano mais tarde, Jorge Amado passa a estudar como interno no Colégio Ipiranga – onde havia mais liberdade, se comparado ao rigor do Colégio Antônio Vieira. Em março de 1927, com 15 anos ainda incompletos, Jorge Amado fica como aluno externo e inicia sua carreira de repórter no jornal “Diário da Bahia”.

Dáí em diante, contribui com inúmeras revistas e jornais e, em 1931, publica, já no Rio de Janeiro, seu primeiro romance: *O País do Carnaval*. Nos próximos anos, Jorge Amado produziria intensamente, lançando 6 romances no período de 1931 a 1937. Casa-se com Matilde Garcia Rosa, em dezembro de 1933, com quem teria uma filha, que mais tarde falece subitamente.

Em 1935, Jorge Amado conclui o curso de direito, na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, contudo não se preocupa em pegar seu diploma. No ano seguinte, em abril de 1936, inicia-se o ciclo de prisões que sofreria por se engajar com a militância e ideais comunistas.

Em 1937, a 6 de novembro, é preso em Manaus. Em agosto de 1941, Jorge Amado se retira para a Argentina, devido às políticas repressivas do Estado Novo. No dia 8 de setembro de 1942, ao desembarcar em Porto Alegre, é preso mais uma vez e enviado ao Rio de Janeiro, onde, em novembro do mesmo ano, é solto.

Em 1948, tem seu mandato de deputado federal, pela cidade de São Paulo, caçado – dado o cancelamento do registro da legenda pela qual tinha sido eleito: Partido Comunista. Nesse mesmo ano, a 28 de Janeiro, parte em exílio voluntário para a Europa, deixando sua nova esposa, Zélia, com seu filho de dois meses, no Rio de Janeiro. Após ação repressiva do DOPS, na residência de Zélia, mulher e filho juntam-se a Jorge Amado na França, fixando-se em Paris, no Quartier Latin.

Nesse período de exílio, empreende inúmeras viagens pela Europa Ocidental, Central e Oriental. Durante os anos 1950 e 1951, o romancista baiano reside no Castelo da União dos Escritores, na Tcheco-Eslováquia. Sua filha Paloma nasce em Praga. Em maio de 1952, Jorge Amado retorna com sua família para o Brasil e continua a realizar inúmeras viagens pela Europa e América Latina. A 6 de abril de 1961 é eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Sua vida seria marcada por uma produção literária intensa, ao lado de incontáveis viagens ao redor do mundo. Até 1997, Jorge Amado se dedica à literatura, publicando, nesse ano, o seu vigésimo quarto e último romance: *Milagre dos Pássaros*. Em 2001, o romancista baiano, que conquistou leitores em todo o mundo, falece aos 88 de idade em Salvador.

Jorge Amado, como qualquer outro homem, é um homem do seu século, marcado pelos acontecimentos sociais, culturais, políticos e econômicos de sua época. Não há como se pensar em um sujeito absolutamente autônomo em relação ao contexto social. Nesse sentido, Bourdieu (1983) defende a posição de que os sujeitos não são mais do que desvios regulados de determinado *habitus*. O presente trabalho compartilha do entendimento do sociólogo francês: as biografias dos sujeitos, sendo desvios regulados de um *habitus*, revelam as múltiplas facetas constituintes do social.

Ao escritor Jorge Amado não é dada a possibilidade de representar, limpidamente, a realidade social da qual participa. A criação literária enceta uma realidade cuja natureza é necessariamente arbitrária e deformante. Isso faz com que não seja exequível uma transposição lisa da realidade social para outra realidade, isto é, para a realidade literária (CANDIDO, 2000).

Considerando essa particularidade da criação literária, o trabalho em questão procura, através do exame sistemático das personagens amadianas, analisar as representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado. Devido ao seu aspecto rugoso, a realidade literária, em última instância, aparece como um vasto conjunto de representações compartilhadas por um autor que se encontra, necessariamente, situado sócio-historicamente, em permanente diálogo com o contexto social a que pertence.

### 3.1. As Criaturas Amadianas

A forte presença da obra amadiana no mercado editorial brasileiro parece ser responsável, de alguma forma, pelos inúmeros estudos em relação à vida e à obra de Jorge Amado. Esses estudos apresentam as mais diversas perspectivas analíticas, desde as comprometidas com o enfoque literário, até as que se concentram nos aspectos sociológicos, antropológicos e históricos de sua biografia e literatura.

Ao longo dos 24 romances publicados pelo escritor baiano, algumas mudanças importantes podem ser mapeadas na sua atividade literária, intelectual e política. Com efeito, diferentes estudiosos procuram compreender sua obra de acordo com determinados critérios, supostamente capazes de captarem os desdobramentos, na literatura amadiana, das mudanças intelectuais e temáticas do autor.

Alfredo Bosi (1994, p.406), talvez o crítico literário mais ácido de Jorge Amado, postula uma subdivisão da obra do romancista baiano em cinco fases: “romance proletário”, “depoimentos líricos”, “escritos de pregação partidária”; “afrescos da região do cacau” e “crônicas amaneiradas de costumes provincianos”.

Em *A história da literatura brasileira*, Massaud Moisés (1997) argumenta que a obra amadiana merece ser decomposta em três núcleos temáticos diferenciados, que se encontram relacionados com a biografia de Jorge Amado. O primeiro núcleo se estendendo de *O país do Carnaval* (1931) até *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Esse primeiro momento ou núcleo da obra comporta os “romances da Bahia” e o “ciclo do cacau”. A segunda fase ou núcleo da literatura amadiana se situa entre *Seara vermelha* (1946) e *Os subterrâneos da liberdade* (1954). O terceiro e último núcleo tem o seu início, marcado por Massaud, a partir do romance *Gabriela cravo e canela* (1958).

Segundo Aderaldo Castelo (1999), em *A literatura brasileira: origens e unidade*, a literatura de Jorge Amado pode ser analiticamente dividida em dois momentos. O primeiro, partindo de *O país do carnaval* (1931) e chegando até *Os subterrâneos da liberdade* (1954). O segundo momento ou a segunda fase da obra circunscreve o conjunto de romances existentes entre *Gabriela cravo e canela* (1958) e *Tocaia grande* (1984).

Em *Raça & cor na literatura brasileira*, o estudioso David Brookshaw (1983) adota uma periodização, em relação à literatura de Jorge Amado, semelhante à de Aderaldo Castelo – subdividindo-a em duas fases ou momentos. A subdivisão proposta por Brookshaw interessa ao presente trabalho, em particular, devido ao fato de se basear

na importância diferenciada que as categorias analíticas “classe social” e “raça, cor e etnia” assumem nessas duas fases ou momentos da obra de Amado.

De acordo com Brookshaw (1983), a primeira fase da obra amadiana compreende os romances *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937). Todos esses romances, em sua opinião, são exemplares de literatura comprometida social e politicamente.

Nos dois primeiros romances dessa fase, a cultura afro-brasileira ainda não se apresenta como objeto de maiores preocupações por parte do autor baiano. Segundo Brookshaw (1983), os negros aparecem, em *Cacau* e *Suor*, apenas pelo fato de pertencerem a uma classe social oprimida. Logo, suas aparições se devem às questões referentes à opressão de classe.

“Suas obras posteriores, *Cacau* e *Suor*, representam renovados esforços do escritor em forjar uma proposta estética adequada às chaves ideológicas que passam, então, a alinhavá-las. E neste sentido, as questões relativas à raça e à miscigenação parecem ficar em suspenso nessas obras – ao menos fogem aos horizontes do escritor como um tema importante – na medida em que os níveis econômicos da vida social tendem a surgir como a condicionante última das ações e dos acontecimentos da vida humana” (ROSSI, 2004, p. 83-84).

Desse modo, o que realmente importa para o jovem romancista baiano, nos seus primeiros romances, são as questões ligadas aos conflitos entre classes sociais. A aparição do negro em *Cacau* e *Suor* não tem a preocupação com a cultura afro-brasileira característica da segunda fase da obra de Jorge Amado.

O racial, que está representado nos negros, negras e mestiços de *Cacau* e *Suor*, serve à caracterização da opressão social mais cabalmente realizada, uma vez que esses personagens carregam não somente o peso de sua classe social, mas também os efeitos de sua racialização. O interessante é que, de acordo com o ideário compartilhado pelo romancista baiano nessa época, a luta de classes consiste no caminho, por excelência, para a tentativa de por termo, tanto à opressão econômica, quanto à opressão racial.

Na obra de Jorge Amado, o interesse pela cultura afro-brasileira apenas começa a ganhar o fôlego, mais tarde característico, com os romances *Jubiabá*, *Mar morto* e *Capitães da areia*. Nesses romances, as personagens racializadas de Jorge Amado não mais se distinguem por continuarem sendo um meio, simplesmente, de representação da expressão mais bem acabada da opressão socioeconômica.

“Estes três romances – Jubiabá, Mar Morto e Capitães da Areia – [...] inauguram uma forma diferenciada de abordar as categorias raciais. O papel secundário e marginal – quando não negativo – que o negro e a raça receberam nas primeiras obras do romancista baiano é agora redimensionado a um lugar de destaque no interior de seu projeto intelectual e literário” (ROSSI, 2004, p.108).

De acordo com Brookshaw (1983), a segunda fase da obra de Jorge Amado tem início após seu exílio, que vai de 1948 até 1952. Nesse segundo momento, a postura política revolucionária de cunho socialista do romancista baiano é deixada de lado. As questões culturais afro-brasileiras, que de alguma forma já se vislumbravam nos romances *Jubiabá*, *Mar morto* e *Capitães da areia*, tomam o primeiro plano entre as preocupações do escritor.

“Assim, pode-se dizer que os romances como *Gabriela cravo e canela* (1958) e *Tenda dos Milagres* (1969) possuem as mesmas prioridades regionalistas, pitorescas e sensuais dos sambas baianos de Dorival Caymmi, das esculturas de Mário Cravo e das pinturas de Caribé. [...] as prioridades de Jorge Amado mudaram através dos anos, de uma postura socialmente revolucionária para um posicionamento que evoca os valores da “brasilidade negra”, um tipo de “negritude brasileira” cujas raízes estão na cultura do proletariado negro da cidade de Salvador” (BROOKSHAW, 1983, p.132).

Portanto, na primeira fase de sua obra, Jorge Amado se preocupa, de forma clara, em produzir uma literatura engajada politicamente – fiel aos ditames do marxismo soviético. As questões referentes à conscientização e à luta de classe se fazem fortemente presentes em seus primeiros romances. Após seu exílio, de 1952 em diante, o autor se liberta das palavras de ordem do Partido Comunista e passa a produzir uma literatura cujo fim é o prazer e a diversão. A partir de então, as questões relativas à cultura afro-brasileira ganham destaque em sua obra (SEIXAS, 2004).

Um olhar mais atencioso, na opinião de Brookshaw (1983), é capaz de revelar a continuidade velada entre o que seriam esses dois momentos aparentemente distintos da literatura amadiana. Para o estudioso, não há propriamente duas fases com projetos radicalmente diferentes: um destinado a formar consciência de classe; outro, apenas preocupado com a fruição do prazer estético literário e com a questão da cultura afro-brasileira.

“Quando se examina a obra de Jorge Amado em sua totalidade, verifica-se que esses dois estágios se fundem em um só. As mesmas inconsistências e contradições aparecem em toda a obra e torna-se claro que na medida em que Amado tem um interesse pessoal, esse interesse é mais contra a moral burguesa do que a favor de uma mudança social e política. Desse modo, seus temas mais constantes baseiam-se numa atitude contra as restrições e a

repressão da cultura burguesa, atitude que exalta de maneira romântica a psique das massas afro-brasileira como uma alternativa de libertação. Todavia, este nativismo, [...] depende, como não podia deixar de ser, da manutenção de estereótipos sociais e raciais profundamente inculcados na mentalidade da classe que está sendo paradoxalmente criticada” (BROOKSHAW, 1983, p.133).

Não se compatibiliza, com o campo de estudos do presente trabalho, a questão do real interesse pessoal de Jorge Amado, se voltado à mudança política e social de caráter revolucionário ou se endereçado, menos revolucionariamente, à crítica em relação à moral burguesa. Todavia, observar como os argumentos amadianos contra a moral burguesa são construídos pode ser uma importante chave para a análise das representações em Jorge Amado sobre a prostituição feminina.

Nesse sentido, segundo Brookshaw (1983), o romancista baiano, com o intuito de produzir fissuras e/ou denunciar a natureza repressiva da moral burguesa, se aliou romanticamente à cultura popular afro-brasileira. A estratégia amadiana seria contrapor aos valores repressores burgueses a liberdade própria da psique afro-brasileira e, por que não, afro-baiana.

Essa contraposição de valores, contudo, parece ter produzido imagens e representações estereotipadas sobre as (os) personagens de Jorge Amado. A perspectiva analítica adotada pelo presente estudo reserva especial atenção aos efeitos das intersecções entre as categorias de raça, cor e etnia, classe social e gênero nas representações da literatura amadiana sobre as personagens prostitutas.

Indiscutivelmente, Jorge Amado pode ser considerado uma grande “usina” de personagens, pelo menos em uma acepção do termo “grande”. Entre 1931 e 1979, portanto, entre a publicação de seu primeiro romance, *O País do Carnaval*, e *Farda fardão camisola de dormir*, Amado deu vida a mais de três mil e quinhentas criaturas.

Essa conta deixa de lado dois livros de memória: *O menino grapiúna* (1981) e *Navegação de cabotagem* (1992); um infantil: *A bola e o goleiro* (1984) e quatro romances: *Tocaia grande* (1984), *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988), *A descoberta da América pelos turcos* (1992) e *Milagre dos pássaros* (1997).

Há quem defenda a veracidade da imensa população de personagens criada por Jorge Amado. Segundo Tavares (1981), o romancista baiano era de extrema competência ao pintar o caráter de suas criaturas, de forma a não incorrer no risco de construir personalidades reduzidas a um traço psicológico específico, muito menos prejudicar a caracterização de suas personagens por motivo de natureza ideológica.

“[...] Antônio Balduino, desponta a mais eminente personagem negra de Jorge Amado e, mesmo, da ficção nacional. A importância de Antônio Balduino não decorre apenas do fato de se tratar da figura principal do romance e sim porque ele encarna uma como conscientização da raça negra: reflete a linguagem, a maneira, as emoções de milhões de brasileiros, homens e mulheres de pele ebânea até então literariamente sem voz” (TAVARES, 1981, p.172).

Assim, Amado, através seus personagens, como no caso de Balduino, criatura do romance *Jubiabá*, teria, para Tavares (1981), a capacidade de representar, plausivelmente, em sua ficção romanesca, a realidade social e psicológica de homens e mulheres concretos.

Com efeito, os romances amadianos se preocuparam, em diversos momentos, em retratar os locais geográficos e as realidades sociais, tanto da região Sul da Bahia, como da cidade de Salvador. De acordo com Goldstein (2000), Jorge Amado teve a habilidade necessária para captar os traços mais característicos do povo baiano, fazendo de sua literatura um registro de valor antropológico.

Por outro lado, mesmo os estudiosos menos críticos a Jorge Amado consideram que as criaturas amadianas não estão livres de formulações estereotipadas. Nessa direção, por vezes, certas personagens são apresentadas com traços de caráter e tipos de personalidade demasiadamente acentuados, beirando o maniqueísmo.

“No painel traçado em *Tocaia Grande*, o maniqueísmo dos primeiros romances que punha, de um lado, os proprietários, representantes do mal, e do outro os trabalhadores, encarnando o bem, é quebrado pela exaltação do desbravamento pioneiro de alguns coronéis, responsáveis por um importante ciclo da economia e da cultura brasileiras. Aí, Jorge Amado rompe com a ingenuidade dos romances da juventude, pintando o retrato dos homens como homens, sujeitos a vícios, grandezas e misérias” (SEIXAS, 2004, p.6).

Por serem proprietários de grandes extensões de terra e disporem, despoticamente, de inúmeros trabalhadores mal remunerados, os coronéis do cacau, foram, no jovem Jorge Amado, retratados como figuras genuinamente malévolas. Entretanto, em sua maturidade literária, segundo Seixas (2004), o romancista baiano abandonou a simplicidade maniqueísta, em alguns momentos intencional, da caracterização psicológica de seus personagens.

Se Amado, a partir de determinado momento, produz personagens complexos, como indica Seixas (2004), isso se deve a alguns fatores. Rossi (2004) argumenta que o maniqueísmo dos primeiros escritos amadianos está estreitamente associado às

intenções revolucionárias de um homem preocupado em produzir literatura engajada, através de seus romances proletários. Logo, a imaturidade não teria sido o único fator a ter levado Jorge Amado a delinear suas personagens de forma aparentemente simplista.

Outra questão, bem mais espinhosa de ser resolvida, diz respeito às representações estereotipadas atualizadas ao longo da obra de Amado. Nesse particular, as mulheres e, sobretudo, as mulheres racializadas se configuram como fonte quase que inesgotável de comprovações empíricas dessa estereotipia.

“Deve-se ter em mente que a incorporação da cultura afro-brasileira na cultura mais ampla da nação necessariamente não implica a aceitação do afro-brasileiro como um igual em termos sociais. Nesse sentido justifica-se a análise que Bosi faz de Amado como um populista literário. Se populista for definido como sendo essencialmente o preservador de mitos, tradicionalmente os verdadeiros instrumentos de controle social, então Amado encaixa-se nesta categoria” (BROOKSHAW, 1983, p.144).

Diversos foram os ambientes sociais retratados por Jorge Amado em que a dinâmica patriarcal impôs, significativamente, modelos de conduta e de comportamento às suas personagens. É sabido que as sociedades patriarcais se caracterizam pela rígida divisão de espaços sócio-geográficos. Às mulheres cabe a esfera privada, com os afazeres e a reclusão da vida doméstica, sob o risco de uma vez decaídas para a esfera pública, domínio tipicamente masculino, serem identificadas às “mulheres públicas”, ou seja, às mulheres “não honestas”.

“No paradigma patriarcal, [...] as mulheres brancas estão predestinadas a se casar e a se tornarem mães — os únicos papéis legítimos que lhes cabem. Aquelas que não se casam, que não preenchem as funções que lhes foram prescritas, tornam-se infelizes, não são normais. Ora são homossexuais, ora são hiper-religiosas, virgens solteironas. Elas tornam-se rígidas, severas e um pouco excêntricas” (JOHNSON, 2009, p.188-189).

Tomando como paradigmática a caracterização de certas personagens femininas, o presente trabalho procura apresentar, sucintamente, algumas representações sobre as mulheres de Jorge Amado.

Um exemplo de representação estereotipada sobre a “esposa/mãe”, típico da lógica patriarcal, pode ser encontrado em Olga Bastos<sup>18</sup>, personagem do romance *Gabriela cravo e canela*. Demasiadamente gorda, envolvida com os afazeres

---

<sup>18</sup> As palavras e frases destacadas pelas aspas no interior dos verbetes do dicionário de Tavares (1985) são extraídas do próprio texto de Amado. Ou seja, são literalmente as palavras utilizadas pelo romancista.

domésticos e com a criação de sua prole, Olga Bastos nutre ciúmes sem fim por seu marido.

“Olga Bastos – esposa do tabelião Tonico Bastos, de Ilhéus, mãe “de duas lindas crianças”. “Rica, filha única de viúva, órfã de um fazendeiro que deixara a pele no fim das lutas” pela conquista de terra para plantar cacau, ela era enorme de gorda e de ciúme – “ciúme que se tornou lendário na cidade – sempre a ameaçar o marido, um finório “língua de mel” a lhe contar santidades embora conhecido dom-juan de conquistas fáceis”” (TAVARES, 1985, p.258).

Não se está diante da largamente difundida representação sobre a esposa histórica, assexualizada pelo excesso de gordura e pelas tarefas domésticas. Criatura incapaz de suscitar o desejo do sexo oposto, sempre preocupada por onde anda o seu, supostamente, desejável marido.

Outra idéia bastante divulgada pela obra amadiana diz respeito às personagens “solteironas”, que gastam o excesso de suas energias represadas na conservação da moral e dos bons costumes: “Dorotéia – áspera solteirona, “toda em negro de virginal virtude”, do grupo de beatas a policial, em murmurações, a moral pública de Ilhéus” (TAVARES, 1985, p.92).

A personagem Dorotéia, marcada social e comportamentalmente pela falta de marido, engrossa o conjunto das criaturas amadianas que atende pelo codinome “solteirona”. Envoltas em longos vestidos negros, donas de imaculada virtude, nenhum desvio de conduta escapa a essas mulheres a quem escapou um marido.

Uma sociedade patriarcal não sobrevive apenas da existência de suas mulheres e mães virtuosas. Em diversas circunstâncias e momentos, homens brancos de classe social favorecida buscam satisfazer seus desejos sexuais com outras mulheres, que não suas esposas. As figuras marginais, que não atendem às exigências dos valores morais constituintes do patriarcado, são convocadas a desempenharem suas funções sociais.

As prostitutas têm lugar cativo nos romances amadianos. Isso não quer dizer que todos os escritos de Jorge Amado contenham personagens envolvidas direta ou indiretamente com o exercício da prostituição. O romance *Farda fardão camisola de dormir*, por exemplo, não apresenta, segundo Tavares (1985), nenhuma personagem nomeada ligada ao meretrício.

O presente trabalho, ao se preocupar com a análise das representações, na literatura de Amado, sobre a prostituição feminina, efetuou uma série de recortes metodológicos, restringindo para 888 mulheres o número das personagens a serem estudadas. O trato estatístico das informações oferecidas pelo dicionário *Criaturas de*

*Jorge Amado*, de Paulo Tavares (1985), revelou que dessas 888 mulheres, 20,7% participam, de alguma forma, do universo sócio-ficcional da prostituição. Mais especificamente, pode-se dizer que esses 20,7% se distribuem da seguinte forma: 5,9% são de caftinas, 13,6% de prostitutas e 1,2% de dançarinas ou cantoras de cabaré.

As representações sobre a prostituição feminina, contidas no trecho analisado da obra de Jorge Amado, se diferenciam levando em conta determinados fatores. Parece conveniente marcar, como o faz Ramos (1992), que as representações, na obra do autor baiano, sobre a prostituição feminina de luxo ou alto luxo possui certas especificidades em relação às representações sobre as prostitutas do baixo meretrício.

Nesse particular, as determinantes econômicas aparecem como que associadas à problemática da raça, cor e etnia. As prostitutas de luxo, que por vezes encarnam o papel da *femme-fatale*, são personagens pertencentes ao conjunto das mulheres brancas: provenientes dos grandes centros urbanos ou estrangeiras. No caso das estrangeiras, deve-se ressaltar a importância das meretrizes francesas (ou afrancesadas) e das polacas.

Todavia, as personagens amadianas envolvidas com o alto meretrício não se constituem apenas em fonte de prazer carnal para seus clientes. Além da satisfação dos desejos sexuais dos homens brancos abastados, as prostitutas de luxo também exercem uma função pedagógica na relação com seus contratantes, introduzindo-os nos refinamentos de hábitos e costumes próprios do “civilizado” continente europeu.

Desse modo, as prostitutas estrangeiras ou vindas das grandes cidades compõem o grupo de meretrizes de luxo que, mais expressivamente, podem conferir posição social, prestígio e poder a seus eventuais “donos”. Seus hábitos sofisticados, as formas peculiares de se vestirem, o exotismo de seus sotaques – todos esses caracteres, quanto mais acentuados, mais dizem da possível força econômica e influência social de seus amantes.

Logo, as prostitutas ou as jovens de classe desfavorecida que são, eventualmente, escolhidas para viverem, de forma exclusiva, em função de seus “donos” operam, muitas vezes, como objetos capazes de indicar a magnitude do prestígio social e do poder de seus “senhores”. A personagem Glória, do romance *Gabriela cravo e canela*, funciona como signo do poder e da força de seu coronel – o fazendeiro Coriolano Ribeiro.

“Glória – manceba do fazendeiro de cacau, coronel Coriolano Ribeiro, que vivia frugalmente na fazenda e contudo mantinha com todo o conforto mas solitária em plena Praça Matriz, na pacata Ilhéus de 1925, vizinha das

melhores famílias, em casa da qual nenhum admirador ousava se acercar devido à truculenta fama do velho coronel [...]” (TAVARES, 1985, p.134).

A mulher, nesse sentido, aproxima-se radicalmente da condição de objeto. Aquele que “possui” e “consome” a mulher mais admirada e cara dá provas de seu poderio viril. Para os coronéis ou grandes comerciantes, enfim, para os endinheirados, gastar grandes somas em presentes realmente caros com suas prostitutas prediletas ou amantes era uma forma, dentre tantas outras, de convencimento social acerca de seus poderes. Coronel que se quisesse respeitado tinha de cobrir sua amante de jóias e vestimentas valiosas.

Na outra face sócio-ficcional da prostituição feminina amadiana, as personagens envolvidas com o baixo meretrício, quase que em sua totalidade, buscam a prostituição devido à impossibilidade de sobreviverem de outra maneira. Diversos são os casos de mulheres que, violadas à força ou seduzidas, não são mais aceitas por suas famílias de origem. Sem terem onde ficar, nem com o que trabalharem, essas mulheres criadas por Jorge Amado se dirigem às ruas reservadas ao meretrício.

Nessa “nova vida”, passam inúmeras dificuldades, padecendo dos mais diferentes tipos de sofrimento. Um roteiro paradigmático de dificuldades e provações é seguido, à risca, pela personagem Rita, do romance *São Jorge dos Ilhéus*.

“Rita – filha do velho Irineu, tropeiro da fazenda de cacau do coronel Frederico Pinto, no antigo Pirangi. Vivia com o pai viúvo e era “nos seus dezoito anos” uma cabrocha bonita, “de seios empinados, desejada por todos os homens da fazenda” e das redondezas pois mulher era coisa rara na região cacauzeira. Fizera sucesso como pastorinha à frente do terno de reis de Varapau. Depois o coronel a tomara para si, “de casa montada, com ama e vestido de seda”, no povoado. Afinal, “de filho no braço”, abandonada pelo coronel, “mudou-se para a rua das rameiras: era uma rua longa, comprida de não acabar” (TAVARES, 1985, p.295).

As questões referentes à raça, cor e etnia se fazem sentir, enquanto determinantes sociais, em diversas dimensões da vida das personagens amadianas. No que diz respeito à prostituição, vale ressaltar que as prostitutas racializadas de Jorge Amado não aparecem integrando a classe alta.

Dentre as 888 personagens estudadas pelo presente trabalho, as negras, mulatas ou mestiças que se prostituem pertencem tão somente à classe trabalhadora. As meretrizes brancas ou estrangeiras, no entanto, engrossam as fileiras da classe média, participando, também da classe trabalhadora e da classe alta.

Outra particularidade que chama a atenção é o fato de que as prostitutas racializadas são, quantitativamente, mais representadas em termos de aspectos corporais erotizantes do que as meretrizes brancas. Entre as meretrizes marcadas pelos processos sociais de racialização, 57% apresentam descrições referenciadas em corpos, de alguma maneira, erotizados. As prostitutas brancas estão longe de atingirem esse número, ficando com apenas 20,4% de caracterizações cujos corpos sofrem erotização.

Na grande maioria das vezes, mesmo quando ocorre alguma referência ao erótico do corpo, as representações da literatura de Amado sobre as prostitutas não racializadas diferem, qualitativamente, das caracterizações oferecidas às prostitutas racializadas. A miríade de cores, cheiros e sabores, assim como a opulência das formas corporais aparecem como atributos naturalizados de negras, mestiças ou mulatas.

Lúcia – jovem “das tranças negras, seus seios redondos, suas coxas como colunas, morenas, cor de canela”. Uma das três irmãs, com Violeta e Maria, filhas dum agregado da fazenda de cacau das Baraúnas. “Veio o patrão (coronel Teodoro Martins) e a levou”. Depois, ele se foi e nada deixou. Numa casa de rameiras pobres, em Ferradas, as irmãs de novo se juntaram “unidas no sofrimento, unidas no seu destino” (TAVARES, 1985, p.203).

Um exemplo da diferenciação qualitativa entre as representações sobre os corpos femininos racializados e não racializados pode ser observado através do contraste entre a descrição da personagem Lúcia e o verbete destinado à caracterização da meretriz branca Leonora Cantarelli.

Em relação à descendente de italianos, não se faz qualquer menção a coxas, seios ou nádegas, muito menos às suas formas arredondadas e rijas. O corpo da personagem branca é, simplesmente, belo, sem maiores objetificações de cunho sexual ou erotizante.

“Leonora Cantarelli – filha dos imigrantes italianos Vitório e Vicenza Canterelli, irmã de Giuseppe e quatro outros, nascida e criada num cortiço na Capital paulista, convivendo com “a fome, a maldade, o desconsolo”, contudo bela e loira aos quinze anos a sofrer curra. A polícia, procurada, nada fez. Envolveu-se com o futebolista Pipo, craque juvenil, logo revelação e “fim do romance”. Ligou-se a Cid Raposeira com promessa de casamento, psicótico, desaparecido numa crise. Reencontrou Natacha, antiga vizinha, que a leva ao rendez-vous de Madame Antoinette (Tieta) onde se fixa, encontrando estima maternal” [...] (TAVARES, 1985, p.194).

Obviamente que existem descrições sobre meretrizes brancas “recheadas” com maiores apelos sexuais e eróticos do que os encontrados na descrição oferecida a

Leonora Cantarelli. No conjunto, entretanto, as representações sobre as prostitutas racializadas são mais carregadas de erotismo e referências ao exercício da sexualidade.

Na literatura do romancista baiano, a determinante de raça – presente nas caracterizações das prostitutas negras, mestiças ou mulatas – também produz seus efeitos nas descrições oferecidas às mulheres racializadas que não sobrevivem do meretrício. A personagem Altiva, do romance *Os Pastores da Noite*, ilustra, de maneira inequívoca, a associação reproduzida entre cor (racialização) e sexualidade.

“Altiva Conceição do Espírito Santo – mulata ardente de Itaparica que, nas areias da praia, procurou queimar em seu “corpo de fogo, nas labaredas de seu seio”, a nostalgia que magoava o fugitivo cabo Martim – aliás, sargento Porciúncula – pela falta das ruas e dos segredos de sua cidade da Bahia”(TAVARES, 1985, p.12).

O velho ditado “branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar” diz muito sobre a forma com que homens e mulheres, na literatura de Jorge Amado, orientam suas vidas e constroem suas relações sociais, inclusive e preponderantemente, as de ordem intersubjetiva.

Uma das diversas práticas capazes de diferenciar mulheres brancas e mulheres racializadas, no Brasil, reside na lógica patriarcal que opera na instituição social do matrimônio (JOHNSON, 2009). As mulheres brancas foram associadas à sexualidade legítima, ou seja, ao exercício da sexualidade que ocorre no interior do matrimônio, cujo fim último é a procriação – a transformação da mulher em mãe.

As escravas africanas e, mais tarde, as negras, mestiças e mulatas brasileiras foram vistas como objetos prontos a satisfazerem os legítimos desejos sexuais masculinos brancos, através de relações sexuais ilegítimas. Em *Gabriela cravo e canela*, um problema se instaura quando um homem tido como branco resolve se casar com uma mulata típica, indo, de alguma forma, contra as regras e convenções sociais de sua época. Esse é o caso emblemático do matrimônio do comerciante Nacib com a mulata perfumada pelas especiarias.

“Gabriela encarna o que se espera de uma típica mulata — sensual e simples, encantadora, mas com ar infantil, de pureza. Ela é natural e mística, apesar de ter consciência de sua beleza e do poder que esse atributo lhe traz. Essa imagem típica é criada e recriada na cultura brasileira por meio de imagens e narrativas. Este texto demonstrará como a conformidade de Gabriela com esse estereótipo social satisfaz a hierarquia patriarcal branca tida como natural e, por isso mesmo, não-questionada. [...] Aliás, a popularidade de *Gabriela* é um forte indicador de como os estereótipos

relacionados às mulheres não-brancas estão enraizados no senso comum” (JOHNSON, 2009, p.182).

A personagem Gabriela, por ser mulata e, de acordo com a letra de Jorge Amado, dona de uma sexualidade livre e exuberante, não consegue, “naturalmente” sobreviver às exigências e restrições do matrimônio. Seu corpo assaz erotizado cede às tentações da carne, de forma que acaba por trair seu marido Nacib, colocando-o diante de um complexo dilema social da época: uma vez traído, como lavar a honra?

A traição de Gabriela reforça a idéia de que o casamento é uma instituição social branca, da qual mulatas, negras e mestiças não devem e não conseguem participar. Além disso, é claro, ratifica-se o projeto de naturalização da sexualidade “à flor da pele” supostamente inerente à cor e à raça.

“A ela [à mulata] não é permitido ser esposa ou mãe, pois é símbolo da liberalidade sexual. Ela não é respeitada nem como mulher nem como indivíduo. Sua função é atrair os homens, ser explorada sexualmente por eles e em troca explorá-los para obter o que quer através do sexo. A aspiração individual que brota de talentos fora desse domínio é, conseqüentemente, destruída ou denegrida no interesse do estereótipo.” (BROOKSHAW, 1983, p.142).

As palavras de Brookshaw (1983) conseguem captar a forma com que as mulheres racializadas – prostitutas ou não – são representadas na obra de Jorge Amado, na maior parte das vezes. O que convém, no momento, é analisar se as representações da literatura amadiana sobre a prostituição feminina se encaminham na direção de imagens e idéias estereotipadas como as que, segundo Brookshaw (1983), governam o imaginário do romancista baiano nas questões referentes à raça/cor.

Para tanto, inicialmente, se procederá ao estudo descritivo, de cunho estatístico, em relação ao universo mais geral das personagens femininas. Somente após esse estudo, terá início a análise das imagens que as prostitutas assumem na obra do romancista baiano. Dessa forma, procura-se delimitar dois grandes conjuntos de personagens: de um lado, o das mulheres de Jorge Amado – mais amplo; do outro, o de suas meretrizes, mais específico.

### 3.2. As Mulheres nos Romances de Jorge Amado

O objetivo central do trabalho em questão se circunscreve à tentativa de traçar as representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado. A Fundação Casa de Jorge Amado, localizada no Centro Histórico de Salvador – Pelourinho, em seu site oficial, [www.fundacaojorgeamado.com.br](http://www.fundacaojorgeamado.com.br), apresenta a listagem do que se convencionou chamar de obra completa desse autor. No entanto, algumas publicações foram deixadas de lado pela lista divulgada no site dessa fundação. Desse fato, decorre a necessidade de se atentar para o caráter convencional do que se apresenta como o conjunto completo dos escritos de Jorge Amado. Pelo menos dois contos estudados minuciosamente por Paulo Tavares (1985) não se encontram na compilação da fundação: *História do Carnaval* e *As Mortes e o Triunfo de Rosalinda*.

Observação feita, as estatísticas oferecidas pela fundação, em relação à obra de Jorge Amado, impressionam. De 1931 a 1997, Jorge Amado escreveu vinte e quatro romances, duas biografias, dois guias, duas memórias, uma peça teatral e um livro infantil. A tentativa de abarcar o maior número possível de personagens femininas, no estudo das representações sobre a prostituição, parece compatível com a adoção de métodos quantitativos de análise.

Outra dificuldade se apresentava à análise de um grande número de personagens femininas: como catalogar cada uma delas e suas características principais? Esse obstáculo pôde ser superado graças ao trabalho sistemático de Tavares (1985), materializado no seu dicionário de personagens: *Criaturas de Jorge Amado*. O dicionário traz, em ordem alfabética, nos seus verbetes, as (os) personagens criadas (os) pelo escritor baiano.

Resta dizer que o dicionário de Tavares (1985) não acompanha toda a obra do escritor baiano, visto que se limita ao ano de 1979. Após essa data, acrescentam-se ao restante dos escritos de Jorge Amado as seguintes publicações: *O menino da grapiúna* (1981); *A bola e o goleiro* (1984); *Tocaia grande* (1984); *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988); *Navegação de cabotagem* (1992); *A descoberta da América pelos turcos* (1992) e *Milagre dos Pássaros* (1997).

No presente trabalho, somente foi utilizado, como fonte, o dicionário de personagens literárias de Tavares (1985). Essa segunda limitação traduz a impossibilidade real de se percorrer, num curto intervalo de tempo – como é o caso em questão, vinte e quatro romances, para se restringir somente a esse gênero da obra

amadiana. Disso, decorre que a caracterização das personagens é feita através dos verbetes de Tavares (1985). Entretanto, em diversos momentos, Tavares (1985) lança mão das próprias palavras do romancista na caracterização de suas personagens.

O escopo de personagens femininas utilizado neste estudo se constitui em subconjunto das criaturas de Jorge Amado catalogadas por Tavares. Dos 4.910 verbetes presentes, no dicionário, foram excluídos da análise todos os personagens masculinos, os animais e aves com nomes próprios, bem como as personagens anônimas. Personagens que possuíam mais de um verbe, graças a apelidos, foram contabilizados uma só vez. Crianças (do sexo feminino) que nada tinham a ver com o universo da prostituição, obviamente, não foram contabilizadas. Diante desses sucessivos recortes orientados pela construção do objeto de estudo, totalizaram-se 888 personagens femininas, que compõem o universo deste estudo.

As personagens amadianas não se restringem, necessariamente, a um romance específico. Ocorre, em diversos momentos, de “passearem” pela obra – o que faz com que algumas personagens, por exemplo, como “Olga de Iansã” e “Senhora”, participem de três romances: *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tenda dos Milagres* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Há, desse modo, diversos casos em que uma personagem está presente em mais de uma obra.

O Quadro I oferece visualização da distribuição das personagens, nas obras tomadas para análise pelo presente estudo. Note-se que a soma das aparições das personagens femininas (941) ultrapassa seu número total, justamente pelo motivo, já assinalado, de que certas mulheres aparecerem mais de uma vez, em mais de uma obra.

### Quadro I: Personagens femininas por obra

	Personagens Femininas por Obra	1 Edições	Gênero	Personagens
1	O País do Carnaval	1931	Romance	15
2	Cacau	1933	Romance	26
3	Suor	1934	Romance	33
4	Jubiabá	1935	Romance	44
5	Mar Morto	1936	Romance	22
6	Capitães da Areia	1937	Romance	20
7	Terras do Sem Fim	1943	Romance	35
8	São Jorge dos Ilhéus	1944	Romance	34
9	História do Carnaval	1945	Conto	4
10	Seara Vermelha	1946	Romance	29
11	O Amor do Soldado	1946	Teatro	1
12	Os Subterrâneos da Liberdade: Os Ásperos Tempos	1947	Romance	23
13	Agonia da Noite	1954	Romance	21
14	A Luz no Túnel	1954	Romance	16
15	Gabriela, Cravo e Canela	1954	Romance	71
16	A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água	1958	Romance	14
17	Os Velhos marinheiros ou O Capitão de Longo Curso	1961	Romance	37
18	De como o Mulato Porciúncula Descarregou seu Defunto	1961	Conto	7
19	Os Pastores da Noite	1963	Romance	56
20	As Mortes e o Triunfo de Rosalinda	1965	Conto	2
21	Dona Flor e Seus Dois Maridos	1964	Romance	118
22	Tenda dos Milagres	1965	Romance	69
23	Teresa Batista Cansada de Guerra	1972	Romance	134
24	Tieta do Agreste	1969	Romance	79
25	Farda Fardão Camisola de Dormir	1972	Romance	25
26	Do Recente Milagre dos Pássaros	1976	Conto	6
	Total de Aparição das Personagens Femininas			941

Não se pretende problematizar a questão das classificações literárias no que diz respeito ao gênero dos escritos de Jorge Amado. Em nenhuma hipótese, a análise das representações sobre a prostituição feminina, feita a partir das personagens desse autor, pretende ter um viés literário. Considerando essa particularidade, tanto a classificação dos gêneros literários proposta por Tavares (1985) em seu dicionário, como as informações referentes às datas das primeiras edições de cada texto foram acolhidas, sem maiores questionamentos teóricos.

A seguir, iniciaremos com uma discussão sobre as características gerais de toda a população<sup>19</sup> feminina incluída neste estudo, com a finalidade de estabelecer um

<sup>19</sup> Dado que a análise em questão objetiva o estudo da prostituição feminina, a partir do recorte já justificado das 888 personagens amadianas, estatísticas descritivas particularmente centradas em cada romance foram descartadas. Poderia ser interessante, mas de pouco ou de nada serviria à investigação das representações sobre a prostituição feminina saber quantas prostitutas existem em tal ou qual obra. A população de 888 mulheres recebeu tratamento em si mesma, sem referência aos seus romances e contos de origem.

parâmetro comparativo em relação ao “mundo da prostituição<sup>20</sup>”. A leitura dos verbetes do dicionário de Tavares (1985) forneceu informações suficientes à construção de nove categorias analíticas, julgadas importantes pelo presente trabalho: ocupação, classe social, estado conjugal, raça, cor e etnia; idade/geração, corpo, corpo erotizado, violência de gênero contra a mulher e, finalmente, violência sexual contra a mulher.

### 3.2.1. Estudo descritivo sobre as personagens femininas de Jorge Amado

#### 3.2.1.1. Ocupação

Uma importante categoria analítica a ser trabalhada neste estudo diz respeito, de forma um tanto quanto óbvia, às ocupações das personagens de Amado. Cada verbete do dicionário *Criaturas de Jorge Amado* (Tavares, 1985) foi lido, sistematicamente, atentando para as ocupações desenvolvidas pelas mulheres criadas pelo romancista baiano.

Há uma gama enorme de ocupações desempenhadas por diferentes mulheres. De atrizes e dançarinas a funcionárias e operárias de fábricas, sem se esquecer das comerciantes e trabalhadoras rurais, Jorge Amado delineou vasto conjunto de ocupações para suas personagens. A diversidade de ocupações é tamanha que parece indicado agrupá-las em conjuntos afins, favorecendo, assim, uma observação de caráter mais abrangente.

---

<sup>20</sup> Entenda-se por “mundo da prostituição”, o grupo de personagens femininas que se envolve direta ou indiretamente com a prostituição. Nesse sentido, esse “mundo” se define pelas seguintes ocupações: prostitutas, caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré.

Tabela 1

Ocupações	Frequência	Percentual Válido
Do Lar	291	32,8%
Mundo da Prostituição	184	20,7%
Sem Ocupação Definida	170	19,1%
Ocupações Femininas	97	10,9%
Outras Ocupações	53	6,0%
Esotéricas e Religiosas	42	4,7%
Comerciantes	33	3,7%
Artistas	14	1,6%
Letradas	4	0,5%
Total <sup>21</sup>	888	100,0%

<sup>21</sup> Para que a ocupação de uma personagem feminina seja tipificada como “do lar”, alguns fatores precisam ser considerados. Inicialmente, essas personagens não devem desempenhar qualquer atividade, de forma sistemática, com objetivo de ganhos econômicos diretos, dentro ou fora do que se convencionou chamar “esfera doméstica ou privada”. Se num verbete do dicionário de Tavares (1985), uma mulher casada, mãe de dois filhos, é definida como lavadeira, por mais que o exercício dessa ocupação se restrinja ao âmbito da esfera doméstica e se some às preocupações do dia a dia com a ordem do lar, essa personagem não será caracterizada como “do lar”.

A segunda exigência, que se soma à primeira, se refere à necessidade de a personagem feminina ser apresentada em função de um estado conjugal que indique a divisão atual ou anterior do lar com uma personagem masculina, salvo o caso em que seja descrita como “mãe”. Assim, a caracterização de “do lar”, observa a necessária ausência de qualquer outra ocupação que se diferencie do trabalho exigido pelo dia a dia de um lar e, adicionalmente, requer que a personagem em questão se encontre definida por um estado conjugal que indique o compartilhamento, presente ou passado, do lar com uma figura masculina.

A questão da divisão do lar com uma figura masculina, indispensável, em diversos casos, à tipificação de uma personagem como “do lar”, respeita, declaradamente, os princípios da heteronormatividade. Essa orientação analítica, contudo, emerge da observação cuidadosa de todos os estados conjugais que envolvem as personagens femininas no recorte analisado da obra de Jorge Amado. Em todas as 888 personagens estudadas, somente duas eram homossexuais e viviam juntas, mas ambas desempenhavam o papel de cantoras de cabaré.

A divisão do lar entre uma personagem feminina e outra masculina, na obra de Jorge Amado, ainda se relaciona com a problemática das classes sociais. Em diversos verbetes, a ausência de ocupação da personagem feminina e a explicitação de um estado conjugal indicativo da existência de um relacionamento, diga-se, mais duradouro com outra personagem masculina não caracterizam o compartilhamento e/ou a sustentação econômica do lar por parte da figura masculina. A classe trabalhadora de Jorge Amado, muitas vezes, estabelece um relacionamento supostamente estável, porém sem dividir a mesma habitação – o que dificulta, sobremaneira, a tipificação de certas personagens femininas como “do lar”.

Assim, para que uma personagem caracterizada como amante (amásia, concubina ou companheira) seja considerada “do lar”, não deve haver menção ao desempenho de qualquer outro tipo de ocupação e, além disso, devem existir indícios de compartilhamento e/ou sustentação do lar pela figura masculina. Como, na classe trabalhadora de Jorge Amado, o fato de uma personagem feminina e masculina serem amantes não sustenta necessariamente a coabitação e/ou o sustento econômico, somente as mulheres amantes de homens de classe média e classe alta foram tidas, imediatamente, como “do lar”. As amantes de personagens masculinos da classe trabalhadora somente foram consideradas “do lar” na presença de indicadores de coabitação.

Diversos verbetes do dicionário *Criaturas de Jorge Amado* apresentam personagens femininas sem introduzirem qualquer informação sobre suas possíveis ocupações. Nesses casos, optou-se pela nomenclatura “sem ocupação definida”.

O que se convencionou por “ocupações femininas” retrata, na realidade, um universo de ocupações que histórica e socialmente tem sido identificado às características supostamente naturais do sujeito social mulheres. Por se tratar de um número reduzido de ocupações, parece interessante oferecer sua listagem: babá, bordadeira, rendeira, costureira, capoeira, cozinheira; doméstica, enfermeira, parteira, lavadeira, professora, datilógrafa, telefonista e secretária.

A distribuição das ocupações entre as personagens femininas chama a atenção em alguns aspectos. Pode-se dizer que uma característica relevante reside nos elevados índices atingidos por dois conjuntos de ocupações, em específico: “do lar”, com 32,8% e “mundo da prostituição”, registrando 20,7%. Somados, esses dois conjuntos chegam a 53,5% do total das ocupações das mulheres retratadas no recorte analítico proposto à obra amadiana.

O único conjunto de ocupação que poderia sugerir uma quebra nessa polarização de ocupações entre “mundo da prostituição” e “do lar” seria o de “sem ocupação definida”. Ora, esse conjunto representa, no mínimo, a ausência de qualquer ocupação para um grande contingente de personagens femininas. Não fossem as limitações da análise em questão, a comparação entre o número relativo de personagens masculinos “sem ocupação definida” e a porcentagem de ocupações indefinidas das personagens femininas talvez pudesse apontar para a presença das construções de gênero na obra de Jorge Amado.

No entanto, o que importa reter, neste momento, é a polarização das ocupações das personagens femininas entre “mundo da prostituição” e “do lar”. Dessa polarização, não se deve procurar produzir inferências de caráter necessário. Isso não quer dizer, por outro lado, que nada se deva fazer com seus possíveis significados. O breve estudo sobre a prostituição, desenvolvido no capítulo 2 dessa dissertação, apoiando-se,

---

O conjunto de ocupações denominado de “outras ocupações” abriga ocupações que não se encontram socialmente vinculadas às supostas características essencialmente femininas. Além disso, sob essa rubrica, também encontram-se reunidas ocupações que, entre si, não possuem pontos afins. Por se tratar de um número limitado de ocupações, vale a apresentação de todos os elementos desse conjunto: auxiliar de barraca, caixa, estudante, herdeira; operária, trabalhadora rural, golpista, traficante, ladra; clandestina, ativista comunista, funcionárias de empresas privadas e públicas, hostess, propagandista e saveirista.

Entre as “esotéricas e religiosas” figuram desde religiosas ligadas ao candomblé até pitonisas e rezadeiras. Como, mais uma vez, a lista das ocupações abrigadas sob a denominação “esotéricas e religiosas” não é assaz extensa, segue sua listagem: cartomante, vidente, pitonisa, feiticeira, curandeira, milagreira, rezadeira, vidente; freira, irmã de caridade, zeladora de igreja; ialorixá, babalorixá, macumbeira, mãe de santo, mãe pequena e sacerdotisa de ubanda.

As personagens femininas reunidas no grupo “comerciantes” representam os mais diversos níveis e práticas de intercâmbios comerciais. Vendedoras de mingau, postas com seus tabuleiros ao longo da cidade da Bahia, proprietárias de pequenas barracas em mercados populares, bem como grandes industriais do ramo de tecidos compõem o universo das personagens femininas que vivem do comércio.

A coleção das ocupações abrigadas sob a rubrica “artistas” se refere a personagens femininas que participam do mundo das artes, sem, contudo, estarem vinculadas às apresentações artísticas desenvolvidas em estreito vínculo com a prostituição. Cantoras e dançarinas de cabarés são ocupações que fazem parte do conjunto denominado “mundo da prostituição”. Para que seja possível a visualização das ocupações que compõem o grupo “artistas”, segue sua lista completa: atriz, cantora, dançarina, trapezista e equilibrista.

As personagens femininas identificadas como “letradas” correspondem às seguintes ocupações: colunista de jornal, poetisa e socióloga.

particularmente, em Rago (1991, 2005) e em Gruman (2006), trabalha os significados sociais da prostituição na economia de comportamentos e gestos das mulheres ditas “honestas”.

O universo feminino até meados da década de 1970, no Brasil, aparece cindido entre “mulheres honestas”, guardiãs da “natural” honra feminina e dos valores da família burguesa, e prostitutas – degeneradas, capazes de desafiar os valores imprescindíveis à vida social sadia e desejável (DEL PRIORE, 2006). Em respeito à lógica dessa construção social dicotômica entre “mulheres honestas” e “mulheres públicas”, a mulher não honesta, que não se reserva ao domínio do tipicamente feminino, ou seja, à esfera do privado, é alijada para a esfera pública e, imediatamente, prostituída.

O que mais representaria o “fantasma” da prostituição senão os efeitos da divisão do universo social feminino em duas esferas dicotomicamente constituídas? A persistência e magnitude da força dessa imagem fantasmagórica em relação às prostitutas podem ser, de alguma forma, sentidas pela presença do termo “mulheres honestas” até 1988 no Código Penal brasileiro. A partir de um espelhamento negativo, a figura da prostituta participa da construção social que define o feminino honesto.

No universo estudado das personagens femininas de Amado, não há como defender a santificação da esfera privada, delineando-a como o local de preservação e resistência dos valores morais patriarcais incorporados pela família nuclear burguesa. De fato, há um sem-número de mulheres que poderiam ser identificadas como transgressoras das normas sociais ligadas à “economia comportamental” das mulheres honestas.

O adultério feminino, por exemplo, não é retratado como algo reprovável em si mesmo, mas como, simplesmente, um fato da vida social. Em alguns momentos, Jorge Amado, inclusive, diagnostica, claramente, os efeitos negativos perpetrados contra as mulheres pelos relacionamentos orientados por valores patriarcais. O verbete reservado à personagem Clara, do romance *Gabriela, Cravo e Canela* é paradigmático da crítica, produzida por Jorge Amado, a alguns valores do patriarcado.

“Clara – ex-aluna do colégio de freiras em Ilhéus e amiga de Malvina Tavares. “Jamais houvera moça mais alegre, mais cheia de vida, formosura sadia, dançarina de tangos, a sonhar aventuras”. Casou por amor, com um bacharel em Direito – e seu destino foi igual ao das outras naquela época de ranços patriarcais: espontaneidade reprimida, alegria morta, a cuidar da casa e a parir filhos” (TAVARES, 1985, p.70).

Por outro lado, e, de certa forma, em contradição com esse tipo de crítica feito a determinados valores patriarcais, os números indicam a polarização das ocupações das personagens femininas em “do lar” e “mundo da prostituição”. Em conjunto, como já foi referido, ser “do lar” e do “mundo da prostituição” ultrapassa os 53% do total das ocupações das personagens femininas. A predominância de prostitutas e mulheres do lar não estaria, em certa medida, refletindo a dinâmica da sociedade brasileira do século XX, que enxerga e classifica, propositadamente ou não, as mulheres divididas nas categorias dicotômicas de “santas” e “putas”?

Os símbolos, que se encontram à disposição em diferentes culturas, como destaca Scott (1991), possibilitam o jogo de construção incessante das representações sobre os sujeitos e/ou objetos sociais. No caso teorizado por Scott (1991), Eva e Maria simbolizam, contraditoriamente, a mulher. No particular do presente estudo, bastaria igualar Eva à mulher pública, à prostituta ou à meretriz, para não se alongar nas sinonímias, e identificar Maria à mulher honesta. As questões que importam, segundo Scott (1991, p.15), são as seguintes: “quais as representações simbólicas evocadas, quais suas modalidades, em que contextos?”.

No contexto das ocupações das personagens femininas de Jorge Amado, caracterizadas pelos verbetes do dicionário de personagens produzido por Tavares (1985), as representações, majoritariamente evocadas, refletem a divisão dicotômica das mulheres em “do lar” e “mundo da prostituição”. Assim, por mais que Jorge Amado não se furte à crítica de determinados valores patriarcais, a construção do universo das ocupações de suas personagens femininas parece dividi-las em categorias mutuamente excludentes.

A categoria denominada “ocupações femininas” possui o quarto lugar entre as atividades mais desenvolvidas pelas personagens do escritor baiano. Se o elevado número de mulheres sem ocupação definida fosse descartado da análise, a categoria “ocupações femininas” saltaria para o terceiro lugar no *ranking* das atividades mais recorrentes. Com efeito, essa categoria contabiliza 10,9% do total das ocupações. Esse fato não deve ser pensado isoladamente; mas, sim, em conjunto com a evidente distribuição polarizada das ocupações das personagens femininas em “do lar” e “mundo da prostituição”.

Classicamente, o “domínio público” define-se por oposição ao “domínio privado”. Esse par dicotômico aparece, de alguma forma, associado à dinâmica social

que sustenta outra dicotomia extremamente conhecida: “esfera da produção” versus “esfera da reprodução”. À esfera da produção cabe o adjetivo “social”, indicando que seus agentes, masculinos, não são naturais e transformam a natureza – a produção é social. No âmbito da reprodução, a mulher se responsabiliza pela reprodução dos seres humanos. Regidas pelas leis da natureza, as mulheres (“seres naturais”) seriam as responsáveis por todos os cuidados “naturais” necessários à criação de seus filhos.

Nesse sentido, parece plausível advogar a favor da soma do grande contingente de mulheres “do lar” com as que se encarregam das “ocupações femininas”, polarizando ainda mais a distribuição das ocupações desempenhadas pelas personagens femininas amadianas. Retirando da conta o total de mulheres sem ocupação definida, as ocupações “do lar” e “ocupações femininas” somariam 54,04%, o “mundo da prostituição” atingiria 25,63%, enquanto que o conjunto de todas as demais ocupações não ultrapassaria os 20,33%.

Sinteticamente, é verdade que, através dos verbetes do dicionário de Tavares (1985), críticas são tecidas em relação a certos valores patriarcais. No entanto, a tradicional divisão sexual do trabalho, alocando as personagens femininas em ocupações próprias da esfera privada, bem como a persistência da dinâmica social que polariza as mulheres nas categorias dicotômicas “honestas” e “públicas” não deixam de ser sugestivas. Pode-se defender que, no trecho estudado da obra de Amado, se atualizam imagens próprias do século do literato baiano em relação ao universo feminino.

Ao longo das 888 personagens analisadas, somente quatro mulheres (0,5%) compõem o grupo “letradas”. Dessas quatro, apenas uma se dedica, realmente, aos debates acadêmicos; duas escrevem, como colunistas, para jornais e uma é poetisa de pouquíssima ou nenhuma importância, segundo as informações consultadas. O mundo das artes também representa uma parcela reduzida das ocupações reservadas, por Jorge Amado, às mulheres. Apenas quatorze personagens femininas (1,6%) participam desse universo.

São em número de trinta e três (3,7%) as mulheres que se dedicam ao comércio, mas apenas três dessas mulheres são comerciantes de grande porte, pertencentes à classe alta. As trinta restantes trabalham em pequenas barracas ou percorrem as ruas como vendedoras ambulantes. Um fato muito curioso diz respeito à existência de apenas uma baiana de acarajé em todo o conjunto de personagens femininas analisadas.

Há ainda elevado percentual de esotéricas e religiosas (4,7%), se for levado em consideração o número relativo de artistas, de letradas e de comerciantes. Após o conjunto das “ocupações femininas”, somente o heterogêneo grupo denominado “outras ocupações”, com 6,0%, reúne mais personagens femininas que as “esotéricas e religiosas”.

### 3.2.1.2. Classe Social

A análise da distribuição das personagens femininas de acordo com o recorte de classe obedece a uma série de critérios. Antes de mais nada, deve-se indicar que o trabalho em questão adotou a subdivisão em três classes sociais para categorizar toda sua população: classe alta, classe média e classe trabalhadora. Assim, salvo a inexistência de indicadores de classe, as personagens se distribuem em uma das três classes definidas.

A forma com que os indicadores de classe foram utilizados na categorização merece detalhamento maior, pois encerram grande gama de procedimentos carentes de justificação. Um dos indicadores de classe que operacionalizou a alocação das personagens nas três classes assumidas foi a “ocupação”. Esse indicador opera de acordo com a divisão das ocupações em dois grandes conjuntos: de um lado, o “mundo da prostituição”; do outro, todas as demais ocupações referidas pelos verbetes do dicionário de personagens de Tavares (1985).

No interior do conjunto “mundo da prostituição”, os critérios implicados para o pertencimento a determinada classe social foram os seguintes: 1) caftinas, prostitutas, dançarinas e cantoras de cabarés descritas sem menção a elevados ganhos econômicos ou propriedades são consideradas classe trabalhadora; 2) caftinas, mesmo sem acumular altos ganhos econômicos, mas proprietárias de prostíbulos figuram na classe média; 3) prostitutas, caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré referenciadas como possuidoras de riqueza pertencem à classe alta. Outras possíveis combinações, como prostitutas donas de prostíbulos, não foram problematizadas por não apresentarem nenhum registro no universo das personagens analisadas.

À parte do “mundo da prostituição”, uma vasta soma de ocupações é retratada pelo gênio de Jorge Amado. Nesse momento, importa registrar, subdividindo por classe, não somente as ocupações desenvolvidas pelas personagens femininas, mas, sobretudo, destacar as ocupações dos personagens masculinos da obra. O enorme contingente de

mulheres “do lar”, ou seja, de mulheres que não desenvolvem uma atividade remunerada diretamente, precisa ser relacionado, caso se pretenda agrupar essas personagens em alguma classe social, com seu universo masculino correspondente: maridos e amantes.

Através da ocupação desenvolvida por seus companheiros, as personagens femininas figuram em determinada classe social. No entanto, alguns detalhes precisam ser esclarecidos. As esposas gozam da mesma classe social de seus maridos, enquanto que sua(s) amante(s) pertence(m) à classe social imediatamente inferior à sua. Dessa maneira, as amantes ocuparão sempre uma classe social “rebaixada” em relação a seus amantes, excetuando-se os casos em que amante, amásia ou companheira tipifiquem, tão somente, uma relação conjugal estável apenas não reconhecida legalmente. Ou seja, há uma vida em conjunto, como casal, contudo, não oficializada.

Na hipótese de acúmulo de ocupações, a condição de classe dos casais se orientará pela ocupação de maior prestígio social. Assim, se uma lavadeira, por exemplo, for companheira de um funcionário público, essa personagem será caracterizada como pertencente à classe média – uma vez que seu companheiro, devido à sua ocupação, é tipificado como classe média.

Parece indispensável listar as ocupações desenvolvidas pelas personagens amadianas, bem como registrar as ocupações masculinas que, através das relações conjugais, serviram de parâmetro para a alocação das mulheres nas classes sociais definidas pelo presente estudo. As seguintes ocupações dotadas de elevado prestígio social definiram, para algumas personagens, o pertencimento à classe alta: diplomata, médico, promotor, princesa, comendadora, prefeito, coronel, governador, membro da ABL (Academia Brasileira de Letras); cientista, advogado, usineiro, deputado, juiz, alta costura, ministro, bacharel, delegado, personagens denominados doutores (Dr.), general, cônsul, engenheiro e grandes comerciantes e/ou industriais.

Abaixo, encontra-se o grupo das profissões consideradas como indicativas do pertencimento à classe média: cabo, funcionário (as) públicos (as) ou de empresas privadas do médio escalão, enfermeira, estudante, professora, freira, panificador, major, farmacêutico, telefonista, hostess, técnico, ferroviário; sargento, jornalista, rábula, gerente, secretária, colunista social, capitão dos portos, bancário, comandante, arquiteto, bailarina, atriz, irmã de caridade, dirigente comunista, padre, diretora de escola, capitão, agrônomo e comerciantes de médio porte.

A classe trabalhadora se define por ocupações dotadas de reduzido prestígio social, cujas remunerações (salariais ou não), de alguma forma, são classificadas como baixas. Segue a lista das ocupações que determinou a inclusão de diversas personagens na classe trabalhadora: lavadeira, doméstica, cozinheira, guarda-costas, dançarina, operária, ladra, curandeira, vidente, rezadeira, parteira; pitonisa, rendeira, bordadeira, mucama, trabalhadora rural, zeladora de igreja, motorista, costureira, trapezista, soldado, estivador, capataz, carpinteiro, marinheiro, padeiro, relojoeiro, ajudantes, cantora e dançarina de cabaré, capoeira, agregados, equilibrista, sacristão, datilógrafa, caixa, babá, feiticeira, meeiro, barqueiro e comerciantes de pequeno porte (geralmente, vendedoras ambulantes).

Obviamente, não só as ocupações, seja da própria personagem estudada, seja do seu companheiro ou esposo, foram utilizadas para definir a classe social das personagens femininas. A localização e/ou descrição das moradias serviram de parâmetros classificatórios. Uma personagem que mora em um barraco, construído numa invasão, foi percebida como da classe trabalhadora. O fato de se morar numa rua, por exemplo, como a Rua Sodré, também serve de parâmetro para distribuição das personagens nas classes sociais. Uma rua habitada por médicos, advogados, provavelmente, abriga pessoas da classe média ou alta.

A descrição participa da determinação da classe social a partir do momento em que indica os aspectos físicos da habitação ou, ainda, retrata a vida social de certas personagens. Considerar uma personagem como alta dama da sociedade ou mesmo um sujeito como abastado indica, de forma um tanto quanto clara, a classe social a qual essas personagens pertencem.

A análise das 888 personagens amadianas, a partir da perspectiva de classe, demonstra a dimensão que a classe trabalhadora possui para a obra do escritor Jorge Amado. Somente agrupando a classe média (27,8%) e a classe alta (17,2%), se torna possível fazer frente, com apenas 2,1% de vantagem, ao grande número de mulheres pertencentes à classe trabalhadora (42,9%). A tabela abaixo traz a frequência e o percentual válido da distribuição das personagens femininas nas três classes sociais definidas pelo presente estudo.

Tabela 2: Classe Social

Classe Social	Frequência	Percentual Válido
Classe Trabalhadora	381	42,9%
Classe Média	247	27,8%
Classe Alta	153	17,2%
Sem Referência	107	12,0%
Total	888	100,0%

Certamente, a classe trabalhadora se apresenta, fora do contexto ficcional, mais numerosa do que a classe alta. Todavia, não se pode defender, com esse argumento, a medida do caráter necessariamente real (no sentido de não ficcional) constituinte das criações literárias e de suas representações divulgadas.

A hipótese mais provável, a princípio, seria sugerir que essa elevada representação da população trabalhadora diz respeito à prioridade que o autor confere a determinado universo social. Talvez, ainda, seja possível se pensar o enquadramento de Jorge Amado em um gênero de criação literária em que a classe trabalhadora se faça presente em sua maioria. Vale lembrar que Jorge Amado foi militante comunista e sua mulher, Zélia Gattai, filha de operário.

Mais uma vez, não fossem as limitações dos dados a serem analisados, poder-se-ia, em estudo comparativo, observar os efeitos das construções de gênero na representação numérica da classe trabalhadora feminina em contraste com a classe trabalhadora composta por homens. Contudo, como o foco, no presente, se circunscreve à prostituição feminina, comparações desse tipo perderam espaço para as relações, a serem estabelecidas, entre mulheres de diversas ocupações e prostitutas.

### 3.2.1.3. Estado Conjugal

No que se refere à categoria “estado conjugal<sup>22</sup>”, um grande índice de ausência de referência foi encontrado, somando 53,6% do total dos casos analisados. Entretanto, mesmo observando a elevada ausência de referências ao estado conjugal das

---

<sup>22</sup> Em relação ao estado conjugal, para que uma personagem fosse considerada casada, ela deveria, simplesmente, ser apresentada como casada ou apontada como esposa. A descrição, por exemplo, “mulher de Januário” também leva a tipificar o estado conjugal da personagem como casada. Sob a rubrica “amante”, localizam-se todas as personagens caracterizadas com os seguintes termos: amante, amásia, concubina, amancebada e companheira. Ser “amada de alguém” não define qualquer tipo de estado conjugal. O adjetivo “separada” engloba tanto as desquitadas, quanto as separadas. Restam ainda quatro estados conjugais, para os quais a tipificação não se deparou com maiores problemas: noiva, viúva, namorada e solteira.

personagens, pode-se sugerir a prevalência de mulheres acompanhadas (38,0%) – casadas, amantes, noivas ou namoradas – em detrimento das não acompanhadas (8,4%) – separadas ou solteiras.

Tabela 3: Estado Conjugal

Estado Conjugal	Frequência	Percentual Válido
Casada	207	23,3%
Amante	109	12,3%
Noiva	12	1,4%
Namorada	9	1,0%
Viúva	41	4,6%
Separada	7	0,8%
Solteira	27	3,0%
Sem Referência	476	53,6%
Total	888	100,0%

Excluindo o grupo majoritário “sem referência” da análise do estado conjugal das personagens de Jorge Amado, a tendência de as mulheres estarem acompanhadas se torna mais perceptível. Dos 38,0% iniciais, passa-se para 81,80%; as não acompanhadas somam, por seu turno, 18,2%. A elevada quantidade de mulheres “do lar” (32,8%) já construía a expectativa de um grande número de personagens femininas acompanhadas.

Há indícios de que ser solteira se constitui em forte estigma social no universo analisado das personagens femininas. Conforme visto anteriormente, a dinâmica da obra amadiana em relação às mulheres as polariza em “mulheres honestas” (do lar) e “mulheres públicas” (prostitutas). Essa polarização, certamente, pode ser estendida ao campo social da reprodução/produção. Assim, o fato de uma personagem feminina se encontrar solteira, a partir de certa idade, parece sugerir que essa personagem está, de alguma maneira, na contramão do “destino biológico da reprodução” reservado às mulheres.

Como os números da tabela indicam, as 27 solteiras representam apenas 3% de toda a população feminina. Dessas 27 solteiras, no entanto, 21 são descritas, nos verbetes do dicionário de Tavares (1985), como “solteironas”, o que representa 77,8% do número de solteiras. O significado do termo “solteirona”, além de ser reconhecidamente difundido na cultura brasileira, encontra seu sentido delineado nas próprias descrições sobre as solteiras denominadas de “solteironas”.

“Celestina – jovem estudante, impiedosa para com o adultério de Sinhazinha Guedes Mendonça, que lhe custou a morte pelas mãos do marido, crime que abalou Ilhéus. É que ela, apesar de “tão nova” já era assim “tão solteirona ...”” (TAVARES, 1985, p.64).

“Veralice – “solteirona aflita”, moradora com a cunhada nas proximidades da Ladeira do Bacalhau, na cidade da Bahia. Ao desencadear-se a confusão gerada pela célebre greve do Balaio Fechado, ela lamentava não ser assaltada por algum “jovem ianque, loiro e potente”” (TAVARES, 1985, p.345).

Ser “solteirona” significa pertencer a um estado conjugal indesejado, que contraria a expectativa social e, em extensão, a expectativa das próprias personagens femininas. É interessante notar que nem mesmo as marcas sociais de geração afastam esse processo negativo de adjetivação. Até uma jovem estudante pode ser tomada como exemplo desse tipo indesejável de estado conjugal, que parece fazer parte da personalidade de certas personagens femininas.

O entendimento, difundido na cultura, de que a falta de sexo torna as mulheres seres “históricos”, a reclamarem, indefinidamente, de tudo parece ainda participar da composição do significado do termo “solteirona”. Não é sem efeitos que Veralice aparece como “solteirona aflita”, numa reprodução fiel às palavras de Jorge Amado, desejosa de ser dominada por um exemplar potente do mundo masculino.

Seria assaz interessante, do ponto de vista analítico, observar a forma como o romancista baiano trabalha os sentidos do estado conjugal “solteiro” em relação a seus personagens masculinos. A existência ou não dessa marca social, para os homens criados pelo romancista, pode ser pensada como efeito das idéias forjadas pelas construções de gênero que circulam nas sociedades ocidentais, a exemplo da sociedade brasileira e baiana.

#### 3.2.1.4. Raça, Cor e Etnia

A análise dos efeitos sociais produzidos pelas marcas socialmente construídas de raça, cor e etnia<sup>23</sup> se constitui em importante campo de estudo sobre as personagens

---

<sup>23</sup>A classificação das personagens femininas de acordo com a raça, a cor e a etnia agrupou certo número de adjetivos sob uma mesma rubrica, uma vez que, por exemplo, nem sempre uma mulher negra era necessariamente chamada somente de negra. Nesse sentido, a classificação de “morena” coube às personagens adjetivadas como morenas, cor de cobre, bronzeadas e tez mate. O grupo “negra” abriga as negras, crioulas, pretas e escuras. As personagens consideradas mulatas foram definidas em termos de mulata clara, mulata branca, mulata escura, cabrocha e pardavasca. O conjunto “mestiça” reúne as personagens femininas descritas apenas como mestiças. Deve-se ainda registrar a categoria “índia”, composta por índias de origem amazonense ou paraguaia.

femininas de Jorge Amado. Para que se possa ter uma visão abrangente das diferentes raças, cores e etnias retratadas pelo romancista baiano, faz-se mister apresentar essa diversidade sem reduções categoriais significativas, aproximando-nos, ao máximo, das descrições presentes nos verbetes do dicionário de Tavares (1985).

Tabela 4: Raça, Cor e Etnia

<b>Raça, Cor e Etnia</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Branca	708	79,7%
Mestiça	5	0,56%
Morena	20	2,25%
Mulata	53	5,97%
Mulata Branca	1	0,11%
Mulata Clara	4	0,45%
Mulata Escura	3	0,34%
Negra	40	4,5%
Cabocla	4	0,45%
Índia	2	0,23%
Francesa	9	1,01%
Árabe	8	0,9%
Italiana	6	0,68%
Argentina	6	0,68%
Espanhola	4	0,45%
Portuguesa	4	0,45%
Inglesa	2	0,23%
Norte Americana	2	0,23%
Finlandesa	2	0,23%
Africana	1	0,11%
Holandesa	1	0,11%
Polonesa	1	0,11%
Peruana	1	0,11%
Hindu	1	0,11%
Total	888	100%

Para a análise das representações sobre a prostituição feminina, bem como para a caracterização da população feminina, a dispersão de informações, propositalmente contida nessa tabela, dificulta o processo de produção de inferências. Assim, apesar de parecer extremamente importante a observação da diversidade de raças, cores e etnias

---

As brancas figuram como as não “marcadas”, visto que, em diversos verbetes do dicionário de Tavares (1985), encontram-se descrições que somente podem dizer respeito a mulheres consideradas brancas, sem, contudo, haver essa explicitação. Assim, se procedeu da seguinte forma na composição do conjunto “brancas”: as brancas são todas aquelas não identificadas como estrangeiras e não marcadas como negras, morenas, mulatas ou índias.

na obra do romancista baiano, o presente trabalho agrupará todo esse universo em três categorias, como pode ser visto na tabela abaixo.

Tabela 5: Raça, Cor e Etnia - grupos

Raça, Cor e Etnia	Frequência	Percentual Válido
Brancas	708	79,7%
Marcadas por Raça/Cor <sup>24</sup>	132	14,9%
Estrangeiras <sup>25</sup>	48	5,4%
Total	888	100,0%

Uma observação sistemática é capaz de extrair hipóteses sugestivas a cerca da diferença presente nas descrições das personagens a partir de um enfoque de raça/cor. Seria interessante indicar que apenas um verbete, dos 888 consultados no dicionário de Tavares (1985), trouxe uma personagem feminina explicitamente descrita pelo termo “cor branca”.

“Teresa – mundana de cor branca mas negreira por inclinação, grande apreciadora de nomes geográficos e versada em outros misteres, com casa no centro da cidade da Bahia. O negro Arigof, jogador, desocupado e atlético, era um dos validos em sua corte” (TAVARES, 1985, p.325).

A mundana Teresa aparece como a única personagem feminina branca caracterizada por sua raça/cor. As outras 707 personagens brancas consultadas apresentam, em alguns casos, apenas sinais de sua cor, sem serem declaradamente descritas em termos de “cor branca” ou qualquer outro adjetivo que aponte para uma classificação que leve em conta aspectos mais diretamente relacionados à raça/cor.

Um exemplo emblemático se desenvolve na caracterização de Natália, personagem do romance *Teresa Batista Cansada de Guerra*, que, apesar de toda sua alvura, não é tipificada como “branca”.

“Natália – falecida esposa do comerciante Almério das Neves que a conheceu mundana jovem, “recentemente no ofício” e tímida, “apelidada

---

<sup>24</sup> O grupo de personagens designado por “marcadas por raça/cor” compreende os seguintes subgrupos: mestiças, morenas, mulatas, mulatas (branca, clara e escura), negra, cabocla e índia.

<sup>25</sup> Uma grande quantidade de personagens estrangeiras foi retratada por Jorge Amado em seus romances. Sob a denominação “estrangeiras” agrupam-se as seguintes nacionalidades: africana, árabe, argentina, espanhola, francesa, polonesa, italiana, finlandesa, sueca; peruana, portuguesa, norte americana, inglesa, holandesa e hindu. As personagens descendentes de somente uma nacionalidade foram percebidas como pertencentes ao grupo estrangeiras. Caso uma personagem qualquer apresente mais de uma descendência estrangeira, essa mulher pertencerá ao conjunto “branca”.

Nata de Leite pela alvura da pele”, morando no castelo de Taviana, situado na Barroquinha, na cidade da Bahia. [...]” (TAVARES, 1985, p.248-249).

A ausência de referências à raça/cor, ao se retratarem as personagens femininas com características que remetem para a “cor branca”, contrasta com a recorrência da marca social de raça/cor para todas as personagens negras, mulatas ou morenas. Parece possível sustentar que o fato de ser branca não merece destaque na caracterização oferecida pelos verbetes do dicionário de Tavares (1985), enquanto que ser negra, mulata, morena ou mestiça representa algo carente de marcação social.

O exemplo que se segue é paradigmático, pois capaz de evidenciar o contraste permanente entre a descrição das personagens brancas e o processo de racialização que opera na caracterização de todas as 132 não brancas (negras, mulatas, morenas, mestiças, caboclas ou índias). A comparação entre as características agrupadas em torno da personagem Natália, cujo apelido “Nata de Leite” diz tão somente sobre sua cor, e os substantivos e adjetivos utilizados na “pintura” de Rosa de Oxalá evidencia que a racialização recai sobre as não brancas.

“Rosa de Oxalá – bela negra, graciosa e alegre, de “pele negro-azul em seda e pétala”, “os braços e os ombros nus sob a bata de rendas, os colares, as contas, as pulseiras, o riso agreste”, bela até no modo de caminhar deixando com as chinelas “um rastro bom de música, a bunda em navegação de maré alta e um pedaço de seio iluminando o Sol”” (TAVARES, 1985, p.301).

As 48 personagens estrangeiras não foram, em momento algum, descritas por termos relacionados a processos de racialização. Por mais brancas que pudessem ser, os verbetes que encerram suas caracterizações consideram tão somente suas etnias, sem se preocuparem com a questão da raça/cor. Com a finalidade de exemplificar essa constatação, transcreve-se abaixo o verbete envolvido na caracterização da Senhora Grant.

“Grant, senhora – inglesa “alta e loiríssima, de modos livres e um tanto masculinos”, esposa de Grant, o Mister, diretor da estrada de ferro de Ilhéus, lugar que ela não tolerava. Vivia na Bahia, dando “grandes jantares em sua casa da Barra Avenida”, para onde acabou levando, e o educava como seu, o filho que o marido distante ganhara da índia que lhe cuidava da casa” (TAVARES, 1985, p.136).

Nos verbetes do dicionário de Tavares (1985) destinados à descrição das personagens brancas, ao que todas as evidências empíricas indicam, dadas as características em destaque nas descrições dessas personagens, o termo “branca” somente aparece uma única vez, no caso da prostituta Teresa, acima destacado. Note-se,

ainda, que esse solitário desvio da norma possui, em sua estrutura, uma idéia contrastante e, talvez, somente por isso, Teresa tenha sido adjetivada de “branca”. Não fossem suas inclinações negreiras, o padrão descritivo seguido pelos verbetes não deixaria espaço para que Teresa fosse descrita como “branca”.

Para as personagens negras, mulatas, morenas, mestiças, caboclas ou índias, em todos os verbetes do dicionário de Tavares (1985), a raça/cor foi ressaltada. Não houve um único caso em que a raça/cor tivesse de ter sido inferida a partir de caracteres físicos. Parece assaz importante, do ponto de vista analítico, o fato de nenhuma branca, por mais esplendorosa em beleza que fosse, ter sido descrita em termos de “bela branca”, como a “bela negra” Rosa de Oxalá.

Em “Sexo Tropical”, Piscitelli (1996) destaca a dinâmica dos processos de racialização em relação ao outro percebido como exótico. A autora, ao citar Lecler (1973), mostra como a questão da alteridade se configura de forma complexa, indo muito além da simples negação e/ou exploração do outro. Apagar e/ou representar negras, mulatas e mestiças apenas como atores sociais sem importância diz respeito tão somente a uma das possíveis formas de objetificação do outro.

O que parece mais relevante, nas descrições oferecidas pelos verbetes do dicionário de Tavares (1985), sobre as personagens femininas marcadas pela raça/cor, é a incorporação do outro como exótico através da construção de uma “raça” a ser “degustada”, como ressalta Piscitelli (1996). Há expressões reveladoras da dinâmica de racialização rumo à degustação do outro exótico.

“Ana Mercedes – jovem morena dourada, de “olhar noturno, sorriso de semi-abertos lábios” meio grossos e cujo andar “era a própria dança”, uma “navegação de ancas e seios”, milagre da miscigenação na cidade da Bahia. Estudante de jornalismo e mestra na sedução, conseguiu subornar o dr. Brito, diretor do DIÁRIO DA MANHÃ [...]”(TAVARES, 1985, p.16).

A miscigenação vista como um milagre, ao se revelar em Ana Mercedes, não produz seus efeitos senão na constituição física dessa personagem, representada como exuberante. Suas características físicas e comportamentais fazem da estudante uma mestra na arte da sedução. Olhares, sorrisos, ancas e seios se materializam, sob a juventude da pele morena, num corpo milagroso. De resto, os desejos sexuais masculinos convergem sobre essa personagem “puro corpo” (CORRÊA, 1996).

Outro verbete do dicionário de Tavares (1985) demonstra, com as próprias palavras de Jorge Amado, dado que Tavares as traz entre aspas, a representação sobre miscigenação de raças como produtora de outros exóticos a serem desejados e

consumidos. Os processos sociais de racialização implicados na constituição de corpos erotizados parecem bastante evidentes nas personagens marcadas pela raça/cor.

“Carol – amásia do ricalhaço Modesto Pires, de Santana do Agreste. Originária de Sergipe, “obra-prima de Deus e da fusão de raças”, ela vivia, “opípara e proibida”, reclusa sob sete chaves em casa bem no centro da cidade – até o dia em que o seminarista Ricardo transpôs a fortaleza, encorajando outros admiradores” (TAVARES, 1985, p.45).

O contra-exemplo da dinâmica de racialização, que se verifica na produção de corpos marcados pelo erótico, pode ser identificado na descrição da única personagem feminina mulata que, sem ser percebida como “mulata clara”, é chamada de “mulata branca”. Parece intrigante que essa mulata “branca” não seja exemplar dos milagres físicos e comportamentais da miscigenação. No entanto, mais notável ainda é o fato de essa personagem aparecer descrita como uma mulher intelectualizada.

“Edelweis Vieira – baiana robusta e resoluto, “mulata branca de rosto redondo e manso falar”. Conquistou por si só, “autodidata e artesã”, um lugar ao sol entre os etnólogos, antropólogos, sociólogos e outros luminares especializados no estrangeiro que pontificavam nos meios doutos da universitária cidade da Bahia. Era secretária do Centro de Estudos Folclóricos, escrupulosa pesquisadora, e das poucas pessoas a conhecer a obra de Pedro Arcanjo. [...]”(TAVARES, 1985, p.95).

### 3.2.1.5. Idade/Geração

O estudo relativo à questão das gerações levou em consideração apenas as referências diretas capazes de indicar em que faixa etária as personagens femininas amadianas se encontram. Não foi feito qualquer tipo de inferência com o intuito de definir, para as personagens analisadas, seus pertencimentos geracionais. O trabalho em questão subdividiu o estudo da idade/geração em três momentos: jovens, adultas e idosas. Considerando a metodologia adotada<sup>26</sup>, obteve-se a seguinte frequência de mulheres jovens, adultas e idosas na população estudada.

---

<sup>26</sup>O grupo denominado “idosas” abriga mulheres que, nos verbetes do dicionário de Tavares (1985), são adjetivadas de velha, velhinha, velhíssima, velhota, sessentona, sexagenárias; nonagenária, centenária, quinquentona, idosa, anciã, deã, certa idade, sem idade, envelhecida e senhora. Contudo, para que uma personagem descrita como senhora seja considerada idosa, outros indicadores de idade devem ser fazer presentes, situando-as a partir dos cinquenta anos de idade.

De acordo com o romancista Jorge Amado, os cinquenta anos demarcam o início da velhice. Isso fica claro na descrição da personagem Zefa, do romance *Cacau*. “Zefa – “velha de cinquenta anos”, rameira na Rua da Lama, em Pirangi. Esteve de amores com o preto Honório, jagunço da fazenda de cacau Fraternidade, a quem dirigiu o bilhete transcrito no texto” (TAVARES, 1985, p.357).

O conjunto das personagens “adultas” se define em relação aos seguintes termos utilizados nas caracterizações dos verbetes: quarenta e tantos, quarentona, trintona, madura, madurona, meia-idade e,

Tabela 6: Idade/Geração

Gerações	Frequência	Percentual Válido
Jovem	112	12,6%
Adulta	41	4,6%
Idosa	57	6,4%
Sem Referência	678	76,4%
Total	888	100,0%

A elevada ausência de marcação social em relação aos aspectos geracionais torna difícil a tarefa analítica, visto que impõe sérios obstáculos à caracterização da população tomada para estudo. Parece realmente significativo ter mais de  $\frac{3}{4}$  (76,4%) de uma amostra sem definição no que diz respeito a determinada categoria analítica.

No estudo das ocupações, o percentual de personagens femininas sem ocupação definida ficou em 19,1%; a classe social somente se apresentou indefinida para 12% das 888 mulheres estudadas (vale ressaltar, contudo, que a presença de diversos indicadores indiretos de classe permitiu a redução do número de personagens sem classe definida). As referências à raça, à cor ou à etnia não apresentaram percentual algum de indefinição – todavia, isso se deve ao fato de que a cor branca foi entendida como não marcada e, portanto, característica de todas as personagens até o momento em que fossem descritas como de outra raça, cor ou etnia. Por fim, a análise do estado conjugal revelou que 53,6% das personagens femininas não foram caracterizadas atentando para esse aspecto.

Esses números parecem indicar, através de uma simples comparação estatística, a natureza marginal atribuída à geração no delineamento das representações sobre as personagens femininas de Jorge Amado. Assim, de acordo, estritamente, com os valores percentuais, pouco pode ser afirmado sobre a geração além da sua fraca importância descritiva.

Entretanto, a observação atenta de alguns dos adjetivos utilizados na delimitação das idades e gerações aponta para um caminho analítico, em certa medida, interessante.

---

ainda, senhora – sem referência a qualquer sinal de idade superior aos cinquenta anos. No que diz respeito às idades, as “adultas” devem ser maiores de vinte anos e menores de cinquenta.

Sob a rubrica “jovens”, encontram-se todas as personagens descritas como menina, adolescente, moça, jovem, garota; menina-moça, mocetona, mocinha, moçoila, nova e as que se situam abaixo dos vinte anos de idade. Para o presente trabalho, os pontos limítrofes que separam a infância da adolescência variam de acordo com um arranjo complexo entre idade e experiência sexual das personagens. Uma personagem de dez anos, por exemplo, que já se percebe como vítima de algum tipo de assédio sexual pertence ao conjunto das jovens. Na prática, a leitura sistemática dos verbetes do dicionário de Tavares (1985) tornou essa difícil distinção teórica entre infância e adolescência um tanto quanto mais fácil, dada a ausência, no recorte estudado da obra amadiana, de casos indubitáveis de pedofilia.

A juventude das personagens femininas parece ser considerada como algo desejável que se perde, a contra gosto, ao longo do tempo. Enquanto as personagens se encontram abaixo dos vinte anos de idade, nenhum processo de adjetivação, nos verbetes do dicionário de Tavares (1985), se refere a qualquer debilidade em função da idade/geração.

A inexperiência e a imaturidade não fazem parte do mundo das personagens jovens – ao menos não foram encontrados verbetes descritivos (TAVARES, 1985) que apontassem nessa direção. Os adjetivos empregados parecem não ressaltar os contrapontos do que se considera a “flor da idade”: meninota, adolescente, moça, jovem, garota; menina-moça, mocetona, mocinha, moçoila, nova.

As personagens femininas adultas são representadas, a partir dos trinta anos, como mulheres que perderam a juventude e encontram-se marcadas pelo indesejado avançar da idade. Ser vista como “madurona”, “trintonna” ou “quarentona” parece definir a maturidade muito mais pelo viés da perda da juventude, rumo à suposta decadência da velhice, do que por um estado positivo ou, no mínimo, neutro, assumido pelas mulheres.

Segundo Jorge Amado, a velhice tem início, para suas personagens femininas, aos cinquenta anos de idade. O romancista baiano não hesita em chamar de “cinquientona” as que se situam nessa faixa etária. O verbete destinado à caracterização da personagem Carmosina, do romance *Tieta do Agreste*, traz um exemplo paradigmático sobre as mulheres “cinquientonas” do autor baiano.

“Carmosina Sluizer da Consolação – filha do falecido Juvenal da Consolação e de dona Milu [...]. “Cinquientona, sarará, corpulenta, cara larga, voz rouca”, solteirona extrovertida, dada a leituras e sem preconceitos [...]. Seu primo, o moço Amintas, funcionário desocupado e inteligente, rimava: “Carmosina, quase albina, mais que ladina, voz masculina, língua ferina, doce assassina.” Era amiga íntima de Tieta desde a juventude [...]”(TAVARES, 1985, p.61-62).

As limitações do presente trabalho inviabilizam o estudo comparativo entre os efeitos do tempo (idade/geração), em intersecção com o gênero, na descrição das personagens femininas e masculinas. Seria interessante poder observar, de acordo com a perspectiva geracional, a forma com que o gênero opera ao alinhar diferenças e semelhanças nas caracterizações das (os) personagens amadianas (os) – uma vez que a vivência da velhice possui significados diferentes para homens e mulheres (BRITO DA MOTTA, 2000).

### 3.2.1.6. Corpo

A partir da leitura sistemática dos verbetes do dicionário de Tavares (1985), outras marcas sociais, constituintes das descrições sobre as personagens femininas amadianas, foram identificadas como adequadas e necessárias ao contexto do presente estudo. Nesse particular, as caracterizações das mulheres de Jorge Amado, produzidas por Tavares (1985), em alguns casos, se referem ao corpo feminino. A referência a aspectos do corpo feminino foi trabalhada através da construção de duas categorias: “corpo”, mais ampla, e “corpo erotizado”, uma especificação ou subconjunto da primeira.

Por “corpo” define-se qualquer remissão a características corporais. Não foram contabilizadas como referências ao corpo descrições cujos caminhos apontassem para as vestimentas. Além disso, cumpre ressaltar que as características corporais referidas, no caso dessa categoria, podem ter ou não caráter erótico. O seguinte verbebo traz uma referência ao corpo sem erotização aparente:

“Cabrita – “meninota de quatorze anos, esverdeada e ossuda”, e já rameira havia dois anos, moradora na Rua do Cancro Mole, no bairro de Muricapeba, em Buquim. Aderiu à campanha de socorro aos variolosos por ocasião da epidemia, comandada por Teresa Batista” (TAVARES, 1985, p.54).

Os limites estabelecidos entre a descrição corporal erótica e não erótica são difíceis de serem estabelecidos teoricamente. Se o marco decisório residir no desejo de cada sujeito, e não nas representações compartilhadas sobre um corpo desejável, o debate não chega a lugar algum ou chega a algum lugar de pouco valor para a análise sociológica. Não se pode negar a possibilidade real de determinado indivíduo se atrair, justamente, por uma menina de quatorze anos ossuda e esverdeada, daí, porém, a identificar esse tipo físico como símbolo de mulher socialmente desejável vai uma imensa distância.

Em muitos casos, a descrição apresentada por Tavares (1985) deixa, claramente, à amostra a intenção de retratar um corpo de forma a lhe constituir enquanto objeto de desejo. Logo, desloca-se o debate sobre que tipo ou tipos de corpos são socialmente desejáveis e centra-se a discussão em torno da caracterização das descrições que procuram representar corpos capazes de suscitar desejos, ou seja, que constroem corpos

erotizados. O verbete transcrito abaixo procura oferecer um exemplo de descrição com vistas à erotização de um corpo:

“Lúcia – jovem “das tranças negras, seus seios redondos, suas coxas como colunas, morenas, cor de canela”. Uma das três irmãs, com Violeta e Maria, filhas dum agregado da fazenda de cacau Baraúnas. “Veio o patrão (coronel Teodoro Martins) e a levou”. Depois, ele se foi e nada deixou. Numa casa de rameiras pobres, em Ferradas, as irmãs de novo se juntaram “unidas no sofrimento, unidas no seu destino”” (TAVARES, 1985, p.203).

Dessa forma, por contraste, as descrições sobre os corpos femininos diferenciam-se entre meras referências aos corpos e referências erotizadas aos corpos. Obviamente que, mesmo deslocando o problema da identificação de um corpo erotizado ou não erotizado para o plano do contraste entre as descrições, no fundo, resta a noção do que se considera um corpo erotizado – governando o nível desse contraste.

Sobre o que se considera um corpo desejável, talvez seja interessante recuperar a idéia do desejo frente ao Outro exótico. Piscitelli (1996) trabalha com o entendimento de que o exótico participa da captura do desejo de degustação experienciado pelos sujeitos. Para os estrangeiros do Norte, o exótico das brasileiras, muitas vezes ainda meninas, se localiza na complexa intersecção entre nacionalidades, cores e vestígios das relações imperiais, atualizadas na dinâmica da geopolítica Norte/Sul.

No caso dos brasileiros, seus desejos se colariam, predominantemente, nas “orientais”, índias, ciganas e ainda nas “loiras de olhos verdes”. O presente trabalho acredita que essa noção do exótico tenha particularidades regionais. Para o Nordeste brasileiro, “loiras de olhos verdes” figuram como muito mais exóticas do que para os habitantes da região Sul.

Piscitelli (1996, p.32) chega a afirmar que, em determinado conjunto de textos tomados para análise, as mulatas não se constituem em um outro exótico para os brasileiros, não lhes convocando o desejo: “Os textos que apresentam a prostituição envolvendo apenas brasileiros e brasileiras apontam também para “marcas” e noções do “exótico”. Porém, as jovens que chamam atenção dos brasileiros não são “mulatas””.

Também se observa que a prostituição voltada ao mercado interno “comercializa”, prioritariamente, loiras e morenas de pele clara. No momento, faltam estatísticas a esse respeito. Contudo, quem se der o luxo de despender algumas horas em frente ao computador, investigando os sites que anunciam prostitutas, garotas de

programa e acompanhantes ou procurar contabilizar o número de mulatas e negras, por exemplo, nas capas de algumas revistas masculinas, poderá constatar essa prioridade.

Essa realidade não parece afastar, necessariamente, a mulata (símbolo sexual nacional) do desejo de inúmeros brasileiros e brasileiras. Apesar de ocuparem um número reduzido das páginas das revistas masculinas e de sua pequena presença nos sites de prostituição de luxo, as negras e mulatas parecem continuar a figurar nesses espaços como algo exótico a ser consumido. Se não suscitam o desejo declarado da grande maioria, são capazes de suscitar o desejo de alguns que as identificam, minimamente, enquanto exóticas.

Da mesma forma que o exotismo das loiras de olhos verdes parece variar entre as diversas regiões brasileiras, a morenas, mulatas e negras talvez suscitem interesses, diferentemente, de acordo com as particularidades de cada local. A mulata para exportação, construção largamente difundida por Sargentelli nos seus shows de mulatas, parece continuar despertando ativamente o desejo hetero ou homossexual.

Em Jorge Amado, as estatísticas apontam para a persistência da mulata como símbolo sexual nacional, dado que suas descrições fazem apelo, recorrentemente, ao campo do corpo exuberante voltado ao exercício da sexualidade. Os números que sustentam essa observação sobre a mulata, na literatura de Amado, serão trabalhados na seção reservada ao estudo da prostituição feminina na obra desse autor.

Para um estudo cuja temática aborda a prostituição praticada por mulheres, parece de fundamental importância observar a natureza e intensidade das referências feitas ao corpo feminino. A discussão sobre se as prostitutas vendem seus corpos ou apenas vendem serviços e/ou fantasias soa, em algum sentido, superficial. A condição básica à venda de um serviço ou fantasia se constrói, na grande maioria das vezes, sobre a materialidade do corpo: o fato de usá-lo, de tal ou qual forma, repercute na percepção de si mesmo e, logo, nos processos de construção de identidade.

Tabela 7: Corpo

Corpo	Frequência	Percentual Válido
Presença do Corpo	312	35,1%
Ausência do Corpo	576	64,9%
Total	888	100,0%

Nesse momento do trabalho, não se pretende investigar que ocupação, por exemplo, possui o maior número de personagens cujos corpos foram utilizados nas

descrições das criaturas de Jorge Amado pelos verbetes do dicionário de Tavares (1985). Muito menos objetiva-se empreender o estudo sobre que raça, cor ou etnia se correlaciona, mais fortemente, com a categoria corpo. Esses desdobramentos se reservam quando da análise do “mundo da prostituição”.

O que importa reter é que em quase 65% dos verbetes do dicionário de Tavares (1985), as personagens femininas não foram descritas a partir de suas características corporais. De alguma forma, esse fato parece sugerir uma possível relativização do peso definidor das características corporais na construção das representações sobre as mulheres criadas pelo romancista baiano. No entanto, se um grupo específico de personagens ou de ocupação concentrar sobre si a maior parte das referências ao corpo, a possível relativização da presença do corpo na produção das representações sobre as mulheres amadianas se reveste de novos significados.

#### 3.2.1.7. Corpo Erotizado

A categoria corpo erotizado se constitui em subconjunto da categoria corpo. Diante disso, não se pode esperar que o número de referências aos corpos erotizados seja superior ao total computado de descrições que dizem respeito, simplesmente, aos corpos. Menos de 1/5 das mulheres representadas tiveram seus corpos caracterizados de forma erotizada, como precisa a tabela abaixo.

Aparentemente, o baixo percentual de descrições que fazem uso dos corpos erotizados, no dicionário de Tavares (1985), parece apontar para o papel secundário do corpo na construção das representações sobre as mulheres no recorte da obra de Jorge Amado. No entanto, aqui também cumpre ressaltar que se os 18,4 % de corpos erotizados se concentrarem na caracterização de um grupo específico de personagens, esse reduzido número se reveste de novas implicações.

Tabela 8: Corpo Erotizado

Corpo Erotizado	Frequência	Percentual Válido
Presença de Corpo Erotizado	163	18,4%
Ausência de Corpo Erotizado	725	81,6%
Total	888	100,0%

### 3.2.1.8. Violência de Gênero contra a Mulher

A perspectiva de gênero adotada pelo presente estudo reconhece que o vetor da dominação-exploração, nas relações entre homens e mulheres, entre homens e homens ou, ainda, entre mulheres e mulheres, na grande maioria das vezes, pesa sobre os ombros identificados ao feminino. Assim, se em determinada medida parece necessário ampliar o campo de observação e pensar as múltiplas possibilidades relacionais, adotando-se o conceito de gênero cunhado por Scott (1991); em certo sentido, também se deve declarar a frequência das relações de gênero orientadas pela dinâmica patriarcal, ou seja, a relevância social das relações de gênero patriarcais.

Os estudos sobre prostituição feminina devem abordar, entre outras questões, o problema do “acesso sistemático” ao corpo feminino. Na prostituição, o acesso outorgado aos homens em relação ao corpo historicamente objetificado das mulheres se desdobra tanto na sua utilização como fonte de satisfação dos mais diversos prazeres masculinos, quanto no consentimento de práticas violentas contra as mulheres.

“A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de ‘lei do direito sexual masculino’. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno” (PATEMAN, 1993, p.16-17).

Nas sociedades patriarcais capitalistas, pode-se destacar, dentre os fatores condicionantes da violência de gênero<sup>27</sup> contra a mulher, o intolerável sentimento de impotência vivenciado por grande parte dos homens, seja diante da divergência de desejos de suas mulheres, seja em situações em que as circunstâncias os desloquem do exercício da sua virilidade.

“A belíssima Ângela Diniz foi assassinada por Doca Street, que descarregou seu revólver especialmente em seu rosto e crânio, impedindo-a de conservar

---

<sup>27</sup>“Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio” (SAFFIOTI, 2001, p.115).

sua beleza, pelo menos, até seu enterro. Atirar num lindo rosto deve ter tido um significado, talvez o fato de aquela grande beleza tê-lo fascinado, aprisionando-o a ela, impotente para abandoná-la. [...] O poder apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações desse tipo (SAFFIOTI e ALMEIDA, 1995). [...] Por esta razão, formula-se a hipótese [...] de que a violência doméstica aumenta em função do desemprego” (SAFFIOTI, 2004, p.51-84).

Os estudos sobre violência, entretanto, esbarram em dificuldades conceituais e operacionais. A classificação, por exemplo, de determinado fato como “violento” encontra-se em função do ponto de vista daquela (s) ou daquele (s) que vivenciou (aram) a situação em questão. Nesse contexto, o objeto “violência” encerra elevada complexidade analítica, visto que cada sujeito pode significar, diferentemente, um mesmo fenômeno social.

Para algumas mulheres, serem chamadas de ordinárias e, ao mesmo tempo, após receberem um “tapa” nas “ancas”, serem convocadas a reboarem até o chão não se constitui violência alguma. Para outras, esse fato pode ser percebido como uma grave violência física e moral. Uma boa saída, nesses casos, é adotar como parâmetro o conceito de direitos humanos<sup>28</sup>, ainda que esse se mostre insuficiente às reivindicações feministas (SAFFIOTI, 2004).

---

<sup>28</sup> A “Convenção de Belém do Pará” – Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – realizada em 1994, adotada, em junho de 1994, pela Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos e ratificada, em novembro de 1995, pelo Brasil define, em seus artigos primeiro e segundo, o que se compreende por “violência contra a mulher”:

“Artigo 1º- Para os efeitos desta Convenção deve-se entender por violência contra a mulher qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado.

Artigo 2º- Entender-se-á que violência contra a mulher inclui violência física, sexual e psicológica”.

É necessário destacar, ainda, a importância da “Convenção de Belém do Pará” ao ampliar e assegurar o Programa de Ação e a Declaração da Conferência Mundial de Direitos Humanos realizada em 1993, em Viena. Nesse sentido, os artigos terceiro, quarto e quinto dessa Convenção merecem destaque.

Artigo 3º- Toda mulher tem direito a uma vida livre de violência, tanto no âmbito público como no privado.

Artigo 4º- Toda mulher tem direito ao reconhecimento, gozo, exercício e proteção de todos os direitos humanos e às liberdades consagradas pelos instrumentos regionais e internacionais sobre os direitos humanos. Estes direitos compreendem, entre outros:

- a) o direito a que se respeite a sua vida;
- b) o direito a que se respeite sua integridade física, psíquica e moral;
- c) o direito à liberdade e à segurança pessoais;
- d) o direito a não ser submetida a torturas;
- e) o direito a que se respeite a dignidade inerente a sua pessoa e que se proteja sua família;
- f) o direito à igualdade de proteção perante a lei e da lei;
- g) o direito a um recurso simples e rápido diante dos tribunais competentes, que a ampare contra atos que violem seus direitos;
- h) o direito à liberdade de associação;
- i) o direito à liberdade de professar a religião e as próprias crenças, de acordo com a lei;

O presente trabalho procurou observar se, nas descrições oferecidas por Tavares (1985) sobre as personagens femininas de Jorge Amado, era possível identificar qualquer tipo de violência de gênero perpetrada contra essas personagens, que, por definição, fosse capaz de ferir os direitos básicos das cidadãs. No escopo de verbetes analisados, diversas foram as violências sofridas por essas mulheres.

Algumas foram violentadas, esganadas, furtadas, abandonadas, seduzidas, espancadas e assassinadas; outras, devolvidas, aprisionadas por seus amantes, estupradas e presas. Em alguns casos, mais de um tipo de violência de gênero é praticado contra as personagens femininas do romancista baiano, como ocorre com a personagem Zilda, do romance *Cacau*.

“Zilda – filha do velho Ascenço, agregado na fazenda de cacau Fraternidade, em Pirangi. Menina-moça, era “mulatinha clara, olhos grandes de criança”, e vivia com o pai, sozinhos, numa casinha à margem da estrada, também ela trabalhando no campo. Aos onze anos é seduzida pelo filho do patrão, Osório, estudante na Bahia em férias na fazenda, o qual a abandona à prostituição, na miséria. Morre-lhe o pai de desgosto, e ela, a sofrer calada, agasalha contudo um sonho: reencontrar mais uma vez o sedutor. Quando isso acontece, cerca de dois anos depois, e ele a tange de suas vistas, ela não vacila – bebe veneno, suicidando-se” (TAVARES, 1985, p.360).

No conjunto analisado da obra de Jorge Amado, o número de personagens femininas que sofreram alguma modalidade de violência de gênero parece bastante reduzido face às estatísticas sobre a violência de gênero contra a mulher na sociedade brasileira. Como a tabela abaixo indica, apenas 10,5% das personagens estudadas foram, de alguma forma, violentadas. Quase 90% da população analisada não sofreu qualquer tipo de violência de gênero, ao menos que merecesse destaque pelas mãos de Tavares (1985).

Tabela 9: Violência de Gênero contra a Mulher

Violência de Gênero contra a Mulher	Frequência	Percentual Válido
Sofreram Violência	93	10,5%
Não sofreram Violência	795	89,5%
Total	888	100,0%

j) o direito de ter igualdade de acesso às funções públicas de seu país e a participar dos assuntos públicos, incluindo a tomada de decisões.

Artigo 5º- Toda mulher poderá exercer livre e plenamente seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais e contará com a total proteção desses direitos consagrados nos instrumentos regionais e internacionais sobre direitos humanos. Os Estados-partes reconhecem que a violência contra a mulher impede e anula o exercício desses direitos.

Em 2001, a Fundação Perseu Abramo empreendeu uma pesquisa, totalizando 2.502 entrevistas com mulheres brasileiras de mais de 15 anos. A amostra foi estratificada de acordo com a idade e a representatividade geográfica e de porte dos municípios. Essa pesquisa abrangeu 187 municípios, de 24 estados. A margem de erro, em relação ao total da amostra, varia entre  $\pm$  dois pontos percentuais.

Os dados de campo obtidos pela Fundação Perseu Abramo revelam que 43% das mulheres brasileiras já sofreram algum tipo de violência praticada por homens. Dentre essas mulheres agredidas, 33% sofreram de violência física; 27% declararam terem sido vitimadas por violências psíquicas, além dos 11% de mulheres que passaram por assédio sexual. Assim, os números, referentes à violência de gênero contra mulher, encontrados pela Fundação (43%) divergem, sobremaneira, dos 10,5% das personagens femininas de Jorge Amado vítimas de agressão.

Não se espera que a obra de um romancista guarde fiéis proporções com a realidade. O universo literário possui certa autonomia em relação à realidade social em que se sustenta. Diversas determinantes, inclusive as de natureza literária, entram em jogo quando da constituição de um romance. Contudo, não deixa de ser significativo observar o baixo percentual de personagens vítimas<sup>29</sup> de violência de gênero na obra de Amado. Indubitavelmente, o romancista baiano se preocupou em retratar as mais diversas experiências humanas, inclusive, em termos de classe social, ocupação, raça, cor e etnia, estado conjugal e idade/geração.

Resta, ainda, a possibilidade de Amado ter concebido a violência de gênero contra a mulher como típica de algum grupo minoritário de suas personagens, estigmatizando a questão. Em todo caso, acredita-se que o cruzamento estatístico entre as personagens vítimas de violência de gênero com outras variáveis pode oferecer alguma resposta nesse sentido.

---

<sup>29</sup> O termo “vítima” ou “vítimas” não deve remeter à idéia de que as mulheres encontram-se passivas diante da questão da violência contra a mulher. O que se observa, com efeito, é que em ambos os pólos de uma relação de violência contra a mulher há doses surpreendentemente desiguais de poder, mas, por mais diminuto que possa parecer, as mulheres detêm uma certa dose de poder. Essa realidade tem permitido às mulheres conquistarem, ao longo do tempo, diversos espaços sociais – inclusive no combate contra a violência contra a mulher: “A relação de dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no pólo de dominada-explorada. Ao contrário, integra esta relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder. Com efeito, nos dois pólos da relação existe poder, ainda que em doses tremendamente desiguais. [...] As mulheres, portanto, não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas também mercê da luta que travam com os homens pela ampliação-modificação da estrutura do campo do poder *tout-court*” (SAFFIOTI, 1992, p. 184).

### 3.2.1.9. Violência Sexual contra a Mulher

Os números que dizem respeito à violência sexual contra a mulher<sup>30</sup>, por terem sido definidos como subconjunto da violência de gênero contra a mulher, são obviamente menores do que os apresentados em relação a qualquer tipo de violência que, de forma geral, atinja as mulheres. Apenas 32 personagens femininas, isto é, 3,6% sofreram alguma modalidade de violência sexual no recorte analisado da obra de Jorge Amado.

Entre as 32 personagens violentadas sexualmente encontram-se algumas que, seduzidas, em seguida, são abandonadas – tanto por seus sedutores, como por suas famílias de origem; outras que foram estupradas e, ainda, as que são, simplesmente, levadas por seus patrões, donos das terras e de tudo o que se encontra sobre elas. Num extremo de objetificação da mulher, ocorrem casos de venda ou troca das personagens femininas por mercadorias.

“Maria Romão – mulata de dezenove anos completos, “alta, trigueira, de cabelos lisos”, “ancas fortes e busto soberbo”, chegada a Cajazeiras do Norte numa leva de paus-de-arara do capitão Neco Sobrinho, mercador de sertanejos para Goiás, que a “trocou por carne-seca, feijão, farinha e rapadura”, negócio feito com o depravado comerciante Justiniano Duarte da Rosa, com quem ela esteve acasalada por pouco mais de uma semana, tempo bastante para ser berganhada, por suspeita de lepra, com a caftina Gabi” (TAVARES, 1985, p.225-226).

Como já foi mencionado, o que parece mais importante, para o trabalho em questão, não é estabelecer um paralelo, com finalidade comparativa, entre os números da obra estudada e os dados reais da sociedade brasileira, apesar dessa simples comparação ser capaz de convocar as atenções. O mais relevante reside em observar em que grupo ou grupos de personagens os números da violência sexual se concentram – visto que essa hipotética concentração possibilitaria a análise dos valores e representações veiculados na obra do escritor baiano.

---

<sup>30</sup> A violência sexual pode ser definida como um conjunto de tentativas, investidas e/ou atos com fins sexuais praticados por um indivíduo contra o desejo de outra pessoa, utilizando-se, para tanto, da força ou de quaisquer outros instrumentos de coação. A tipificação da violência como sexual é feita independentemente do caráter afetivo da relação, bem como do local (ambiente doméstico ou de trabalho) em que ocorre a prática violenta (OMS, 2002).

O assédio sexual se constitui em um tipo específico de violência sexual em que um dos elementos da relação apresenta mais do que um convite ao outro com o objetivo de concretizar determinada prática sexual. No assédio sexual, a recusa gera a expectativa, muitas vezes efetivada, de retaliações, das mais diversas possíveis, contra aquela (e) que não consente com a proposta sexual.

Teoricamente, defende-se que o contexto social a que Jorge Amado pertence está, estreitamente, relacionado à produção das representações sobre as personagens femininas em sua obra, dentre elas, ressaltando o caso numeroso das prostitutas. Nesse momento, o presente trabalho se deterá, especificamente, na análise estatística das imagens assumidas pelas personagens envolvidas com o meretrício.

#### 4. AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA LITERATURA AMADIANA

Como a seção anterior destacou, foram selecionadas 26 obras de Jorge Amado para a análise das representações sobre a prostituição feminina. O dicionário de Tavares (1985), no intuito de caracterizar as criaturas amadianas integrantes dessas 26 obras, acumulou 3746 verbetes. Entretanto, o presente trabalho, tendo como foco a prostituição, efetuou uma série de recortes (já justificados acima) – restringindo sua análise tão somente a 888 personagens femininas.

Se comparado com todas as outras 25 obras estudadas, o romance *Teresa Batista Cansada de Guerra*, após os recortes metodológicos, apresenta o maior número de personagens femininas: no total, 134. Impulsionado por esse elevado contingente de personagens, o romance também registra o maior número de caftinas (14); a maior quantidade de prostitutas (24) e o maior conjunto de cantoras e dançarinas de cabaré (5), em uma única obra. O “mundo da prostituição” totaliza, portanto, nesse romance, um universo de 43 personagens.

Em números relativos, todavia, o conto “De como o Mulato Porciúncula Descarregou seu Defunto” aparece em primeiro lugar em todos os registros sobre personagens femininas envolvidas com a prostituição. Esse conto apresenta, entre suas personagens tomadas para análise, 14,29% de caftinas; 71,42% de prostitutas e 14,29% de dançarinas e cantoras de Cabaré. O romance com maior número absoluto de caftinas, prostitutas, dançarinas e cantoras de cabaré ocupa, em números relativos, apenas o terceiro lugar no que diz respeito às caftinas, com 14,45%; o nono lugar quando se trata das prostitutas (17,91%) e o terceiro lugar em termos de dançarinas e cantoras de cabaré, com 3,73%.

Apesar do moderado percentual alcançado por *Teresa Batista Cansada de Guerra*, em relação às personagens pertencentes ao “mundo da prostituição”, esse romance foi adotado como prioritário quando se julgou necessário recorrer à letra de Jorge Amado. Isso ocorre nos momentos em que a apresentação de uma ou mais personagens pode auxiliar na caracterização de determinados aspectos das representações sobre a prostituição feminina nesse autor.

A escolha se justifica, primeiramente, porque o conto “De como o Mulato Porciúncula Descarregou seu Defunto” contabiliza apenas 7 personagens femininas em

convergência com o recorte metodológico produzido pelo presente trabalho. Dessas 7, 1 é caftina; 5 são prostitutas e 1 pertence ao conjunto das dançarinas e cantoras de cabaré. A preferência por uma obra que encerre o maior número absoluto possível de personagens ligadas à prostituição se apóia na maior probabilidade de, em um conjunto maior de personagens, se poder observar, com mais riqueza de detalhes, o fenômeno estudado.

Pode-se dizer que os 20,7% – das 888 personagens femininas estudadas – distribuídos entre caftinas (5,9%), prostitutas (13,6%) e dançarinas e cantoras de cabaré (1,2%) aproximam, de alguma forma, o romancista baiano do tema da prostituição. Entretanto, nem todas as obras de Jorge Amado apresentam personagens femininas nomeadas envolvidas, direta e/ou indiretamente, com o meretrício.

Os contos “História do Carnaval”, “As Mortes e o Triunfo de Rosalinda” e “Do Recente Milagre do Pássaros”; a peça de Teatro *O Amor do Soldado*, bem como os romances *Os Subterrâneos da Liberdade: Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *Farda Fardão Camisola de Dormir* não registram, segundo o dicionário de Tavares (1985), a existência de qualquer personagem feminina nomeada pertencente ao “mundo da prostituição”.

A tabela abaixo traz as 26 obras estudadas, em ordem decrescente, no que diz respeito ao número absoluto de prostitutas nomeadas por obra. Além disso, indica a distribuição de caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré em cada romance, conto ou peça de teatro. Há personagens femininas presentes em mais de uma obra, o que faz com que, em certos casos, uma mesma personagem seja contabilizada duas ou três vezes. Logo, a soma do número de personagens por obra diverge, para mais, do total de personagens femininas estudadas.

Quadro II: Mundo da prostituição

	Obras Analisadas de Jorge Amado	Perso.	Caftinas	Prostitutas	Dançarinas e Cantoras	Caftinas	Prostitutas	Dançarinas e Cantoras
1	Teresa Batista Cansada de Guerra	134	14	24	5	10,45%	17,91%	3,73%
2	Os Pastores da Noite	56	6	16	0	10,71%	28,57%	0%
3	Dona Flor e Seus Dois Maridos	118	8	13	3	6,78%	11,02%	2,54%
4	Terras do Sem Fim	35	2	9	0	5,71%	25,71%	0%
5	Gabriela, Cravo e Canela	71	3	8	1	4,22%	11,27%	1,41%
6	Os Velhos marinheiros ou O Capitão de Longo Curso	37	3	7	1	8,11%	18,92%	2,70%
7	A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água	14	1	6	0	7,14%	42,86%	0%
8	De como o Mulato Porciúncula Descarregou seu Defunto	7	1	5	1	14,28%	71,43%	14,28%
9	Cacau	26	1	5	0	3,85%	19,23%	0%
10	Tieta do Agreste	79	3	5	0	3,78%	6,33%	0%
11	Capitães da Areia	20	0	4	0	0%	20%	0%
12	Mar Morto	22	1	4	0	4,54%	18,18%	0%
13	São Jorge dos Ilhéus	34	2	4	0	5,88%	11,76%	0%
14	Jubiabá	44	2	4	0	4,54%	9,09%	0%
15	Suor	33	1	3	0	3,03%	9,09%	0%
16	O País do Carnaval	15	0	2	0	0%	13,33%	0%
17	Seara Vermelha	29	0	2	0	0%	6,89%	0%
18	Tenda dos Milagres	69	6	2	0	8,69%	2,90%	0%
19	A Luz no Túnel	16	0	0	1	0%	0%	6,25%
20	História do Carnaval	4	0	0	0	0%	0%	0%
20	O Amor do Soldado	1	0	0	0	0%	0%	0%
20	Os Subterrâneos da Liberdade: Os Ásperos Tempos	23	0	0	0	0%	0%	0%
20	Agonia da Noite	21	0	0	0	0%	0%	0%
20	As Morte e o Triunfo de Rosalinda	2	0	0	0	0%	0%	0%
20	Farda Fardão Camisola de Dormir	25	0	0	0	0%	0%	0%
20	Do Recente Milagre dos Pássaros	6	0	0	0	0%	0%	0%

O trabalho em questão compartilha do pensamento de Crenshaw (2002), no que se refere à importância das intersecções entre os diversos eixos de poder, para o entendimento da estruturação da vida social. Nesse sentido, considera gênero, classe

social, raça, cor e etnia e, como enfatiza Brito da Mota (2000), idade/geração dimensões sociais básicas, merecedoras de cuidadosa análise.

As representações sobre a prostituição feminina, por serem sociais, encontram-se, necessariamente, relacionadas à dinâmica interativa existente entre os vários eixos de poder que compõem a arena social. Essa dinâmica, descrita metaforicamente por Crenshaw (2002) em termos de avenidas que se cruzam e sobrepõem, produz intersecções cujos efeitos se fazem sentir no (des)empoderamento de determinados grupos.

O estudo das representações sobre a prostituição feminina, na literatura de Jorge Amado, adota a seguinte estratégia metodológica: a) num primeiro momento, considera os eixos de poder “classe social” e “raça/etnia” dimensões sociais básicas das representações sobre a prostituição feminina; b) em seguida, empreende a análise das representações referentes à prostituição feminina a partir do cruzamento estatístico<sup>31</sup> entre as variáveis categóricas “classe social”, “raça, cor e etnia”, “corpo”, “corpo erotizado”, “violência de gênero contra a mulher” e “violência sexual contra a mulher”<sup>32</sup>.

Com efeito, as intersecções entre as categorias analíticas ocupam lugar privilegiado no presente estudo – uma vez que é, nesse momento, em que as vulnerabilidades dos agentes sociais ganham destaque, assim como as determinantes do contexto social a que pertence o romancista, implicadas na estruturação de suas representações, podem ser mais claramente observadas.

---

<sup>31</sup> Para observar os efeitos das intersecções entre “raça, cor e etnia”, “classe social”, “corpo”, “corpo erotizado”, “violência de gênero contra a mulher” e “violência sexual contra a mulher” nas representações sobre as prostitutas da obra de Jorge Amado, adotou-se o teste estatístico qui-quadrado. Esse teste se notabiliza por analisar a significância do relacionamento entre variáveis categóricas. Assim, as associações entre as variáveis são percebidas enquanto significativas ou não significativas mediante o estudo estatístico promovido pelo teste adotado.

<sup>32</sup> O estudo da variável “idade/geração”, no trecho recortado da obra de Jorge Amado, ficou bastante prejudicado devido ao baixo número de referências aos aspectos geracionais presentes nos verbetes do dicionário de Tavares (1985). A ausência de referências à geração soma 76,4% do total dos verbetes de Tavares (1985). Dado que todos os indivíduos se situam em determinada geração, essa ausência significativa impossibilita a análise das representações sobre a prostituição feminina com foco na categoria geração.

O mesmo ocorreu com a variável “estado conjugal”. Em 53,6% dos casos, não há como precisar o estado conjugal das personagens estudadas. Seria muito vago reduzir o registro da categoria geração e da categoria estado conjugal somente à presença ou ausência de simples referência a esses dois aspectos. Com a variável “corpo”, por exemplo, é possível operar essa redução, pois a referência ou ausência de referência aos aspectos corporais pode consubstanciar, em determinado contexto, hipóteses interpretativas. Contudo, a ausência ou presença de referência à geração, sem mais especificações (se jovem, adulta ou idosa), diz muito pouco ou quase nada em termos de hipóteses interpretativas. O mesmo pode ser dito em relação à categoria estado conjugal.

#### 4.1. Prostituição feminina & Classe Social

As criaturas de Jorge Amado envolvidas com o “mundo da prostituição” (caftinas, prostitutas, dançarinas e cantoras de cabaré) foram alocadas em três classes sociais distintas: classe trabalhadora, classe média e classe alta. O critério de pertencimento a cada uma dessas classes sociais já foi definido, em secção anterior, pelo presente estudo.

De maneira resumida, cumpre observar que caftinas, prostitutas, dançarinas e cantoras de cabaré, não havendo qualquer menção a propriedades ou acúmulo de riquezas, são agrupadas na classe trabalhadora. As caftinas, quando proprietárias de seus prostíbulos, figuram, imediatamente, na classe média; contudo, se acumulam grandes ganhos econômicos, passam a pertencer à classe alta<sup>33</sup>, assim como ocorre em relação às prostitutas, dançarinas e cantoras de cabaré.

O contraste entre o “mundo da prostituição” e o conjunto de todas as outras ocupações analisadas (“do lar”, “ocupações femininas”, “esotéricas e religiosas”, “comerciantes”, “sem ocupação definida”, “outras ocupações”, “artistas” e “letradas”) aponta para uma aproximação mais acentuada da prostituição feminina em relação à classe trabalhadora.

Com efeito, as representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado, de acordo com a metodologia adotada e com os verbetes do dicionário de Tavares (1985), localizam o “mundo da prostituição”, prioritariamente, com 69% de suas integrantes, na classe trabalhadora.

À classe média, cabem 27,2% das personagens do “mundo da prostituição”, enquanto que a classe alta abarca, tão somente, 3,8% das mulheres pertencentes a esse “mundo”. As personagens de Jorge Amado que desempenham quaisquer outras ocupações diferentes das do “mundo da prostituição” se distribuem da seguinte maneira de acordo com o critério de classe social adotado: 36,1% na classe trabalhadora; 28% na classe média e 20,7% na classe alta.

Entre o “mundo da prostituição” e o conjunto de todas as outras ocupações desempenhadas por mulheres, pode-se observar certa equiparação no número relativo de personagens femininas pertencentes à classe média. Todavia, a classe trabalhadora do

---

<sup>33</sup> Apesar de algumas personagens do “mundo da prostituição” obterem elevados ganhos econômicos e, com isso, serem classificadas como integrantes da classe alta, reconhece-se que essas personagens não possuem livre trânsito nos salões da burguesia. Dessa forma, seu pertencimento de classe é escamoteado devido à ocupação que desempenham.

“mundo da prostituição” tem quase o dobro do percentual da classe trabalhadora formada por todas as outras ocupações das personagens femininas em conjunto. Além disso, o percentual de mulheres da classe alta envolvidas com o “mundo da prostituição” é cinco vezes menor se comparado com o número relativo de personagens femininas que, encontrando-se em outras ocupações, figuram nessa mesma classe social.

Nas obras analisadas de Amado, as representações sobre “o mundo da prostituição” estão associadas à classe social. O estudo estatístico, desenvolvido a partir do teste qui-quadrado, demonstrou uma relação significativa entre o “mundo da prostituição” e classe social. O valor do qui-quadrado foi de 89,175 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. Isso evidencia que o relacionamento (“mundo da prostituição” e classe social) é assaz improvável apenas como resultado produzido pelo acaso.

Dentre as 184 personagens femininas envolvidas com o “mundo da prostituição”, 127 pertencem à classe trabalhadora. Com efeito, a prostituição feminina encontra-se estreitamente vinculada a uma condição social marcada por dificuldades econômicas. Destaca-se, nesse contexto, o caso da prostituta Maria Romão, do romance *Tereza Batista cansada de guerra*.

“Na cidade, as raparigas de Justiniano Duarte da Rosa eram debatidas no parlamento das comadres, nas tertúlias dos letrados. Uma delas, Maria Romão, causou intenso rebuliço ao ser vista, de braço dado com o capitão na calçada do cinema, rebolando ancas fartas e busto soberbo; logo se soube da conta aberta para a mulata na loja de Enock, acontecimento inédito, digno de notícia nos jornais da capital. Alta, trigueira, de cabelos lisos, uma estátua. Estranhamente, não era menina nova, já completara dezenove anos quando o capitão Justo a adquiriu numa leva de paus-de-arara trazidos do alto sertão, destinados às fazendas do sul. Um colega de patente de Justiniano Duarte da Rosa, o capitão Neco Sobrinho [...] trocou Maria Romão por carne-seca, feijão, farinha e rapadura. [...]

— É verdade o que falam, capitão? Que aquela moça Romão já não está em sua companhia? [...]

— Faço umas barganhas com Gabi, seu doutor. Quando ela tem novidade me avisa, se gosto compro, troco, alugo, faço qualquer transação. Quando enjoa da bichinha, a gente negocia de novo” (AMADO, 1972, p.122-123).

A condição miserável de Maria Romão se traduz pela total ausência de autonomia sobre seu próprio corpo, sendo objeto de comercialização entre dois sujeitos. Transfigurada em mercadoria, Maria Romão é trocada, primeiramente, por carne-seca, feijão, rapadura e farinha. Em seguida, após a avaliação do Capitão Justo, Maria Romão

é comercializada mais uma vez; agora, com a caftina Gabi que, na negociação, ficando com Maria, oferece ao capitão uma prostituta sua em troca.

O “mundo da prostituição”, devido ao fato de ser constituído também por caftinas, indica, imprecisamente, a realidade socioeconômica das prostitutas – visto que das 52 caftinas analisadas, apenas 2 foram alocadas na classe trabalhadora. As outras 50 se subdividem entre a classe média (84,6%) e a classe alta (11,5%). A elevada porcentagem de caftinas, nas classes média e alta, perturba a visão real sobre a condição social das prostitutas.

Das 121 personagens femininas prostitutas, 115 (95,0%) são da classe trabalhadora; 5 (4,1%) foram classificadas como classe média e apenas 1 prostituta (0,9%) pode ser identificada como pertencendo à classe alta. Dessa forma, assim como as representações sobre o “mundo da prostituição” estão associadas à classe social, as representações sobre a prostituição, nas obras amadianas tomadas para estudo, também se encontram associadas significativamente à classe social.

No caso específico das prostitutas, o valor do qui-quadrado é de 249,571 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 9. Esses valores demonstram que a relação entre as representações sobre as prostitutas e a classe trabalhadora é bastante improvável apenas como resultado produzido casualmente.

#### 4.2. Classe Social & Raça, Cor e Etnia

O recorte de raça, cor e etnia parece extremamente relevante para análise da distribuição, em classes sociais, das personagens prostitutas do romancista baiano Jorge Amado. Soa significativo o fato de a prostituta que consegue ter sucesso econômico, no exercício de sua profissão, ser uma estrangeira, mais especificamente, uma francesa.

“Tratando-se de Tereza, aliás, a esclarecida Veneranda se propunha a lhe estabelecer clientela seleta e de alto gabarito financeiro, de calendário mais ou menos estrito, clientela pouco fatigante e muito lucrativa. Se for tão competente quanto bonita, ela terá condições de ganhar dinheiro fácil e, não sendo de loucuras, dada a sustentar gigolôs, poderá fazer rico pé-de-meia. No castelo irá conhecer Madame Gertrude, uma francesa que, com o dinheiro ali ganho, comprara casa e terras na Alsácia, pretendendo voltar à pátria no ano próximo para casar-se e ter filhos, se Deus quisesse e ajudasse” (AMADO, 1972, p.16).

Impressiona, ainda, o fato de que a classe média formada por mulheres pertencentes ao “mundo da prostituição”, em sua grande maioria (92,0%), é composta por brancas ou estrangeiras. A classe alta, por seu turno, não possui nenhuma mulher envolvida com a prostituição que seja marcada pelos processos sociais de racialização. A sua totalidade é de mulheres brancas ou estrangeiras.

Durante a Belle Époque brasileira, as francesas envolvidas com o “mundo da prostituição” estavam diretamente ligadas à idéia de modernidade almejada pela elite de um país que procurava se desligar dos seus “atrasos” culturais e econômicos da vida em Colônia (GRUMAN, 2006). Conforme Rago (1991) sinaliza, a prostituta branca parece mais compatível com a satisfação dos desejos dos homens da classe alta, enquanto que a “meretriz preta” serve à perversão total – ficando reservada, em sua grande maioria, ao submundo do baixo meretrício.

Dessa maneira, circunstancia-se o porquê, para o romancista baiano, a francesa Gertrude pôde acumular riqueza com o exercício do meretrício. As caftinas, dançarinas e prostitutas de origem européia, com destaque para as francesas, simbolizavam, socialmente, ao menos no Brasil da Belle Époque, a sofisticação e modernidade do “civilizado” mundo europeu. O alto meretrício, com efeito, consistia, inclusive, em um meio através do qual seus clientes se socializavam com os hábitos modernos vindos da Europa (GRUMAN, 2006).

As representações sobre o “mundo da prostituição”, encontradas na obra do autor baiano, parecem refletir o *habitus* de classe de sua época. Cor, raça e etnia, no que diz respeito a esse “mundo”, estão significativamente associadas à classe social. O valor do qui-quadrado foi de 7,981 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 2. Dessa forma, evidencia-se que tal relacionamento (classe social e raça, cor e etnia) é muito improvável apenas como resultado produzido pelo mero acaso.

O produto dos efeitos da intersecção entre a ocupação de prostituta e a categoria raça, cor e etnia se revela através da presença exclusiva das prostitutas marcadas socialmente pela raça/cor na classe trabalhadora. As 28 prostitutas negras, morenas ou mulatas, em outros termos, a totalidade das prostitutas racializadas, encontram-se na classe trabalhadora. Absolutamente nenhuma prostituta marcada pela raça/cor pertence à classe média, muito menos à classe alta<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Apesar dessa forte constatação numérica (todas as prostitutas racializadas encontram-se na classe trabalhadora), o teste qui-quadrado não revelou a existência de relação significativa entre raça, cor e etnia

Os números fornecidos pelo recorte feito na obra amadiana explicitam as representações em relação às prostitutas não brancas e não estrangeiras. Longe de fazerem parte da prostituição de luxo ou alto luxo, as morenas, mestiças, negras e mulatas participam, de acordo com seus ganhos econômicos, exclusivamente, do baixo meretrício.

#### 4.3. Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher

De acordo com a análise do recorte proposto em relação à obra de Jorge Amado, fazer parte do “mundo da prostituição” quase dobra as chances de suas personagens sofrerem alguma forma de violência de gênero. O conjunto das prostitutas, caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré contabiliza 19,0% de vítimas de práticas violentas. As mulheres que não fazem parte do “mundo da prostituição” possuem 8,2% de suas integrantes vítimas de algum tipo de violência.

As representações sobre o “mundo da prostituição” estão associadas à questão da violência de gênero contra a mulher. De fato, a análise estatística, desenvolvida a partir do teste qui-quadrado, demonstrou uma relação significativa entre o “mundo da prostituição” e a violência de gênero contra a mulher. O valor do qui-quadrado foi de 18,09 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1, demonstrando que esse relacionamento é bastante improvável apenas como resultado produzido pelo acaso.

A personagem Rita Tanajura, presente nos romances *Capitães da Areia* e *São Jorge dos Ilhéus*, sofre, na própria pele, uma forma bizarra de violência de gênero, simplesmente por ter suscitado os desejos de um espectador em sua apresentação dançante.

Rita Tanajura – mundana “célebre pelas grandes nádegas reboletes, que deixou a paz da sua cidade de Estância” atraída pelos esbanjamentos de dinheiro com a alta de preço do cacau em Ilhéus. “Cantava sambas e dançava em cima de uma mesa”, no cabaré Far West, quando um admirador embriagado deu-lhe um tiro nas saliências calipíguas que o tentavam” (TAVARES, 1985, p.296).

---

e classe social nas representações da literatura amadiana sobre a prostituição. Todavia, conforme o mesmo teste estatístico, classe social e raça, cor e etnia estão significativamente associados nas representações sobre o “mundo da prostituição”.

O estudo sobre a violência de gênero focado nas personagens do “mundo da prostituição”, numa perspectiva de classe social, revela que 77,1% das vítimas de violência de gênero estão na classe trabalhadora. A classe média contabiliza 17,1% das personagens violentadas, enquanto que as integrantes da classe alta do referido “mundo” representam 5,7% dos casos dessa modalidade de violência.

Apesar desses percentuais aparentemente significativos, não se pode afirmar que a violência de gênero contra a mulher se encontra associada à questão da classe social nas representações da literatura amadiana sobre o “mundo da prostituição”. O estudo estatístico, feito a partir do teste qui-quadrado, não demonstrou uma relação significativa entre violência de gênero contra a mulher e classe social nesse “mundo”. O valor do qui-quadrado foi de 2,428 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior que 0,05 para um grau de liberdade 2.

No entanto, os dados estatísticos sobre as mulheres que não pertencem ao “mundo da prostituição” revelam que a classe social interage, fortemente, na maior ou menor exposição das personagens amadianas à violência de gênero. O valor do qui-quadrado foi de 11,691 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. Logo, torna-se evidente que a interação classe social e violência de gênero contra a mulher é muito improvável apenas como resultado produzido pelo acaso.

Entre as mulheres sem referência alguma a sua classe social, 6,9% foram violentadas. As personagens que possuem classe social definida e foram violentadas se distribuem da seguinte forma: classe trabalhadora, 50% das vítimas de violência de gênero; classe média, 34,5% e classe alta, 8,6%. A órfã Maria do Espírito Santo, personagem que aparece no romance *Suor*, simboliza o enorme contingente de mulheres pobres, em situação de desamparo, vitimadas pela violência de gênero.

“Maria do Espírito Santo – moradora no sobradão de cômodos à Ladeira do Pelourinho 68, na Bahia. Órfã na infância e internada num orfanato do Rio de Janeiro, deixara-o casada com um brutal português, interessado no dote de duzentos mil réis da instituição, que a espancou logo na primeira semana e a abandonou ao cabo de um mês. “Vagou, perdida, uma noite inteira”, e foi recolhida por um vendedor de cocaína; com ele veio para a Bahia, onde viveram juntos até que o prenderam. Ela continuou com o negócio, à noite rezando as antigas orações “mas já não acreditava em nada a não ser no pó branco que a fazia esquecer tudo”” (TAVARES, 1985, p.223).

Resumidamente, pode-se afirmar que as representações sobre o “mundo da prostituição” encontram-se associadas à questão da violência de gênero contra a mulher.

Todavia, a classe social das personagens que integram esse “mundo” não interfere, significativamente, na maior ou menor exposição das mesmas a situações de violência de gênero.

Em relação às mulheres que não pertencem ao “mundo da prostituição”, a análise se diferencia. Para esse grupo de personagens, a classe social é determinante na maior ou menor exposição a práticas violentas. Hipoteticamente, talvez seja possível dizer que o caráter precário das ocupações relacionadas ao meretrício se sobreponha à questão de classe – fazendo da violência de gênero contra a mulher, nesse caso, um fenômeno social que independe da classe social.

Restringindo a análise somente à prostituição, há 28 meretrizes que experimentaram algum tipo de violência de gênero, seja físico, seja psíquico. Esse número diz respeito a 23,1% do total das prostitutas. Das 888 criaturas femininas de Jorge Amado estudadas, o total de personagens atingidas pela violência de gênero fica, precisamente, em 10,5%. Isso significa dizer que as prostitutas são expostas cerca de duas vezes mais a esse tipo de violência do que a média da população estudada.

A análise das representações sobre as prostitutas revela o vínculo entre prostituição e violência de gênero. O valor do teste estatístico qui-quadrado foi de 24,542 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. Portanto, o relacionamento entre prostituição e violência de gênero contra a mulher é bastante improvável apenas como resultado produzido casualmente.

Apesar de 92,9% das prostitutas vítimas de violência de gênero se encontrarem na classe trabalhadora, as representações da literatura amadiana sobre a prostituição não apresentam qualquer associação significativa entre classe social e violência de gênero contra a mulher. O valor do teste qui-quadrado foi de 1,118 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior do que 0,05 para um grau de liberdade 2, evidenciando que tal relacionamento é provável como resultado produzido pelo acaso.

#### 4.4. Classe Social & Violência Sexual contra a Mulher

No caso da violência sexual contra a mulher, o número de personagens violentadas que compõem o “mundo da prostituição” ainda diverge, proporcionalmente, do total de personagens vítimas dessa modalidade de violência. O conjunto das meretrizes, caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré possui 7,1% de suas integrantes marcadas pela violência sexual. Tomando, indistintamente, as 888 personagens

analisadas, o percentual de mulheres violentadas sexualmente é de 3,6%, superior aos 2,7% referente ao grupo específico de personagens que não fazem parte do “mundo da prostituição”.

O teste estatístico adotado demonstrou que as representações sobre o “mundo da prostituição”, na literatura amadiana, se encontram, significativamente, associadas à violência sexual contra a mulher<sup>35</sup>. O valor do qui-quadrado foi 8,006 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. Logo, a relação “mundo da prostituição” e violência sexual é bastante improvável apenas como resultado produzido pelo mero acaso.

Com a finalidade de ilustrar esse vínculo significativo, tomou-se como exemplo uma caftina do romance *Tieta do Agreste* – dona de pensão em Santana do Agreste.

“Zuleica Rosa do Carmo – cinquentona, pausada, gentil, conservando um “primor de corpo bem-feito, o rosto sempre em festa”, dona da pensão de mulheres da vida, única em Santana do Agreste localizada pras “bandas da Jaqueira, entre árvores em centro de terreno, discreta”. Nascida perto da cidade, nas Terras da Fazenda Tapiranga, do coronel Artur de Figueiredo, foi por ele seduzida aos quatorze anos de idade, de cuja cozinha saiu depois ganhando então o apelido de Cinderela. Recusou inúmeras propostas de donas de pensão, de Esplanada e outras cidades próximas ou longínquas para, mulher feita, estabelecer sua própria pensão com serviço de balcão, e dança aos sábados. [...]” (TAVARES, 1985, p.362).

Por outro lado, o estudo pormenorizado do “mundo da prostituição” indicou, claramente, que a classe social não redimensiona a ocorrência da violência sexual nesse grupo específico. A classe trabalhadora do “mundo da prostituição” contém 8,7% das personagens femininas violentadas sexualmente. A classe média contabiliza 4,0%, enquanto que as mulheres da classe alta desse “mundo” não sofreram nenhum tipo de violência sexual.

---

<sup>35</sup> Dentre as 888 personagens estudadas de Jorge Amado, todas as prostitutas, caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré que sofreram algum tipo de violência sexual contra a mulher, o sofreram antes de entrarem para o “mundo da prostituição”. De alguma forma, parece possível dizer que a violência sexual perpetrada contra essas mulheres as levaram para esse “mundo”. Com isso, entretanto, não se quer dizer que esse seja o único meio através do qual as personagens amadianas se encaminham para o meretrício. As tabelas de análise, construídas pelo presente estudo, não são capazes de registrar os acontecimentos em sua ordem cronológica. Logo, se uma personagem foi seduzida quando adolescente, registra-se a sedução no campo “violência sexual contra a mulher”. Mais tarde, por exemplo, quando essa mesma personagem passa a se prostituir, sua ocupação é definida em termos de “prostituta”. Assim, não se pode afirmar categoricamente que as prostitutas são mais atingidas pela violência sexual do que as outras mulheres de Jorge Amado. Por outro lado, não se pode esquecer que, de alguma forma, a prostituição e o “mundo da prostituição” estão associadas à ocorrência de violência sexual e que as prostitutas se encontram mais largamente vinculadas, em sua história, a essa modalidade de violência de gênero contra a mulher do que as demais personagens do romancista baiano.

Deve-se sempre ter em mente que a classe trabalhadora contém 69,0% das mulheres envolvidas com o “mundo da prostituição”. Esse elevado percentual da classe trabalhadora, de alguma forma, se compatibiliza com a ausência de associação significativa entre classe social e violência sexual contra a mulher nas representações da literatura amadiana sobre o “mundo da prostituição”. O teste qui-quadrado apresentou o valor de 1,740 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior que 0,05 para um grau de liberdade 2.

As representações sobre as personagens femininas que não pertencem ao “mundo da prostituição” apresentam associação relevante entre classe social e violência sexual contra a mulher. O valor do qui-quadrado foi de 9,377 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. Isso demonstra que esse relacionamento é improvável apenas como resultado produzido pelo mero acaso. Na classe trabalhadora, 4,7% das personagens foram violentadas sexualmente. Na classe média, 3,0% sofreram algum tipo de violência sexual; a classe alta não registrou nenhum caso de violência dessa natureza.

A personagem Dondoca, do romance *Os velhos Marinheiros ou O Capitão de Longo Curso*, simboliza a moça ingênua e pobre vitimada pela figura do homem habilidoso na arte da sedução.

“Dondoca – filha de Pedro Torresmo e de sua mulher Eufrásia, humildes moradores no subúrbio praiano de Periperi, na Bahia. Vítima do sedutor Zé Canjiquinha, que fugiu, teria ela ficado ao desamparo se não fora a proteção do juiz aposentado, dr. Alberto Siqueira, proporcionando-lhe mesada e a casinha do Beco das Três Borboletas. [...]”(TAVARES, 1985, p.90).

Dessa forma, ocorre em relação à violência sexual contra a mulher o mesmo que em relação à violência de gênero contra a mulher. Nos textos de Jorge Amado, as representações sobre o “mundo da prostituição” encontram-se associadas, de maneira significativa, à questão da violência de gênero contra a mulher, seja ela sexual ou não. No entanto, sua análise interna não revela qualquer relação mais forte entre classe social e violência de gênero contra a mulher, nem entre classe social e violência sexual contra a mulher.

É interessante observar que as prostitutas são três vezes mais vitimadas pela violência sexual do que as personagens que não pertencem ao “mundo da prostituição”. Com efeito, 9,1% das meretrizes sofreram algum tipo de violência sexual. Já as

mulheres que não se compatibilizam com o “mundo da prostituição” apresentam 2,7% de suas integrantes vítimas dessa modalidade de violência de gênero.

Nas obras analisadas de Amado, as representações sobre a prostituição feminina, estão associadas à violência sexual. O valor do teste qui-quadrado foi de 13,523 –com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. Sendo assim, o relacionamento prostituição feminina e violência sexual contra a mulher é assaz improvável apenas como resultado produzido pelo acaso.

A história da personagem Lúcia, do romance *Terras do Sem Fim*, exemplifica uma corriqueira forma de violência de gênero perpetrada contra a mulher. Uma vez sofrida a violência, essas mulheres ganham a vida através da comercialização dos seus corpos.

“Lúcia – jovem “das tranças negras, seus seios redondos, suas coxas como colunas, morenas, cor de canela”. Uma das três irmãs, com Violeta e Maria, filhas dum agregado da fazenda de cacau das Baraúnas. “Veio o patrão (Coronel Teodoro Martins) e a levou”. Depois, ele se foi e nada deixou. Numa casa de rameiras pobres, em Ferradas, as irmãs de novo se juntaram “unidas no sofrimento, unidas no seu destino”” (TAVARES, 1985, p.203).

As irmãs Lúcia, Violeta e Maria, encontrando-se desamparadas, caem no “mundo da prostituição” – seja, no caso de Maria, pela morte de seu marido; seja, no caso das suas irmãs, pelos desmandos daqueles que, valendo-se de seus poderes, as usaram como objetos. Nesse sentido, para Lúcia e Violeta, a experiência do abandono se combina ao fato de terem sido tomadas para “uso sexual”, sem contar com o único destino que após essa ocorrência lhes parecia possível: sobreviver se prostituindo.

Quase que a totalidade das prostitutas que foram vítimas de violência sexual (90,9%) pertence à classe trabalhadora. Para a classe média, restam os 9,1% das personagens violentadas sexualmente, uma vez que, na classe alta, não há prostituta que tenha sofrido dessa modalidade de violência. O elevado percentual de prostitutas vítimas de violência sexual na classe trabalhadora, aparentemente, parece indicar o vínculo entre violência sexual contra a mulher e classe social no conjunto das prostitutas.

Todavia, não se deve esquecer que 95,0% das prostitutas encontram-se na classe trabalhadora. O teste estatístico qui-quadrado, realizado com o objetivo de observar a existência ou não dessa vinculação nas representações da literatura amadianas sobre a prostituição feminina, revela que as determinantes de classe não interferem na vivência

de situações violentas do ponto de vista sexual. O valor do teste foi de 0,842 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior que 0,05 para um grau de liberdade 2.

Nesse sentido, a classe social não interage com a dinâmica da violência sexual que recai sobre as personagens prostitutas de Jorge Amado. Como já pensado anteriormente, a precarização do exercício do meretrício pode ter se sobrepujado à questão de classe. O mesmo não se observa quando as mulheres analisadas não pertencem ao “mundo da prostituição”, pois, para esse grupo, classe social e violência sexual contra a mulher se associam significativamente.

#### 4.5. Prostituição feminina & Raça, Cor e Etnia

O “mundo da prostituição”, no que diz respeito à categoria raça, cor e etnia, apresenta dados relevantes para o estudo das representações sobre a prostituição feminina na literatura de Amado. As personagens envolvidas com esse “mundo” possuem 19,0% de suas integrantes marcadas socialmente pela raça/cor. As mulheres criadas pelo autor baiano que não participam do referido “mundo” contabilizam 13,8% de personagens racializadas.

Assim, as mulheres do “mundo da prostituição” contam com um número relativo ligeiramente maior de personagens marcadas pela racialização do que as que não pertencem a esse “mundo”. Todavia, isso não faz com que as representações sobre o “mundo da prostituição” se encontrem associadas, significativamente, às marcas sociais de raça, cor e etnia. O valor do teste qui-quadrado foi de 3,169 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior do que 0,05 para um grau de liberdade 1. Isso deixa claro que o relacionamento “mundo da prostituição” e raça, cor e etnia é provável como resultado produzido, meramente, pelo acaso.

A análise interna do “mundo da prostituição” revela que apenas 7,7% das caftinas são marcadas socialmente pela raça/cor. Esse número contrasta com os 23,1% de prostitutas racializadas, sem se esquecer dos 27,3% de negras, mulatas e mestiças que compõem o universo das dançarinas e cantoras de cabaré. A princípio, os percentuais acima apresentados parecem indicar que o “mundo da prostituição” é eminentemente branco ou estrangeiro, em outras palavras, não racializado.

Entretanto, não se pode esquecer do elevado número de personagens brancas (79,7%) no conjunto da obra do romancista baiano. Ponderando os resultados dessa forma, observa-se que as personagens brancas que fazem parte do “mundo da

prostituição” representam apenas 19,1% do universo das “brancas”. As estrangeiras e as personagens racializadas envolvidas com esse “mundo” representam, respectivamente, 29,2% e 26,5% de seus grupos étnico-raciais.

A análise interna do “mundo da prostituição” evidencia que apenas 3,0% das personagens racializadas ocupam a função de caftina. O grupo das estrangeiras possui 6,3% de caftinas, enquanto que o conjunto das brancas contabiliza 6,4% de suas integrantes na caftinagem. Isto é, o número de caftinas negras, mulatas ou morenas é duas vezes menor do que o de caftinas brancas e estrangeiras – tomadas isoladamente.

Entre as dançarinas e cantoras de cabaré há uma distribuição praticamente equivalente das personagens a partir da perspectiva étnico-racial. O conjunto das cantoras e dançarinas de cabaré se subdivide em 27,3% de mulheres marcadas pela raça/cor, em 36,4% de personagens estrangeiras, restando, para as brancas, 36,4% dessa categoria ocupacional.

Mais uma vez, cumpre ressaltar a expressividade desses percentuais na sua representatividade em relação aos seus respectivos grupos étnico-raciais. Nesse caso, observa-se a reduzida participação relativa das brancas no conjunto das dançarinas e cantoras de cabaré, atingindo apenas 0,6% do seu grupo étnico-racial. As personagens racializadas participam desse conjunto com 2,3% de suas integrantes; as estrangeiras, por seu lado, são as que mais se ocupam das danças e divertimentos musicais nos cabarés, com 8,3% de suas integrantes envolvidas nessas funções.

As estatísticas que tratam, especificamente, das prostitutas se aproximam dos números que se referem, de forma mais ampla, ao “mundo da prostituição”. De fato, as brancas continuam a ser as mais presentes na prostituição, com 86 personagens, alcançando 71,1% do conjunto das prostitutas. As mulheres marcadas pelos processos de racialização possuem 23,1% das meretrizes; as estrangeiras contabilizam tão somente 5,8% desse conjunto.

Contudo, considerando os grupos étnico-raciais de origem, as mulheres que mais se prostituem são as racializadas: 21,2% de suas integrantes adotam a prostituição como ocupação. Em segundo lugar, vêm as estrangeiras – com 14,6%. As personagens consideradas brancas aparecem no terceiro e último lugar, galgando 12,1%.

As prostitutas representam 13,6% do total das 888 personagens estudadas. O percentual de brancas e de estrangeiras envolvidas com a prostituição não difere muito desse número relativo. O mesmo não se pode dizer dos 21,2% alcançado pelas mulheres marcadas socialmente pela raça/cor.

Apesar de os três diferentes grupos étnico-raciais participarem da prostituição, as representações da obra amadiana sobre as prostitutas estão estreitamente vinculadas ao conjunto das personagens femininas estigmatizadas pelos processos de racialização. Um possível exemplar do vínculo entre prostituição e mulheres marcadas socialmente pela raça/cor encontra-se na personagem Domingas, do romance *Teresa Batista Cansada de Guerra*.

“Domingas – negra robusta de “voz grave, noturna, cariciosa”, mundana à Rua da Barroquinha, na cidade da Bahia. Teve participação destemida por ocasião da passeata e greve do Balaio Fechado, sofrendo prisão e espancamento na Polícia. Amiga de Teresa Batista, esteve presente na casa de Almério das Neves, no bairro de Brotas, para o casamento que não aconteceu embora a festança haja atravessado a noite, animadíssima” (TAVARES, 1985, p.88-89).

A análise estatística efetivada pelo teste qui-quadrado demonstrou uma relação significativa entre prostituição e a categoria raça, cor e etnia. O valor do qui-quadrado foi de 10,657 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. Logo, evidencia-se que o relacionamento raça/cor e prostituição feminina se apresenta bastante improvável apenas como resultado produzido pelo acaso.

#### 4.6. Raça, Cor e Etnia & Corpo

As categorias “corpo” e “corpo erotizado” foram pensadas com o intuito de observar quais fatores, possivelmente, estariam implicados na maior ou menor utilização dos atributos físicos quando das descrições das personagens femininas de Jorge Amado. Um dos efeitos dos processos de racialização, pelos quais passam certas personagens amadianas, pode ser sentido nas caracterizações que fazem referências aos corpos, sejam eles erotizados ou não.

As personagens que participam do “mundo da prostituição” possuem, nas suas caracterizações, um maior percentual de referência ao corpo do que as mulheres criadas por Jorge Amado que se ocupam de outros afazeres. No total, 35,1% das personagens amadianas são descritas, pelo dicionário de Tavares (1985), mediante o recurso a atributos físicos. As que se encontram no “mundo da prostituição” apresentam 40,8% de suas integrantes definidas, entre outros fatores, por aspectos corporais. Já as personagens femininas que não pertencem ao referido “mundo” possuem 33,7% de suas caracterizações fazendo apelo ao corpo.

O estudo estatístico baseado no teste qui-quadrado permite afirmar que não há qualquer relação significativa entre as representações do texto amadiano sobre o “mundo da prostituição” e a categoria corpo. O valor do qui-quadrado é 3,223 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior que 0,05, para um grau de liberdade 1. Isso demonstra que o relacionamento “mundo da prostituição” e corpo é provável apenas como resultado produzido casualmente.

No conjunto das personagens que fazem parte do “mundo da prostituição”, as mulheres de Jorge Amado que se encontram marcadas socialmente pela raça/cor têm seus corpos utilizados, nas suas caracterizações, em 82,9% dos casos. As personagens femininas pertencentes a esse “mundo” que não sofreram racialização possuem seus corpos referenciados, nas suas descrições, em apenas 30,9% do total de ocorrências.

Nesse sentido, observa-se que, nas representações sobre o “mundo da prostituição”, existe um claro vínculo entre as categorias raça, cor e etnia e corpo, no momento da caracterização das personagens femininas envolvidas com esse “mundo”. O valor do teste qui-quadrado foi de 31,720 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. A vinculação raça, cor e etnia e corpo encontra-se bem exemplificada pela descrição oferecida por Tavares (1985) sobre a personagem Tibéria, presente no conto “De como o Mulato Porciúncula Descarregou Seu Defunto” e no romance *Os Pastores da Noite*.

“Tibéria – “gorda mulata de seus sessenta anos, seios imensos, rosto plácido, olhos de firmeza e bondade”, casada com Jesus Bento de Souza. Nasceu numa cidadezinha do interior do Estado e cedo perdera pai e mãe. Era rameira na pensão de Aninhas na cidade da Bahia quando, aos trinta anos de idade, “opulenta balzaquiana de duras carnes morenas, rainha do carnaval”, conhece Jesus, tocador de violão, dez anos mais moço que ela: apaixonaram-se, juntaram-se e afinal casaram-se, vivendo em perfeita harmonia – ele trabalhando em alfaiataria; ela, mantendo modesta mas conceituada pensão de mulheres nas imediações do Pelourinho [...]” (TAVARES, 1985, p.328).

Convém destacar, ainda, que o corpo aparece fortemente associado à descrição das personagens marcadas pela raça/cor que não pertencem ao “mundo da prostituição”. As personagens femininas racializadas que não integram esse “mundo” atingem 74,2% de referências aos seus corpos nas caracterizações encontradas no dicionário de Tavares (1985). As mulheres não marcadas socialmente pela raça/cor possuem apenas 27,2% de suas descrições fazendo apelo a características corporais.

O teste estatístico qui-quadrado permite afirmar que, para as representações sobre as personagens que não pertencem ao “mundo da prostituição”, raça, cor e etnia e a categoria corpo se encontram, também, significativamente associadas. O valor do qui-quadrado foi de 82,885 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. A personagem amadiana Maria Cabaçu, retratada nos romances *Suor* e *Capitães da Areia*, ilustra a relação significativa entre racialização e corpo.

“Maria Cabaçu – mulher valentona, “mulata escura, filha de negro e índia, alta e troncuda, cabelo espichado, nádegas enormes”, quase sem seios e de nariz achatado, forte como um homem, “não largava um punhal”. Morou algum tempo no sobrado 68 à Ladeira do Pelourinho, na Bahia, e frequentemente entrava em conflito com seus eventuais admiradores acabando por escorraçá-los. [...]” (TAVARES, 1985, p.220).

Observando, estritamente, as personagens constituintes do “mundo da prostituição”, pode-se constatar que as prostitutas possuem o maior número de descrições que se utilizam de características corporais (47,1%), imediatamente seguidas pelas dançarinas e cantoras de cabaré, com 45,5%. As caftinas são as personagens desse “mundo” que menos tem seus corpos referenciados nos verbetes do dicionário de Tavares (1985). Para essas mulheres, somente em 25% das vezes, seus corpos aparecem como elementos caracterizadores.

O teste qui-quadrado demonstrou que as representações sobre a prostituição feminina estão fortemente associadas ao corpo. O valor do qui-quadrado foi de 11,136 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 3. A personagem Antônia, do romance *São Jorge dos Ilhéus*, serve de paradigma para as caracterizações das prostitutas que se valem de certos atributos corpóreos.

“Antônia – gorda, “enorme prostituta muito celebrada pelos marinheiros” de Buenos Aires. Ela foi o primeiro objetivo de Pepe Espinola ao iniciar sua carreira de gigolô, mas logo desistiu, amedrontado, ao vê-la sorrir, sozinha, dois marinheiros alemães” (TAVARES, 1985, p.21).

As prostitutas racializadas possuem índices relevantes de utilização de seus corpos nos verbetes descritivos do dicionário de Tavares (1985). Das 28 prostitutas marcadas socialmente pela raça/cor, 23 apresentam seus corpos caracterizando-as de alguma forma. Em termos relativos, isso significa que 82,1% dessas personagens são

descritas recorrendo-se a aspectos corporais. As prostitutas não racializadas descritas por Tavares (1985) contabilizam apenas 36,6% de descrições que recorrem, pelo menos, a algum atributo físico.

O estudo estatístico feito através do teste qui-quadrado permite afirmar que, nas representações sobre a prostituição feminina, a categoria raça, cor e etnia encontra-se, significativamente, associada à questão da referência ao corpo. Com efeito, o valor do qui-quadrado foi de 17,947 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1.

A personagem Mariazinha, do romance *Cacau*, pode ilustrar o recurso ao corpo, recorrentemente praticado, no momento da caracterização das prostitutas de Jorge Amado: “Mariazinha – rameira na Rua da Lama, em Pirangi. “Podia ter dezoito anos, mulata nova, mas entre ela e a Zefa, velha de cinquenta anos, não havia diferença. A mesma cara gasta e as mesmas pernas cheias de feridas ”” (TAVARES, 1985, p.227).

#### 4.7. Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

A categoria corpo abarca as descrições que se utilizam de atributos físicos na caracterização das personagens, de acordo com o apresentado na secção do texto reservada à definição das categorias analíticas. Essa categoria possui um subconjunto, a saber, a categoria corpo erotizado. Dentre todas as referências feitas aos corpos das personagens estudadas, algumas se destacam por sua carga de erotização.

A análise das 888 mulheres de Jorge Amado revela que 18,4% das personagens do romancista baiano possuem, em suas caracterizações, referências a corpos erotizados. No “mundo da prostituição”, em 26,6% dos casos, as personagens amadianas são descritas mediante o recurso a aspectos corporais de cunho erótico. As mulheres que não participam desse “mundo” contabilizam 16,2% de suas integrantes definidas, entre outros fatores, por corpos marcados pela erotização.

O estudo estatístico baseado no teste qui-quadrado revelou que existe forte correlação entre as representações sobre as personagens do “mundo da prostituição” e a utilização de corpos erotizados para descrevê-las. O valor do qui-quadrado foi 10,604 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05, para um grau de liberdade 1. Isso evidencia que o relacionamento – corpo erotizado e personagens do “mundo da prostituição” – é muito improvável apenas como resultado produzido casualmente.

A relação corpo erotizado e mulheres do “mundo da prostituição” pode ser observada no verbete descritivo de Tavares (1985) sobre a personagem Clô, do romance *Os Velhos Marinheiros ou O Capitão de Longo Curso*: “Clô – mundana “loira de corpo de leite, quase pelada, seios volumosos”, que o comandante Vasco Moscoso de Aragão conheceu na Bahia, nos tempos da mocidade” (TAVARES, 1985, p.73).

Também é correto afirmar que raça, cor e etnia e a categoria corpo erotizado estão, significativamente, associados nas representações sobre o “mundo da prostituição”. O valor do teste foi de 24,632 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. Com efeito, a maior parte (60,0%) das personagens desse “mundo”, quando marcadas socialmente pela raça/cor, tem seus corpos apresentados de forma erotizada em suas descrições. No caso das personagens pertencentes a esse mesmo “mundo”, mas que não sofreram os efeitos dos processos sociais de racialização, apenas 18,8% possuem corpos erotizados em suas caracterizações.

Na caracterização da personagem Marialva, do romance *Os Pastores da Noite*, é possível observar um exemplo concreto do relacionamento significativo existente entre a raça/cor e a categoria corpo erotizado no “mundo da prostituição”.

“Marialva – filha de uma cozinheira da família Falcão em Feira de Santana, tornou-se uma mulata perfeição, de abundantes cabelos corridos, corpo tentador e rosto lindo, uma “pinta negra a embelezar-lhe o ombro esquerdo” – e a vontade de dominar os homens. [...] ela tenta subjugar o ex-militar a seus caprichos mas perde a partida e desce a encosta rumo ao bordel de Tibéria, na zona do Pelourinho, de onde se transfere à Ladeira da Praça como estrela de cabaré a exhibir sua pinta negra e seu dengue” (TAVARES, 1985, p.226)

As personagens femininas marcadas pelos processos sociais de racialização que não pertencem ao “mundo da prostituição”, em comparação com as brancas e estrangeiras que também não fazem parte desse “mundo”, são, em maior número, descritas com base em corpos erotizados. No conjunto das personagens que não participam do “mundo da prostituição”, as mulheres marcadas socialmente pela raça/cor apresentam 46,4% das suas caracterizações fazendo apelo à erotização de seus corpos. Por outro lado, nesse mesmo conjunto, as personagens femininas brancas ou estrangeiras contabilizam apenas 9,8% de suas integrantes descritas através de aspectos corporais erotizantes.

O teste qui-quadrado demonstra, claramente, a significância da associação entre raça, cor e etnia e a categoria corpo erotizado nas representações sobre as mulheres que

não integram o “mundo da prostituição”. O valor desse teste estatístico foi de 75,599 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. A personagem Rosa Palmeirão, presente nos romances *Capitães da Areia* e *Mar Morto*, simboliza o forte vínculo entre racialização e corpo erotizado para as mulheres criadas pelo romancista baiano que não se encontram envolvidas com o “mundo da prostituição”.

“Rosa Palmeirão” – mulher valente, de “olhos que metiam medo, fundos, variavam como a cor do mar, azul, verde, chumbo”, de “corpo bem feito, suas cadeiras oscilavam como a proa de um saveiro” e “trazia sempre no vestido” uma flor, a rosa palmeirão. Aventureira, levava a vida livre desde o dia em que, revoltada, soube ter perdido a gestação do seu primogênito devido à beberagem abortiva que Rosalvo, seu sedutor aos quinze anos de idade, lhe ministrara traiçoeiramente. Apunhalou-o e respondeu a júri, sendo absolvida [...]” (TAVARES, 1985, p.302).

Centrando a análise nas prostitutas, especificamente, pode-se observar que das 28 meretrizes marcadas pela raça/cor, 16, ou seja, 57% possuem referências erotizantes aos seus corpos. As meretrizes brancas ou estrangeiras contam com somente 20,4% de suas integrantes caracterizadas a partir da erotização de seus corpos. O Caso da personagem Rita, do romance *São Jorge dos Ilhéus*, exemplifica o que ocorre, de maneira mais ampla, com as prostitutas definidas pela raça/cor.

“Rita – filha do velho Irineu, tropeiro da fazenda de cacau do coronel Frederico Pinto, no antigo Pirangi. Vivia com o pai viúvo e era “nos seus dezoito anos” uma cabrocha bonita, “de seios empinados, desejada por todos os homens da fazenda” e das redondezas pois mulher era coisa rara na região cacauera. Fizera sucesso como pastorinha à frente do terno de reis de Varapau. Depois o coronel a tomara para si, “de casa montada, com ama e vestido de ceda”, no povoado. Afinal, “de filho no braço”, abandonada pelo coronel, “mudou-se para a rua das rameiras: era uma rua longa, comprida de não acabar”” (TAVARES, 1985, p.295).

O teste estatístico qui-quadrado revela que, nas representações sobre a prostituição feminina, a categoria raça, cor e etnia encontra-se associada, significativamente, a descrições cujos corpos são erotizados. O valor do teste foi de 14,109 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. Em outras palavras, a relação raça, cor e etnia e corpo erotizado, na prostituição feminina presente na obra de Jorge Amado, é bastante improvável apenas como resultado do acaso.

O baixo percentual de meretrizes brancas descritas eroticamente parece sugerir que essas meretrizes não dependem de fortes apelos corporais para o exercício de sua ocupação, diferentemente, talvez, das prostitutas negras, mulatas ou morenas. Com efeito, mais de 80,0% das meretrizes brancas são descritas sem qualquer carga de erotização. A personagem Risoleta do romance *Gabriela, Cravo e Canela* se apresenta como paradigma dessa possível interpretação: “Risoleta – rameira, de nenhuma beleza, até “tinha um olho troncho”, mas de muita sabedoria, procedente de Aracaju e novata em Ilhéus, onde esteve de amores com o árabe comerciante Nacib Achcar Saad”(TAVARES, 1985, p.294).

A objetificação da mulata, da morena ou da negra – enfim, das mulheres socialmente racializadas – produz um efeito devastador do ponto de vista da interiorização subjetiva. Os corpos dessas mulheres as definem por completo, situando-as, no social, tão somente a partir da objetividade erótica de seus corpos.

Desse processo de objetificação, resulta a idéia, largamente difundida, da mulata “puro corpo” (CORRÊA, 1996). Às mulheres racializadas parece não restar muito espaço para outras funções, a não ser ao exercício exuberante da sexualidade. Muitas vezes o exercício da sexualidade racializada se traduz em práticas perversas, como as que eram freqüentes no baixo meretrício do século passado, segundo Rago (1991), e se estendem até o presente, por exemplo, com o turismo sexual internacional e o seu gosto pelas “morenas” (PISCITELLI, 1996).

No trecho analisado da obra de Jorge Amado, as prostitutas marcadas socialmente pela raça/cor, em comparação com as prostitutas brancas ou estrangeiras, se apresentam cerca de duas vezes mais descritas em termos de referências a corpos erotizados. Como já foi ressaltado, as meretrizes racializadas possuem 57% de suas caracterizações fazendo apelo a corpos erotizados, enquanto que, para as brancas ou estrangeiras, esse número não ultrapassa os 20,4%.

Essa expressiva diferença na erotização dos corpos entre as prostitutas racializadas e as não marcadas socialmente pela raça/cor parece situar a obra de Jorge Amado em um contexto social compatível com as representações sobre a “mulata puro corpo”. Além disso, pode-se pensar que a obra do romancista baiano compartilha das representações sobre a exuberante sexualidade das mulheres racializadas, associando-a à carga erótica “natural” dos seus corpos quentes e perfeitos, adocicados pelos aromas de cravos e canelas.

#### 4.8. Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

Como já se constatou anteriormente, as representações da literatura de Jorge Amado sobre o “mundo da prostituição” encontram-se, significativamente, associadas ao problema da violência de gênero contra a mulher. A análise frequencial desse fenômeno demonstra que 19,0% das integrantes desse “mundo” sofreram algum tipo de violência de gênero.

As personagens femininas marcadas socialmente pela raça/cor que participam, de alguma forma, do “mundo da prostituição” foram atingidas pela violência de gênero em 28,6% dos casos. Por seu turno, as mulheres brancas ou estrangeiras que integram esse “mundo” contabilizam 16,8% de vítimas dessa modalidade de violência.

Apesar da grande diferença percentual de vítimas de violência de gênero entre personagens racializadas e personagens brancas ou estrangeiras, o teste estatístico qui-quadrado não encontrou associação significativa entre violência de gênero contra a mulher e racialização nas representações da obra amadiana sobre o “mundo da prostituição”. O valor do teste foi de 2,559 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior que 0,05 para um grau de liberdade 1. Pode-se afirmar que o relacionamento raça, cor e etnia e violência de gênero contra a mulher, no “mundo da prostituição”, é assaz provável como resultado produzido casualmente.

As personagens que não pertencem ao “mundo da prostituição” possuem, no total, 8,2% de vítimas de violência de gênero. As mulheres desse conjunto marcadas socialmente pela raça/cor possuem 16,5% de personagens vítimas desse tipo de violência. As criaturas femininas de Jorge Amado brancas ou estrangeiras que não se encontram envolvidas com o “mundo da prostituição” apresentam 6,9% de suas integrantes vitimadas pela violência de gênero.

O teste do qui-quadrado demonstrou que existe associação significativa entre violência de gênero contra a mulher e a categoria raça, cor e etnia, nas representações sobre as mulheres de Jorge Amado que não pertencem ao “mundo da prostituição”. O valor do qui-quadrado foi de 10,144 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. Isso indica que o relacionamento violência de gênero contra a mulher e a categoria raça, cor e etnia é bastante improvável apenas como resultado produzido tão somente pelo acaso.

A personagem Mariinha, do romance *Jubiabá*, exemplifica os inúmeros casos em que os processos sociais de racialização produzem seus efeitos no terreno da

violência de gênero contra a mulher. O redimensionamento da exposição à violência de gênero ocorre, de fato, quando da intersecção entre as categorias raça, cor e etnia e o conjunto das ocupações desempenhadas pelas mulheres que não se relaciona com o “mundo da prostituição”.

“Mariinha – “mulatinha que ainda não perdera a cor nas fábricas” de charutos, em São Félix, noiva de um negro jovem. Seduzida por um alemão, gerente da fábrica onde trabalhava, ela foi logo depois abandonada “com um filho e sem emprego”. Vingando-a da desdita, o seu ex-noivo assassinou o gringo” (TAVARES, 1985, p.229).

Os números revelam que a raça/cor, no “mundo da prostituição”, não parece produzir nenhum redimensionamento da vulnerabilidade das mulheres no que diz respeito à questão da violência de gênero. O mesmo não se pode dizer das mulheres que não participam desse “mundo”, visto que suas integrantes sofrem, diferentemente, o fenômeno da violência de gênero a depender de sua raça, cor ou etnia.

Como hipótese, pode-se pensar que as condições sociais precárias das personagens envolvidas com o “mundo da prostituição” se sobrepõem, em relação à categoria raça, cor e etnia, no que diz respeito à questão da violência de gênero contra a mulher. O estudo da intersecção da categoria classe social com a categoria ocupação também revelou que, para as mulheres envolvidas com o “mundo da prostituição” e com a prostituição propriamente dita, a classe social não redimensiona a ocorrência de violência de gênero.

As prostitutas marcadas socialmente pelos processos de racialização possuem 32,1% de suas integrantes atingidas pelo fenômeno da violência de gênero, enquanto que do total das meretrizes brancas ou estrangeiras, 20,4% são vítimas desse tipo de violência. No entanto, é correto afirmar que, nas representações sobre as prostitutas, não há qualquer associação significativa entre raça, cor e etnia e a categoria violência de gênero. O teste qui-quadrado apresentou o valor de 1,660 – com uma probabilidade associada (valor – p) maior que 0,05 para um grau de liberdade 1. Evidencia-se, assim, que tal relacionamento é muito provável como resultado produzido, meramente, pelo acaso.

#### 4.9. Raça, Cor e Etnia & Violência Sexual contra a Mulher

A categoria analítica violência sexual contra a mulher caracteriza-se por ser um subconjunto da categoria violência de gênero contra a mulher. Conforme ressaltado anteriormente, há relação significativa entre a questão da violência sexual contra a mulher e as representações da literatura amadiana, seja sobre o “mundo da prostituição”, seja sobre a prostituição em sentido estrito.

Diferentemente do que ocorre em relação à categoria analítica classe social, a categoria raça, cor e etnia se constitui numa determinante para a maior ou menor vivência da violência sexual por parte das personagens femininas envolvidas com o “mundo da prostituição”.

De todas as personagens pertencentes ao “mundo da prostituição”, o grupo das mulheres racializadas representa 17,1% das vítimas de algum tipo de violência sexual. O conjunto das brancas ou estrangeiras, por seu turno, possui 4,7% de suas personagens vitimadas por práticas violentas de natureza sexual. Ou seja, os números indicam que as personagens femininas não racializadas são quase quatro vezes menos (precisamente – 3,64 vezes menos) expostas essa modalidade de violência.

O teste estatístico qui-quadrado demonstrou a existência de relação significativa entre raça, cor e etnia e a categoria violência sexual contra a mulher nas representações da obra de Amado sobre o “mundo da prostituição”. De fato, o valor do qui-quadrado foi de 6,685 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1.

A análise específica do grupo das prostitutas revelou que 21,4% das meretrizes marcadas socialmente pela raça/cor sofreram alguma forma de violência sexual. As prostitutas que não passaram pelos processos sociais de racialização foram confrontadas com a violência sexual em 5,4% dos casos. Essa grande diferença percentual se faz sentir nos resultados obtidos através do teste qui-quadrado.

O valor desse teste estatístico foi de 6,710 – com uma probabilidade associada (valor – p) de menos de 0,05 para um grau de liberdade 1. Dessa forma, demonstra-se que a associação entre raça, cor e etnia e a categoria violência sexual contra a mulher, nas representações sobre a prostituição, é muito improvável apenas como resultado produzido, meramente, pelo acaso.

A personagem Marta, do romance *Seara Vermelha*, traz um caso paradigmático de violência sexual. Resumidamente, essa personagem acaba por fazer do seu sexo

moeda de troca para a obtenção dos “favores” necessários à sua subsistência ou à subsistência dos seus.

“Marta – filha de Jerônimo e de Jucundina. Contava dezoito anos e era uma “moça bonita, mulata bem clara, de cabelos quase lisos”, quando o pai resolve emigrar para São Paulo por ter sido despedido da fazenda do finado Coronel Inácio [...]. Prestimosa e boa, “a alegria do velho pai” ela se desdobra em solicitude durante a longa viagem de canseiras [...] até chegarem a Pirapora, onde num sacrifício supremo, afoga o recato de moça que apenas tivera um furtivo namoro em sua vida [...] e se rende à vil libidinagem do dr. Epaminondas Leite, médico do Posto de Imigração, a fim de obter a papelada de sanidade para o pai tuberculoso poder seguir com o resto da dizimada família para São Paulo. Logo abandonada pelo sedutor, cai na prostituição e dela não se tem mais notícia” (TAVARES, 1985, p.233).

Fora do “mundo da prostituição”, as determinantes sociais de raça, cor e etnia não estão significativamente associadas à ocorrência de violência sexual contra a mulher, de acordo com o resultado obtido através do teste qui-quadrado. O grupo das personagens racializadas contabiliza 5,2% de mulheres vítimas desse tipo de violência. No caso das brancas ou estrangeiras, esse percentual cai para 2,3%.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos fenômenos sociais, por mais diversos que sejam, deve, em certo sentido, levar em consideração as determinantes da cultura e suas representações. Assim, por acreditar na importância das representações, enquanto elementos condicionantes das ações, comportamentos e de suas significações, o presente trabalho adotou, como referencial teórico, a teoria das representações sociais, na perspectiva de Moscovici.

A teorização sobre as representações coletivas de Durkheim, construída com base em um modelo estático e tradicional de sociedade, não consegue pensar a fluidez e a dinâmica características das sociedades modernas. A estruturação complexa dessas sociedades faz com que as representações sobre determinados fenômenos se diferenciem de acordo com o pertencimento a diferentes grupos sociais.

Considera-se ainda, como Moscovici (2001), que o simbólico da comunicação tem papel central na estruturação e difusão das representações, dada a sua capacidade de fazer algo individual se tornar social ou algo social, por seu lado, ser individualizado. Assim, é através da comunicação entre os diferentes grupos sociais, geralmente mediada pelos canais de comunicação de massa, que as representações dialogam entre si, estabelecendo pontos de tensão e conquistando hegemonias.

A obra de Jorge Amado se destaca por sua relevância no cenário cultural brasileiro. Nesse sentido, a larga difusão dos escritos amadianos – atestada pelos mais de 30 milhões de livros vendidos e pelas inúmeras adaptações de seus romances para outros canais de comunicação, como cinema, rádio e televisão – confere forte impacto social às representações veiculadas. Em outras palavras, o universo simbólico do escritor baiano tem repercussão acentuada no social.

A análise das representações da obra de Amado sobre a prostituição feminina, tendo como fonte seus escritos, precisa enfatizar a dimensão simbólica devido a outra razão específica. Não se pode negar que as condicionantes supostamente materiais das ações e comportamentos das personagens amadianas são, em última instância, representações do que o gênio inventivo de Jorge Amado considera como determinantes de ordem material, a partir do diálogo com a realidade de seu *habitus* social.

Em relação às ocupações desempenhadas pelas criaturas femininas amadianas, o trecho analisado da obra de Jorge Amado veicula representações características de

sociedades patriarcais. A polarização dicotômica de suas personagens entre as ocupações “mundo da prostituição” (20,7%) e “do lar” (32,8%) reflete o imaginário que divide, dicotomicamente, as mulheres em “honestas” e “não honestas”. Até meados da década de 1970, essa dicotomia sobre o universo feminino foi altamente difundida no Brasil (DEL PRIORE, 2006).

A mulher que não se circunscreve ao domínio do privado – adotando uma economia de comportamentos e se reservando, fundamentalmente, ao lar e à educação de seus filhos – é automaticamente tragada pela esfera pública, devido à lógica patriarcal de caráter dicotômico em relação à virtude feminina. Ao ser identificada ao domínio público, torna-se suspeita e, portanto, desonesta, visto que não se encontra sob a tutela de nenhum varão.

Assim, apesar de Jorge Amado não representar a esfera doméstica como local santificado, tecendo, inclusive, críticas à moral patriarcal, suas personagens femininas se encontram representadas dicotomicamente entre “santas” e “putas”, exemplificando a natureza contraditória das representações, como destaca Scott (1991). O fantasma da prostituição, que ditou e, em certa medida, ainda dita as regras de comportamento das mulheres “honestas”, participa, de forma efetiva, da construção da divisão do universo social feminino nas obras analisadas de Amado.

Grande parcela das criaturas femininas de Jorge Amado se concentra na classe trabalhadora (42,9%). Poucas são as personagens que desempenham atividades de prestígio social e sucesso econômico. Como, na maioria das vezes, as mulheres criadas por Amado ou são prostitutas ou ocupam-se das tarefas domésticas, geralmente, possuem baixo poder econômico. Assim, nas representações sobre suas criaturas femininas, as mulheres do romancista baiano aparecem, majoritariamente, na classe trabalhadora.

As representações da literatura de Jorge Amado sobre o estado conjugal de suas personagens femininas estão de acordo com a lógica presente nas representações em relação à ocupação de suas personagens. Para o texto de Amado, parece contrário à natureza e ao destino, uma mulher permanecer solteira e não se prestar aos trabalhos da reprodução. Retirando os casos em que não se pode afirmar coisa alguma sobre o estado conjugal de suas personagens femininas, 81,80% de suas mulheres encontram-se acompanhadas; somente 18,2% figuram como solteiras.

As personagens femininas que não conseguem “arrumar” um marido são qualificadas de “solteironas”. Sobre essas personagens recaem diversas adjetivações

negativas, descrevendo comportamentos desviantes e bizarros. Um aspecto fortemente presente nas representações em relação às “solteironas” se define pela constante preocupação dessas mulheres com a retidão moral e com a manutenção dos bons costumes da vizinhança.

As representações sobre as personagens brancas ou estrangeiras não refletem as marcas sociais de raça/cor. Somente uma personagem branca, dentre o conjunto de todas as brancas ou estrangeiras, é descrita em termos de raça/cor, sendo identificada como “branca”. Isso ocorre, tudo indica, devido à sua “inclinação negreira”, como aponta Tavares (1985). Não fosse essa adjetivação contrastante, provavelmente a personagem teria recebido o mesmo tratamento, no que diz respeito à raça/cor, que todas as outras brancas ou estrangeiras receberam.

Por outro lado, as personagens negras, mulatas ou mestiças têm sempre suas representações associadas a caracteres referentes à raça/cor. Pode-se afirmar que as personagens racializadas aparecem como mulheres marcadas, indicando que sua incorporação, na literatura de Jorge Amado, se dá através da assimilação do afro-brasileiro como alteridade racial estigmatizada pela estereotipia.

A caracterização das personagens se utiliza de algum aspecto corporal em apenas 35,1% dos verbetes descritivos do dicionário de Tavares (1985). Esse número se reduz ainda mais – ficando em 18,4% – quando as descrições das personagens se valem de aspectos corporais de cunho erótico. Assim, de forma geral, as representações sobre as personagens femininas não se constroem com base em características físicas.

A violência de gênero contra a mulher, bem como a violência sexual contra a mulher não vitimam as personagens amadianas na mesma proporção em que atingem as mulheres na sociedade brasileira. Tão somente 10,5% das criaturas amadianas estudadas sofreram algum tipo de violência de gênero, enquanto que a violência sexual atingiu apenas 3,6% das personagens analisadas. A questão da violência de gênero não ocupa lugar de destaque nas representações do texto amadiano sobre suas criaturas femininas.

A elevada ausência de referência aos aspectos geracionais prejudicou estudo estatístico descritivo em relação às personagens, com enfoque na categoria analítica geração. Com efeito, 76,4% dos verbetes de Tavares (1985) não fazem menção alguma à idade/geração de suas personagens. A geração figura como uma marca social pouco freqüente nas representações da literatura de Jorge Amado sobre suas criaturas femininas.

Pode-se dizer, somente, que as personagens acima dos trinta anos, em diversos momentos, são retratadas como mulheres que perderam a juventude, em direção à suposta decadência da velhice. O avançar da idade figura como algo negativo para as mulheres criadas pelo romancista baiano: maturidade e velhice aparecem essencialmente caracterizadas pelo viés da perda.

Assim, a maior parte das criaturas femininas (53,5%) aparecem representadas como “do lar” (32,8%) ou se ocupando do “mundo da prostituição” (20,7%). Essas duas ocupações, bem como as “ocupações femininas” (10,9%) não são dotadas de elevado prestígio social, de forma que as personagens femininas se situam, na maioria dos casos, na classe trabalhadora (42,9%).

O caminho mais freqüente, para as mulheres de Amado, é, portanto, permanecer no lar, acompanhadas por marido ou amante (81,80%); as solteiras (18,2%), estigmatizadas de “solteironas”, figuram entre as que não tiveram a sorte de conquistar um marido. Genericamente, o envelhecimento se inscreve na vida das personagens amadianas pela ótica da perda, seja da juventude, seja da beleza. Não é displicentemente que Brookshaw (1983, p.141) caracteriza a postura de Amado como “fundamentalmente patriarcal e paternalista”.

A face preconceituosa do romancista baiano se revela através de suas idéias populistas contidas no processo de caracterização reservado aos afro-brasileiros. Antes de mais nada, a marca social da cor é atributo exclusivo de suas personagens negras, mulatas ou mestiças. Dentre todas as suas criaturas femininas estrangeiras ou brancas, somente uma é caracterizada de “branca” por Tavares (1985). Em outras palavras, marca-se o que diverge do padrão, o outro exótico, diferente de si mesmo.

Como já se afirmou, as personagens femininas se encontram – em sua maioria, com 42,9% – na classe trabalhadora. Ao se tratar nomeadamente das criaturas amadianas pertencentes ao “mundo da prostituição”, o número de mulheres constituintes dessa classe passa para 69,0%.

A forte concentração de caftinas, prostitutas, dançarinas e cantoras de cabaré, na classe trabalhadora, faz com que as representações sobre o “mundo da prostituição” apresentem-se vinculadas, de forma significativa, à categoria classe social. Realmente, as personagens do “mundo da prostituição” se caracterizam por uma condição desfavorável de classe: apenas 3,8% de suas integrantes figuram na classe alta.

A análise da composição do “mundo da prostituição”, segundo seus grupos étnico-raciais, revela que a classe média desse “mundo” é formada, em sua quase

totalidade (92,0%), por personagens brancas ou estrangeiras. Some-se a essa constatação o fato de que sua classe alta não contém nenhuma criatura feminina racializada. Nesse sentido, pode-se defender que classe social aparece correlacionada, expressivamente, à raça, cor e etnia nas representações sobre “mundo da prostituição” no texto de Amado.

O estudo centrado exclusivamente nas prostitutas acentua, ainda mais, a condição desfavorável de classe vivida pelas personagens amadianas. Das 121 personagens prostitutas, 95,0% integram a classe trabalhadora; 4,1% pertencem à classe média e apenas 1 prostituta (0,9%) figura na classe alta. Diante desses números, as representações sobre a prostituição feminina também encontram-se associadas, de forma significativa, à classe social.

O cruzamento estatístico entre a ocupação prostituta e a categoria raça, cor e etnia evidencia o desempoderamento, redimensionado, que atinge as prostitutas negras, mestiças e mulatas, fruto da intersecção dos processos de racialização com a ocupação desenvolvida por essas personagens. Todas as 28 prostitutas racializadas encontram-se na classe trabalhadora. O alto meretrício não comporta prostitutas racializadas; às negras, mestiças e mulatas, fica reservado, na totalidade dos casos, o baixo meretrício.

Uma primeira estratificação baseada na raça/cor e classe já aparece delineada no Brasil Colônia, em que as relações matrimoniais ocorriam entre indivíduos de mesma posição social, considerando, prioritariamente, a cor e a classe social. Com efeito, a tão alardeada existência de relações pluriétnicas, em terras brasileiras, se restringe, fundamentalmente, à prática do concubinato (VAINFAS, 1997).

A modernização da sociedade brasileira e o conseqüente crescimento do mercado da prostituição deslocaram a centralidade das relações concubinárias para a figura da meretriz. Esse deslocamento, contudo, continuou a estratificar as relações ditas ilícitas de acordo com raça/cor e classe social. Para a satisfação dos desejos sexuais dos homens das classes dominantes, o mais adequado eram as prostitutas brancas; às meretrizes racializadas, ficou reservado o baixo meretrício, com seu repertório de práticas perversas (RAGO, 1991).

Atualmente, no turismo sexual internacional praticado no Brasil, os brancos do Norte dão provas de sua preferência pelas “morenas” brasileiras, demonstrando a persistência das relações pluriétnicas no universo dos prazeres sexuais. Além disso, como ressalta Piscitelli (1996), o turismo sexual internacional destaca os efeitos da cor enquanto marca social na interação entre as nacionalidades. As “morenas” brasileiras,

caracterizadas enquanto um outro exótico – entre outros fatores, devido à sua cor – estão prontas para serem “degustadas”, uma vez que, perversamente, objetificadas.

Não se pode negar, portanto, que Jorge Amado, ao retratar o meretrício em seus romances, foi influenciado por práticas e representações compartilhadas por atores sociais, que se situam, basicamente, em um mesmo *habitus*. Para os homens negros da classe trabalhadora, as refinadas prostitutas francesas nem sempre simbolizaram a mais adequada fonte de deleite sexual.

Os estudos sobre prostituição devem considerar o caráter patriarcal do contrato social. Não há como se pensar a prostituição feminina sem se reconhecer a prerrogativa do “acesso sistemático” conferido aos homens em relação ao corpo das mulheres (PATEMAN, 1993). Pode-se defender que a sistematicidade do acesso masculino sobre o corpo feminino objetificado se desdobra, entre outros fatores, na legitimação de práticas violentas contra as mulheres.

Das 888 criaturas femininas de Jorge Amado, o total de personagens atingidas pela violência de gênero é exatamente 10,5%. As personagens femininas que não se ocupam dos afazeres do “mundo da prostituição” contabilizam 8,2% de vítimas de alguma modalidade desse tipo de violência. Por outro lado, do total de mulheres ficcionais de Amado que participam desse “mundo”, 19,0% de suas integrantes são vitimadas pela violência de gênero. De forma estrita, o conjunto das prostitutas apresenta 23,1% de vítimas dessa forma de violência.

As representações da literatura de Jorge Amado sobre o “mundo da prostituição” estão associadas à violência de gênero contra a mulher. Contudo, a classe social não se relaciona, significativamente, com a questão da violência de gênero contra a mulher nas representações sobre esse “mundo”. É interessante notar que, nas representações sobre as personagens que não participam do “mundo da prostituição”, classe social e violência de gênero contra a mulher se correlacionam de forma significativa.

No trecho analisado da literatura de Jorge Amado, o estudo focado nas prostitutas revela o vínculo estreito entre prostituição feminina e violência de gênero. Todavia, da mesma forma que classe social e violência de gênero contra a mulher não se encontram relacionadas, fortemente, nas representações do texto de Amado sobre “mundo da prostituição”; nas representações sobre a prostituição, estas duas variáveis também se apresentam dissociadas.

No que diz respeito à violência sexual contra a mulher, o “mundo da prostituição” contabiliza 7,1% de suas personagens vitimadas. As personagens que não

integram esse “mundo” apresentam 3,6% de vítimas dessa modalidade de violência. Por seu turno, no conjunto das prostitutas, analisado isoladamente, a violência sexual alcançou 9,1% das meretrizes.

As representações sobre o “mundo da prostituição” se apresentam vinculadas, estreitamente, à violência sexual contra a mulher. O mesmo pode ser dito em relação à prostituição feminina, visto que suas representações também estão correlacionadas, intimamente, com a questão da violência sexual.

Entretanto, tanto nas representações sobre o “mundo da prostituição”, quanto nas representações sobre a prostituição feminina, a classe social não aparece correlacionada, significativamente, à violência sexual contra a mulher. Essa dissociação entre classe social e violência sexual nas representações referidas contrasta com a associação significativa entre classe e violência sexual nas representações sobre as personagens que não pertencem ao “mundo da prostituição”.

A análise das relações sociais deve considerar a intersecção entre seus elementos constituintes. Raça/etnia, gênero, classe social e idade/geração se constituem em condicionantes relacionais de extrema relevância analítica e social. Nesse sentido, precisam ser pensados enquanto dimensões básicas do social. Todavia, em certos contextos, a intersecção entre essas diferentes dimensões sociais pode redimensionar o valor determinante de uma dimensão em particular (MOTTA, 1999).

A determinante de classe não redimensionou a ocorrência, nem da violência de gênero, nem da violência sexual para as personagens femininas envolvidas com o “mundo da prostituição” ou com a prostituição em específico. Entretanto, para as personagens que não se prostituem nem participam desse “mundo”, a classe social se correlaciona, redimensionando, de forma significativa, tanto a frequência da violência de gênero, quanto a ocorrência da violência sexual.

De fato, para as personagens femininas de Amado que se ocupam do “mundo da prostituição”, a violência de gênero contra a mulher (sexual ou de outra natureza) se apresenta como dimensão constitutiva do universo social da prostituição feminina – conforme argumenta Rago (1991). Nesse contexto particular, se pode pensar que a dimensão ocupacional se sobrepõe à determinante de classe. Assim, no que tange à classe social, as situações violentas atingem, indistintamente, as personagens do “mundo da prostituição”.

A constituição étnico-racial do “mundo da prostituição” revela dados interessantes sobre os efeitos da raça/cor na caracterização e na vivência das

personagens de Jorge Amado. Apenas 19,0% das mulheres que participam desse “mundo” são racializadas. A princípio, portanto, constata-se que o referido “mundo” se forma, majoritariamente, de personagens brancas ou estrangeiras.

Entretanto, observando os grupos étnico-raciais de origem, as mulheres que mais se prostituem são as racializadas, com 21,2% de suas integrantes ocupando-se da prostituição. Em seguida, vêm as estrangeiras – com 14,6%; na última posição, figuram as personagens ditas brancas, pois somente 12,1% de suas integrantes atuam, de alguma maneira, no meretrício.

Apesar dos percentuais destacados, as representações sobre o “mundo da prostituição” não se encontram associadas, significativamente, à categoria raça, cor e etnia. O mesmo não ocorre em relação às representações sobre a prostituição feminina. O elevado percentual de prostitutas negras, mestiças e mulatas sustenta a estreita vinculação entre as representações sobre a prostituição feminina e a categoria raça, cor e etnia.

Determinados verbetes do dicionário de Tavares (1985) recorrem à utilização de aspectos corporais no processo de caracterização das personagens amadianas. Entretanto, as representações veiculadas pelo texto de Amado sobre o “mundo da prostituição” não se encontram associadas à categoria corpo. Contudo, nessas mesmas representações, observa-se uma clara vinculação entre as categorias corpo e raça, cor e etnia.

A relação significativa entre corpo e raça, cor e etnia não se restringe às personagens que integram o “mundo da prostituição”. Parece fundamental destacar que essas categorias encontram-se correlacionadas, inclusive, nas representações sobre as mulheres que não fazem parte desse “mundo”.

Especificamente, as representações da literatura de Amado sobre a prostituição feminina demonstram a persistência do vínculo entre corpo e raça, cor e etnia. O conjunto das prostitutas racializadas possui 82,1% de suas integrantes descritas a partir de seus atributos físicos. Ao passo que as prostitutas brancas ou estrangeiras têm seus corpos utilizados em suas caracterizações em apenas 36,6% das descrições.

Nesse momento, entra em cena o imaginário de Jorge Amado definindo a prostituta racializada pelo recurso aos seus atributos corporais. A objetificação das mulheres marcadas socialmente pela raça/cor aparece reeditada nas prostitutas negras, mulatas ou mestiças do romancista baiano.

Nos verbetes de Tavares (1985), há ainda personagens que são descritas mediante caracteres corporais de natureza erotizante. Com efeito, as representações encontradas na obra de Jorge Amado sobre o “mundo da prostituição” estão, fortemente, correlacionadas à categoria corpo erotizado. Pode-se afirmar, adicionalmente, que corpo erotizado e a raça, cor e etnia encontram-se associados, de forma significativa, tanto nas representações sobre o “mundo da prostituição”, quanto nas personagens femininas que não integram esse “mundo”.

No caso específico das meretrizes, das 28 prostitutas marcadas pelos processos sociais de racialização, 16 (57%) apresentam seus corpos “recheados” de atributos eróticos. Diferentemente dessa realidade, o grupo das prostitutas brancas somado ao conjunto das meretrizes estrangeiras apresentam apenas 20,4% de suas integrantes descritas a partir da erotização de seus corpos. Consequentemente, nas representações sobre a prostituição feminina, corpo erotizado e raça, cor e etnia apresentam-se correlacionados de maneira contundente.

A análise estatística evidencia que a incorporação do afro-brasileiro na literatura amadiana não ocorre sem a presença marcante das representações estereotipadas sobre as características, aparentemente, “inerentes” à raça/cor das mulatas, mestiças e negras.

“Os romances de Amado [...] podem ser importantes meios de preservação da cultura africana no Brasil, embora também preservem e reforcem os mitos brancos concernentes ao afro-brasileiro como indivíduo, e é este fator que importa para o nosso trabalho, pois ilustra as incongruências de um escritor branco aparentemente bem intencionado. Em nenhum romance isso fica mais evidente do que nos três que iremos examinar, *Jubiabá*, *Gabriela, cravo e canela* e *Tenda dos Milagres*, os quais exaltam de diferentes modos e com diferentes propósitos a alma popular, mas que também demonstram as ambigüidades e preconceitos do tratamento que Amado dispensa a negros e mulatos” (BROOKSHAW, 1983,p.133).

A literatura de Amado objetiva a negra, a mulata e a mestiça, situando-as no terreno do “puro corpo”, como argumenta Corrêa (1996) ao refletir sobre a construção social da mulata brasileira.

A personagem Gabriela, do romance *Gabriela cravo e canela*, traduz a visão de Jorge Amado em relação às mulheres racializadas. Como exemplar bem acabado de mulata, Gabriela associa sensualidade e sexualidade exuberante a simplicidade. Essa relação é naturalizada por Amado através da cor e do aroma de Gabriela, que a reduzem a uma “mulher corpo”, destinada, por sua “natureza”, a despertar e satisfazer os desejos sexuais masculinos.

Para as personagens femininas do “mundo da prostituição”, a raça, cor e etnia não redimensionam a ocorrência de violência de gênero. Em relação à prostituição, as estatísticas indicam que o grupo das prostitutas racializadas tem 32,1% de vítimas de violência de gênero, enquanto que o conjunto das meretrizes brancas ou estrangeiras contabiliza 20,4% de personagens vitimadas. Apesar dessa diferença percentual, também não se pode afirmar a existência de correlação significativa entre raça, cor e etnia e violência de gênero contra a mulher nas representações sobre a prostituição feminina encontradas na obra de Jorge Amado.

Por outro lado, nas representações sobre as personagens femininas que não integram o “mundo da prostituição”, a categoria raça, cor e etnia encontra-se, significativamente, relacionada à violência de gênero. A violência, como já foi destacado, se caracteriza por ser uma dimensão constitutiva do universo social do meretrício (RAGO, 1991). Logo, no caso das personagens envolvidas com o “mundo da prostituição”, tudo indica que a sobreposição da categoria ocupação em relação à raça, cor e etnia sobredeterminou a ocorrência da violência.

Divergindo do que ocorre em relação à violência de gênero contra a mulher, a categoria raça, cor e etnia se apresenta correlacionada, fortemente, à violência sexual contra a mulher nas representações sobre o “mundo da prostituição”. Na prostituição, as categorias violência sexual contra a mulher e raça, cor e etnia também se encontram relacionadas de forma significativa. As meretrizes racializadas contam com 21,4% de vítimas de violência sexual, enquanto que as brancas ou estrangeiras contabilizam 5,4% de personagens vitimadas por essa modalidade de violência.

Para as personagens que não integram “o mundo da prostituição”, violência sexual contra a mulher e raça, cor e etnia não apresentam qualquer vinculação mais estreita. Assim, somente na interação com a ocupação, a categoria raça, cor e etnia torna-se capaz de redimensionar a ocorrência desse tipo de violência. De fato, como ressalta Piscitelli (1996), algumas marcas sociais apenas se tornam significativas na intersecção com outros marcadores.

Sinteticamente, as personagens que se ocupam da prostituição são as que, em maior número (95%), compõem a classe trabalhadora, ficando atrás apenas das prostitutas racializadas que participam dessa classe integralmente. As meretrizes também são as mais vitimadas pela violência de gênero contra a mulher, bem como pela violência sexual.

O grupo étnico-racial das personagens amadianas que possui o maior percentual de participação no meretrício é, precisamente, o das prostitutas racializadas. As prostitutas negras, mestiças e mulatas também apresentam o maior número relativo de descrições que se constroem com base na referência tanto aos corpos, quanto aos corpos erotizados. Além disso, as meretrizes marcadas pelos processos de racialização são as que mais sofrem com a violência de gênero e com a violência sexual.

No trecho estudado da obra de Jorge Amado, em diversos momentos, tanto a mulher, de forma geral, quanto a prostituta, em particular, são representadas a partir de um conjunto de valores e imagens estereotipados.

“Deve-se ter em mente que a incorporação da cultura afro-brasileira na cultura mais ampla da nação necessariamente não implica a aceitação do afro-brasileiro como um igual em termos sociais. Nesse sentido justifica-se a análise que Bosi faz de Amado como um populista literário. Se populista for definido como sendo essencialmente o preservador de mitos, tradicionalmente os verdadeiros instrumentos de controle social, então Amado encaixa-se nesta categoria” (BROOKSHAW, 1983,p. 144).

Entretanto, a estereotipia reservada às imagens das meretrizes não se constitui uma exclusividade da literatura amadiana. A literatura francesa, por exemplo, com a clássica obra de Alexandre Dumas Filho, *A Dama das Camélias*, tipifica os comportamentos e o caráter da personagem Margarida – apresentando-a como voraz consumidora da riqueza de seus amantes abastados. A face sublime do envolvimento amoroso lhe é, sobretudo, desconhecida, surpreendendo-lhe verdadeiramente, quando se lhe apresenta através de Armando.

Na literatura brasileira também não faltam prostitutas retratadas pelos olhares estigmatizantes de canônicos romancistas. José de Alencar, em *Lucíola*, no caminho do francês Dumas Filho, representa Lúcia, cortesã de luxo, como protótipo da prostituta vampiresca, capaz e ávida por sugar, metaforicamente, todo o sangue de seus clientes somente para atender a seus mais extravagantes caprichos.

Contudo, tanto em Dumas Filho, quanto em Alencar, as perversas cortesãs guardam em seu íntimo a centelha do amor, que, uma vez despertada, as regenera, tornando-as mulheres de doces sentimentos. A transformação provocada pelo amor, certamente, se apresenta como mais um entre os diversos clichês que povoam o imaginário dos romancistas masculinos em relação a suas personagens.

Jorge Amado, portanto, se inscreve, à sua maneira, na lista de romancistas brasileiros que abordaram a questão da prostituição feminina. No âmbito das relações de

gênero, ao polarizar – dicotomicamente – as personagens femininas nos grupos “do lar” e “mundo da prostituição”, Amado faz com que sua literatura contribua com a difusão das representações de cunho tipicamente patriarcal sobre as mulheres.

No campo das relações étnico-raciais, a obra amadiana é perpassada pelas representações erotizantes que a raça/cor imprime nas imagens das mulheres e prostitutas racializadas. Imagens que, de resto, as “colorem” com uma sensualidade “natural”, traduzida em sexualidade desenfreada. Em que sujeito poderia ter “eco” representações dessa natureza sobre mulheres e prostitutas, se não em um homem branco, que jamais pertenceu à classe trabalhadora?

## BIBLIOGRAFIA

AOKLEY, A. Sex and Gender. In: **Sex, Gender & Society**. New York: Harper, p.158-172, 1972.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo : Editora Mestre Jou, 1962.

ALENCAR, J. **Lucíola**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

AMADO, J. **Tereza Batista cansada de guerra**. 1.ed. São Paulo: Martins, 1972.

AMADO, J. **Gabriela cravo e canela**. 3.ed. São Paulo: Abril S.A, 1975.

AMADO, J. **Tieta do Agreste**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMORIM, M. M.; Andrade N. A. **Relações afetivo-sexuais e prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis e aids entre mulheres do município de Vitória - ES**. *Psicol Est.*, v.11, n.2, p.331-339, 2006.

ANDRADE, J. C.; SILVA, F. P. L. **A prostituta na literatura: contestação e denúncia**. 2001. Disponível em <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2701.htm>>. Acessado em: 27 abr. 2009.

AZEVEDO, A. **O cortiço**. 3ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

OLIVEIRA, M. S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol.19, n.55, p. 180-186, 2004.  
BASSERMANN, L. **História da prostituição : uma interpretação cultural**. Rio de Janeiro :Civilização Brasileira, 1968.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Vol. I e II. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BLAY, E. A. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. *Estudos Avançados*, vol.17, n.49, pp. 87-98, 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2008.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 38.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Cap.II, “Introdução a uma sociologia reflexiva”. Lisboa: Difel, p.17-53, 1989.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. (Org.) ORTIZ, R. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu/Sociologia**. 2.ed. São Paulo: Ática, p.46-81, 1994.

BOZON, M. **Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v.20, p.131-156, 2003.

BRITTO DA MOTTA, A. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 13, n. 13, p. 191-221, 2000.

BROOKSHAW, D. **Raça e Cor na Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CACHAPUZ, R. **Da família patriarcal à família contemporânea**. Revista Jurídica Cesumar - Mestrado, América do Norte, v.4, p. 69-77, ago. 2007. Disponível em: <http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revjuridica/article/view/364/428>. Acesso em: 04 Jun. 2009.

CANDIDO, A. Literatura e cultura no Brasil de 1900 a 1945. In: **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANELA, P.R.B. et al. **A Primeira Relação Sexual**. DST. Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 29-32, 2002. .

CARDOSO, C. F. Introdução: uma opinião sobre as representações sociais. In: MALEBRA, J.; CARDOSO, C. F. (Org.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. São Paulo: Papirus, 2000.

CASTELO, J. A. **A literatura brasileira: origens e unidade**. São Paulo: Edusp, 1999. 2v.

CASTELLANOS, G. Gênero, poder y posmodernidad: hacia un feminismo de la solidaridad. In: LUNA, Lola; VILANOVA, M. (Comp.). **Desde las orillas de la política: gênero y poder en America Latina**. Barcelona: Seminário Interdisciplinar Mujeres y Sociedad, Universidad de Barcelona, p. 21-48, 1996.

COLLINS, P. H. **Fighting Words: Black Women and the Search for Justice**. Minneapolis: University of Minnesota, 1998.

CORRÊA, M. **Sobre A Invenção da Mulata**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 6/7, p. 35-50, 1996.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, SC, v. 10, n. 1, p.171-188, 2002.

DAHLERUP, D. Conceptos confusos. Realidad confusa: una discusión teórica sobre el Estado Patriarcal. In SASSOON, A. (org). **Las mujeres y el Estado**. Madrid: Vindicación Feminista, p.111-150, 1987.

DANCEY, C.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PRIORE, M. L. M. **História do amor no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS FILHO, A. J. **As mulatas que não estão no mapa**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 6/7, p. 51- 66, 1996.

DUMAS FILHO, A. **A Dama das Camélias**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DUVEEN, G. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ENGEL, M. **Meretrizes e Doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FIGUEIREDO, V. A. **Caminhos cruzados x Atitudes opostas: imagens eróticas em Lucíola e Teresa Batista cansada de guerra**. Revista Garrafa, v.7, set./dez. 2005.

FARR, R. Representações sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.31-59, 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 16.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 20.ed. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora, 1980.

GOLDSTEIN, I. S. **Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações de identidade nacional**. Diálogos Latinoamericanos, Universidad de Aarhus, n.5, p.109-133, 2002.

GOLDSTEIN, I. S. **Literatura e Identidade Nacional: o Brasil best-seller de Jorge Amado**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP-FFLCH, 2000.

GUIMARÃES, A. S. A. **Como trabalhar com "raça" em sociologia**. Educação e Pesquisa, São Paulo, USP, v. 29, n. 01, p. 93-108, 2003.

GUARESCHI, P. A. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: JOVCHELOVITCH, S.;GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.191-228, 1994.

GRUMAN, M. **A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil**. Campos, Paraná, UFPR, v. 7, n. 1, p. 83-99, 2006. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/5446/4001>. Acesso em: 17 jul. 2009.

HEILBORN, M. L. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, SC, v. 14, p. 43-60, jan./abr. 2006.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.17-44, 2001.

JOHNSON, J. **Jorge Amado & Gabriela: o reforço do paradigma patriarcal por meio do estereótipo da mulata**. In: Retratos e Espelhos: Raça e Etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo: FEA-USP, 2009. Disponível em: [www.erudito.fea.usp.br/portalfesa/Repositorio/3822/.../completo.pdf](http://www.erudito.fea.usp.br/portalfesa/Repositorio/3822/.../completo.pdf) .Acesso em: 10 jan. 2010.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.;GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.63-88, 1994.

JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. A. Introdução. In: JOVCHELOVITCH, S.;GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.17-26, 1994.

JUNQUEIRA, L. **A noção de representação social na Sociologia Contemporânea**. Estudos de Sociologia, São Paulo: Araraquara, v.18/19, p.145-161, 2005.

LECLERC, G. **Crítica da Antropologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 6.ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

WEBER, M. **Ensaio sobre a teoria das ciências sociais**. São Paulo: Centauro, 2003.

MACHADO, L. Z. **Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, SP v.4, n.8, p.11-26, 2001.

MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas . In: **A Aventura Antropológica**. (Org.) CARDOSO, R. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MALINOWSKI, B. A coleta e a interpretação dos dados empíricos. In: **Antropologia**. (Org.) DURHAM, E. R. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: **Textos em Representações Sociais**. 8.ed. (Org.) GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1997. v.1.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

MATTOS, M. F. S. C. G. **Representações da Belle Époque - a ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação**. In: II Encontro de História da Arte, Cadernos de Resumo do II Encontro de História da Arte, Campinas, SP, UNICAMP - IFCH, 2006.

*Disponível em* [www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anais/2006/posgrad/\(56\).pdf](http://www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anais/2006/posgrad/(56).pdf) . Acesso em: 10 abr. 2009.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MISKOLCI, R. **Vivemos uma crise das identidades de gênero?** Encontro Anual da ANPOCS, 2005.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. P. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 89-111, 1995.

MICELI, S. Introdução: A Força do Sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, p.VII-LXI, 2001.

MONCORVO, M. C. R. **Criando os filhos sozinho: a perspectiva feminina da família monoparental**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: RJ, PUC-Rio, 2008. Disponível em [www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610333\\_08\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610333_08_pretextual.pdf) .Acesso em: 20 mai. 2009.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris, P.U.F., 1961.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In: JOVCHELOVITCH, S.;GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.7-16, 1994.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos de uma história. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.45-66, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOUTINHO, L. **Entre o Realismo e o Ficcional: Representações sobre Raça, Sexualidade e Classe em Dois Romances Paradigmáticos de Jorge Amado**. Physis. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 307-327, 2004.

MOUTINHO, L. **Raça, Sexualidade e Gênero na Construção da Identidade Nacional: uma Comparação entre Brasil e África do Sul**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 23, p. 56-88, 2004.

NARVAZ, M.; KOLLER, S. H. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. Psicologia & Sociedade, v.18, n.1, p.49-56, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, M. M. **As origens da educação no Brasil: da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização de ensino**. Ensaio, Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 45, p. 945-957, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002.

PADILHA, M. I. C. S. **A família em questão: uma abordagem histórico-contextual.** Acta Paul. Enf., São Paulo, v.5, n.1/4, p.8-13, jan./dez. 1992.

PATEMAN, C. **O contrato Sexual.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PINHO, O. A. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, v.23, p.89-119, jul./dez. 2004.

PISCITELLI, A. G. **Sexo Tropical. Comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira.** Revista Estudos Feministas, Campinas, SP, v. 6/7, p. 9-35, 1996.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia.** 23 e.d. São Paulo: Brasiliense, 1997.

RAGO, L. M. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Codigos da Sexualidade Feminina em São Paulo.** 01. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAGO, L. M. **Amores lícitos e ilícitos na Modernidade Paulistana, ou No Bordel de Madame Pomméry.** Teoria & Pesquisa, v. 47, p. 93-116, 2005.

RAGO, L. M. **Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira.** Revista Aulas, n.2, Campinas, SP, UNICAMP, out./nov. 2006. Disponível em [http://www.unicamp.br/~aulas/volume02/pdfs/sexualidade\\_2.pdf](http://www.unicamp.br/~aulas/volume02/pdfs/sexualidade_2.pdf) . Acesso em: 06 abr. 2009.

RAMOS, A. R. N. **L'idée du peuple chez Jorge Amado: engagement politique et création romanesque.** Tese de doutorado. Paris: Sorbonne Nouvelle III, 1992.

ROCHA-TRINDADE, M. B. **A Emigração.** Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 1986.

ROSSI, L.G.F. **As cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30.** Dissertação de Mestrado. Campinas: SP, UNICAMP-IFCH, 2004.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a "Economia Política" do Sexo.** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania, Recife, PE, 1993.

SAMARA, E. M. **O Que Mudou na Família Brasileira? (Da Colônia à Atualidade).** Psicologia USP, São Paulo, SP, v. 13, p.27-48, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 out. 2009.

SANTIAGO, S. **Tal Conceição. Conceição de Tal. Classe, gênero e raça no cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas.** Dissertação de Mestrado. Campinas: SP, UNICAMP-IFCH, 2006.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. **Violência contra as mulheres e violência de gênero. Notas sobre Estudos Feministas no Brasil.** Revista Estudios

Interdisciplinários de America Latina y El Caribe. Israel: Universidade de Tel Aviv, v.16, n.1, p.147-164, 2005.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930.** São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: **Uma Questão de Gênero**, COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Org.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p.183-215, 1992.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARDENBERG, C. M. B. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. B. **Feminismo, Ciência e Tecnologia.** Salvador, BA: NEIM/UFBA: REDOR, 2002.

SCAVONE, L. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, SP, vol.5, n.8, pp. 47-59, 2001.

SCOTT, J. W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, PE, 1991.

SCOTT, P. A família brasileira diante de transformações no cenário histórico global. **Revista Antropológicas, v.16, n.1, p.217-242, 2005.**

SEIXAS, C. **Jorge Amado e o jeito de ser mestiço.** Seara, Salvador, BA, v.1, n.2, 2004. Disponível em <http://www.uneb.br/seara/artigos/jorge%amado%>. Acesso em: 15 nov. 2010.

SETTON, M. G. J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Revista Brasileira de Educação, n.20, 2002. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe20/anped-20-04.pdf>. Acesso em: 20 de abr. 2009.

SOUZA, H. B. **História da prostituição: em todos os tempos e paizes.** Lisboa: Empreza Litteraria Universal, 1913.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, p.117-148, 1994.

TAVARES, P. **O Baiano Jorge Amado e sua obra.** Rio de Janeiro: Record, 1981.

TAVARES, P. **Criaturas de Jorge Amado.** Rio de Janeiro: Record, 1985.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VAINFAS, R. Moralidades Brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: Laura de Mello e Souza (Org.). **Cotidiano e Vida Privada na**

**América Portuguesa.** Coleção História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1997, VOL.1. Disponível em: [www.historia.uff.br/artigos/vainfas\\_moralidades.pdf](http://www.historia.uff.br/artigos/vainfas_moralidades.pdf) . Acesso em: 21 mai. 2009.

VITIELLO, N.; CONCEICÃO, I. S. C. **Manifestações da Sexualidade nas Diferentes Fases da Vida.** Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v.4, n.1, p. 47-60, 1993.

## ANEXOS

### I) Frequências das variáveis categóricas

#### 1) Ocupações

N	Valid	888
	Missing	0

#### Ocupações

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Mundo da Prostituição	184	20,7	20,7	20,7
	Artistas	14	1,6	1,6	22,3
	Exotéricas e Religiosas	42	4,7	4,7	27,0
	Comerciantes	33	3,7	3,7	30,7
	Ocupações Femininas	97	10,9	10,9	41,7
	Letradas	4	,5	,5	42,1
	Outras Ocupações	53	6,0	6,0	48,1
	Sem Ocupação Definida	170	19,1	19,1	67,2
	Do Lar	291	32,8	32,8	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

#### 2) Classe Social

N	Valid	888
	Missing	0

#### Classe Social

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sem Referência	107	12,0	12,0	12,0
	Classe Trabalhadora	381	42,9	42,9	55,0
	Classe Média	247	27,8	27,8	82,8
	Classe Alta	153	17,2	17,2	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

#### 3) Estado Conjugal

N	Valid	888
	Missing	0

### Estado Conjugal

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Amante	109	12,3	12,3	12,3
Casada	207	23,3	23,3	35,6
Namorada	9	1,0	1,0	36,6
Noiva	12	1,4	1,4	38,0
Sem Referência	476	53,6	53,6	91,6
Separada	7	,8	,8	92,3
Solteira	27	3,0	3,0	95,4
Viúva	41	4,6	4,6	100,0
Total	888	100,0	100,0	

### 4) Raça, Cor e Etnia

N	Valid	888
	Missing	0

### Raça, Cor e Etnia

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Marcadas por Raça/Cor	132	14,9	14,9	14,9
Estrangeiras	48	5,4	5,4	20,3
Branças	708	79,7	79,7	100,0
Total	888	100,0	100,0	

### 5) Idade/Geração

N	Valid	888
	Missing	0

### Idade/Geração

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Jovem	112	12,6	12,6	12,6
Adulta	41	4,6	4,6	17,2
Idosa	57	6,4	6,4	23,6
Sem Referência	678	76,4	76,4	100,0
Total	888	100,0	100,0	

### 6) Corpo

N	Valid	888
	Missing	0

### Corpo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Presença do Corpo	312	35,1	35,1	35,1
	Ausência do Corpo	576	64,9	64,9	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

### 7) Corpo Erotizado

N	Valid	888
	Missing	0

### Corpo Erotizado

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Presença de Corpo Erotizado	163	18,4	18,4	18,4
	Ausência de Corpo Erotizado	725	81,6	81,6	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

### 8) Violência de Gênero contra a Mulher

N	Valid	888
	Missing	0

### Violência de Gênero contra a Mulher

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sofreram Violência	93	10,5	10,5	10,5
	Não sofreram Violência	795	89,5	89,5	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

### 9) Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

N	Valid	888
	Missing	0

### Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sofreram Violência	32	3,6	3,6	3,6
	Não sofreram Violência	856	96,4	96,4	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

## II) Cruzamento de variáveis categóricas

### 1) Prostituição Feminina e Classe Social

#### 1.1) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição<sup>36</sup> & Classe Social

		Classe Social				
		Sem Referência	Classe Trabalhadora	Classe Média	Classe Alta	Total
Mundo da Prostituição	Count	0	127	50	7	184
	Expected Count	22,2	78,9	51,2	31,7	184,0
	% within Ocupações - grupos	,0%	69,0%	27,2%	3,8%	100,0%
	% within Classe Social	,0%	33,3%	20,2%	4,6%	20,7%
	% of Total	,0%	14,3%	5,6%	,8%	20,7%
Não Mundo da Prostituição	Count	107	254	197	146	704
	Expected Count	84,8	302,1	195,8	121,3	704,0
	% within Ocupações - grupos	15,2%	36,1%	28,0%	20,7%	100,0%
	% within Classe Social	100,0%	66,7%	79,8%	95,4%	79,3%
	% of Total	12,0%	28,6%	22,2%	16,4%	79,3%
Total	Count	107	381	247	153	888
	Expected Count	107,0	381,0	247,0	153,0	888,0
	% within Ocupações - grupos	12,0%	42,9%	27,8%	17,2%	100,0%
	% within Classe Social	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	12,0%	42,9%	27,8%	17,2%	100,0%

#### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	89,175(a)	3	,000
Likelihood Ratio	115,438	3	,000
Linear-by-Linear Association	6,616	1	,010
N of Valid Cases	888		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 22,17.

<sup>36</sup> “Não Mundo da Prostituição” corresponde ao conjunto que abarca todas as ocupações desempenhadas pelas personagens femininas de Jorge Amado diferentes das que se seguem: prostitutas, caftinas, dançarinas e cantoras de cabaré. Isto é, todas as ocupações que não foram definidas como pertencentes ao “Mundo da Prostituição”.

## 1.2) Mundo da Prostituição & Classe Social

		Classe Social				
		Sem Referência	Classe Trabalhadora	Classe Média	Classe Alta	Total
Não Mundo da Prostituição	Count	107	254	197	146	704
	Expected Count	84,8	302,1	195,8	121,3	704,0
	% within Mundo da Prostituição	15,2%	36,1%	28,0%	20,7%	100,0%
	% within Classe Social	100,0%	66,7%	79,8%	95,4%	79,3%
	% of Total	12,0%	28,6%	22,2%	16,4%	79,3%
Caftinas	Count	0	2	44	6	52
	Expected Count	6,3	22,3	14,5	9,0	52,0
	% within Mundo da Prostituição	,0%	3,8%	84,6%	11,5%	100,0%
	% within Classe Social	,0%	,5%	17,8%	3,9%	5,9%
	% of Total	,0%	,2%	5,0%	,7%	5,9%
Prostitutas	Count	0	115	5	1	121
	Expected Count	14,6	51,9	33,7	20,8	121,0
	% within Mundo da Prostituição	,0%	95,0%	4,1%	,8%	100,0%
	% within Classe Social	,0%	30,2%	2,0%	,7%	13,6%
	% of Total	,0%	13,0%	,6%	,1%	13,6%
Dançarinas e Cantoras de Cabaré	Count	0	10	1	0	11
	Expected Count	1,3	4,7	3,1	1,9	11,0
	% within Mundo da Prostituição	,0%	90,9%	9,1%	,0%	100,0%
	% within Classe Social	,0%	2,6%	,4%	,0%	1,2%
	% of Total	,0%	1,1%	,1%	,0%	1,2%
Total	Count	107	381	247	153	888
	Expected Count	107,0	381,0	247,0	153,0	888,0
	% within Mundo da Prostituição	12,0%	42,9%	27,8%	17,2%	100,0%
	% within Classe Social	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	12,0%	42,9%	27,8%	17,2%	100,0%

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	249,571(a)	9	,000
Likelihood Ratio	272,165	9	,000
Linear-by-Linear Association	19,338	1	,000
N of Valid Cases	888		

a. 4 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,33.

## 2) Classe Social & Raça, Cor e Etnia

### 2.1) Mundo da Prostituição: Classe Social & Raça, Cor e Etnia

			Raça, Cor e Etnia		
			Marcadas por Raça/Cor	Não Marcadas por Raça/Cor	Total
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	31	96	127
		Expected Count	24,2	102,8	127,0
		% within Classe Social	24,4%	75,6%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	88,6%	64,4%	69,0%
	Classe Média	% of Total	16,8%	52,2%	69,0%
		Count	4	46	50
		Expected Count	9,5	40,5	50,0
		% within Classe Social	8,0%	92,0%	100,0%
	Classe Alta	% within Raça, Cor e Etnia	11,4%	30,9%	27,2%
		% of Total	2,2%	25,0%	27,2%
		Count	0	7	7
		Expected Count	1,3	5,7	7,0
Total	% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%	
	% within Raça, Cor e Etnia	,0%	4,7%	3,8%	
	% of Total	,0%	3,8%	3,8%	
	Count	35	149	184	
	Expected Count	35,0	149,0	184,0	
	% within Classe Social	19,0%	81,0%	100,0%	
	% within Raça, Cor e Etnia	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	19,0%	81,0%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,981(a)	2	,018
Likelihood Ratio	10,008	2	,007
Linear-by-Linear Association	7,740	1	,005
N of Valid Cases	184		

a 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,33.

b Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

2.2) Não Mundo da Prostituição: Classe Social & Raça, Cor e Etnia

			Raça, Cor e Etnia		
			Marcadas por Raça/Cor	Não Marcadas por Raça/Cor	Total
Classe Social	Sem Referência	Count	13	94	107
		Expected Count	14,7	92,3	107,0
		% within Classe Social	12,1%	87,9%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	13,4%	15,5%	15,2%
	Classe Trabalhadora	Count	60	194	254
		Expected Count	35,0	219,0	254,0
		% within Classe Social	23,6%	76,4%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	61,9%	32,0%	36,1%
	Classe Média	Count	21	176	197
		Expected Count	27,1	169,9	197,0
		% within Classe Social	10,7%	89,3%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	21,6%	29,0%	28,0%
	Classe Alta	Count	3	143	146
		Expected Count	20,1	125,9	146,0
		% within Classe Social	2,1%	97,9%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	3,1%	23,6%	20,7%
Total	Count	97	607	704	
	Expected Count	97,0	607,0	704,0	
	% within Classe Social	13,8%	86,2%	100,0%	
	% within Raça, Cor e Etnia	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	13,8%	86,2%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

**Chi-Square Tests(b)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	39,460(a)	3	,000
Likelihood Ratio	44,673	3	,000
Linear-by-Linear Association	18,430	1	,000
N of Valid Cases	704		

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 14,74.

b Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

### 2.3) Não Mundo da Prostituição: Classe Social & Raça, Cor e Etnia

		Raça, Cor e Etnia - grupos			
		Marcadas por Raça/Cor	Estrangeiras	Branças	Total
Sem Referência	Count	13	3	91	107
	Expected Count	14,7	5,2	87,1	107,0
	% within Classe Social	12,1%	2,8%	85,0%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	13,4%	8,8%	15,9%	15,2%
	% of Total	1,8%	,4%	12,9%	15,2%
Classe Trabalhadora	Count	60	7	187	254
	Expected Count	35,0	12,3	206,7	254,0
	% within Classe Social	23,6%	2,8%	73,6%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	61,9%	20,6%	32,6%	36,1%
	% of Total	8,5%	1,0%	26,6%	36,1%
Classe Média	Count	21	14	162	197
	Expected Count	27,1	9,5	160,3	197,0
	% within Classe Social	10,7%	7,1%	82,2%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	21,6%	41,2%	28,3%	28,0%
	% of Total	3,0%	2,0%	23,0%	28,0%
Classe Alta	Count	3	10	133	146
	Expected Count	20,1	7,1	118,8	146,0
	% within Classe Social	2,1%	6,8%	91,1%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	3,1%	29,4%	23,2%	20,7%
	% of Total	,4%	1,4%	18,9%	20,7%
Total	Count	97	34	573	704
	Expected Count	97,0	34,0	573,0	704,0
	% within Classe Social	13,8%	4,8%	81,4%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	13,8%	4,8%	81,4%	100,0%

a Mundo da Prostituição = Não Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	44,308(a)	6	,000
Likelihood Ratio	49,672	6	,000
Linear-by-Linear Association	12,423	1	,000
N of Valid Cases	704		

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,17.

b Mundo da Prostituição = Não Mundo da Prostituição

## 2.4) Caftinas: Classe Social & Raça, Cor e Etnia

		Raça, Cor e Etnia - grupos			
		Marcadas por Raça/Cor	Estrangeiras	Branças	Total
Classe Trabalhadora	Count	0	0	2	2
	Expected Count	,2	,1	1,7	2,0
	% within Classe Social	,0%	,0%	100,0%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	,0%	,0%	4,4%	3,8%
	% of Total	,0%	,0%	3,8%	3,8%
Classe Média	Count	4	1	39	44
	Expected Count	3,4	2,5	38,1	44,0
	% within Classe Social	9,1%	2,3%	88,6%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	33,3%	86,7%	84,6%
	% of Total	7,7%	1,9%	75,0%	84,6%
Classe Alta	Count	0	2	4	6
	Expected Count	,5	,3	5,2	6,0
	% within Classe Social	,0%	33,3%	66,7%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	,0%	66,7%	8,9%	11,5%
	% of Total	,0%	3,8%	7,7%	11,5%
Total	Count	4	3	45	52
	Expected Count	4,0	3,0	45,0	52,0
	% within Classe Social	7,7%	5,8%	86,5%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	7,7%	5,8%	86,5%	100,0%

a Mundo da Prostituição = Caftinas

### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,015(a)	4	,040
Likelihood Ratio	6,849	4	,144
Linear-by-Linear Association	,529	1	,467
N of Valid Cases	52		

a 7 cells (77,8%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,12.

b Mundo da Prostituição = Caftinas

## 2.5) Prostitutas: Classe Social & Raça, Cor e Etnia

		Raça, Cor e Etnia - grupos			
		Marcadas por Raça/Cor	Estrangeiras	Branças	Total
Classe Trabalhadora	Count	28	4	83	115
	Expected Count	26,6	6,7	81,7	115,0
	% within Classe Social	24,3%	3,5%	72,2%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	57,1%	96,5%	95,0%
	% of Total	23,1%	3,3%	68,6%	95,0%
Classe Média	Count	0	2	3	5
	Expected Count	1,2	,3	3,6	5,0
	% within Classe Social	,0%	40,0%	60,0%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	,0%	28,6%	3,5%	4,1%
Classe Alta	Count	0	1	0	1
	Expected Count	,2	,1	,7	1,0
	% within Classe Social	,0%	100,0%	,0%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	,0%	14,3%	,0%	,8%
Total	Count	28	7	86	121
	Expected Count	28,0	7,0	86,0	121,0
	% within Classe Social	23,1%	5,8%	71,1%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	23,1%	5,8%	71,1%	100,0%

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	28,797(a)	4	,000
Likelihood Ratio	13,744	4	,008
Linear-by-Linear Association	,020	1	,886
N of Valid Cases	121		

a 6 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

b Mundo da Prostituição = Prostitutas

## 2.6) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Classe Social & Raça, Cor e Etnia

		Raça, Cor e Etnia - grupos			
		Marcadas por Raça/Cor	Estrangeiras	Branças	Total
Classe Trabalhadora	Count	3	3	4	10
	Expected Count	2,7	3,6	3,6	10,0
	% within Classe Social	30,0%	30,0%	40,0%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	75,0%	100,0%	90,9%
	% of Total	27,3%	27,3%	36,4%	90,9%
Classe Média	Count	0	1	0	1
	Expected Count	,3	,4	,4	1,0
	% within Classe Social	,0%	100,0%	,0%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	,0%	25,0%	,0%	9,1%
	% of Total	,0%	9,1%	,0%	9,1%
Total	Count	3	4	4	11
	Expected Count	3,0	4,0	4,0	11,0
	% within Classe Social	27,3%	36,4%	36,4%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	27,3%	36,4%	36,4%	100,0%

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,925(a)	2	,382
Likelihood Ratio	2,203	2	,332
Linear-by-Linear Association	,013	1	,909
N of Valid Cases	11		

a 6 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,27.

b Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

### 3) Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher

#### 3.1) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Ocupações - grupos	Mundo da Prostituição	Count	35	149	184
		Expected Count	19,3	164,7	184,0
		% within Ocupações - grupos	19,0%	81,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	37,6%	18,7%	20,7%
		% of Total	3,9%	16,8%	20,7%
	Não Mundo da Prostituição	Count	58	646	704
		Expected Count	73,7	630,3	704,0
		% within Ocupações - grupos	8,2%	91,8%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	62,4%	81,3%	79,3%
		% of Total	6,5%	72,7%	79,3%
Total	Count	93	795	888	
	Expected Count	93,0	795,0	888,0	
	% within Ocupações - grupos	10,5%	89,5%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	10,5%	89,5%	100,0%	

#### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	18,090(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	16,958	1	,000		
Likelihood Ratio	15,881	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	18,070	1	,000		
N of Valid Cases	888				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 19,27.

### 3.2) Mundo da Prostituição: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	27	100	127
		Expected Count	24,2	102,8	127,0
		% within Classe Social	21,3%	78,7%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	77,1%	67,1%	69,0%
		% of Total	14,7%	54,3%	69,0%
	Classe Média	Count	6	44	50
		Expected Count	9,5	40,5	50,0
		% within Classe Social	12,0%	88,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	17,1%	29,5%	27,2%
		% of Total	3,3%	23,9%	27,2%
	Classe Alta	Count	2	5	7
		Expected Count	1,3	5,7	7,0
% within Classe Social		28,6%	71,4%	100,0%	
% within Violência de Gênero contra a Mulher		5,7%	3,4%	3,8%	
	% of Total	1,1%	2,7%	3,8%	
Total	Count	35	149	184	
	Expected Count	35,0	149,0	184,0	
	% within Classe Social	19,0%	81,0%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	19,0%	81,0%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,428(a)	2	,297
Likelihood Ratio	2,563	2	,278
Linear-by-Linear Association	,547	1	,459
N of Valid Cases	184		

a 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,33.

b Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

### 3.3) Não Mundo da Prostituição: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Sem Referência	Count	4	103	107
		Expected Count	8,8	98,2	107,0
		% within Classe Social	3,7%	96,3%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	6,9%	15,9%	15,2%
		% of Total	,6%	14,6%	15,2%
	Classe Trabalhadora	Count	29	225	254
		Expected Count	20,9	233,1	254,0
		% within Classe Social	11,4%	88,6%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	50,0%	34,8%	36,1%
		% of Total	4,1%	32,0%	36,1%
	Classe Média	Count	20	177	197
		Expected Count	16,2	180,8	197,0
		% within Classe Social	10,2%	89,8%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	34,5%	27,4%	28,0%
		% of Total	2,8%	25,1%	28,0%
Classe Alta	Count	5	141	146	
	Expected Count	12,0	134,0	146,0	
	% within Classe Social	3,4%	96,6%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	8,6%	21,8%	20,7%	
	% of Total	,7%	20,0%	20,7%	
Total	Count	58	646	704	
	Expected Count	58,0	646,0	704,0	
	% within Classe Social	8,2%	91,8%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	8,2%	91,8%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,691(a)	3	,009
Likelihood Ratio	13,137	3	,004
Linear-by-Linear Association	,581	1	,446
N of Valid Cases	704		

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,82.

b Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

### 3.4) Mundo da Prostituição & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Mundo da Prostituição	Não Mundo da Prostituição	Count	58	646	704
		Expected Count	73,7	630,3	704,0
		% within Mundo da Prostituição	8,2%	91,8%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	62,4%	81,3%	79,3%
	Caftinas	Count	6	46	52
		Expected Count	5,4	46,6	52,0
		% within Mundo da Prostituição	11,5%	88,5%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	6,5%	5,8%	5,9%
	Prostitutas	Count	28	93	121
		Expected Count	12,7	108,3	121,0
		% within Mundo da Prostituição	23,1%	76,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	30,1%	11,7%	13,6%
	Dançarinas e Cantoras de Cabaré	Count	1	10	11
		Expected Count	1,2	9,8	11,0
		% within Mundo da Prostituição	9,1%	90,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	1,1%	1,3%	1,2%
Total	Count	93	795	888	
	Expected Count	93,0	795,0	888,0	
	% within Mundo da Prostituição	10,5%	89,5%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	10,5%	89,5%	100,0%	

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	24,542(a)	3	,000
Likelihood Ratio	20,117	3	,000
Linear-by-Linear Association	19,580	1	,000
N of Valid Cases	888		

a. 1 cells (12,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,15.

### 3.5) Caftinas: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher

		Violência de Gênero contra a Mulher			
		Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total	
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	0	2	2
		Expected Count	,2	1,8	2,0
		% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	,0%	4,3%	3,8%
	% of Total		,0%	3,8%	3,8%
	Classe Média	Count	4	40	44
		Expected Count	5,1	38,9	44,0
		% within Classe Social	9,1%	90,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	66,7%	87,0%	84,6%
	% of Total		7,7%	76,9%	84,6%
	Classe Alta	Count	2	4	6
		Expected Count	,7	5,3	6,0
% within Classe Social		33,3%	66,7%	100,0%	
% within Violência de Gênero contra a Mulher		33,3%	8,7%	11,5%	
% of Total		3,8%	7,7%	11,5%	
Total	Count	6	46	52	
	Expected Count	6,0	46,0	52,0	
	% within Classe Social	11,5%	88,5%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	11,5%	88,5%	100,0%	

a. Mundo da Prostituição = Caftinas

**Chi-Square Tests(b)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,311(a)	2	,191
Likelihood Ratio	2,747	2	,253
Linear-by-Linear Association	2,957	1	,086
N of Valid Cases	52		

a 3 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,23.

b Mundo da Prostituição = Caftinas

**3.6) Prostitutas: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher**

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	26	89	115
		Expected Count	26,6	88,4	115,0
		% within Classe Social	22,6%	77,4%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	92,9%	95,7%	95,0%
	% of Total	21,5%	73,6%	95,0%	
	Classe Média	Count	2	3	5
		Expected Count	1,2	3,8	5,0
		% within Classe Social	40,0%	60,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	7,1%	3,2%	4,1%
	% of Total	1,7%	2,5%	4,1%	
	Classe Alta	Count	0	1	1
		Expected Count	,2	,8	1,0
% within Classe Social		,0%	100,0%	100,0%	
% within Violência de Gênero contra a Mulher		,0%	1,1%	,8%	
% of Total	,0%	,8%	,8%		
Total	Count	28	93	121	
	Expected Count	28,0	93,0	121,0	
	% within Classe Social	23,1%	76,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	23,1%	76,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

**Chi-Square Tests(b)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,118(a)	2	,572
Likelihood Ratio	1,248	2	,536
Linear-by-Linear Association	,094	1	,759
N of Valid Cases	121		

a 4 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,23.

b Mundo da Prostituição = Prostitutas

**3.7) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher**

			Violência de Gênero contra a Mulher		Total
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	1	9	10
		Expected Count	,9	9,1	10,0
		% within Classe Social	10,0%	90,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	90,0%	90,9%
		% of Total	9,1%	81,8%	90,9%
	Classe Média	Count	0	1	1
		Expected Count	,1	,9	1,0
		% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	,0%	10,0%	9,1%
		% of Total	,0%	9,1%	9,1%
Total	Count	1	10	11	
	Expected Count	1,0	10,0	11,0	
	% within Classe Social	9,1%	90,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,1%	90,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,110(b)	1	,740		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,200	1	,654		
Fisher's Exact Test				1,000	,909
Linear-by-Linear Association	,100	1	,752		
N of Valid Cases	11				

a Computed only for a 2x2 table

b 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,09.

c Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**4) Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual**

**4.1) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual**

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Ocupações - grupos	Mundo da Prostituição	Count	13	171	184
		Expected Count	6,6	177,4	184,0
		% within Ocupações - grupos	7,1%	92,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	40,6%	20,0%	20,7%
	% of Total	1,5%	19,3%	20,7%	
	Não Mundo da Prostituição	Count	19	685	704
		Expected Count	25,4	678,6	704,0
% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		59,4%	80,0%	79,3%	
Total	% of Total	2,1%	77,1%	79,3%	
	Count	32	856	888	
	Expected Count	32,0	856,0	888,0	
	% within Ocupações - grupos	3,6%	96,4%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	3,6%	96,4%	100,0%	

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	8,006(b)	1	,005		
Continuity Correction(a)	6,798	1	,009		
Likelihood Ratio	6,810	1	,009		
Fisher's Exact Test				,012	,007
Linear-by-Linear Association	7,997	1	,005		
N of Valid Cases	888				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,63.

#### 4.2) Mundo da Prostituição: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	11	116	127
		Expected Count	9,0	118,0	127,0
		% within Classe Social	8,7%	91,3%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	84,6%	67,8%	69,0%
		% of Total	6,0%	63,0%	69,0%
	Classe Média	Count	2	48	50
		Expected Count	3,5	46,5	50,0
		% within Classe Social	4,0%	96,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	15,4%	28,1%	27,2%
		% of Total	1,1%	26,1%	27,2%
	Classe Alta	Count	0	7	7
		Expected Count	,5	6,5	7,0
% within Classe Social		,0%	100,0%	100,0%	
% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		,0%	4,1%	3,8%	
	% of Total	,0%	3,8%	3,8%	
Total	Count	13	171	184	
	Expected Count	13,0	171,0	184,0	
	% within Classe Social	7,1%	92,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	7,1%	92,9%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,740(a)	2	,419
Likelihood Ratio	2,327	2	,312
Linear-by-Linear Association	1,728	1	,189
N of Valid Cases	184		

a 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,49.

b Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

4.3) Não Mundo da Prostituição: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Sem Referência	Count	1	106	107
		Expected Count	2,9	104,1	107,0
		% within Classe Social	,9%	99,1%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	5,3%	15,5%	15,2%
		% of Total	,1%	15,1%	15,2%
	Classe Trabalhadora	Count	12	242	254
		Expected Count	6,9	247,1	254,0
		% within Classe Social	4,7%	95,3%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	63,2%	35,3%	36,1%
		% of Total	1,7%	34,4%	36,1%
	Classe Média	Count	6	191	197
		Expected Count	5,3	191,7	197,0
		% within Classe Social	3,0%	97,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	31,6%	27,9%	28,0%
		% of Total	,9%	27,1%	28,0%
Classe Alta	Count	0	146	146	
	Expected Count	3,9	142,1	146,0	
	% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	,0%	21,3%	20,7%	
	% of Total	,0%	20,7%	20,7%	
Total	Count	19	685	704	
	Expected Count	19,0	685,0	704,0	
	% within Classe Social	2,7%	97,3%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	2,7%	97,3%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

### Chi-Square Tests(b)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,377(a)	3	,025
Likelihood Ratio	13,020	3	,005
Linear-by-Linear Association	1,575	1	,209
N of Valid Cases	704		

a 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,89.  
b Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

#### 4.4) Mundo da Prostituição & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Mundo da Prostituição	Não Mundo da Prostituição	Count	19	685	704
		Expected Count	25,4	678,6	704,0
		% within Mundo da Prostituição	2,7%	97,3%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	59,4%	80,0%	79,3%
		% of Total	2,1%	77,1%	79,3%
	Caftinas	Count	1	51	52
		Expected Count	1,9	50,1	52,0
		% within Mundo da Prostituição	1,9%	98,1%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	3,1%	6,0%	5,9%
		% of Total	,1%	5,7%	5,9%
	Prostitutas	Count	11	110	121
		Expected Count	4,4	116,6	121,0
		% within Mundo da Prostituição	9,1%	90,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	34,4%	12,9%	13,6%
		% of Total	1,2%	12,4%	13,6%
	Dançarinas e Cantoras de Cabaré	Count	1	10	11
		Expected Count	,4	10,6	11,0
		% within Mundo da Prostituição	9,1%	90,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	3,1%	1,2%	1,2%
		% of Total	,1%	1,1%	1,2%
Total		Count	32	856	888
		Expected Count	32,0	856,0	888,0
		% within Mundo da Prostituição	3,6%	96,4%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	3,6%	96,4%	100,0%

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	13,523(a)	3	,004
Likelihood Ratio	10,461	3	,015
Linear-by-Linear Association	11,293	1	,001
N of Valid Cases	888		

a. 3 cells (37,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,40.

#### 4.5) Caftinas: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	0	2	2
		Expected Count	,0	2,0	2,0
		% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	,0%	3,9%	3,8%
	% of Total	,0%	3,8%	3,8%	
	Classe Média	Count	1	43	44
		Expected Count	,8	43,2	44,0
		% within Classe Social	2,3%	97,7%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	84,3%	84,6%
	% of Total	1,9%	82,7%	84,6%	
	Classe Alta	Count	0	6	6
		Expected Count	,1	5,9	6,0
% within Classe Social		,0%	100,0%	100,0%	
% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		,0%	11,8%	11,5%	
% of Total	,0%	11,5%	11,5%		
Total	Count	1	51	52	
	Expected Count	1,0	51,0	52,0	
	% within Classe Social	1,9%	98,1%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	1,9%	98,1%	100,0%	

a. Mundo da Prostituição = Caftinas

**Chi-Square Tests(b)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,185(a)	2	,911
Likelihood Ratio	,338	2	,845
Linear-by-Linear Association	,040	1	,841
N of Valid Cases	52		

a 4 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,04.

b Mundo da Prostituição = Caftinas

**4.6) Prostitutas: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual**

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual			
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total	
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	10	105	115	
		Expected Count	10,5	104,5	115,0	
		% within Classe Social	8,7%	91,3%	100,0%	
		Classe Média	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	90,9%	95,5%	95,0%
			% of Total	8,3%	86,8%	95,0%
			Count	1	4	5
		Classe Alta	Expected Count	,5	4,5	5,0
			% within Classe Social	20,0%	80,0%	100,0%
			% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	9,1%	3,6%	4,1%
	Total		% of Total	,8%	3,3%	4,1%
			Count	0	1	1
			Expected Count	,1	,9	1,0
		% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%	
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	,0%	,9%	,8%	
		% of Total	,0%	,8%	,8%	
		Count	11	110	121	
		Expected Count	11,0	110,0	121,0	
		% within Classe Social	9,1%	90,9%	100,0%	
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
		% of Total	9,1%	90,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

**Chi-Square Tests(b)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,842(a)	2	,656
Likelihood Ratio	,767	2	,682
Linear-by-Linear Association	,185	1	,667
N of Valid Cases	121		

a 4 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,09.

b Mundo da Prostituição = Prostitutas

**4.7) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Classe Social & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual**

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Classe Social	Classe Trabalhadora	Count	1	9	10
		Expected Count	,9	9,1	10,0
		% within Classe Social	10,0%	90,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	90,0%	90,9%
		% of Total	9,1%	81,8%	90,9%
	Classe Média	Count	0	1	1
		Expected Count	,1	,9	1,0
		% within Classe Social	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	,0%	10,0%	9,1%
		% of Total	,0%	9,1%	9,1%
Total	Count	1	10	11	
	Expected Count	1,0	10,0	11,0	
	% within Classe Social	9,1%	90,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,1%	90,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,110(b)	1	,740		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,200	1	,654		
Fisher's Exact Test				1,000	,909
Linear-by-Linear Association	,100	1	,752		
N of Valid Cases	11				

a Computed only for a 2x2 table

b 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,09.

c Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**5) Prostituição Feminina & Raça, Cor e Etnia**

**5.1) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição & Raça, Cor e Etnia**

			Raça, Cor e Etnia		
			Marcadas por Raça/Cor	Não Marcadas por Raça/Cor	Total
Ocupações - grupos	Mundo da Prostituição	Count	35	149	184
		Expected Count	27,4	156,6	184,0
		% within Ocupações - grupos	19,0%	81,0%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	26,5%	19,7%	20,7%
		% of Total	3,9%	16,8%	20,7%
	Não Mundo da Prostituição	Count	97	607	704
		Expected Count	104,6	599,4	704,0
		% within Ocupações - grupos	13,8%	86,2%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	73,5%	80,3%	79,3%
		% of Total	10,9%	68,4%	79,3%
Total	Count	132	756	888	
	Expected Count	132,0	756,0	888,0	
	% within Ocupações - grupos	14,9%	85,1%	100,0%	
	% within Raça, Cor e Etnia	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	14,9%	85,1%	100,0%	

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,169(b)	1	,075		
Continuity Correction(a)	2,768	1	,096		
Likelihood Ratio	3,014	1	,083		
Fisher's Exact Test				,081	,051
Linear-by-Linear Association	3,165	1	,075		
N of Valid Cases	888				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 27,35.

### 5.2) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição & Raça, Cor e Etnia

		Raça, Cor e Etnia - grupos			
		Marcadas por Raça/Cor	Estrangeiras	Branças	Total
Mundo da Prostituição	Count	35	14	135	184
	Expected Count	27,4	9,9	146,7	184,0
	% within Ocupações - grupos	19,0%	7,6%	73,4%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	26,5%	29,2%	19,1%	20,7%
	% of Total	3,9%	1,6%	15,2%	20,7%
Não Mundo da Prostituição	Count	97	34	573	704
	Expected Count	104,6	38,1	561,3	704,0
	% within Ocupações - grupos	13,8%	4,8%	81,4%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	73,5%	70,8%	80,9%	79,3%
	% of Total	10,9%	3,8%	64,5%	79,3%
Total	Count	132	48	708	888
	Expected Count	132,0	48,0	708,0	888,0
	% within Ocupações - grupos	14,9%	5,4%	79,7%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	14,9%	5,4%	79,7%	100,0%

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	5,960(a)	2	,051
Likelihood Ratio	5,651	2	,059
Linear-by-Linear Association	4,882	1	,027
N of Valid Cases	888		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,95.

### 5.3) Mundo da Prostituição & Raça, Cor e Etnia

			Raça, Cor e Etnia		
			Marcadas por Raça/Cor	Não Marcadas por Raça/Cor	Total
Mundo da Prostituição	Não Mundo da Prostituição	Count	97	607	704
		Expected Count	104,6	599,4	704,0
		% within Mundo da Prostituição	13,8%	86,2%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	73,5%	80,3%	79,3%
	Caftinas	% of Total	10,9%	68,4%	79,3%
		Count	4	48	52
		Expected Count	7,7	44,3	52,0
		% within Mundo da Prostituição	7,7%	92,3%	100,0%
	Prostitutas	% within Raça, Cor e Etnia	3,0%	6,3%	5,9%
		% of Total	,5%	5,4%	5,9%
		Count	28	93	121
		Expected Count	18,0	103,0	121,0
	Dançarinas e Cantoras de Cabaré	% within Mundo da Prostituição	23,1%	76,9%	100,0%
		% within Raça, Cor e Etnia	21,2%	12,3%	13,6%
		% of Total	3,2%	10,5%	13,6%
		Count	3	8	11
Total	Expected Count	1,6	9,4	11,0	
	% within Mundo da Prostituição	27,3%	72,7%	100,0%	
	% within Raça, Cor e Etnia	2,3%	1,1%	1,2%	
	% of Total	,3%	,9%	1,2%	
Total	Count	132	756	888	
	Expected Count	132,0	756,0	888,0	
	% within Mundo da Prostituição	14,9%	85,1%	100,0%	
	% within Raça, Cor e Etnia	100,0%	100,0%	100,0%	
		% of Total	14,9%	85,1%	100,0%

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,657(a)	3	,014
Likelihood Ratio	10,050	3	,018
Linear-by-Linear Association	6,378	1	,012
N of Valid Cases	888		

a. 1 cells (12,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,64.

#### 5.4) Mundo da Prostituição & Raça, Cor e Etnia

		Raça, Cor e Etnia - grupos			
		Marcadas por Raça/Cor	Estrangeiras	Branças	Total
Não Mundo da Prostituição	Count	97	34	573	704
	Expected Count	104,6	38,1	561,3	704,0
	% within Mundo da Prostituição	13,8%	4,8%	81,4%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	73,5%	70,8%	80,9%	79,3%
	% of Total	10,9%	3,8%	64,5%	79,3%
Caftinas	Count	4	3	45	52
	Expected Count	7,7	2,8	41,5	52,0
	% within Mundo da Prostituição	7,7%	5,8%	86,5%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	3,0%	6,3%	6,4%	5,9%
Prostitutas	Count	28	7	86	121
	Expected Count	18,0	6,5	96,5	121,0
	% within Mundo da Prostituição	23,1%	5,8%	71,1%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	21,2%	14,6%	12,1%	13,6%
Dançarinas e Cantoras de Cabaré	Count	3	4	4	11
	Expected Count	1,6	,6	8,8	11,0
	% within Mundo da Prostituição	27,3%	36,4%	36,4%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	2,3%	8,3%	,6%	1,2%
Total	Count	132	48	708	888
	Expected Count	132,0	48,0	708,0	888,0
	% within Mundo da Prostituição	14,9%	5,4%	79,7%	100,0%
	% within Raça, Cor e Etnia - grupos	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	14,9%	5,4%	79,7%	100,0%

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	33,331(a)	6	,000
Likelihood Ratio	22,339	6	,001
Linear-by-Linear Association	10,036	1	,002
N of Valid Cases	888		

a. 3 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,59.

## 6) Raça, Cor e Etnia & Corpo

### 6.1) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição & Corpo

			Corpo		
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	Total
Ocupações - grupos	Mundo da Prostituição	Count	75	109	184
		Expected Count	64,6	119,4	184,0
		% within Ocupações - grupos	40,8%	59,2%	100,0%
		% within Corpo	24,0%	18,9%	20,7%
		% of Total	8,4%	12,3%	20,7%
	Não Mundo da Prostituição	Count	237	467	704
		Expected Count	247,4	456,6	704,0
		% within Ocupações - grupos	33,7%	66,3%	100,0%
		% within Corpo	76,0%	81,1%	79,3%
		% of Total	26,7%	52,6%	79,3%
Total	Count	312	576	888	
	Expected Count	312,0	576,0	888,0	
	% within Ocupações - grupos	35,1%	64,9%	100,0%	
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	35,1%	64,9%	100,0%	

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,223(b)	1	,073		
Continuity Correction(a)	2,919	1	,088		
Likelihood Ratio	3,173	1	,075		
Fisher's Exact Test				,083	,045
Linear-by-Linear Association	3,219	1	,073		
N of Valid Cases	888				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 64,65.

### 6.2) Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Corpo

			Corpo		Total
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	29	6	35
		Expected Count	14,3	20,7	35,0
		% within Raça, Cor e Etnia	82,9%	17,1%	100,0%
		% within Corpo	38,7%	5,5%	19,0%
		% of Total	15,8%	3,3%	19,0%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	46	103	149
		Expected Count	60,7	88,3	149,0
		% within Raça, Cor e Etnia	30,9%	69,1%	100,0%
		% within Corpo	61,3%	94,5%	81,0%
		% of Total	25,0%	56,0%	81,0%
Total	Count	75	109	184	
	Expected Count	75,0	109,0	184,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	40,8%	59,2%	100,0%	
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%	
		% of Total	40,8%	59,2%	100,0%

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	31,720(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	29,604	1	,000		
Likelihood Ratio	32,502	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	31,548	1	,000		
N of Valid Cases	184				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 14,27.

c Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

### 6.3) Não Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Corpo

			Corpo		
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	72	25	97
		Expected Count	32,7	64,3	97,0
		% within Raça, Cor e Etnia	74,2%	25,8%	100,0%
		% within Corpo	30,4%	5,4%	13,8%
		% of Total	10,2%	3,6%	13,8%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	165	442	607
		Expected Count	204,3	402,7	607,0
		% within Raça, Cor e Etnia	27,2%	72,8%	100,0%
		% within Corpo	69,6%	94,6%	86,2%
		% of Total	23,4%	62,8%	86,2%
Total	Count	237	467	704	
	Expected Count	237,0	467,0	704,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	33,7%	66,3%	100,0%	
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	33,7%	66,3%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	82,885(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	80,792	1	,000		
Likelihood Ratio	78,428	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	82,767	1	,000		
N of Valid Cases	704				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 32,65.

c Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

#### 6.4) Mundo da Prostituição & Corpo

			Corpo			
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	Total	
Mundo da Prostituição	Não Mundo da Prostituição	Count	237	467	704	
		Expected Count	247,4	456,6	704,0	
		% within Mundo da Prostituição	33,7%	66,3%	100,0%	
		% within Corpo	76,0%	81,1%	79,3%	
	Caftinas	% of Total	26,7%	52,6%	79,3%	
		Count	13	39	52	
		Expected Count	18,3	33,7	52,0	
		% within Mundo da Prostituição	25,0%	75,0%	100,0%	
	Prostitutas	% within Corpo	4,2%	6,8%	5,9%	
		% of Total	1,5%	4,4%	5,9%	
		Count	57	64	121	
		Expected Count	42,5	78,5	121,0	
	Dançarinas e Cantoras de Cabaré	% within Mundo da Prostituição	47,1%	52,9%	100,0%	
		% within Corpo	18,3%	11,1%	13,6%	
		% of Total	6,4%	7,2%	13,6%	
		Count	5	6	11	
Total	Expected Count	3,9	7,1	11,0		
	% within Mundo da Prostituição	45,5%	54,5%	100,0%		
	% within Corpo	1,6%	1,0%	1,2%		
	% of Total	,6%	,7%	1,2%		
Total	Count	312	576	888		
	Expected Count	312,0	576,0	888,0		
	% within Mundo da Prostituição	35,1%	64,9%	100,0%		
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%		
			% of Total	35,1%	64,9%	100,0%

#### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,136(a)	3	,011
Likelihood Ratio	10,954	3	,012
Linear-by-Linear Association	6,259	1	,012
N of Valid Cases	888		

a. 1 cells (12,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,86.

### 6.5) Caftinas: Raça, Cor e Etnia & Corpo

			Corpo		
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	4	0	4
		Expected Count	1,0	3,0	4,0
		% within Raça, Cor e Etnia	100,0%	,0%	100,0%
		% within Corpo	30,8%	,0%	7,7%
		% of Total	7,7%	,0%	7,7%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	9	39	48
		Expected Count	12,0	36,0	48,0
		% within Raça, Cor e Etnia	18,8%	81,3%	100,0%
		% within Corpo	69,2%	100,0%	92,3%
		% of Total	17,3%	75,0%	92,3%
Total	Count	13	39	52	
	Expected Count	13,0	39,0	52,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	25,0%	75,0%	100,0%	
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	25,0%	75,0%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Caftinas

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	13,000(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	9,028	1	,003		
Likelihood Ratio	12,155	1	,000		
Fisher's Exact Test				,003	,003
Linear-by-Linear Association	12,750	1	,000		
N of Valid Cases	52				

a Computed only for a 2x2 table

b 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,00.

c Mundo da Prostituição = Caftinas

### 6.6) Prostitutas: Raça, Cor e Etnia & Corpo

			Corpo		
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	23	5	28
		Expected Count	13,2	14,8	28,0
		% within Raça, Cor e Etnia	82,1%	17,9%	100,0%
		% within Corpo	40,4%	7,8%	23,1%
		% of Total	19,0%	4,1%	23,1%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	34	59	93
		Expected Count	43,8	49,2	93,0
		% within Raça, Cor e Etnia	36,6%	63,4%	100,0%
		% within Corpo	59,6%	92,2%	76,9%
		% of Total	28,1%	48,8%	76,9%
Total	Count	57	64	121	
	Expected Count	57,0	64,0	121,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	47,1%	52,9%	100,0%	
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	47,1%	52,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	17,947(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	16,164	1	,000		
Likelihood Ratio	18,939	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	17,799	1	,000		
N of Valid Cases	121				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 13,19.

c Mundo da Prostituição = Prostitutas

6.7) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Raça, Cor e Etnia & Corpo

			Corpo		
			Presença do Corpo	Ausência do Corpo	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	2	1	3
		Expected Count	1,4	1,6	3,0
		% within Raça, Cor e Etnia	66,7%	33,3%	100,0%
		% within Corpo	40,0%	16,7%	27,3%
		% of Total	18,2%	9,1%	27,3%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	3	5	8
		Expected Count	3,6	4,4	8,0
		% within Raça, Cor e Etnia	37,5%	62,5%	100,0%
		% within Corpo	60,0%	83,3%	72,7%
		% of Total	27,3%	45,5%	72,7%
Total	Count	5	6	11	
	Expected Count	5,0	6,0	11,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	45,5%	54,5%	100,0%	
	% within Corpo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	45,5%	54,5%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,749(b)	1	,387		
Continuity Correction(a)	,034	1	,853		
Likelihood Ratio	,754	1	,385		
Fisher's Exact Test				,545	,424
Linear-by-Linear Association	,681	1	,409		
N of Valid Cases	11				

a Computed only for a 2x2 table

b 4 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,36.

c Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

## 7) Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

### 7.1) Mundo da Prostituição e Não Mundo da Prostituição & Corpo Erotizado

			Corpo Erotizado		
			Presença de Corpo Erotizado	Ausência de Corpo Erotizado	Total
Ocupações - grupos	Mundo da Prostituição	Count	49	135	184
		Expected Count	33,8	150,2	184,0
		% within Ocupações - grupos	26,6%	73,4%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	30,1%	18,6%	20,7%
		% of Total	5,5%	15,2%	20,7%
	Não Mundo da Prostituição	Count	114	590	704
		Expected Count	129,2	574,8	704,0
		% within Ocupações - grupos	16,2%	83,8%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	69,9%	81,4%	79,3%
		% of Total	12,8%	66,4%	79,3%
Total	Count	163	725	888	
	Expected Count	163,0	725,0	888,0	
	% within Ocupações - grupos	18,4%	81,6%	100,0%	
	% within Corpo Erotizado	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	18,4%	81,6%	100,0%	

#### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	10,604(b)	1	,001		
Continuity Correction(a)	9,919	1	,002		
Likelihood Ratio	9,882	1	,002		
Fisher's Exact Test				,002	,001
Linear-by-Linear Association	10,592	1	,001		
N of Valid Cases	888				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 33,77.

## 7.2) Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

			Corpo Erotizado		
			Presença de Corpo Erotizado	Ausência de Corpo Erotizado	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	21	14	35
		Expected Count	9,3	25,7	35,0
		% within Raça, Cor e Etnia	60,0%	40,0%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	42,9%	10,4%	19,0%
		% of Total	11,4%	7,6%	19,0%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	28	121	149
		Expected Count	39,7	109,3	149,0
		% within Raça, Cor e Etnia	18,8%	81,2%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	57,1%	89,6%	81,0%
		% of Total	15,2%	65,8%	81,0%
Total	Count	49	135	184	
	Expected Count	49,0	135,0	184,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	26,6%	73,4%	100,0%	
	% within Corpo Erotizado	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	26,6%	73,4%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	24,632(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	22,568	1	,000		
Likelihood Ratio	22,172	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	24,499	1	,000		
N of Valid Cases	184				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,32.

c Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

### 7.3) Não Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

			Corpo Erotizado		
			Presença de Corpo Erotizado	Ausência de Corpo Erotizado	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	45	52	97
		Expected Count	15,7	81,3	97,0
		% within Raça, Cor e Etnia	46,4%	53,6%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	39,5%	8,8%	13,8%
		% of Total	6,4%	7,4%	13,8%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	69	538	607
		Expected Count	98,3	508,7	607,0
		% within Raça, Cor e Etnia	11,4%	88,6%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	60,5%	91,2%	86,2%
		% of Total	9,8%	76,4%	86,2%
Total	Count	114	590	704	
	Expected Count	114,0	590,0	704,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	16,2%	83,8%	100,0%	
	% within Corpo Erotizado	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	16,2%	83,8%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	75,599(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	73,040	1	,000		
Likelihood Ratio	59,670	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	75,492	1	,000		
N of Valid Cases	704				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 15,71.

c Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

#### 7.4) Caftinas: Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

			Corpo Erotizado		
			Presença de Corpo Erotizado	Ausência de Corpo Erotizado	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	4	0	4
		Expected Count	,9	3,1	4,0
		% within Raça, Cor e Etnia	100,0%	,0%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	33,3%	,0%	7,7%
		% of Total	7,7%	,0%	7,7%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	8	40	48
		Expected Count	11,1	36,9	48,0
		% within Raça, Cor e Etnia	16,7%	83,3%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	66,7%	100,0%	92,3%
		% of Total	15,4%	76,9%	92,3%
Total	Count	12	40	52	
	Expected Count	12,0	40,0	52,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	23,1%	76,9%	100,0%	
	% within Corpo Erotizado	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	23,1%	76,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Caftinas

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	14,444(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	10,131	1	,001		
Likelihood Ratio	12,927	1	,000		
Fisher's Exact Test				,002	,002
Linear-by-Linear Association	14,167	1	,000		
N of Valid Cases	52				

a Computed only for a 2x2 table

b 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,92.

c Mundo da Prostituição = Caftinas

### 7.5) Prostitutas: Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

			Corpo Erotizado		
			Presença de Corpo Erotizado	Ausência de Corpo Erotizado	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	16	12	28
		Expected Count	8,1	19,9	28,0
		% within Raça, Cor e Etnia	57,1%	42,9%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	45,7%	14,0%	23,1%
		% of Total	13,2%	9,9%	23,1%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	19	74	93
		Expected Count	26,9	66,1	93,0
		% within Raça, Cor e Etnia	20,4%	79,6%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	54,3%	86,0%	76,9%
		% of Total	15,7%	61,2%	76,9%
Total	Count	35	86	121	
	Expected Count	35,0	86,0	121,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	28,9%	71,1%	100,0%	
	% within Corpo Erotizado	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	28,9%	71,1%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	14,109(b)	1	,000		
Continuity Correction(a)	12,380	1	,000		
Likelihood Ratio	13,143	1	,000		
Fisher's Exact Test				,001	,000
Linear-by-Linear Association	13,992	1	,000		
N of Valid Cases	121				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,10.

c Mundo da Prostituição = Prostitutas

### 7.6) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Raça, Cor e Etnia & Corpo Erotizado

			Corpo Erotizado		
			Presença de Corpo Erotizado	Ausência de Corpo Erotizado	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	1	2	3
		Expected Count	,5	2,5	3,0
		% within Raça, Cor e Etnia	33,3%	66,7%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	50,0%	22,2%	27,3%
		% of Total	9,1%	18,2%	27,3%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	1	7	8
		Expected Count	1,5	6,5	8,0
		% within Raça, Cor e Etnia	12,5%	87,5%	100,0%
		% within Corpo Erotizado	50,0%	77,8%	72,7%
		% of Total	9,1%	63,6%	72,7%
Total	Count	2	9	11	
	Expected Count	2,0	9,0	11,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	18,2%	81,8%	100,0%	
	% within Corpo Erotizado	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	18,2%	81,8%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,637(b)	1	,425		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,584	1	,445		
Fisher's Exact Test				,491	,491
Linear-by-Linear Association	,579	1	,447		
N of Valid Cases	11				

a Computed only for a 2x2 table

b 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,55.

c Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

## 8) Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

### 8.1) Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	10	25	35
		Expected Count	6,7	28,3	35,0
		% within Raça, Cor e Etnia	28,6%	71,4%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	28,6%	16,8%	19,0%
		% of Total	5,4%	13,6%	19,0%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	25	124	149
		Expected Count	28,3	120,7	149,0
		% within Raça, Cor e Etnia	16,8%	83,2%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	71,4%	83,2%	81,0%
		% of Total	13,6%	67,4%	81,0%
Total	Count	35	149	184	
	Expected Count	35,0	149,0	184,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	19,0%	81,0%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	19,0%	81,0%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,559(b)	1	,110		
Continuity Correction(a)	1,851	1	,174		
Likelihood Ratio	2,365	1	,124		
Fisher's Exact Test				,149	,090
Linear-by-Linear Association	2,545	1	,111		
N of Valid Cases	184				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,66.

c Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

8.2) Não Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	16	81	97
		Expected Count	8,0	89,0	97,0
		% within Raça, Cor e Etnia	16,5%	83,5%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	27,6%	12,5%	13,8%
		% of Total	2,3%	11,5%	13,8%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	42	565	607
		Expected Count	50,0	557,0	607,0
		% within Raça, Cor e Etnia	6,9%	93,1%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	72,4%	87,5%	86,2%
		% of Total	6,0%	80,3%	86,2%
Total	Count	58	646	704	
	Expected Count	58,0	646,0	704,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	8,2%	91,8%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	8,2%	91,8%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	10,144(b)	1	,001		
Continuity Correction(a)	8,917	1	,003		
Likelihood Ratio	8,413	1	,004		
Fisher's Exact Test				,004	,003
Linear-by-Linear Association	10,129	1	,001		
N of Valid Cases	704				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,99.

c Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

### 8.3) Caftinas: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	1	3	4
		Expected Count	,5	3,5	4,0
		% within Raça, Cor e Etnia	25,0%	75,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	16,7%	6,5%	7,7%
		% of Total	1,9%	5,8%	7,7%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	5	43	48
		Expected Count	5,5	42,5	48,0
		% within Raça, Cor e Etnia	10,4%	89,6%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	83,3%	93,5%	92,3%
		% of Total	9,6%	82,7%	92,3%
Total	Count	6	46	52	
	Expected Count	6,0	46,0	52,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	11,5%	88,5%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	11,5%	88,5%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Caftinas

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,769(b)	1	,380		
Continuity Correction(a)	,004	1	,950		
Likelihood Ratio	,617	1	,432		
Fisher's Exact Test				,397	,397
Linear-by-Linear Association	,755	1	,385		
N of Valid Cases	52				

a Computed only for a 2x2 table

b 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,46.

c Mundo da Prostituição = Caftinas

#### 8.4) Prostitutas: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	9	19	28
		Expected Count	6,5	21,5	28,0
		% within Raça, Cor e Etnia	32,1%	67,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	32,1%	20,4%	23,1%
		% of Total	7,4%	15,7%	23,1%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	19	74	93
		Expected Count	21,5	71,5	93,0
		% within Raça, Cor e Etnia	20,4%	79,6%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	67,9%	79,6%	76,9%
		% of Total	15,7%	61,2%	76,9%
Total	Count	28	93	121	
	Expected Count	28,0	93,0	121,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	23,1%	76,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	23,1%	76,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,660(b)	1	,198		
Continuity Correction(a)	1,067	1	,302		
Likelihood Ratio	1,576	1	,209		
Fisher's Exact Test				,209	,151
Linear-by-Linear Association	1,646	1	,199		
N of Valid Cases	121				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,48.

c Mundo da Prostituição = Prostitutas

8.5) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher

			Violência de Gênero contra a Mulher		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	0	3	3
		Expected Count	,3	2,7	3,0
		% within Raça, Cor e Etnia	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	,0%	30,0%	27,3%
		% of Total	,0%	27,3%	27,3%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	1	7	8
		Expected Count	,7	7,3	8,0
		% within Raça, Cor e Etnia	12,5%	87,5%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	70,0%	72,7%
		% of Total	9,1%	63,6%	72,7%
Total	Count	1	10	11	
	Expected Count	1,0	10,0	11,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	9,1%	90,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,1%	90,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,413(b)	1	,521		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,674	1	,412		
Fisher's Exact Test				1,000	,727
Linear-by-Linear Association	,375	1	,540		
N of Valid Cases	11				

a Computed only for a 2x2 table

b 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,27.

c Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

## 9) Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

### 9.1) Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	6	29	35
		Expected Count	2,5	32,5	35,0
		% within Raça, Cor e Etnia	17,1%	82,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	46,2%	17,0%	19,0%
		% of Total	3,3%	15,8%	19,0%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	7	142	149
		Expected Count	10,5	138,5	149,0
		% within Raça, Cor e Etnia	4,7%	95,3%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	53,8%	83,0%	81,0%
		% of Total	3,8%	77,2%	81,0%
Total	Count	13	171	184	
	Expected Count	13,0	171,0	184,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	7,1%	92,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	7,1%	92,9%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

#### Chi-Square Tests(c)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	6,685(b)	1	,010		
Continuity Correction(a)	4,924	1	,026		
Likelihood Ratio	5,410	1	,020		
Fisher's Exact Test				,020	,020
Linear-by-Linear Association	6,649	1	,010		
N of Valid Cases	184				

a Computed only for a 2x2 table

b 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,47.

c Ocupações - grupos = Mundo da Prostituição

9.2) Não Mundo da Prostituição: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	5	92	97
		Expected Count	2,6	94,4	97,0
		% within Raça, Cor e Etnia	5,2%	94,8%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	26,3%	13,4%	13,8%
		% of Total	,7%	13,1%	13,8%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	14	593	607
		Expected Count	16,4	590,6	607,0
		% within Raça, Cor e Etnia	2,3%	97,7%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	73,7%	86,6%	86,2%
		% of Total	2,0%	84,2%	86,2%
Total	Count	19	685	704	
	Expected Count	19,0	685,0	704,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	2,7%	97,3%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	2,7%	97,3%	100,0%	

a Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,584(b)	1	,108		
Continuity Correction(a)	1,613	1	,204		
Likelihood Ratio	2,141	1	,143		
Fisher's Exact Test				,164	,107
Linear-by-Linear Association	2,580	1	,108		
N of Valid Cases	704				

a Computed only for a 2x2 table

b 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,62.

c Ocupações - grupos = Não Mundo da Prostituição

9.3) Caftinas: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	0	4	4
		Expected Count	,1	3,9	4,0
		% within Raça, Cor e Etnia	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	,0%	7,8%	7,7%
		% of Total	,0%	7,7%	7,7%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	1	47	48
		Expected Count	,9	47,1	48,0
		% within Raça, Cor e Etnia	2,1%	97,9%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	92,2%	92,3%
		% of Total	1,9%	90,4%	92,3%
Total	Count	1	51	52	
	Expected Count	1,0	51,0	52,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	1,9%	98,1%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	1,9%	98,1%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Caftinas

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,085(b)	1	,771		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,162	1	,688		
Fisher's Exact Test				1,000	,923
Linear-by-Linear Association	,083	1	,773		
N of Valid Cases	52				

a Computed only for a 2x2 table

b 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,08.

c Mundo da Prostituição = Caftinas

9.4) Prostitutas: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	6	22	28
		Expected Count	2,5	25,5	28,0
		% within Raça, Cor e Etnia	21,4%	78,6%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	54,5%	20,0%	23,1%
		% of Total	5,0%	18,2%	23,1%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	5	88	93
		Expected Count	8,5	84,5	93,0
		% within Raça, Cor e Etnia	5,4%	94,6%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	45,5%	80,0%	76,9%
		% of Total	4,1%	72,7%	76,9%
Total	Count	11	110	121	
	Expected Count	11,0	110,0	121,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	9,1%	90,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,1%	90,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Prostitutas

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	6,710(b)	1	,010		
Continuity Correction(a)	4,908	1	,027		
Likelihood Ratio	5,668	1	,017		
Fisher's Exact Test				,018	,018
Linear-by-Linear Association	6,654	1	,010		
N of Valid Cases	121				

a Computed only for a 2x2 table

b 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,55.

c Mundo da Prostituição = Prostitutas

9.5) Dançarinas e Cantoras de Cabaré: Raça, Cor e Etnia & Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual

			Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual		
			Sofreram Violência	Não sofreram Violência	Total
Raça, Cor e Etnia	Marcadas por Raça/Cor	Count	0	3	3
		Expected Count	,3	2,7	3,0
		% within Raça, Cor e Etnia	,0%	100,0%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	,0%	30,0%	27,3%
		% of Total	,0%	27,3%	27,3%
	Não Marcadas por Raça/Cor	Count	1	7	8
		Expected Count	,7	7,3	8,0
		% within Raça, Cor e Etnia	12,5%	87,5%	100,0%
		% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	70,0%	72,7%
		% of Total	9,1%	63,6%	72,7%
Total	Count	1	10	11	
	Expected Count	1,0	10,0	11,0	
	% within Raça, Cor e Etnia	9,1%	90,9%	100,0%	
	% within Violência de Gênero contra a Mulher de cunho Sexual	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,1%	90,9%	100,0%	

a Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré

**Chi-Square Tests(c)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,413(b)	1	,521		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,674	1	,412		
Fisher's Exact Test				1,000	,727
Linear-by-Linear Association	,375	1	,540		
N of Valid Cases	11				

a Computed only for a 2x2 table

b 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,27.

c Mundo da Prostituição = Dançarinas e Cantoras de Cabaré